Ed. 1759 C.C. 6. YVRS

Borba de Morais/M. Santos

VI 115 + 499 f.s

[ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA]

25/12/77

THEATRO COMICO PORTUGUEZ,

OU

COLLECÇAÕ DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que ſe repreſentaraõ na Caſa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa.

Offerecidas

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

Quarta Impreſſaõ.

TOMO PRIMEIRO.

Contém:
- Vida de D. Quixote de la Mancha.
- Eſopaida, ou Vida de Eſopo.
- Os Encantos de Medéa.
- Amphitryaõ, ou Jupiter, e Alcmena.

De Pedro Borges Pacheco

LISBOA,

Na Of. Patriarcal de Franc. Luiz Ameno.

M. DCC. LIX.

Com as licenças neceſſarias, e Privilegio Real.

DEDICATORIA

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA.

APenas veyo ao penſamento eſtamparem-ſe eſtas Obras, quando com o meſmo projecto naſceo gemeo o deſejo de dedicallas a Voſſa Senhoria, a quem de juro, e her-

dade

dade lhe compete a gloria de Pro
tectora de ſemelhantes acções, po
ſem a precioſa aſſiſtencia de Voſſ
Senhoria naõ ha diſcriçaõ, que na
ſeja ignorancia; baſta que Voſſ
Senhoria occupe os Theatros, pa
ra que eſtes tenhaõ mayor eſtimaçaõ
que os Amphitheatros Olympicos,
Cretenſes. Se aſſim como Voſſa Se
nhoria ſabe correr, ſoubera diſco
rer, penetraria na phiſionomia d
ſemblantes a gloria dos corações
pois quando Voſſa Senhoria acomp
nhada dos ſeus ſequazes ſe digna
honrar aquelle Theatro, logo tu
ſaõ parabens, ſuſſurros, e alvor
ços; e para que o prazer exceſſiv
naõ pareça immodeſtia, ſe vay o r
ſo eſconder nos cantinhos da boc
he couſa para ver o obſequioſo re

pei

peito; com que todos a recebem! Todos se affastaõ, todos se encolhem, huns para cima dos outros; e quando já naõ ha assentos, entaõ he que Vossa Senhoria tem o melhor lugar: tudo anda n'um corropio, o porteiro se ataranta, o arrumador se titubêa, o chocolate se derrama, o doce desapparece, as luzes parecem estrellas, as arquitecturas Doricas, as vozes harmoniosas, os instrumentos mais se apuraõ, os cantores mais se affinaõ, os duos mais se ajustaõ, os bastidores naõ necessitaõ de sabaõ para correr; e finalmente até parece, que a alma do arame no corpo da cortiça lhe infunde verdadeiro espirito, e novo alento.

Se isto tudo causa Vossa Senhoria,

ria; quando nos faz mercê, como podia eu deixar de offerecerlhe estas Obras? Seria deslustre do agradecimento buscar outra Protectora, quando em Vossa Senhoria trasbordaõ os meritos para o patrocinio. Espero, que Vossa Senhoria, desterrando as melancolias do afferrolhado, deixando vasios os cubicularios bolsilhos dos avarentos, e jarretas, continue em fazernos mercê; pois a docilidade de sua pessoa he o attractivo de nossos corações: e assim já posso navegar seguro no mar da fortuna, pois se Vossa Senhoria se declara Patrona, por força ha de franquear os cartuxos. Huma Burra guarde a illustre pessoa de Vossa Senhoria os annos, que todos seus criados havemos mister.

AO

AO LEITOR
DESAPAIXONADO.

COmtigo fallo, Leitor desapaixonado, que se o naõ es, naõ fallo comtigo; pois nem quero adulaçaõ dos amigos, porque o saõ, nem he justo, que os que o naõ saõ, queiraõ ser arbitros, para sentenciarem estas Obras no tribunal da sua critica. Naõ ha melhor ouvinte, que hum desapaixonado, sem affecto ao Author da Obra, sem inclinaçaõ ao da Musica, sem conhecimento do Arquitecto da pintura: aquelle que nem a amisade lhe franquea a entrada, nem a visinhança do Theatro lhe facilita o regresso: aquelle que instigado só da curiosidade a expensas do seu peculio entra com animo livre de paixões, este sim (naõ sendo estulto por natureza) he o verdadeiro ouvinte no Theatro, e Leitor nos papeis: com estes he que eu fallo, pois só a estes se dirigem estas Obras; porque sendo a sua censura despida de affectos de amor, e odio, saberá desculpar os erros com sinceridade: saberá discernir a difficuldade da Comica em hum Theatro, donde os representantes se animaõ de impulso alheyo; donde os affectos, e accidentes estaõ sepultados nas sombras do inanimado,

nimado, escurecendo estas muita parte da perfeição, que nos Theatros se requer, por cuja causa se faz incomparavel o trabalho de compor para semelhantes interlocutores, que como nenhum seja senhor de suas acções, não as podem executar com a perfeição que devia ser: por este motivo surprendido muitas vezes o discurso de quem compoem estas Obras, deixa de escrever muitos lances, por se não poderem executar.

Saberá o mesmo Leitor desapaixonado não desprezar por menos polida a fraze, que no contexto de semelhantes Obras se requer, pois muito bem conhece, que no Comico se precisa hum estylo mediano; que como a representação he huma imitação dos successos, que naturalmente acontecem, tambem a fraze deve seguir o mesmo preceito; fazendo differença, que o estylo sublime, e elevado, a que chamarão os Romanos *Cothurno*, só se permitte nas Tragedias, em que se trata de cousas graves, e nimiamente serias, como acções, e obras heroicas de Principes: na Comedia porém ha de ser o estylo domestico, sem affectação de sublime, a que chamão *Socco*, por se representar nella materias de enredos femenís, e acções amorosas; estes preceitos aponta Horacio na sua Arte Poetica.

Ver-

Verſibus exponi tragicis res comica non vult :
Indignatur item privatis, ac prope ſocco
Dignis carminibus, narrari cæna Thyeſtæ.
Singula quæque locum teneant ſortita decenter.

E como os emulos por inimigos, os parciaes por affectos, e os ignorantes por neſcios naõ ſabem diſtinguir eſtas circunſtancias, e ſó tu Leitor douto, e deſapaixonado judicioſamente reflectindo no que leres, e ouvires repreſentar, formarás o conceito, que merecem eſtas Obras, que para teu divertimento ſe offerecem ao publico.

* Bem conheço, que nellas acharás muitos defeitos; porém como naõ pretendo utiliſarme dos teus applauſos, nem ſingulariſarme nos meus eſcritos, te peço, que neſtas Obras attendas ſómente ao deſejo, que tenho de agradarte, e vejas naõ quero outro premio, mais que o que te peço neſtas

DE-

DECIMAS.

AMigo Leitor, prudente,
Naõ critico rigoroſo
Te deſejo, mas piedoſo
Os meus defeitos conſente:
Nome naõ buſco excellente
Inſigne entre os Eſcritores;
Os applauſos inferiores
Julgo a meu plectro baſtantes,
Os encomios relevantes
Saõ para engenhos mayores.

Eſta Comica harmonia,
Paſſatempo he douto, e grave;
Honeſta, alegre, e ſuave,
Divertida a melodia:
Apollo, que illuſtra o dia,
Soberano me reparte
Idéas, facundia, e arte,
Leitor, para divertirte,
Vontade para ſervirte
Affecto para agradarte.

ADVER-

ADVERTENCIA
DO COLLECTOR.

LEitor: Foy taõ grande o applauſo, e aceitaçaõ, com que foraõ ouvidas as Operas, que no Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa ſe repreſentaraõ deſde o anno de 1733, até o de 1738, que naõ ſatisfeitos muitos dos curioſos com as ouvirem quotidianamente repetir, paſſavaõ a copiallas, conſervando ao depois eſtas copias com huma tal avareza, que ſe faziaõ inviſiveis para aquelles, que deſejavaõ na leitura dellas, huns apagar o deſejo de as lerem, pelas terem ouvido, outros renovar a recreaçaõ, com que no meſmo Theatro as viraõ repreſentadas. Por ſatisfazer ao deſejo de huns, e outros, tomey a empreza de as ajuntar, e fazellas imprimir com o titulo de *Theatro Comico Portuguez*, para que com facilidade, e ſem o diſpendio, que as copias manuſcritas fazem, podeſſem todos gozar de humas Obras taõ appetecidas por ſingulares. Eſtou perſuadido, que te naõ ha de ſer deſagradavel eſta minha Collecçaõ; porque além de te ſatisfazer o deſejo, ſirvo à Patria, publicando humas Obras, que ſegundo as leys

da

da composiçaõ Dramatica, saõ as primeiras, que deste genero se tem escrito no nosso idioma. Algumas Comedias se liaõ impressas, como as de Antonio Prestes, Gil Vicente, Antonio Ribeiro, Sebastiaõ Pires, e Simaõ Machado, compostas em verso. Publicou Jorge Ferreira em prosa a *Eufrosina*, a *Ulyssipo*, e a *Aulografia*. Sahio à luz Francisco de Sá e Miranda com a intitulada *Os Estrangeiros*, *e Vilhalpandos*, e D. Francisco Manoel com as duas, a que deu por titulo *O Labyrintho da fortuna*, e *Os segredos bem guardados*, sem nos esquecermos tambem das duas do nosso Luiz de Camões, que andaõ impressas no fim das suas Obras; porém todas estas, humas pelo diverso genio dos tempos, outras pela sua informe disposiçaõ, e dilatada contextura, serviaõ aos curiosos mais de fastio, que de recreyo. Nestas, que agora te offereço por beneficio da Impressaõ, acharás pelo contrario daquellas huma suave, e natural disposiçaõ das partes, o caracter dos sujeitos sustentado sem decadencia, a locuçaõ propria a cada hum dos interlocutores, e o jocoserio taõ temperadamente honesto, que naõ offende com a graça os ouvidos, e taõ vivo, que se naõ encontra semelhante em o nosso idioma, e naõ sey tambem se differa nos das Nações estranhas.

VI-

VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE DE LA MANCHA, E do Gordo SANCHO PANÇA,

Que se representou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Outubro de 1733.

SCENAS DA I. PARTE.

I. *SAla de pannos de raz, bofetes, e cadeiras.*
II. *A casa de Sancho Pança mal composta.*
III. *Bastidores de bosque.*
IV. *Bastidores de selva.*
V. *Bastidores de selva.*
VI. *Bosque, e no meyo hum monte.*
VII. *Sala de columnas, e depois jardim funebre.*
VIII. *Selva.*
IX. *Selva, e o monte Parnaso.*

SCE-

SCENAS DA II. PARTE.

I. *A Metade ſelva, e outra ametade mar, e hum moinho no fim.*
II. *Montes, e ſelvas.*
III. *Sala de columnatas, meſa, e cadeiras.*
IV. *Sala de azulejos.*
V. *Outra ſala, e meſa mal compoſta.*
VI. *Caſas.*
VII. *Jardim alegre.*
VIII. *Boſque.*

APPARATO DO THEATRO, e ſua fabrica.

HUm carro com varias figuras dentro.
Huma capoeira ſobre hum carro, em que irá hum leaõ, que ſahe fóra a ſeu tempo.
Hum carro, em que vem Dulcinéa, e varias figuras.
Dous cavallos, hum de D. Quixote, e outro de Sanſaõ Carraſco.
Dous burros, hum para Sancho Pança, e outro para huma Saloya.
O monte Parnaſo com as Muſas, Apollo, e o Cavallo Pegaſo.
Hum barco.

Hum

Hum cavallo, que vem pelo ar, e ſe lhe poem fogo.
Huma nuvem.
Hum porco.

INTERLOCUTORES.

DOm Quixote.
Sancho Pança.
A Sobrinha de D. Quixoto.
A Ama do meſmo.
Tereſa Pança, mulher de Sancho Pança.
Huma filha do meſmo.
Hum Tabelliaõ veſtido como Almocreve.
Huma Saloya em hum burro.
Sanſaõ Carraſco.
Seu Criado.
Hum Diabo, que vem no carro.
Outro Diabo com muitos caſcaveis.
Hum homem, que vem com o Leaõ.
Belerma
Monteſinos.
Hum, que eſtá na cova.
Caliope, que vem na nuvem.
Apollo, e as Muſas.
Dous homens, que ſaõ do moinho.

Dous homens do barco.
Hum Fidalgo.
Huma Fidalga.
Hum Meirinho.
Hum Escrivaõ.
Dous homens, que tocaõ rebecas.
Hum homem, que toca rebecaõ.
Hum Medico.
Hum Cirurgiaõ.
Hum Taverneiro.
Huma mulher moça com manto.
Huma mulher velha, em corpo, sem manto.
Hum Escudeiro.
A Condessa das Barbas.
Dous rebuçados.
Dous homens para a audiencia.

PARTE I.

Depois de se tocar a sinfonia canta o

CORO.

Todas as vozes juntas
Se ouçaõ resonar,
E ao nosso festejar
Ecco responda.
E a taõ sonoro accento
Pasme a terra, e o vento;
Que he bem que a terra, e o ar
Já corresponda.

SCENA I.

Descobre-se huma sala composta com bofetes, e cadeiras, e estará assentado D. Quixote, e junto a elle em pé a Ama, e Sobrinha, e hum Barbeiro fazendo-lhe a barba.

D. Quix. SEnhor Mestre Barbeiro, veja vossa mercê como me pega nestas barbas, porque saõ as mais honradas, que tem toda a Hespanha; e póde gabarse, que nem quantos Gigantes tem o Mundo se atreveraõ a olhar para ellas, nem com o rabo do

olho, porque ſempre lhe tive a barba teza.

Barb. Ella aſſim o moſtra, pois de taõ teza, que he, dobra o fio à navalha.

D.Quix. Ora ſô Meſtre, voſſê bem ſabe, que he obrigaçaõ dos de ſeu officio, em quanto fazem a barba, dizerem as novidades, que ha pela Cidade. Que ſe falla dos Principes da Italia, e do governo politico do Orbe? Que como eſtive doente, e tantos tempos de cama por cauſa das minhas cavallarias andantes, naõ tenho ſabido nada.

Barb. Senhor D. Quixote, novidades naõ faltaõ. Dizem, que o Turco vem com huma poderoſa armada aſſolando os mares; e os Principes todos procuraõ fazerlhe guerra offenſiva, e defenſiva, para o que já em Biſcaya ſe prepara huma groſſa armada.

D.Quix. Para que ſe canſaõ com tantas maquinas? Eu lhes dera hum bom arbitrio, com que em menos de huma hora vençaõ quantas armadas, e armadilhas o Turco tiver.

Barb. Diga voſſa mercê qual he?

D.Quix. Naõ quero; porque naõ faltaráõ mexiriqueiros, que lho vaõ dizer, e ganhem

nhem as alviçaras do meu trabalho.

Barb. Diga vossa mercê, que lhe prometto à fé de barbeiro, que aqui fique sepultado sete varas debaixo do chaõ, como pedra de rayo.

D. Quix. Debaixo dessa fé, que he muy boa, o direy. Mandem esses Principes buscar alguns Cavalleiros andantes, que naõ faltaõ na nossa Hespanha, que só hum delles bastará, para destruir com sua espada, e sua lança mil armadas.

Ama. Triste de mim, Senhora! Seu Tio está outra vez doudo; ainda crê, que ha no Mundo Cavalleiros andantes!

Sobr. A mim me mellem, se por aqui naõ anda Sancho Pança, que he o que lhe mete estas loucuras na cabeça. *à parte.*

Ama. Vamos ter com Sansaõ Carrasco, a ver se lhe póde tirar da cabeça estas asneiras, que he homem de manha. *à parte.*

Sobr. Vamos. *Vaõ-se.*

Barb. Como he possivel, Senhor D. Quixote de la Mancha, que hum Cavalleiro andante possa destruir hum navio, quanto mais huma armada?

D. Quix. Sô Mestre, trate do seu estojo, e das suas navalhas, e naõ se meta a querer investigar os reconditos arcanos dos

Cavalleiros andantes. Se vossê lera as antigas Historias de Palmerim de Oliva, Roldaõ, Amadis de Gaula, e outros muitos, de que o clarim da fama por cem bocas canta as suas nunca vistas façanhas, soubera entaõ, o que val hum Cavalleiro andante: bem sey de hum, que só com hum suspiro he capaz de affundir huma armada, e cem galeões.

Barb. Quem será esse tal? Tomara-o conhecer.

D. Quix. Sou eu; eu D. Quixote de la Mancha, por outro nome o Cavalleiro da triste figura: Eu torno a dizer; eu só com a minha espada, e a minha lança, e o meu broquel, me atrevo a engolir o Graõ Turco, como quem engole huma cereja de saco.

Barb. Quando eu cuidava, que vossa mercê estava de todo saõ desta loucura, ainda o vejo taõ enfermo della! Ora, Senhor, deixe essa teima; quem lhe meteo em cabeça, que havia no Mundo Cavalleiros andantes? E quando isso assim fora, vossa mercê por ventura tinha barbas para o ser?

D. Quix. Oh grandissimo magano, por vida de minha Senhora Dulcinéa del Toboso,

boſo, que vos farey em pó, e em cinza. Aſſim perdeis o reſpeito a hum Cavalleiro andante?

Atira D. Quixote com o Barbeiro no chaõ, e ſahirá Sanſaõ Carraſco.

Carr. Que he iſto Senhor D. Quixote? Que obrigou a ſua grande modeſtia a ſahir em tanta deſeſperaçaõ?

D. Quix. Senhor Sanſaõ Carraſco, quem havia de ſer ſenaõ eſte Barbeirinho, que nega haver Cavalleiros andantes no Mundo, e que ſeja eu hum delles?

Carr. Ah ſô Meſtre, ponha-me logo os quartos na rua, antes que vá pela janella.

Barb. Naõ ſey donde ha de parar D. Quixote com tanta loucura! *Vaiſe.*

Carr. Eſte miſeravel eſtá louco confirmado; querer perſuadillo he excitallo mais! Eu quero ir com o que elle diſſer, que elle tomará o deſengano à ſua cuſta. *à p.*

D. Quix. Meu amigo, eu eſtou reſoluto a ſahir ſegunda vez ao feliz progreſſo de minhas andantes cavallarias; ainda que da paſſada vim muito moido, com tudo, deſmayar nos trabalhos, naõ he para corações brioſos: queira Deos, que eſtes Malandrines, ou encantadores me naõ perſigaõ com ſeus encantos, que invejoſos

vejoſos do meu valor, querem eſcurecer com magicas apparentes as minhas claras, e rocinantes cavallarias.

Carr. Deixa-me beijarte os pés, oh flor dos Cavalleiros andantes! Oh unico Alcides de noſſas eras! Sahe, ſahe, naõ ſó ſegunda vez, mas quinhentas e quarenta e duas a dar alma ao eſquecido cadaver da cavallaria andante para gloria do Mundo, e timbre de tua patria Mancha.

D. Quix. Dizeime por vida voſſa, que dizem de mim por eſſa terra?

Carr. Que haõ de dizer? Que voſſa mercê he hum louco, mas valente, e que às vezes paſſa a ſer temerario, emprendendo impoſſiveis: finalmente todos dizem, que a Senhora Dulcinéa del Toboſo, minha Senhora, he couſa fingida, e fantaſtica, e que tal mulher naõ ha no Mundo.

D. Quix. Dizem bem, que o Mundo naõ he capaz de ſuſtentar aquelle globo eſferico da formoſura; e aſſim o ar he a patria daquella eſtrella de Venus.

Haverá dentro muita bulha, e gritos de Sancho, da Ama, e da Sobrinha, e ſahem.

Ama, e Sobr. Naõ has de entrar Sancho de Barrabás.

Sanch.

Sanch. Eu por ventura deilhe a voſſês palavra de caſamento, para me porem impedimento?

Sobr. Tu es, o que lhe metes na cabeça eſſas cavallarias andantes.

Sanch. Máo agouro venha pelo diabo: eſſa he bonita! Com que eu ſou acaſo loucura, para me meter na cabeça de meu Amo? Coitado de mim!, que eu ſou o que pago; pois à conta de ſuas cavallarias andantes levo muitos couces.

D. Quix. Que he iſſo Sancho Pança? Sempre haveis de vir grunhindo?

Sanch. Que ha de ſer? A Senhora Ama, e a Senhora Sobrinha, que Deos guarde, naõ me queriaõ deixar entrar a fallar com voſſa mercê, Senhor meu Amo, dizendo, que eu era a cauſa de voſſa mercê querer ir ſegunda vez pelo Mundo a buſcar a ventura. Veja voſſa mercê, que mayor teſtemunho, quando eu ſou, o que digo a voſſa mercê, que ſe havemos de ir à manhã, que vamos hoje.

D. Quix. Naõ faças caſo de mulheres, que bem parece, que ignoraõ o genio dos Cavalleiros andantes.

Sanch. Quanto a iſſo tem ellas mais que razaõ.

Carr.

Carr. Amigo Sancho Pança, advirto-lhe, (o que era eſcuſado) que faça muito por ſer homem de bem; acompanhe a ſeu amo, como bom eſcudeiro, que ſe aſſim o fizer, levará o Ceo brincando.

Sanch. Ah Senhor Sanſaõ Carraſco, brincando o naõ levo eu: ſabe Deos o que me cuſta, e me tem cuſtado aturar as valentias de meu amo, que ſempre a elle lhe daõ na cabeça, e a mim no fio do lombo; mas diz lá o rifaõ: *Muito alenta huma eſperança.* Pois que tenho de ſer Governador de huma Ilha, que diz meu amo, que me ha de dar, naõ quero patuſcadas, recolho-me a ella como a ſagrado.

D.Quix. Sancho, pódes viver deſcançado, que aſſim appareça eſſa Ilha, como logo tu has de ſer Governador della.

Sanch. Ainda o ella apparecer eſtá em contingencias? Cuidey, que já voſſa mercê a tinha certa.

D.Quix. Deixa iſſo por minha conta, que ou ella queira, ou naõ queira, ella apparecerá, e tu verás como pago os teus ſerviços.

Sanch. Os meus ſerviços com quaeſquer trinta reis ſe pagaõ; até ahi poſſo eu; ſe

ſe voſſa mercê me naõ dá para mais, entaõ irey buſcar minha vida: e eſſes meus ſerviços ſó na boca de voſſa mercê naõ he bem, que fiquem; dê-me alguma clareza, ou obrigaçaõ, por onde o poſſa obrigar, quando me falte.

D. Quix. Toma eſſe papel, que já nelle tinha eſcrito o meſmo, que te digo de boca.

Sanch. Ah Senhor, que he muy certo andarem juntos papeis com ſerviços, e oxalá, que depois de eu os ter feito, naõ mos quebre alguma Preta, que por ſerem vidrados, ſaõ quebradiços; ou algum daquelles encantadores, que perſeguem a voſſa mercê; porque tambem as deſgraças dos amos ſe pegaõ como ſarampo ao corpo dos eſcudeiros; pois vejo, que tendo os meus ſerviços azas, nem por iſſo voaõ, ficando ſempre na ſecretaria dos feitos com huma tampa em cima.

D. Quix. Sancho Pança, mãos à obra, coraçaõ, eſpirito valeroſo, que juro à fé de Cavalleiro andante, que deſta ſegunda jornada ha de ver o Mundo quem he D. Quixote de la Mancha; que ſe até aqui foy Cavalleiro da triſte figura, daqui

qui em diante ſerá o alegraõ do Univer-ſo : anda vaite a preparar , que à ma-nhã ao romper da Aurora havemos de partir por eſſe Mundo.

Sanch. Eu dera a voſſa mercê hum conſe-lho.

D. Quix. Qual he ? Dize , que às vezes hum louco acerta mais , que hum entendido.

Sanch. Eu dera a voſſa mercê de conſelho, que naõ foſſemos ao romper da Aurora ; porque ſe a rompemos, ao outro dia naõ poderemos madrugar ; porque a Aurora iſſo tem , que em ſe rompendo , he pe-yor, que olanda podre, que ſe naõ apro-veita huma tira para huma atadura de fontes.

D. Quix. Deixa diſparates , e faze o que te digo.

Sanch. Pois a Deos , que me vou a armar Cavalleiro , (quero dizer burriqueiro ; porque eu monto em burro , e naõ em cavallo) e a deſpedirme de minha Tere-ſa Pança , *y lo dicho , dicho.* *Vaiſe.*

Carr. Pois eu te prometto amo , e mochil-la , que eu brevemente armarey huma, que ambos torneis deſenganados de voſ-ſas cavallarias andantes. *à parte.*

Sobr. Tio da minha alma, veja o deſampa-ro,

ro, em que me deixa: lembre-ſe da minha mocidade, e que ſe vay o eſteyo deſta caſa.

Ama. Pois fuy ama ſecca de voſſa mercê muitos annos, lembre-ſe deſte capello ſem borla.

D.*Quix.* Naõ tem remedio: hey de ir, que naõ he juſto, que fique ſem fim minha memoravel hiſtoria; e juntamente vou a fazer muitas obras pias; pois quantas donzellas eſtaráõ em neceſſidade, de que hum Cavalleiro andante lhes defenda o credito, e a honra? Quantos pupillos eſtaráõ ſem juſtiça? Quantos Cavalheros honrados eſtaráõ encantados por falta de andantes Cavalleiros? Em fim, naõ tenho mais, que dizer; vou a caſtigar inſolentes, e a endireitar tortos.

Cantaõ D. *Quix. Carr. Ama*, *e Sobr. a ſeguinte*

A R I A.

Sobr. Ay meu tio, naõ ſe auſente.
D. *Quix.* Calaivos impertinente.
Ama. Meu Senhor, iſſo he loucura.
Carr. Ide, ide D. Quixote.
Sobr. Mas que hey de fazer ſem tio?
Ama. Mas que hey de fazer ſem amo?
Carr. Deixay ir eſſe mamote.
D. *Quix.* Naõ haja mais choro, ah tal!

Ama.

Ama. Hum amo, que tanto amo.
Sobr. Ay Sobrinha ſem ventura!
D.*Quix.*Ora a Deos, ò patria amada.
Carr. D. Quixote, avante, avante.
Sobr. Minha dor matarme trata.
Ama. Minha pena me ſoffoca.
D.*Quix.*Iſto he eſpada, naõ he roca.
Carr. Tu te vás, D. Quixote, por teu mal.

SCENA II.

Apparece a caſa de Sancho ridiculamente compoſta, e nella eſtaraõ Tereſa Pança, e ſua Filha, e ſahe Sancho.

Sanch. JEſus! Mulher dos meus olhos, eſtou taõ contente, que venho ſaltando, e quero ſaltar.

Tereſ. Sancho Pança, achaſte alguma mina? Que he iſto marido?

Sanch. Mulher, mina de caroço, deſta vez naõ ha de haver parente pobre: eſtou taõ contente! Ay mulher, daime hum pucaro de agua, que me deſmayo de goſto.

Filh. Payſinho, ay! Diga-nos já, que eſtamos rebentando pelas ilhargas para o ſaber.

Sanch.

Sanch. Que hey de ter, filha das minhas entranhas? Que hey de ter, mulher desta alma? Naõ vêdes, que segunda vez determino ir por esse Mundo com meu amo o Senhor D. Quixote de la Mancha? E vejaõ vossês se com esta fortuna poderey estar alegre.

Teres. Marido, segunda vez vos quereis ausentar de meus sujos braços? Ora deixaivos ficar.

Filh. Valha-me Deos! Senhor, ainda vossa mercê se mete com esse D. Quixote? Pois ha de tirar bom paõ; assim como da outra vez.

Sanch. Calaivos lá porquinha: eu se vou, he para buscar cabedal para casarte; e sem duvida que desta vez faço hum fortunaõ de meus peccados; pois diz meu amo o Senhor D. Quixote, que logo em duas palhetadas me ha de dar huma Ilha para governar; e vejaõ vossês, sendo eu Governador de huma Ilha, se terey dinheiro como milho, e teremos paõ como terra!

Teres. Ay marido, se isso he assim, já digo, que vades logo rebolindo, e já lá havieis estar.

Filh. Diga-me, Senhor pay, e que tal he

a Ilha,

a Ilha, de que voſſa mercê ha de ſer Governador?

Sanch. He a mais excellente do Mundo: he muy grande, tem ſete palmos de comprido, e dous de largo: tem muita arvore de eſpinho: o que me gabaõ mais he hum paſſeyo, que tem de ortigas, que dizem he huma maravilha: ſobre tudo tem ao pé dos muros hum canteiro de boninas, que cheiraõ, que treſandaõ: tem muito lega-cachorro; e he taõ ſadia, que todos os annos tem hum ramo de peſte: naõ, quanto a eu ir bem accommodado, niſſo naõ ſe falla, tomarame eu já neſſas limpezas, e entaõ, ſe Deos quizer, caſarey a minha Sanchica com hum fedalgo. Ouves tu, bem pódes aparelhar eſſe rabo, que ſe ha de aſſentar em coche, ou eu naõ hey de ſer quem ſou.

Filh. Viſto iſſo, eu hey de ter Dom?

Sanch. Dom, e redom, como hum alho: eſſa ſeria bonita! Deixaria de ter Dom a filha de hum Governador! Parece-me, que já eſtou vendo, e ouvindo as viſinhas do noſſo lugar, quando tu ſahires à rua, dizerem todas pela boca pequena: Lá vay, lá vay a filha do Governador Sancho Pança.

Tereſ.

Teres. E eu, marido, como hey de andar?

Sanch. Has de andar às coſtas de hum mariola, por naõ pores o teu pé no chaõ: mas iſſo naõ he do caſo; vamos ao alforje, que hey de levar para taõ longa jornada: primeiramente embrulha-me huma canada de vinho em hum guardanapo, dous queijos em huma borracha, huma pouca de alcomonia de ſabaõ molle, hum par de alfarrobas, &c. Na outra perna do alforje quero, que vá bem acondicionada a minha roupa, a ſaber, camiſa e meya, meya ſiloura, huma meya ſem companheira, hum lenço pardo, outro de caneca riſcado, dous peſcoções de bofetaõ da India: iſto entendo, que ſobeja para taõ larga jornada, fóra o que levo no corpo.

Teres. Olhe voſſê, ſe quizer levar duas gayolas de grillos, que eſtaõ muy bem criados, naõ ſerá máo, para os comer nas eſtalagens.

Filh. Tambem poderá voſſa mercê levar duas caixas de chicharos de conſerva para almoçar, que ſaõ bons para a enxaqueca.

Sanch. Tudo he bom: quanto mais melhor; principalmente os chicharos, pois às vezes

zes tenho humas enxaquecas na barriga, e humas caimbras no nariz, que me mataõ: bom fora tambem levar humas panelinhas de doce de cocaras; porém, mulher, como eu vou para taõ longe, e com perigo de vida, pois vamos a brigar com todo o Mundo, bom ferá, que faça meu teftamento; que ao menos, quando naõ tenha o fim, que pretendo, naõ fe perde o eftar feito.

Teref. Parece-me muito bem; agora vejo, que em tudo fois prudente.

Sanch. Vós ainda naõ fabeis, que marido tendes.

Teref. Diffo me queixo eu, e ainda mal, que tanto o experimento, pois a miferia, com que me tratais, me faz ver as eftrellas ao meyo dia; e fendo cafada comvofco ha quarenta e dous annos, feis mezes, tres femanas, doze horas, oito minutos, e vinte inftantes, nunca em voffo poder me vi com a barriga cheya.

Sanch. Quando eu for Governador, tomareis a voffa barrigada. Ide chamar o Tabelliaõ.

Teref. Aqui naõ ha Tabelliaõ; fómente quem ferve de Tabelliaõ, he o Almomocreve Antonio Fagundes.

Sanch.

Sanch. Venha quem for, que o teſtamento he pequeno, e qualquer Tabelliaõ baſta.

Tereſ. Mas elle aqui vem; Deos o trouxe a bom tempo.

Sahe o Tabelliaõ veſtido de Arrieiro.

Tabel. Guarde Deos a voſſa mercê, Senhor Sancho Pança, como eſtá voſſa mercê?

Sanch. Para ſervir a voſſa mercê.

Tabel. Para ſervir a Noſſo Senhor, que lhe dará bom pago; que quer voſſa mercê?

Sanch. Sente-ſe voſſa mercê muito a ſeu goſto na ponta deſſe eſpeto.

Tabel. Eu aqui me accommodo; eſtou bem: aos pés de voſſa mercê he o meu lugar.

Sanch. Saberá voſſa mercê, que eu quero fazer o meu teſtamento por eſcrito, que me dizem, que o nuncuchupativo naõ he taõ bom: ſabe voſſa mercê fazer teſtamentos?

Tabel. Suppoſto que eu nunca fizeſſe teſtamento, com tudo já fiz hum eſcrito de caſamento a huma negra; e quem faz huma couſa, tambem faz outra.

Sanch. Iſſo baſta, e ſobeja: Ora ſente-ſe; ahi tem papel ſellado, que já me ſervio em varias neceſſidades: he bom papel, tudo o que ſe eſcreve de huma banda, ſe póde ler da outra com muita facilidade: Ora ponha huma perna ſobre a ou-

tra, eſcreva à ſua vontade.

Tabel. De qualquer ſorte eſtou bem, para ſervir a voſſa mercê.

Sanch. Para ſervir a Deos. Olhe, meu amigo, naõ faça ceremonias, deſaperte-ſe, tire fóra os calções, ponha-ſe em fralda de camiſa, eſteja a ſeu goſto; e em quanto eſcreve, ſe quizer tanger bandurra, ahi a tenho muito boa, que me veyo de Berberia.

Tabel. Vamos ao teſtamento, que tenho que ir dar de beber às minhas beſtas.

Sanch. Ora vá lá fazendo a cabeça do teſtamento, que iſſo pertence aos Tabelliães.

Tabel. Eſtá feita.

Sanch. Vejamos: homem, eſta cabeça naõ preſta: voſſê naõ lhe poem cabelleira? Uy Senhor, ponha-lha em todo o caſo, que eſte teſtamento ha de apparecer em publico, e naõ he bem, que vá huma cabeça ſem compoſtura.

Tabel. Ahi lhe ponho a cabelleira, que mais?

Sanch. Eſpere, eſpere, já lhe poz a cabelleira?

Tabel. Já, ſim Senhor.

Sanch. Valha-me Deos; naõ ſey ſe lhe puzeramos antes huma carapuça preta, que he cor de quem morre? Veja ſe lhe póde tirar a cabelleira por vida ſua.

Tabel.

Izabel. Eu a borro, e lhe ponho a carapuça.

Sanch. Homem, voſſê naõ póde tirar huma cabelleira a huma peſſoa da cabeça, ſem a borrar? Ora vá como for, eu cá ao depois lhe farey iſſo: digo primeiramente . . . .

Izabel. Mente.

Sanch. Mente elle grandiſſimo magano: a mim me deſmente na minha cara?

Izabel. Eſte mente he cá do teſtamento, que naõ offende a ninguem.

Sanch. Iſſo he outra couſa: declaro por deſcargo de minha conſciencia, que me chamo Sancho Pança, natural do bom genio: declaro mais, que fuy caſado dezanove vezes todas contra minha vontade. Item, que deſta ultima mulher tenho . . .

Tereſ. Criada de voſſa mercê.

Sanch. Callaivos lá tolla, naõ embaraceis o pavio da hiſtoria. Tenho tres filhos, cujos nomes me naõ lembraõ por ora. Item, que ſou ſenhor, e poſſuidor de muitos bens movitos, e de raiz, e outros ſem raiz: os movitos vem a ſer, duas baſſouras do Algarve, dous esfolinhadores da chaminé, e huma rotula já furada. Item trinta e tres cadeiras, que já deraõ com o couro à ſóla. Item mais hum bofete de páo, que veyo de bordo, tres paineis

já em muito bom uſo, a ſaber, hum do Mundo às aveſſas; outro de hum navio, que pintou o meu pequeno; e outro que já ſe naõ ſabe, que pintura tem; porém ſupponho, que ſeria boa. Item hum eſpelho de deſpir ſem aço, hum mafamede da India, com ſeu tapete de Arrayolos, cuberto por cima. Item huma excellente manta de retalhos, que me meyo do Japaõ, e outra, que me ha de vir do Jaquejo. Item huma formoſa tea de aranhas, duas colheres de tartaruga baſtarba, hum biſpote, e o mais trém da coſinha. Ora vamos agora aos bens de raiz: Declaro, que tenho humas caſas na minha veſtia. Item hum parreiral de uvas de caõ no meu telhado. Item dous vaſos, hum de enſayaõ, e outro, que teve arruda, que ainda ſe conhece pelo cheiro. Item mais huma arvore de geraçaõ. Paſſemos agora ao meu gado: Em primeiro lugar tenho hum burro, que lhe chamaõ o ruço por alcunha; tenho mais duas cadellas paridas. Declaro, que me naõ devem nada, e que eu devo os cabellos da cabeça. Deixo a minha mulher tudo quanto puder furtar no inventario. Deixo a minha filha Sanchica o meu bom coraçaõ, e aos meus dous filhos lhes naõ

naõ deixo nada, porque ſe o quizerem, que o furtem, como eu fiz. Inſtituo por meu univerſal herdeiro forçado a hum Mouro da galé, a quem peço, que faça pela minha alma o meſmo, que eu fizera pela ſua. Tal parte, em lugar do cú de Judas, tantos do mez paſſado, &c.

Tabel. Ora aſſine-ſe voſſa mercê aqui a traz.

Sanch. A traz ſó me aſſinarey, ſe for penna a ſua lingua; dou por aſſinado, que eu em tal naõ aſſino.

Tabel. He preciſo, que ſem iſſo naõ val nada o teſtamento.

Sanch. E que tem ninguem, que elle valha, ou naõ valha? Olhem, que eſtá galante! De quem he o teſtamento? Naõ he meu? Pois poſſo fazer delle o que quizer. Mulher, guarday bem eſte papel, vêde, que naõ o percais, que póde ſervir para méchas: Ora a Deos, mulher, daime hum abraço.

Tereſ. Ay marido, lembraivos da voſſa caſa; naõ andeis de noite; naõ me deis mais penas.

Sanch. O' filha, naõ tenho, que encomendarte a tua honra, que he o melhor camaféo, que tens. Se alguem, quando eſtiveres na janella, te fizer hum bicho, correſponde-lhe com outro, que a cor-

tezia

tezia nunca ſe perde. Ouves, nunca dês o ſim a tudo, o que te pedirem; porque deſta ſorte ſerás bem reputada.

Tereſ. Pois já que te auſentas, ò meu amado Sancho, deſpeçamo-nos cantando.

Sanch. Ora vá, que eu começo.

Cantaõ Sancho, e a mulher a ſeguinte

ARIA A DUO.

Sanch. A Deos, Tereſa amada.
Tereſ. Naõ poſſo dar hum paſſo.
Sanch. A Deos, que naõ he nada.
Tereſ. Oh triſte deſgraçada!
Sanch. Dá cá, dá cá hum abraço.
Tereſ. Ay, que eu quero deſmayar.
Tereſ. Mas ay de mim, que vejo
Sanch. Amado Caranguejo.
Tereſ. Teu vil rigor naõ chora?
Sanch. Chora tu, bella aurora,
Que eu nunca em deſpedidas quiz chorar.

SCENA III.

Mutaçaõ de boſque. Apparece D. Quixote a cavallo com lança, e Sancho em hum burro.

D. Quix. AInda naõ creyo, amigo Sancho Pança, que me vejo montado em rocinante, para proſeguir minhas aventuras.

Sanch.

Sanch. Digo-lhe a voſſa mercê, Senhor meu amo, que tenho o rabo neſta albarba, e me parece, que o tenho na palha da eſtrebaria: Oxalá, que tenhamos melhor ventura, que da vez paſſada!

D. Quix. Para que tenhamos bom ſucceſſo neſta empreza, e por cumprir com as leys da cavallaria andante, e com os dictames do meu amor, quero, Sancho, que vás ao Caſtello, em que vive aquella ſem igual Dulcinéa de Toboſo, minha muito Senhora, e que lhe digas da minha parte, que já me acho em campo razo, para batalhar com quantos gigantes tem o Mundo por ſeu reſpeito; e que tudo ſervirá de deſpojo, para collocar no templo de ſua formoſura.

Sanch. Senhor, que Dulcinéa he eſta? Aonde mora? Que tal mulher entendo naõ ha no Mundo: Logo como quer voſſa mercê, que eu a buſque, ſe ella naõ he couſa viva?

D. Quix. Vay, naõ repliques, ſenaõ com eſta lança te abrirey eſſa barriga: vay, que eu te eſpero aqui debaixo deſte tronco.

Sanch. Ora o caſo eſtá galante, por vida minha! Donde hey de achar a tal Dulcinéa dos demonios? A' força quer D. Qui-

Quixote, que haja tal mulher no Mundo! Mas de quem me queixo, ſe eu tenho a culpa de me meter com hum louco de pedras? Porém lá vem huma Saloya: bom remedio, vou-lhe dizer, que eſta he Dulcinéa, pois a elle tudo ſe lhe mete na cabeça. Ah Senhor meu amo? Venha cá depreſſa: eiſaqui a Senhora Dulcinéa, que vem ver a voſſa mercê.

D. Quix. Sancho, como póde ſer eſta Dulcinéa, quando ella he huma Senhora taõ galharda? Como póde vir em hum burro, quando a carroça de Apollo ainda he pequena carruagem para ſua ſoberania? Naõ vês huma Saloya feya, e trapalhona?

Sanch. Senhor, voſſa mercê naõ ſe lembra, que os encantadores mudaõ as fórmas das peſſoas, ſó para que voſſa mercê naõ logre a fortuna de ver a Senhora Dulcinéa?

D. Quix. Dizes bem, Sancho amigo; oh mal hajais malditos encantadores, pois mudais a fórma de Dulcinéa filis, e galharda, em huma Saloya choquenta!

Saloy. Senhores, voſſas mercês, que me querem? Larguem-me o freyo da burra, deixem-me ir vender as minhas cebollas.

D. Quix. Eſpera, ò luz de meus olhos, recebe, antes que te auſentes, eſte fino amante no regaço de teus agrados; pois ſó

só a ti te dedico os suores frios de meus trabalhos: aqui me tens, ò bella ninfa, pois a teus pés idolatra da tua belleza.

Sanch. Oh Princeza da formosura! Oh Duqueza do melindre! Oh Archiduqueza dos dengues! Naõ desprezes hum andante Cavalleiro, que a carqueja do seu amor arde na chaminé dos teus olhos a repetidos assopros da sua magoa. Ponha vossa mercê os olhos naquelle peito, e o verá cheyo de cabellos, mais claros cá agua, e outros mais ruivos cá canella.

Saloy. Estes homens estaõ doudos; vaõ-se cos diabos: vossês vem zombar de mim? Arre lá, xó. *Vaise.*

D. Quix. O' animada exhalaçaõ, naõ te desfaças em scintilantes repudios: tanto estes encantadores me perseguem, que até fazem, com que cayas; porém, ò vil canalha, lá virá tempo, em que eu me vingue de vós.

Sanch. Digo, que vossa mercê tem muito bom gosto, em amar a Senhora Dulcinéa. Naõ vi cousa mais peregrina! Deixou-me atoclo, vendo aquelle brio!

D. Quix. Oh afortunado Sancho, que foste taõ feliz, que chegaste a ver sem encantos, e transformaçóes aquella deidade humana! Dize-me, he formosa?

Sanch. De formoſa paſſa ella: Se voſſa mercê vira aquelles olhos, que pareciaõ olhos de couve murciana! O nariz, iſſo era cahir hum homem de cú ſobre elle; tinha humas mãos de rabo; o corpo parecia corpo de delicto, pelo que matava a todos; os cabellos naõ vi eu, ſó o que eu vi, foraõ dous piolhos de rabo, que lhe ſahiaõ pelos buracos da coifa: o que mais me regalava era ver humas roſquinhas doces, que fazia junto ao peſcoço; em fim, Senhor, os pés eraõ dous pés de cantiga. Eu confeſſo, que ſe naõ fora caſado, que a tal Senhora Dulcinéa naõ me eſcapava.

D. Quix. O' Sancho, eſpera, naõ vês, que lá vem hum Caſtello movediço, com muita gente dentro? Grande dia ſe nos eſpera! Deos ſeja comnoſco.

Sahirá hum carro tirado de huma mulla, ſobre a qual virá hum diabo; dentro do carro virá a Morte, Cupido, hum Anjo, hum Imperador, e outra figura muito bem veſtida.

Sanch. Ay miſeravel Sancho, aonde eſtás metido! Melhor me fora eſtar na minha Aldea, que naõ vir agora ver eſtes gigantes engolias.

D. Quix. De que temes, cobarde? Olha, naõ vês eſtes gigantes vivos? Pois logo

os

os verás mortos: O' vós, quem quer que ſejais, dizeime quem ſois, e aonde ides?

Diab. Senhor, nós ſomos huns pobres repréſentantes de comedias, que himos já veſtidos para fazer hum Auto Sacramental aqui a huma quinta; eu faço papel de Diabo, eſte de Anjo, eſte de Morte, eſte de Imperador, e os mais fazem varios papeis.

D. Quix. Ora ſempre as couſas ſe devem primeiro eſpecular, antes que ſe façaõ; ſe naõ vos declarais, hoje aqui todos ficarieis mortos, cuidando, que ereis gigantes, ou encantadores.

Sanch. Boas novas te dê Deos, que eu já eſtava ſem pinga de ſangue no corpo.

Sabe hum Diabo com caſcaveis, e eſpanta-ſe o cavallo de D. Quixote, e cahe no chaõ, e o Diabo monta no burro de Sancho.

Sanch. Jeſus, nome de Jeſus! Lá vay meu amo ao chaõ! Ah Senhor, naõ caya, eſpere, que eu já lhe vou acudir.

D. Quix. Ay de mim! Acodeme Sancho, que quebrey o eſpinhaço.

Sanch. Ay Senhor, que o Diabo lá me leva o meu ruço! O' ruço dos meus olhos, ò prenda de minhas nadegas, ò centro de minhas bebas; que ſerá de mim ſem os teus ſonoros zurros? Senhor, para

aqui

aqui ſaõ as lagrimas: ah Senhor, que o
Diabo levou o meu burro.

D.*Quix*. Que Diabo?

Sanch. O Diabo das bexigas: Jeſus ſagrado! Ah ſô Diabo, largue o meu burro, por vida de Ferrabrás.

D.*Quix*. Por vida de Dulcinéa, que os do carro me haõ de pagar: eſperay, turba alegre, e folgazona, que eu vos enſinarey o como ſe trataõ os burros dos eſcudeiros dos Cavalleiros andantes.

Sahe o Burro.

Sanch. Senhor: naõ pelejemos, que o burro já ahi eſtá; eſcuſemos tantas mortes.

D. *Quix*. Bem eſtá: a prudencia às vezes he melhor, que o valor; idevos em paz.

Sanch. Ouvis lá? Bom padrinho tiveſtes no meu burro, que ſe naõ apparece, tudo vay à eſpada.

SCENA IV.

Mutaçaõ de ſelva, e a hum lado eſtará hum Cavalleiro reclinado, e hum moço, e ſahirá D. Quixote, e Sancho Pança.

D.*Quix*. SAncho, ata eſte cavallo a eſſe tronco, que já o Sol ſe eſcondeo no veſtuario de Thetys, depois de

fa-

fazer primeiro Galan dos aſtros na Comedia do dia.

Sanch. Boa metáfora; mas eu tenho a barriga vazia, e naõ eſtou para ouvir conceitos: olhe voſſa mercê, Senhor, alli eſtaõ dous homens reclinados ſobre a relva, e dous cavallos atados naquelle ſalgueiro, que fazem quatro.

D. Quix. Algum Cavalleiro andante deve ſer, que anda buſcando aventuras.

Canta o Cavalleiro o ſeguinte

MINUETE.

Sem ter melhora
Meu peito ardente,
A chamma ſente
Do Deos rapaz.
Que amor parece,
Ninguem duvida;
Porque a ferida
Bem clara eſtá.
Suſpende a frécha,
Deos fementido,
Ouve o gemido,
Que o pranto faz.

Sanch. Elle canta com bom eſtylo, e à moda.

D. Quix. Segundo a letra, e o affecto, moſtra eſtar namorado. Valhate Deos, amor, que até nos peitos de bronze introduzes

co-

corações de cera! Senhor Cavalleiro, como a sociedade nos homens he significativo do racional, por isso naõ estranhe vossa mercê o meu atrevimento em interromper as sonoras clausulas do seu sentimento; porém como as penas communicadas saõ menos sensiveis, diga-me vossa mercê o que sente, que se o alivio de suas magoas consistir na ponta desta lança, e fio desta espada, tenha por certo, que o hey de fazer.

Carr. Honrado Cavalleiro, bem parece, que tendes generoso animo, e assim vos agradeço essa offerta; mas sabereis, que a mim por ora me naõ offendem inimigos, senaõ huma inimiga, cujo rigor me tem morto, e me faz andar renovando a cavallaria andante, só por ver, se posso aplacár o seu desdem, offerecendo-lhe a cabeça de hum gigante.

D. Quix. Com que vossa mercê he Cavalleiro andante? Ora ajunte-se comigo, e fallemos na materia, que como professor della, estimo muito estas praticas.

Criad. Em quanto nossos amos lá praticaõ sobre os seus amores, e valentias, vamos dando à taraméla, e fazendo pela vida.

Sanch. Meu amigo, agora fico mais consolado nos meus infortunios; pois mal
de

de muitos confolo he: até aqui cuidava, que fó eu era defgraçado, em fer efcudeiro de Cavalleiro andante; mas já vejo, que voffa mercê nafceo debaixo da minha eftrella.

Criad. Como fe chama efte feu amo?

Sanch. D. Quixote de la Mancha para fervir a voffa mercê, que nunca tal homem nafcera no Mundo; pois por elle tenho padecido, o que Deos fabe: bafta deixar a minha cafa com tudo quanto tinha nella.

Criad. Tendes filhos?

Sanch. Boa eftá effa! Com que deftes annos ainda naõ havia de ter filhos? Tenho huma rapariga, meu amigo, que dá com a cabeça no tecto da cafa, e he muy valente, e defembaraçada. Quando come, naõ ufa de ceremonias, defpeja huma cafa com a mayor limpeza do Mundo; e fobre tudo tem o máo cheiro da bcca, que he mal de que fogem todos. Quero-lhe como aos meus olhos, que fóra da fua vifta, os vejo cheyos de lagrimas.

Criad. E os meus eftaõ muy cheyos de fomno: durmamos?

Sanch. Durmamos.

Carr. Como lhe vou contando a voffa mercê,

cê , a Senhora , a quem amo , he huma Calcidéa de Vandalia, nome fuppofto, com que a appellido nas minhas obras Poeticas ; efta em fim me diffe , que fe a quizeffe receber por efpofa , foffe pelo Mundo , e fizeffe confeffar , que ella era a mais bella, e formofa Dama , que havia no Orbe ; tenho feito confeffallo a muitos , e ultimamente ao grande D. Quixote de la Mancha , o qual diffe , que minha Senhora Calcidéa de Vandalia era mais formofa , que a fua Dulcinéa del Tobofo : com que , vencendo eu a D. Quixote, que venceo a todos os Cavalleiros do Mundo , venho a vencer a todos, vencendo a quem a elles os venceo.

D.*Quix*. Sem duvida , Senhor Cavalleiro, entendo , que eftais enganado , por fer impoffivel, que vençais a hum D. Quixote ; e bafta, que eu vos diga, que nenhum Cavalleiro do Mundo o póde vencer ; e por vos naõ defmentir , digo , que algum encantador inimigo de fua gloria tomaria a fua fórma, para que ficando vencido , naõ fe coroaffe a famà de feu valor com eterno Diadema ; e tanto affim , que naõ ha dous dias , que eftes mefmos encantadores transformaraõ

taõ a Senhora Dulcinéa del Tobofo, fendo a mais gentil deidade, que calçou cothurno, em huma Saloya fuja, hedionda, e terrivel: com que, Senhor, entendey, que naõ vencestes a D. Quixote verdadeiro.

Carr. Taõ verdadeiro, e taõ o mefmo, que mais naõ podia fer.

D. Quix. Digo, que tal naõ ha; pois D. Quixote he efte, que vedes prefente; vede como o podieis vencer. *Levantafe.*

Carr. Pois verdadeiro, ou fingido, fempre o venci; tenho dito.

D. *Quix.* Pois Cavalleiro, bom remedio: em campo razo, e em fingular defafio, veremos qual he mais valente.

Carr. E o que ficar vencido, ficará ao arbitrio do vencedor.

D. *Quix.* Naõ duvido: Sancho, Sancho, acorda, que já a Aurora, rafgando o manto da noite, véfte o Pólo de rubicundos adornos; Sancho, acorda.

Sanch. Senhor, Senhor; eu vos arrenego canalha: naõ deixareis dormir a hum pobre efcudeiro andante?

D.Quix. Sancho amigo, acorda, que já o Sol te dá de rofto com as fuas luzes.

Sanch. E que tenho eu com iffo? Senhor, voffa mercê cuida, que eu tambem fou

doudo, como voſſa mercê, para naõ dormir? Apenas tinha pegado no ſomno com as pontinhas dos dedos, quando logo mo fez largar: que quer que diga? Valha-o mil diabos.

D. Quix. Vay ſellar o rocinante, que temos, que brigar eſta manhã com aquelle Cavalleiro do boſque; anda, Sancho, vay depreſſa.

Sanch. Eſtou dormindo, que he o meſmo, que eſtar ninando. Ora ſalve Deos a voſſa mercê: ah Senhor, eu devo de ter muita colera na barriga.

D. Quix. Porque, Sancho?

Sanch. Porque me ſabe a boca a ferro velho.

D. *Quix.* He porque logo havemos de brigar com eſte Cavalleiro do boſque, que o deſafiey: elle deve de ſer peſſoa particular, porque traz maſcarilha.

Sanch. Ora Senhor, cuide voſſa mercê noutra couſa, brigar logo de manhã he aſneira.

D. *Quix.* Faze o que te digo, e naõ me repliques.

Traz Sancho o cavallo.

D. *Quix.* Cavalleiro, quem quer que ſois, já eſtamos em campo razo; vereis ſe ſou eu o meſmo D. Quixote, a quem venceſtes.

Carr.

Carr. Quem vos venceo transformado, melhor vos vencerá verdadeiro.

Sanch. Senhor D. Quixote, por vida da Senhora Dulcinéa lhe peço, que me ajude a ſubir naquelle zambujeiro, que quero ver touros de palanque.

D. *Quix.* Avançay bom Cavalleiro.

Inveſtem os Cavalleiros, e cahe Carraſco.

D. *Quix.* Sancho, acode, que vencemos.

Sanch. Agora ſim: Corte-lhe voſſa mercê logo a cabeça, pelo que *poteſt ſucedere.*

D. *Quix.* Tira-lhe a maſcara.

Sanch. Ah Senhor, que elle bolle; ſubame outra vez ao zambujeiro.

Carr. Ay de mim! Venceſte D. Quixote: negar naõ poſſo, que ſois o mais valente Cavalleiro do Univerſo.

D. *Quix.* Haveis de confeſſar, que minha Senhora Dulcinéa del Toboſo he mais formoſa, que a voſſa Calcidéa de Vandalia, tirando para iſſo a maſcara: mas que vejo! Naõ ſois vós Sanſaõ Carraſco?

Tiraſe-lhe a maſcara.

Sanch. He boa hiſtoria! Veja voſſa mercê, ſe naõ falla, como o leva o diabo de meyo a meyo.

Carr. Eu ſou voſſo amigo Sanſaõ Carraſco, q̃ quiz vir disfarçado, a ver ſe vos vencia, para que aſſim tornaſſeis para caſa, ſem

essa loucura, mas já vejo, que sois verdadeiro Cavalleiro andante, e negallo naõ posso.

D. *Quix.* Ide em paz, e dizey a esse Barbeiro incredulo, que vos cheguey a vencer; para que fique desenganado, que sou Cavalleiro andante.

S*anch.* Ide em paz, e dizey a esse Barbeirinho, que quem vence a hum Carrasco, he o mesmo, que vencer a morte.

SCENA V.

Mutaçaõ de selva, e sahirá hum homem com hum carro, e dentro hum Leaõ em huma capoeira.

Hom. GRande trabalho me tem dado a conduçaõ deste Leaõ, pela fragosidade dos caminhos; e queira Deos, que seja bem pago do meu trabalho.

Sahem D. Quixote, e Sancho.

D. *Quix.* Sancho Pança, naõ vês aquelle vulto? Pois naõ he menos, que huma rara aventura, que nos espera.

S*anch.* Senhor, naõ ande cuidando nisso; porque tudo quanto vir, lhe ha de parecer aventura; pois *da imaginaçaõ nascem as causas.*

D.

D. Quix. O' Sancho, tu ſabes Filoſofia? Quem te enſinou iſſo?

Sanch. Eu meſmo: voſſa mercê cuida, que eu ſou algum leigarraõ? Sabe voſſa mercê, que mais? Que dentro daquella gayola vem hum formoſo Leaõ.

D. Quix. Hum Leaõ! O' homem do Leaõ? Da parte de Deos te requeiro, que ſoltes eſſe Leaõ, que quero brigar com elle, para o que já o eſpero à boca da capoeira.

Apea-ſe D. Quixote.

Sanch. A Deos, pobre Sancho Pança! Bem aviados eſtamos: quer agora tambem brigar com Leões! *à parte.*

Hom. Senhor paſſageiro, requeiro a voſſa mercê, que eſte Leaõ he Africano, feroz, e terrivel, e que vay de preſente a hum Fidalgo, que o manda o Graõ Turco.

D. Quix. Que tenho eu com o Graõ Turco, nem com o Fidalgo? De duas huma, ou tu has de ſoltar o Leaõ, ou te hey de matar; porque me diz o coraçaõ, que nelle vem transformado algum gigante.

Sanch. O' homem, tem maõ; naõ ſoltes eſſe Leaõ, que he muy Faraó.

Hom. Pois voſſa mercê quer, que o ſolte? Veja

Veja lá o que diz, ao depois naõ ſe queixe.

D. Quix. Solta-o, naõ ouves?

Sanch. Tem maõ, homem, naõ o ſoltes: ah Senhor Leaõ, naõ me faça mal; lembre-ſe, que já comemos, e bebemos ambos muitas vezes. Voſſa mercê naõ he o Leaõ do Carmo? Deſgraçado Sancho Pança! Quanto melhor me fora eſtar antes enterrado em hum carneiro, que na barriga de hum Leaõ! Ah ſô Leaõ, voſſa mercê vem enganado; eu naõ fuy o que o deſafiey; alli eſtá meu amo, que o chama, vá para lá; e já que eu hey de morrer, quero morrer cantando, como fez D. Cyſne das Alagoas, e talvez que eſte Leaõ ſeja amigo de Arias.

Canta Sancho a ſeguinte

ARIA.

Ay, que eſtou tremendo!
Ay, que já me agarra!
Oh como eſtende a garra!
Ay, ay! Tomara-me eſconder.
Vaite monſtro horrendo,
Tem dó do pobre Sancho,
Recolhe o duro gancho,
Que já me faz tremer.

Aco-

Acomette o Leaõ a D. Quixote, e este o mata.

D. Quix. Bruto Rey das montanhas, porque foges de hum Cavalleiro andante? Vem a acometterme, e verás o meu valor.

Sanch. O' caõ Leaõ, a elle: espere, que eu vou; victor D. Quixote.

D. Quix. Daqui em diante naõ quero, que me chamem o Cavalleiro da triste figura, senaõ o Cavalleiro dos Leões em memoria deste caso.

Hom. Naõ vi mais valente homem no Mundo! Vou pasmado.

SCENA VI.

Mutaçaõ de bosque, e no meyo haverá hum monte, e hum homem; e pelo monte descerá D. Quixote, e Sancho Pança.

Sanch. MUy fragosa, e escorregadia he esta terra! Muito tropeça o meu burro!

D. *Quix.* O' vilaõ, dizeime, que fazeis ahi, e que monte he este?

Vilaõ. Este monte, Senhor, he aonde está aquella celebre cova encantada, que chamaõ a cova de Montesinos.

D. *Quix.* Oh quem tivera hum thesouro, que

que dera em alviçaras ! Vês aqui, Sancho, quando dizem : vem as fortunas, sem ser esperadas : ha quantos annos, que eu andava buscando esta cova, donde está encantado aquelle celebre Cavalleiro andante chamado Montesinos ? Pois a occasiaõ se nos meteo nas mãos, naõ tenho mais remedio, que descer por ella, a desencantar este bom Cavalleiro.

Sanch. Tire vossa mercê dahi o sentido ; só esta me faltava para soffrer ! Que tenho eu com Montesinos, nem elle comigo ? Vá vossa mercê cos diabos se quizer, que eu naõ quero enterrarme em vida. Ainda me lembra o Leaõ. *à part.*

D. *Quix.* Anda Sancho, que se agora naõ achamos a Ilha para seres Governador, nunca a acharemos : vem, que serás bem premiado ; pois aqui nesta cova ha muito ouro, e isto saõ minas encantadas.

Sanch. Huma vez que saõ minas, eu vou ; que mais val huma hora rico, que toda a vida pobre.

D. *Quix.* Amigo, ficay guardando estes animaes, e vêde se tendes ahi algumas cordas, com que nos ateis pelas cinturas, para que naõ cayamos, e demos lá no profundo.

Vilaõ. Aqui estaõ, pois eu sou o guarda desta

ta cova, e já eſtou aparelhado para eſte miniſterio.

D. *Quix.* Pois ata-nos bem; quando diſſer, larga mais a corda, vay largando.

Sanch. Tanto que tiveres deitado quatro palmos, puxa logo para fóra.

D. *Quix.* Sancho, faze hum acto de contriçaõ, e fecha os olhos.

Sanch. Ora graças a Deos, que vou a enterrar em vida: bem fiz eu em fazer o meu teſtamento. Ay Senhor, que ahi vem huma legiaõ de gigantes! Miſericordia meu Deos! Xó diabo. A que del-Rey, que eſtou com as gralhas na alma.

D. *Quix.* De que te aſſuſtas? Saõ huns paſſarinhos, que vem a applaudir a noſſa entrada.

Sanch. Saõ paſſarinhos! Oh quem me dera ter aqui a minha eſpingarda.

D. *Quix.* Amada Dulcinéa, a ti me encomendo neſte perigoſo trance; ajudaime a levar com paciencia eſtes rigores: Sancho, ou morrer, ou viver.

Sanch. Eſſa razaõ me encova.

SCE-

SCENA VII.

Mutaçaõ de columnata, que depois se mudará em jardim de figuras tristes; e sahirá Montesinos com barbas grandes, sotâna, e gorra; e viráõ descendo D. Quixote, e Sancho.

Sanch. AH Senhor, he hum regalo voar hum homem, como se fora pardal!

D. *Quix.* Graças a Deos, que chegamos! Vês Sancho, que admiravel palacio? Vês estas columnas Doricas, e Corinthias? Olha estes jaspes: Que te parece?

Sanch. Parece-me, que tudo isto he pintado em taboa de pinho; mas ainda assim, eu quizera antes andar voando, que me regala.

Ha dentro terremoto, e escurece tudo, ouvindo-se muitos ays, lamentos, rayos, e trovões.

Sanch. E que diz vossa mercê agora destas columnas, e destes jaspes Corinthios? Senhor, nós estamos no inferno a bom livrar: os cabellos se me arrepiaõ: Ay Senhor, naõ sey que suor frio me vay dando! Eu me mijo por mim.

D. *Quix.* Agora verás, ò nobre escudeiro Sancho Pança, as prerogativas de hum

Ca-

Cavalleiro andante : dize-me , ouviſte contar algum dia a teus avós façanha como eſta? Viſte algum dia em letra redonda, ou grifa, dizer, que algum Cavalleiro, o mais intrepido, fizeſſe acçaõ taõ ſobrenaturalmente heroica, como a que com os teus olhos eſtás vendo? Viſte como valeroſo Campiaõ me arrojey a eſta cova?

Sanch. Iſſo meſmo faz qualquer defunto.

D. *Quix.* Viſte como depois de encovado, penetrey as duras entranhas deſſa penha, abrindo caminho com a eſpada na maõ, derrubando montes, ou para melhor dizer gigantes amontoados, até que chegámos a eſte abyſmo?

Sanch. Meu amo he hum abyſmo. *à parte.* Mas diga-me, Senhor, aonde eſtamos nós?

D. *Quix.* Eſtamos no Inferno.

Sanch. Em Purgatorio eſtá, quem lida com voſſa mercê : he boa graça! Com que parece-lhe a voſſa mercê, que iſto he Inferno? Ora o certo he, que eſtá pouco viſto em materias de Inferno.

D. *Quix.* De que te eſpantas animal?

Sanch. Porque ſou animal, por iſſo me eſpanto. Ora venha cá : quem ſe naõ ha de eſpantar de ouvir dizer a voſſa mercê,

cê, que eſtá no Inferno aſſim a chucha callada, e eu tambem, ſem me doer pé, nem maõ, graças a Deos?

D. *Quix.* Sancho, eu naõ tenho culpa, que ſejas hum ſimples eſcudeiro, ſem noticias, nem literatura; ſe tu leras a Virgilio no ſexto livro das Eneidas, lá verias, que tambem Eneas foy ao Inferno, e lá vio a ſeu pay Anchiſes, e a Rainha Dido.

Sanch. Eſſa Rainha Dedo era macho, ou femea?

D. *Quix.* Naõ ſe ſabe de certo; o que ſe diz he, que era mulher varonil.

Sanch. Viſto iſſo era machafemea; com que Senhor, huma vez que Eneas foy ao Inferno, vá voſſa mercê tambem; mas naõ conſta, que Eneas tiveſſe eſcudeiro, como voſſa mercê tem.

D. *Quix.* Ora 8ancho amigo, tem valor, que agora quero tratar do deſencanto do Senhor Monteſinos, que para eſſe fim fuy aqui trazido.

Canta D. Quixote a ſeguinte

A R I A.

O' Magia barbara
De furia indomita,
Humilha timida
O fero encanto
Do teu furor.

Que

Que o braço rigido
Com furia riſpida
Vence colerico
A ira ingente
De teu rigor.

Torna a haver terremoto.

Sanch. Ay Senhor! Que diabo de Ilha, ou de cova he eſta? Eu nella naõ quero enterrarme: vamos Senhor.

D. Quix. Sombras vãs, encantadores malevolos, a pezar de voſſos encantos hey de ver a Monteſinos. O' Monteſinos? Monteſinos?

Sahe Monteſinos.

Mont. Sejas mil vezes bem vindo, ò ſempre valeroſo D. Quixote de la Mancha, flor, nata, e eſcuma dos Cavalleiros andantes; ſó tu tiveſte valor para me deſencantares, reſuſcitando a antiga andante cavallaria: chega a meus braços.

D. Quix. Valeroſo Monteſinos, naõ tens que me agradecer eſta acçaõ; pois o que faço por ti, faria por outro qualquer, que aſſim mo inſinúaõ as leys da cavallaria.

Mont. Chega a meus braços, tu celebre eſcudeiro Sancho Pança; pois tambem participas hum eſgalho deſte laurel.

Sanch. Sou criado de voſſa mercê: eu já eſ-

eſtou deſmamado, graças a Deos; eu naõ quero, que voſſa mercê me deſmame; aſſim ſou eu aſno, que me chegue àquellas barbas! Peça de baeta animada, e eſcova vivente me parece o tal Monteſinos. *à parte.*

Mont. Já que aqui vieſtes, illuſtre D. Quixote, a deſencantarme, peço-vos, que deſencanteis tambem a Senhora Belerma, que foy Dama do valente Cavalleiro Durorante, que por cauſa delle vive aqui encantada.

D. Quix. Por mulher, e por ſer Dama de hum taõ valente Cavalleiro, me toca deſencantalla; aonde eſtá?

Mont. Agora o vereis.

Mudaõ-ſe os baſtidores, e apparece hum jardim com figuras de pedra, e ſahirá Belerma.

Belerm. Proſtrada a voſſos pés, valeroſo D. Quixote, vos rendo as graças de taõ generoſo capricho: eſcutay com melhor accento o meu agradecimento.

Canta Belerma o ſeguinte

MINUETE.

Belerma miſera
Suſpira, e ſente
A morte dura
De ſeu valente,
Galhardo amor.

Ago-

Agora em canticos
Louvar procura
O braço ingente
De hum gloriofo,
Feliz, ditofo, libertador.

D. Quix. Formofa Belerma, enxugay effes aljofares; naõ tomeis o officio da Aurora, fendo vós hum Sol.

Sanch. Ah Senhora Belermina, dê-me voffa mercê effes aljofares para levar à minha Terefa Pança: naõ os deite fóra.

Torna a cantar Belerma.

MINUETE.

Quixote inclyto,
Em cujo peito
Cupido, e Marte
Fazem perfeito
Laço de amor.
Teu braço bellico,
Porque fe exalte
Já com effeito,
Em males tantos,
Enxugue o pranto,
Que amor caufou.

D. Quix. Que te parece, Sancho, o que fe encerrava nefta cova?

Sanch. Senhor, *palavras, y plumas el viento* *las*

las lleva. Vamo-nos, que naõ ſey o que me adevinha o coraçaõ.

Na ultima clauſula muda-ſe a apparencia, e ha terremoto, e levaõ pelos ares a D. Quixote, e Sancho.

D. Quix. Belerma, Monteſinos, vede, que os encantadores me levaõ para vos naõ deſencantar; bem viſtes a minha vontade.

Sanch. Ay que rica couſa! Agora ſim, voemos Senhor até cahir de huma bala.

Apparece o monte em cima.

D. *Quix.* Oh mal hajas, infame homem, que nos tiraſte da mayor ſuavidade, e conſonancia, que ſe póde imaginar! Por tua culpa naõ deſencantey a Monteſinos, e Belerma.

Sanch. Por tua culpa, bebado, naõ deſencantey as minas, e a Ilha encantada: ay que eſtou muy canſado de voar? Diga-me, Senhor, aonde eſtá a mina, que achamos? Tudo foraõ voos, por iſſo agora tudo ſaõ penas! Diga-me voſſa mercê, que me meta eu n'outra cova! Para aqui.

D. *Quix.* Sancho, bem viſte, que da minha parte fiz o que devia, pois deſtemido, e valeroſo, cheguey a penetrar as entranhas deſſe abyſmo; com que, ſe neſta occaſiaõ naõ conſegui o que deſejava, em outra o conſeguirey, e tu al-

cançarás

cançarás essa taõ desejada, e alta Ilha.

Sanch. Antes creyo, que nunca a alcançarey.

D. Quix. Porque?

Sanch. Porque como sou curto dos nós, naõ poderey alcançalla pela altura dos gráos.

D. Quix. Ora anda comigo, naõ te agastes, que sem duvida serás premiado.

SCENA VIII.

Mutaçaõ de selva.

D. Quix. HA dias, que trago no pensamento huma cousa, que me tem causado grande cuidado: darse-ha caso, que os meus inimigos encantadores tragaõ transformada a belleza da Senhora Dulcinéa em a figura de Sancho Pança! E os motivos, que tenho para isso, he ver a paciencia, com que este escudeiro me atura as minhas impertinencias sem sallario algum; e ver que já mais foy possivel ver eu a Dulcinéa no seu original, e nativo resplandor. Tudo póde ser que seja; pois se lêm nos antigos livros da Cavallaria andante outras transformações de Nynfas, ainda em mais

ruins figuras, qual a de Sancho Pança; e porque este pensamento naõ he fóra de conta, bom será averiguallo, que a diligencia he mãy da boa ventura.

Sahe Sancho.

Sanch. Senhor, o rocinante está esperando, que vossa mercê o cavalgue, e tem dado taes relinchos, pulos, e ventosidades, que supponho nos prognostica alguma boa ventura.

D. Quix. E se bem reparo agora nas feições deste Sancho, lá tem alguns laivos de Dulcinéa; porque sem duvida Sancho às vezes o vejo com o rosto mais affeminado, que quasi me persuado, está Dulcinéa transformada nelle.

Sanch. Meu amo está no espaço imaginario! *à parte.* Ah Senhor, toca a cavalgar, que o rocinante está sellado, e o burro albardado: Senhor, vossa mercê ouve?

D. Quix. Sim ouço; que seja possivel, prodigioso enigma de amor, galharda Dulcinéa del Toboso, que os magicos antegonistas de meu valor se transformassem em Sancho Pança!

Sanch. Ainda esta me faltava para ouvir, e que aturar! *à parte.* Que diz, Senhor? Está louco? Com quem falla vossa mercê?

D.

D. Quix. Fallo comtigo, Sancho fingido, e com Dulcinéa transformada.

Sanch. Se vossa mercê algum dia tivesse juizo, dissera, que o tinha perdido: que Sancho fingido, ou que Dulcinéa transformada he esta?

D. Quix. Naõ sey como agora falle, se como a Sancho, se como a Dulcinéa? Vá como quer que for: Saberás que os encantadores tem transformado em tua vil, e sordida pessoa a sem igual Dulcinéa; vê tu Sancho amigo, se ha mayor desaforo, se ha mayor insolencia destes feiticeiros, que emmascarar o semblante puro, e rubicundo de Dulcinéa, com a mascara horrenda de tua torpe cara?

Sanch. Diga-me, Senhor, por onde sabe vossa mercê, que a Senhora Dulcinéa está transformada em mim?

D. Quix. Isso he o que tu naõ alcanças, simples Sancho; pois sabe, que nós os Cavalleiros andantes temos cá hum tal instincto, que nos he permittido conhecer, aonde está o engano, e transformaçaõ pelos effluvios, que exhala o corpo, e pela fysionomia do rosto.

Sanch. Basta que conheceo vossa mercê pela simonetria do rosto! Pois, Senhor, que parentesco carnal tem a minha cara

com a da Senhora Dulcinéa? Ora eu até aqui naõ cuidey, que voſſa mercê era taõ louco! Cuido, que nem na vida de voſſa mercê ſe conta ſemelhante deſaventura.

D. Quix. Quanto mais te deſconjuras, mais te inculcas, que es Dulcinéa; deixa-me beijarte os atomos animados deſſes pés, já que me naõ permittes tocar com os meus labios o jaſmim deſſa maõ. Dulciſſima Dulcinéa?

Chega-ſe D. Quixote para abraçar a Sancho.

Sanch. A que delRey, Senhor, que naõ ſou Dulcinéa; tire-ſe lá, olhe que lhe dou huma canellada.

D. Quix. Ora meu Sancho, dize-me aqui em ſegredo ſe es Dulcinéa, que eu te prometto hum premio?

Sanch. Como, Senhor, lho hey de dizer? Sou taõ macho como voſſa mercê.

D. Quix. Sancho, neſſe meſmo dengue agora confirmo mais, que es Dulcinéa.

Sanch. Ora leve o diabo o dengue! Que queira voſſa mercê, que à força ſeja eu Dulcinéa enſanchada, ou Sancho endulcinado! Ora pois, já que quer, que eu ſeja Dulcinéa, chegue-ſe para cá, que lhe quero dar dous couces.

D. Quix. Tu me queres dar couces? Ago-

ra vejo, que naõ es Dulcinéa; pois Dulcinéa taõ formosa, e taõ discreta, nunca podia ser besta, nem ainda transformada, para dar o que me offereces com a tua grossaria.

Dentro instrumentos.

D. *Quix.* Naõ ouves, Sancho, huma suave harmonia?

Sanch. He verdade! Espere vossa mercê, que lá vem voando o que quer que he.

Desce a Musa Caliope em huma nuvem, e D. Quixote, e Sancho se lhe poem de joelhos.

D. *Quix.* Soberana Nynfa.

Sanch. Nynfa soberana.

D. *Quix.* Iris deste horizonte.

Sanch. Arco da velha deste horizonte.

D. *Quix.* Que rasgando diafanos vapores.

Sanch. Que rasgando nuvens de papelaõ.

D. *Quix.* Te ostentas Deidade.

Sanch. Te ostentas já de idade.

D. *Quix.* Que queres de hum Cavalleiro andante?

Sanch. Que queres de hum escudeiro tolhido de pés, e mãos?

Caliop. Valente D. Quixote de la Mancha, Cavalleiro dos Leões, eu sou a Musa Caliope, a primeira, e principal das nove, que assistem no monte Parnaso: aqui venho a teus pés enviada por meu amo o Se-

o Senhor Apollo, o qual como ſabe, que tens profeſſado a eſtreita Religiaõ da Cavallaria andante, e tens de obrigaçaõ o desfazer aggravos, ſoccorrer afflictos, e reſtaurar honras perdidas, por eſſa cauſa te manda pedir encarecidamente queiras ir ao Parnaſo, aonde ſe elle acha, cercado de huns Poetas maledicos, que o querem deſpojar do Throno; e juntamente para reformares a Poeſia, que ſe acha quaſi arruinada; para o que eu da minha parte, como taõ intereſſada neſte deſempenho, te ſupplico com o ſuave de minhas vozes; pois he certo, que a Muſica tem virtude para attrahir os coraçóes mais duros.

Sanch. Aqui nos encaixa huma Aria à queima roupa.

Canta Caliope a ſeguinte

ARIA.

Se hum gigante inficionado
Morre infame deſmayado
Entre as mãos de teu valor:
Quem haverá, que te reſiſta,
Quando o teu braço conquiſta
A hum gigante disfarçado
Entre as garras de hum Leaõ?

D.Quix. A difficuldade eſtá no modo, com que

que hey de ir ao Parnaſo; pois ſey, que o meu rocinante naõ tem azas, como o Pegaſo.

Sanch. E o meu burro ſó tem azas nos pés para fugir.

Caliop. O modo com que haveis de ir ao Parnaſo, he deſta ſorte.

Voaõ na nuvem Caliope, D. Quixote, e Sancho, e apparece o Parnaſo, e canta o

CORO.

Attençaõ, ſilencio,
Que neſte de Arcadia famoſo jardim,
Se oſtenta galhardo o Delfico Apollo
Em muſicas gratas, em métros ſubtís.
Attençaõ, ſilencio,
As fontes naõ riaõ,
As aves naõ cantem;
Porq̃ naõ perturbem do verde bicorneo
O cantico grave de Muſas gentís.

SCENA IX.

Mutaçaõ de ſelva, e o monte Parnaſo, e Poetas.

Apol. ESperay, baſtardos filhos de Apollo, que cedo virá, quem me vingue de voſſas injurias.

Poet. Já naõ te reconhecemos, ò Apollo, por

por Deos da Poeſia ; pois qualquer de nós he hum Apollo , e cada idéa noſſa huma Muſa.

Apol. Aſſim vos atreveis a profanar o decoro , que ſe deve aos meus Apollineos rayos ?

Sahe D. Quixote , Sancho , e Caliope.

Poet. Toca a inveſtir ao Parnaſo.

Apol. Em boa hora venhas , valente D. Quixote, que ſó a tua eſpada me póde ſegurar o Throno, e o laurel : vem , vem a vingarme deſtes Poetaſinhos , que ſem mais armas, que a ſua preſumpçaõ , querem , naõ ſó competir com o meu pleſtro , mas ainda intentaõ deſpojarme do Parnaſo ; e como as armas , e as letras ſaõ taõ fieis companheiras, querome valer das tuas armas para a reſtauraçaõ de minha ſciencia ; e como eſta violencia , que ſe me faz , naõ deſmerece os empregos da tua Cavallaria, peço-te , que me ſoccorras.

D. Quix. Senhor Apollo , eu tomo ſobre mim o ſeu deſaggravo , e já deſde agora ſe póde aſſentar bem neſſe Throno, que delle ninguem o ha de arrancar.

Sanch. Senhor meu amo , eu cuido , que eſtou ſonhando : Que voſſa mercê entre no Parnaſo , naõ he muito , porque he

lou-

louco; porém eu, que sendo hum ignorante, tambem cá esteja, he o que mais me admira; e daqui venho agora a concluir, que naõ ha tollo, que naõ entre hoje no Parnaso.

D.*Quix.* Diga-me, Senhor Apollo; e como se chamaõ os Poetas, que tanto o perseguem?

Apol. Essa he a desgraça, D. Quixote; que os Poetas, que me perseguem, naõ saõ de nome; e com tudo cada hum cuida, que he mais, do que eu mesmo.

D.*Quix.* Dizeime, Poetas de agua doce; dizeime, rans, que grasnais no charco da Cabalina; dizeime, Cysnes contrafeitos, que vos banhais nos lodos da Hippocrene; com que motivo quereis competir com o Deos da Poesia?

Poet. Porque esse Apollo, como naõ inspira, naõ merece o nome de Apollo; e assim queremos tomarlhe o Parnaso, e repartillo entre nós.

S*anch.* Senhor, naõ se meta a brigar com os Poetas, que saõ peyores, que gigantes; veja vossa mercê, que elles trazem hum exercito de dez mil Romances, quatro mil Sonetos, duzentas Decimas, oitenta Madrigaes, e hum esquadraõ de Satyras volantes em Sylva, que arranha;

nha; veja bem, em que ſe mete.

D. *Quix.* Nada me aſſombra; porque eu ſó com eſta eſpada hey de vencer a quantos Poetas ha no Mundo: Serra Heſpanha, viva Apollo, e morraõ traidores.

Ha bulhas, e gritos, entre D. *Quixote, Sancho, e Poetas.*

Apol. A elles, meu D. Quixote, que a vitoria he noſſa.

Sanch. A que delRey, que eſtou paſſado de parte a parte com hum Soneto em agudos!

D. *Quix.* Já fugiraõ como moſquitos.

Sanch. Avança, que com eſta gente ſou eu gente.

D. *Quix.* Já, glorioſo Apollo, pódes cantar a vitoria.

Apol. Cantem as Muſas Euterpe, e Terpſichore o meu triunfo.

Canta a Muſa Euterpe a ſeguinte

ARIA.

De Quixote o braço forte
Se ouvirá no meu concento;
Pois que canta o vencimento
Deſſas furias de hum traidor.
Se animoſo deu a morte,
A quem morte dava a tantos,
Viva, viva em doces cantos,
Pois que vence ao vil Piton.

Can-

Canta Terpsichore a seguinte

A R I A.

Pois vence Apollo
O monstro altivo,
Repita Eólo
Já successivo,
Que brilha vivo
Seu resplendor:
E assim as flores
Lhe dem grinaldas
De varias cores,
Já consagradas
A seu valor.

Apol. Vivas mil annos, D. Quixote; e como sey, que naõ militas por premio, por essa causa te naõ premeyo; mas na mesma acçaõ, que obraste, tens o mayor premio; como tambem agradeço a ajuda de teu criado Sancho Pança.

Sanch. Valeo de muito a minha ajuda na retaguarda: assim em premio de meus serviços peço a V. Paternidade, Senhor Apollo, que me conceda hum lugar, o primeiro que vagar no Parnaso, para hum filho meu, que he muy inclinado à Poesia, de sorte, que tem roido quantas unhas ha em minha casa, que todos as tinhamos grandes.

Apol.

Apol. Pois que officio quereis?
Sanch. Cafcavel do Parnafo.
Apol. Eu vo lo dou por tres vidas.
Sanch. Em tres vidas Senhor? Ora naõ ha prazo, que naõ chegue! E para melhor agradecimento, e em applaufo defta vitoria, já que fou Poeta, pois eftou no Parnafo, quero cantar o triunfo: toquem as Senhoras Mufas, e o Pegafo faça o compaffo.

Canta Sancho a feguinte

ARIA.

Se hoje o meu cantar
Hum zurro ha de fer,
Quero começar:
An, an, an, an, an.
E fe dos Poetas
Gallo poffo fer,
Cantarey aqui,
Qui quiri qui,
E loco a colá
Cá cará cá;
Porque canto fó
Có coró có:
Mas melhor ferá,
Tornar a dizer,
O que cantey já:
An, an, an, an.

Canta o Coro, e dá fim a primeira parte.

PAR-

PARTE II.

SCENA I.

Mutaçaõ, ametade de ſelva, e outra ametade de mar; e junto à praya hum barco, e huma azenha; e no dito barco ſe embarcará D. Quixote, e Sancho, e ficaráõ atados o cavallo, e o burro, e a ſeu tempo ſahiráõ da azenha dous homens com páos nas mãos.

D. Quix. JA' eſtamos em terra de Aragaõ: eſte he o famoſo rio Ebro: na verdade, Sancho, que eſte Paiz he muy deleitavel, e ameno: que te parece Sancho? Naõ reſpondes? Eſtás mudo?

Sanch. Digo, que naõ quero reſponder palavra, e tenho dito; meta-ſe lá com a ſua vida, e deixe-me.

D. *Quix.* Sem duvida eſtás arrependido de me ſervires?

Sanch. Como que eſtou? Mais me valera a mim ſer Sombreiro, que he o peyor officio, que ha no Mundo, do que ſervir a voſſa mercê.

D.

D. Quix. Pois taõ mal te tem ido comigo?

Sanch. Naõ he nada, vir eu daquella guerra do Parnaſo moido, e remoido à conta de voſſa mercê, e naõ achar eſta maldita Ilha, e ſó achar hum formoſo arrocho, que me arrombaſſe as alcatras?

D. Quix. Tu tens a culpa; quem te manda ſeres fraco? Ora tem paciencia, ſoffre, que a Ilha algum dia apparecerá: mas eſpera, naõ vês nas margens do rio hum barco atado ſem vélas, nem remos?

Sanch. E por ſinal, que he Caſſilheiro.

D. Quix. Sabes aonde eſtamos?

Sanch. Sey muito bem.

D. Quix. Aonde?

Sanch. Eſtamos no Theatro do Bairro Alto.

D. Quix. Pois ſabe, que eſtamos metidos na mayor empreza do Mundo.

Sanch. Bem aviados eſtamos: naõ digo eu, que voſſa mercê he doudo confirmado?

D. Quix. Sancho, aquelle barco, que vês atado àquelle álamo, naõ eſtá alli ſem grande myſterio.

Sanch. He porque voſſa mercê de tudo faz myſterio, e ſabida a conta naõ he nada.

D. Quix. Alguma peſſoa eſtá em grande perigo de honra, ou vida; pois coſtumaõ muitas vezes os Aſtros arrebatarem os Cavalleiros andantes dentro em alguma

ma nuvem, ou porlhe hum barco à viſta, para que ſe embarquem, e indo pelo rio abaixo por ſi meſmo o barco, lá vay dar, aonde ha o perigo; com que, Sancho, ata os cavallos a eſſe tronco, e metamo-nos no barco, e vamos a acudir a eſſa grande neceſſidade.

Sanch. Deixe-me voſſa mercê fazer primeiro as minhas; que he razaõ, que acuda primeiro às minhas neceſſidades, do que às alheyas.

D. Quix. Vamos, Sancho, que aqui a dilaçaõ he perigoſa.

Sanch. Deixe-me voſſa mercê primeiro ourinar, para irmos na maré do mijo.

D. Quix. Deixa, Sancho, as chançonetas, ata os cavallos, e embarquemo-nos.

Sanch. Senhor, conſidere voſſa mercê o que faz; olhe que andar pelo mar, naõ he o meſmo, que andar pela terra: tome exemplo na diſcretiſſima rapoſa, que nunca ſe quiz embarcar; donde ficou impreſſo na memoria dos homens o ditado: *Por onde anda a rapoſa*: com que, Senhor, montemos, e fujamos deſte barco à véla, e a remo.

D. Quix. Olha, Sancho, as Ilhas naõ ſe achaõ por terra, ſenaõ no mar; e talvez que para teu bem eſteja aqui eſte barco,

co-

como quem diz : Embarca-te Sancho, que has de achar huma Ilha.

Sanch. Com que os barcos tambem fallaõ?

D. *Quix.* Isso he figura, que tu naõ alcanças; segue-me, que eu me embarco já.

Sanch. Senhor, eu já estou resoluto a morrer affogado: vamos com Deos; mas parece muy grande tyrannia deixar o meu burro, fiel companheiro de tantos annos, a quem devo mais, do que a meu pay, e a minha mãy.

D. *Quix.* Bem pódes estar seguro, que a mesma pessoa, que poz aqui este barco, terá cuidado de nos guardar os animaes, que assim o contaõ as Historias impressas.

Sanch. Huma vez que está em letra redonda, sem duvida, que se ha de cumprir à risca: Deos seja comigo.

Ata Sancho o cavallo, e o burro; embarcaõ-se, e logo irá o barco pelo rio abaixo, até chegar à azenha, e zurra o burro.

Sanch. Ah burro do meu coraçaõ! Bem te entendo o que queres dizer nesse zurro; mas naõ te posso ser bom: tem paciencia, que bem sey, que em deixarte, dey cos burros na agua.

D. *Quix.* Vê, Sancho, a serenidade, com que anda este barco!

Sanch. Senhor, eu já estou enjoado: apare

re lá, que quero vomitar. *Vomita.*

D. *Quix.* Quando nada, Sancho, eſtamos junto à linha, e temos andado quatrocentas legoas Turqueſcas, que fazem das noſſas novecentas e meya.

S*anch.* Como póde ſer iſſo, ſe naõ temos andado duas braças; e tanto que ainda alli ſe eſtá vendo o meu burro, e o ſeu rocinante?

D. *Quix.* Cala-te, q̃ tu naõ entendes da Nautica; ſe tu ſouberas o que ſaõ coluros, trópos, linhas, zodiacos, e baleſtilhas, tu viras claramente o quanto temos andado.

S*anch.* Ora com termos andado tanto, ainda naõ encontramos nenhuma Ilha para eu governar?

D. *Quix.* Calla-te, que até o fim ninguem ſe póde chamar deſgraçado.

S*anch.* Sim Senhor, pela regra geral, que diz, que ſempre atraz ha ſorvas.

D. *Quix.* Lá ſe deſcobre, Sancho, hum Caſtello encantado; alli ſem duvida eſtá a affligida peſſoa, que buſcamos: que felicidade!

S*anch.* He verdade; mas eu cuido, que he a Ilha: vamos a ella.

Chegaõ ao pé da azenha, e abrindo-ſe a porta, ſabiráõ huns homens com varas na maõ, empurrando o barco.

Hom. Voſſês vem doudos, homens do diabo? Aonde querem meter eſte barco? Naõ vem, que iſto he huma azenha, donde a agua corre taõ furioſa, que deſpenhará, e deſpedaçará eſſe barco nas pedras da mó? Arreda para lá.

D. Quix. Olha os gigantes encantadores: ò canalha, largay a quem tendes prezo neſſa torre, ſenaõ com eſta eſpada reduzirey a cinza a todos.

Sanch. Senhor, que nos perdemos ſem remedio; o barco com a corrença da agua vay levado para dentro das pedras! Ay! Ay, que ſe vira!

Com muita gritaria de todos ſe vira o barco, e D. Quixote, e Sancho, vem nadando, até chegar à praya, donde eſtaõ os cavallos, e o barco dará na praya, e nella fica virado.

Sanch. Ay, que me affogo, Senhor! Briguemos agora com as ondas.

D. Quix. De boa eſcapámos, Sancho; beijar quero a terra, que me livrou da morte.

Sanch. Senhor, beije-me aqui, tudo he terra: ay, ainda naõ creyo! Diga-me por vida ſua, ainda eſtamos no rio, ou já eſtamos em terra firme?

D. Quix. Graças a Dulcinéa, que eſtamos livres do perigo: Oh malevolos encantadores, que me perſeguis por mar, e

ter-

terra, só por naõ livrar aos miseraveis afflictos!

Sanch. O que eu sentia naõ era o morrer: era morrer affogado em agua, podendo morrer affogado em vinho: e tu, burro dos meus olhos, da-me mil abraços, e dous beijos, que já cuidava, que te naõ via mais em minha vida.

Sahem dous homens com páos nas mãos.

Hom. Quem fez aquillo no meu barco?

Sanch. Ninguem fez aquillo, por vida minha, e cheire-o vossa mercê, e verá.

Hom. Haõ de pagarme o meu barco, senaõ com este varapáo lho tirarey do corpo, maganos vádios.

D. Quix. O' canalha rude, ò vil prosapia de Acheronte, assim se falla com os Cavalleiros andantes? Tomay.

Sanch. Ay, que estou varado! Confissaõ, que me alombaraõ.

SCENA II.

Mutaçaõ de montaria de caça, com caçadores; hum Fidalgo, e huma Fidalga, &c.

Fidalgo. SEm duvida, Senhora, que estimarey, que neste dia todos os brutos se prostrem rendidos, para que

tenhais o divertimento, que pretendeis.

Fidalga. Bem conheço, Senhor, que o voſſo intento naõ he outro mais, que o buſcares occaſiões, com que me divirta da cruel melancolia, que me perſegue.

Fidalgo. Se bem, que eſcuſadas eraõ armas; pois à viſta deſſa belleza, quem naõ cahirá morto? E a terem os brutos noticia da voſſa vinda a eſte monte, elles meſmos buſcariaõ o encontro, para terem a fortuna de ſerem deſpojos do voſſo braço.

Fidalga. Senhor, deixemos por ora liſonjas; pois bem reconheço o que tenho em mim, e o que me fazeis, he naſcido mais do voſſo capricho, que do meu merecimento; mas ſe me naõ engano, lá vejo vir dous Cavalleiros.

Fidalgo. Muito eſtimo, pois elles nos ajudaráõ a paſſar a tarde na caça, para que os convidaremos.

Sahem D. Quixote, e Sancho a cavallo.

Sanch. Ora graças a Deos, que eſtamos entre animaes: Diga voſſa mercê agora, que iſto tambem he encanto; e que aquella mocetona, que alli eſtá, e mais aquelle rufiaõ, que ſaõ gigantes.

D. Quix. Sancho, eu naõ ſou taõ tollo, como me fazes; bem ſey o que he caçada, e o que

que saõ gigantes; aquella deve ser alguma grande Senhora, que anda caçando; he forçoso, que a vamos comprimentar: pega no estribo, que eu me apeyo.

Sanch. Vá descendo, que eu lhe vou pegar na espóra.

Ao apearse D. Quixote, cahe do cavallo, e Sancho tambem ao apearse fica debaixo do burro, e acode o Fidalgo, e a Fidalga.

D. Quix. Sancho de todos os diabos, escudeiro infernal, acode-me, que fiquey descomposto.

Sanch. Pois eu fiquey composto, que fiquey cuberto com a albarda do burro.

Fidalgo. Senhores, tenhaõ maõ, levantem-se.

Fidalga. Honrado Cavalleiro, daime cá a maõ; levantaivos.

D. Quix. Diana destes bosques, por caçadora, e por Planeta, se a medicina da quéda havia de ser taõ soberana, naõ me arrependo de haver cahido; e mais quando o cahir aos pés de vossa grandeza, he levantarme ao auge da mayor felicidade.

Fidalga. Sois discreto.

Sanch. Só eu cahi no que era caça: digo, Senhora, que cahir aos pés de vossa magnifica, e excellencial Altura, foy, porque cahi do meu burro, com a pressa de ir pegar no estribo a meu amo; mas vejo

jo agora, que ſe hum burro me derruba, huma jumenta me levanta.

Fidalga. Como vos chamais, honrado Cavalleiro.

D. *Quix.* D. Quixote de la Mancha.

Fidalgo. Que dizeis? Naõ ſabeis o quanto eſtimo vervos; pois ha muito tempo, que a fama do voſſo nome tem grangeado a attençaõ de toda Heſpanha.

Fidalga. Marido, eſte he o celebre D. Quixote? Temos muito que rir, e nós o faremos mais doudo. Vós naõ ſois por outro nome o Cavalleiro da triſte figura?

D. *Quix.* Algum dia tive eſſe appellido, mas agora, depois que matey hum Leaõ, me chamo o Cavalleiro dos Leões.

Fidalga. E vós naõ ſois Sancho Pança?

Sanch. Por meus negros peccados: Oxalá, que nunca o fora.

Fidalga. Sancho, naõ vos agaſteis, que daqui em diante achareis em mim o amor de mãy, e vos quero para meu perrexil.

Sanch. Para perrexil? Iſſo naõ; ſe Voſſa Altura me quer para alcaparra, com muito boa vontade.

Haverá muita gritaria, e ſahirá hum porco, que dá com Sancho no chaõ, e D. Quixote o mata.

D. *Quix.* Eſpera, cerdoſo bruto, que te farey humilhar aos pés deſta deidade.

Sanch.

Sanch. O' minha Senhora, diga àquelle javalí, que esteja quieto, e que naõ entenda comigo. Ay Jesus! (*Cahe*) Ah Senhora? Ah Senhor D. Quixote? Ay, que me desmayo!

D. *Quix.* Senhora, já morreo o bruto: sinto naõ ser hum gigante para o pôr aos pés de Vossa Grandeza.

Fidalga. Sancho, Sancho, bem pódes tornar em ti, que o javalí já está morto.

Sanch. Huma vez que está morto, mande-o guizar, que o comerey a bocados.

Fidalga. Sancho, naõ cuidey, que ereis taõ fraco.

Sanch. Senhora, isto naõ he fraqueza, he medo. Tomara, que Vossa Altura me tirara o quebranto, que naõ posso acabar comigo ser valente huma vez se quer: digo que o tenho, porque me vejo quebrantado.

Fidalgo. Senhor D. Quixote, vossa mercê ha de se servir de vir para meu palacio descançar hum par de dias.

D. *Quix.* Mercês de Senhores naõ se rejeitaõ; hirey para criado dessa nobre casa.

Fidalga. Sancho, vós haveis de fazer hoje penitencia comnosco.

Sanch. Isso naõ; penitencia faça-a quem quizer, que eu ainda me naõ acho com a ida-

a idade precisa : Vamos comer alguma cousa.

SCENA III.

Mutaçaõ de sala , onde estará huma mesa com cadeiras.

Fidalgo. SEnhor D. Quixote, sente-se na cabeceira da mesa.

D. *Quix.* Isso naõ : Vossa Grandeza ha de assentarse, que em tudo tem o primeiro lugar.

Fidalgo. Vossa mercê he que tem o primeiro lugar nesta casa, sente-se.

Sanch. A'cerca disso contarey huma historia , que succedeo naõ ha vinte annos. Convidou hum Fidalgo do meu lugar , muy rico , e principal , porque descendia do Neptuno do Rocio , que casou com D. Rigueira das Fontainhas , que foy filha de D. Xafariz de Arroyos, homem sobre trancaõ , e secco , o qual se affogou em pouca agua , por causa de hum furto , que lhe fizeraõ , de que se originou aquella celebre pendencia das enxurradas, na qual se achou presente o Senhor D. Quixote, que veyo ferido em huma unha: naõ he verdade Senhor?

D.

D. Quix. Acaba já com essa historia, antes que te faça callar.

Fidalga. Deixe vossa mercê fallar a Sancho, que gósto muito de ouvillo, que he muy discreto.

Sanch. Discretos annos viva Vossa Altura: como vou contando, vay senaõ quando... Aonde hia eu, que já me esquece?

Fidalga. Na pendencia das enxurradas.

Sanch. Ah sim, lembre-me Deos em bem: este Fidalgo, que eu conheço, como as minhas mãos, porque da sua à minha casa naõ se metia mais, que huma estrebaria, convidou, como vou dizendo, este Fidalgo a hum Lavrador pobre, porém honrado, porque nunca pario.

D. Quix. Acaba já com essa historia.

Sanch. Já vou acabando: chegando o tal Lavrador a casa do Fidalgo convidador, que Deos tenha a sua alma na Gloria, que já morreo, e por final dizem, que tivera a morte de hum Anjo, mas eu naõ me achey presente, que tinha ido naõ sey donde.

D. Quix. Por minha vida, que acabes, senaõ te moerey os ossos.

Sanch. Foy o caso, que estando os dous para sentarse à mesa, o Lavrador porfiava com o Fidalgo, que tomasse a cabeceira da mesa; o Fidalgo porfiava tambem,

que

que a tomasse o Lavrador, tem daqui, tem dalli, até que enfadado o Fidalgo disse ao Lavrador: Assentaivos, vilaõ ruim, aonde vos digo; porque onde quer, que eu me assentar, essa he a cabeceira da mesa. Entrey por huma porta, sahi por outra, manda ElRey, que me contem outra.

D. *Quix.* Tu mo pagarás Sancho; por estas: bem te entendi a historia.

Sanch. Mate-me Deos com quem me entende. Senhor, faço saber a Vossa Altura, que o Senhor D. Quixote, meu amo, me tem promettido huma Ilha, para eu ser Governador della, e até aqui vivo em esperanças; mande Vossa Altura, que ma faça boa, senaõ naõ o quero mais servir.

Fidalga. Eu vos prometto dar huma Ilha; por taõ pouco naõ vos vades do serviço de vosso amo.

Sanch. Senhora, se tal Ilha alcanço, naõ se me dá de quantos Reinos tem o Mundo.

Fidalga. Fazey hum memorial, e nelle vos despacharey.

D. *Quix.* Que importa, que Vossa Grandeza faça a Sancho a mercê da Ilha, para governalla, se elle nega haver amor?

Sanch. E que tem cá o amor com a Ilha?

D.

D. *Quix.* Homem, ſe naõ tiveres amor, como has de governar bem aos moradores della?

Sanch. Venha a Ilha, que eu terey amor aos meus ſubditos, e lhe farey muito bem a caridade.

D. *Quix.* Iſſo ſim; mas tu negas, que ha Dulcinéa, e aſſim negas, que ha amor.

Sanch. Eu naõ nego, que ha Deidades, a quem ſe deve render tributo no templo da formoſura; mas que haja Dulcinéas *ex parte objecti* concedo, *à parte rei* nego; e mais de que, para moſtrar o que he amor, melhor me explicarey cantando.

Canta Sancho a ſeguinte

ARIA.

Viraõ já voſſês hum gato,
Que miando pela caſa,
Tudo arranha, tudo arraza,
E caçando o pobre rato,
Eſte guincha, que o naõ rape;
Dalli diz-lhe a moça *çape*,
E o gato reſponde *miau*,
E a Senhora grita *xó*?
Deſſa ſorte amor tyranno
Faz das unhas duras fréchas,
Que atrepando da alma às bréchas
Corações, froſſuras, bofes,
Come, engole, e faz em pó.

Ha-

Haverá dentro terremoto, e ſahirá hum Diabo a cavallo em hum burro.

Diab. Qual de vós he D. Quixote de la Mancha?

D. *Quix.* Sou eu; que me quereis?

Diab. Qual he Sancho Pança?

Sanch. Naõ ſou eu; que me quereis?

Diab. Diga ſob pena de morte.

Sanch. He eſte criadinho de voſſa mercê.

Diab. Pois eſperay aqui ambos, que vem Merlim tirar do deſencanto a Senhora Dulcinéa del Toboſo. *Vaiſe.*

Sanch. Eu naõ vi Diabo mais cortez! Eſte Diabo devia ſer bem criado, e filho de bons pays, porque trata a Dulcinéa por Senhora.

D. *Quix.* Oh quem ſe vira já na tua viſta, amada Dulcinéa!

Fidalga. A logração vay ſahindo boa: muy tolo he o tal D. Quixote, e o criado! *à p.*

Sahirá hum carro, donde virá Merlim com barbas, e Dulcinéa, e outras figuras, trazendo vélas accezas nas mãos.

D. *Quix.* O' Sancho, tal eſtou de contente, e alegre, que tenho eſte dia pelo mais feliz de quantos tem havido.

Sanch. Senhor meu amo, voſſa mercê naõ vê lá em cima do cocuruto do carro huma couſa como eſpantalho de figueira?

D.

D. Quix. Sim, que ſerá aquillo?

Sanch. Que ſerá? He a Senhora Dulcinéa del Toboſo; naõ diga nada a ninguem.

D. Quix. Ay Sancho amigo, he poſſivel, que os meus olhos tiveraõ tal fortuna, que chegaraõ a ver aquella belliſſima, formoſiſſima, altiſſima, e ſapientiſſima Dulcinéa del Toboſo, inveja de Venus, e ardor de Cupido?

Sanch. Tomara ter dous ovos para frigir em meu amo, que ſe eſtá derretendo como manteiga.

Dulc. D. Quixote, Athlante do valor, columna do templo de Marte, non plus ultra das valentias, braço direito de Aquilles, coraçaõ de Pirrho, tu que ſabes entreſachar as delicias de Venus com os rigores de Marte, he chegada a occaſiaõ de me deſencantares, e livrares do poder deſtes magos encantadores, que por tua cauſa, e por emulaçaõ do teu valor, me tem encantado.

Sanch. He laſtima! Senhor, acudamos, que a pobre Senhora eſtá poſta na eſpinha. Coitadinha! Coitadinha!

Dulc. Eſtás mudo? Naõ me reſpondes, D. Quixote? Ora já que o teu amor te naõ move, movaõ-te as minhas lagrimas, miſturadas com o terno de minhas vozes.

Can-

Canta Dulcinéa a ſeguinte
A R I A.

Que importa, que a huma féra
(Ay infelíz!) Tu venças,
Se as iras immenſas
De hum monſtro cruel, irado,
Naõ pódes ſuperar?
Porque o valor galhardo,
Que adorna tanta esféra
He injuria ao teu ſer,
Se a mim, que ſou mulher,
Naõ ſabes libertar.

D. Quix. Senhora, até aqui eſtive arrebatado à esféra de tua formoſura, por cuja cauſa naõ te reſpondi: naõ quero dizer por palavras o meu offerecimento, e ſó por obras quero ſignificar o quanto devo fazer por ti, que es o eſpirito, que me animas no corpo de minha alma: dize o que queres, que eu faça, para livrarte deſſe encantamento?

Sanch. Saõ mãos perdidas; agora ſim, que ſe voſſa mercê brigar com trezentos gigantes, digo, que fará muito bem, porque a occaſiaõ veyo a pedir de boca, e a Senhora Dulcinéa he comezinha.

Dulc. D. Quixote, já me vay entrando o accidente encantado, que me impede o fal-

fallar; pois ſó tenho licença para iſſo hum quarto de hora; e aſſim o Senhor Merlim te dirá quem ha de ſer o inſtrumento do meu deſencanto, o como, e o quando.

D. Quix. Oh que dor! Agora lhe deu o encantado accidente na boca, para naõ fallar.

Sanch. Se foy na boca o accidente, ſeria de gotta coral, porque ella a tem bem vermelha.

Merl. D. Quixote valente, eſta, que vês, he a tua amada Dulcinéa, que por teu reſpeito a quero deſencantar; mas ha de ſer levando Sancho Pança trezentos açoutes bem puxados.

Sanch. Diga-me, Senhor Merlim, que tem o meu cú com o deſencanto da Senhora Dulcinéa?

Merl. Aſſim o diſpoem os aſtros, e os fados o determinaõ.

Sanch. Pois entenda, que ficará encantada para ſecula ſeculorum, que livre eſtá, que eu me açoute por ninguem.

D. *Quix.* Sancho, coraçaõ de pedra, alma de cantaro, entranhas de pedernal, naõ te movem aquellas lagrimas? Leva os açoutes, por tua vida, tem laſtima daquella flor, que apenas naſceo no jardim

da belleza, logo encontrou deſmayos nos encantos.

Sanch. A que delRey, digo, que me naõ quero açoutar; acoute-ſe voſſa mercê, já que he penitente de amor.

D. *Quix.* Meu Sancho, meu fiel amigo, deixa-te açoutar; iſſo que vem a ſer? Naõ negues huma couſa, que eſtá na tua maõ.

Sanch. Na minha maõ nego, no meu cú mais depreſſa.

Fidalga. Quem naõ he para aturar trezentos açoutes, menos aturará o pezo do governo de huma Ilha; ide, que ſois para pouco, vilaõ ruim; que fazeis vós em fazer o que vos pede huma Dama afflicta?

Sanch. Senhora, naõ tem remedio? Se naſci para ſer deſgraçado, venhaõ eſſes açoutes cos diabos: ay deſgraçada Ilha, que tanto me cuſta! Ah Senhor Diabo, haja-ſe com compaixaõ comigo, que eu lhe prometto, ſe me eſcapo deſta, hum cú de ſorvas com molduras de paparraz. Ay! hum, dous, vinte; ay cú de minha alma! *Leva Sancho os açoutes.*

D. *Quix.* Calla-te Sancho, calla-te, que já lá vay: es fiel companheiro!

Sanch. Sou hum dardo para elle, valha-o naõ ſey que diga. Olhe Senhora Dulcinéa,

néa, que taes tenho as bebas, para mor de vossa mercê.

Merl. Já Dulcinéa está desencantada, graças a Sancho Pança!

Fidalgo. Para bem vos seja, Senhor D. Quixote, o desencanto da Senhora Dulcinéa.

D. Quix. Será para que Vossa Grandeza tenha mais huma criada para o servir.

Fidalga. Ora Sancho Pança, na verdade, que fizestes huma acçaõ, a mais louvavel, que se póde considerar, digna de se estampar em cortiça com letras de alvayade: logo, logo, vos mando ser Governador dessa Ilha; ide, que espero de vós me façais bons serviços, pois sois homem de esperanças.

Sanch. Serviços de esperanças saõ verdes, entendo, que a Ilha será nas Caldas.

D. Quix. Sancho, vê que vás a governar; olha q̃ deves ter diante dos olhos a justiça.

Sanch. Sim Senhor, eu logo a mando pintar, e a porey diante dos olhos.

D. Quix. Naõ te corrompas com dadivas.

Sanch. Eu me salgarey para me naõ corromper.

D. Quix. Sancho, em duas palavras: Amar a Deos, e ao teu proximo, como a ti mesmo.

Sanch. Amen.

SCENA IV.

Mutaçaõ de sala de azulejos. Sahem varias danças, hum Meirinho, hum Escrivaõ, e dizem: Viva o nosso Governador Sancho Pança.

Sanch. EM fim naõ ha cousa nesta vida, que se naõ vença com trabalho! He possivel, que me veja eu feito Governador! De verdade parece-me, que estou sonhando! Ora o certo he, que naõ ha cousa como ser escudeiro de hum Cavalleiro andante! Ah sô Meirinho, endireite essa vara, e naõ ma troça à justiça; saiba Deos, e todo o Mundo, que me quero pôr recto com a sua espada.

Meir. Ora já que vossa mercê fallou em espada, e justiça, diga-me, porque pintaráõ a Justiça com os olhos tapados, espada na maõ, e balança na outra, pois ando com esta duvida, e ninguem ma póde dissolver, e só vossa mercê ma ha de explicar, como sabio em tudo?

Sanch. Que me faça bom proveito: Daime attençaõ Meirinho. Sabey primeiramente, que isto de Justiça he cousa pintada, e que tal mulher naõ ha no Mundo,

do, nem tem carne, nem ſangue, como v. g. a Senhora Dulcinéa del Toboſo, nem mais, nem menos; porém como era neceſſario haver eſta figura no Mundo, para meter medo à gente grande, como o papaõ às crianças, pintaraõ huma mulher veſtida à tragica, porque toda a juſtiça acaba em tragedia; taparaõ-lhe os olhos, porque dizem, que era veſga, e que metia hum olho por outro; e como a Juſtiça havia de ſahir direita, para naõ ſe lhe enxergar eſta falta, lhe cubriraõ depreſſa os olhos. A eſpada na maõ ſignifica, que tudo ha de levar a eſpada, que he o meſmo, que a torto, e a direito. Os Doutores, que fallaõ neſta materia, naõ declaraõ ſe era eſpada colobrina, loba, ou de ſoliga; mas eu de mim para mim entendo, que deſta eſpada a folha era de papel, os terços de Infantaria, os cópos de vidro, a maçã de craveiro, e o punho ſecco: na outra maõ tinha huma balança de dous fundos de melancia, como a dos rapazes: naõ tem fiel, nem fiador; mas com tudo dá boa conta de ſi, porque eſta moça, ſe naõ tem quem a deſencaminhe, he muy ſiſuda. Algum dia podia eu ler de ponto neſta materia, porque vos poſſo dizer, que criey a Juſtiça

a meus peitos; mas as cavallarias do Senhor D. Quixote fizeraõ-me com que fechasse os livros, e desembainhasse as folhas.

Meir. Já entendo o enigma: posso agora mandar vir os feitos para a audiencia?

Sanch. Oh magano! Feitos na audiencia! Aqui he secreta? Como se chama esta Ilha?

Escr. A Ilha dos Lagartos.

Sanch. Pois quando a crismarem, mudemlhe o nome, e chame-se a Ilha dos Panças, em memoria da minha barriga. Pergunto mais, a quanto está a canada de vinho?

Meir. A seis vinteis.

Sanch. Logo, logo, com pena de morte, se ponha a dez reis; naõ quero, que por falta de vinho deixe de haver bebados na minha Ilha: manday vir as partes para a audiencia.

Sahe hum homem.

Hom. Senhor Governador?

Sanch. Que quereis ao Senhor Governador?

Hom. Senhor Governador, peço justiça.

Sanch. Pois de que quereis, que vos faça justiça?

Hom. Quero justiça.

Sanch. He boa teima! Homem do diabo, que

que juſtiça quereis? Naõ ſabeis, que ha muitas caſtas de juſtiça? Porque ha juſtiça direita, ha juſtiça torta, ha juſtiça veſga, ha juſtiça cega, e finalmente ha juſtiça com velidas, e cataratas nos olhos?

Hom. Senhor, ſeja qual for, eu quero juſtiça, Senhor Governador.

Sanch. Huma vez que quereis juſtiça: O' lá ideme juſtiçar eſſe homem em tres páos.

Hom. Tenha maõ, Senhor Governador, que eu naõ peço juſtiça contra mim.

Sanch. Pois contra quem pedis juſtiça?

Hom. Peço juſtiça contra a meſma Juſtiça.

Sanch. Pois que vos fez a Juſtiça?

Hom. Naõ me fez juſtiça.

Sanch. Até aqui, ao que parece, o voſſo requerimento he de juſtiça: ora anday, dizey de voſſa juſtiça em tres dias.

Hom. Iſſo he muito ſummario.

Eſcr. Senhor, naõ ſaberemos o que pede eſte homem!

Sanch. Homem, que he o que pedis?

Hom. Peço recebimento, e cumprimento de juſtiça.

Sanch. E de que comprimento quereis a Juſtiça?

Hom. Seja do comprimento que for, que eu com tudo me contento.

Sanch. O' Meirinho, ide à gaveta da minha pa-

papeleira de choraõ da India, e entre varias bugiarias, que lá tenho, tiray huma Justiça pintada, que lá está, e day-a a este homem, e que se vá embora.

Hom. Senhor, eu naõ quero justiça pintada.

Sanch. Pois, beberraõ, naõ sabeis, que naõ ha nesta Ilha outra justiça, senaõ pintada? O' Meirinho, lançaime este bebado pela porta fóra, que nenhuma justiça tem no que pede.

Hom. Vio-se mayor injustiça! *Vaise.*

Sahe o Meirinho, trazendo prezo hum homem.

Meir. Senhor, este Taverneiro foy agora apanhado neste instante deitando agua em huma pipa de vinho; que se lhe ha de fazer?

Sanch. Agua em vinho! Ha mayor insolencia! O' homem do diabo, e naõ te cahio hum rayo nessa maõ? Logo seja enforcado sem appellaçaõ, nem aggravo: tenho dito.

Tav. Senhor, este Meirinho mente.

Sanch. Isso he outra cousa: huma vez, que o Meirinho mente, idevos embora; mas ouvis? Mandaime hum almude desse vinho, que quero ver se tem agua.

Tav. Viva vossa mercê muitos annos. *Vaise.*

Sahe huma mulher.

Mulh. Senhor Governador, venho queixarme

xarme a vossa mercê de huma insolencia.

Sanch. Como pede, idevos embora.

Mulh. Se vossa mercê ainda me naõ ouvio, como já me despacha?

Sanch. Pois eu naõ posso deferir sem ouvirvos?

Mulh. Senhor, foy o caso: Eu sou huma moça donzella, e solteira: fuy peccadora, cahi na tentaçaõ do diabo: hum magano ..... já vossa mercê me entende; e agora diz, que naõ quer casar comigo.

Sanch. Pois naõ caseis vós com elle, que esse he o mayor despique, que ha nesta vida.

Mulh. Senhor, eu quero casar, mas elle naõ apparece; supponho, que fugio.

Sanch. O' lá, metaõ essa mulher na cadêa com huma corrente ao pescoço, e grilhões aos pés, bem carregada de ferros, até apparecer o homem, com quem ella quer casar.

Mulh. Senhor, isso he contra a Justiça; veja vossa mercê, que eu sou huma mulher, que nunca fuy preza.

Sanch. Por isso mesmo; andáte.

Mulh. Que isto se permitta no Mundo!

Meir. Ainda cá naõ entrou Governador mais recto, nem mais sabio.

Sanch. He para ver! Naõ, comigo ninguem ha de brincar.

Hom.

Sahe outro homem gritando.

Hom. A que delRey, que me mataraõ : naõ ha juſtiça neſta Ilha ?

Sanch. Que tens homem ? De quem te queixas ?

Hom. Senhor Governador, eu eſtou paſſado de meyo a meyo ; naõ poſſo fallar, porque eſtou morto.

Sanch. Naõ podeis fallar, porque eſtais morto ? O' lá, tragaõ a alma deſte homem aqui em corpo, e alma, e metaõ-lha à força, para que falle ; que naõ he razaõ, que fique a Republica offendida na impugnaçaõ do delicto.

Hom. Senhor Governador, ouça voſſa mercê o caſo mais atroz, que tem ſuccedido neſta Ilha ; prepare os paſmos, tenha prompta a admiraçaõ, e deſenrole as attenções, para me ouvir.

Sanch. O' lá Meirinho, manday preparar os paſmos, tende prompta a admiraçaõ, e deſenrolay as attenções, para ſe ouvirem neſte Tribunal as queixas deſte Author de ſeu delicto ; que aſſim como à ninguem ſe póde negar a viſta, como diſpoem o *text. in l. Cæcus* §. *Tortus ff. de his, qui metit hum olho por outro*, e com muitos o provaõ Paõ Molle no *cap. das Codeas* ; tambem da meſma ſorte, o ouvido ſe naõ de-

deve fechar, para ouvir os queixoſos, como diſpoem a *l. das doze taboas de Pinho na ſegunda eſtancia de Madeira, Cod. de Barrotis.*

Eſcr. Eſte homem he hum burro de textos.

Sanch. Homem, dizey a voſſa queréla, que eu tiro a cera dos ouvidos para vos ouvir.

Hom. Senhor, foy o caſo .....

Sanch. Baſta; naõ me conteis mais; baſta, que eſſe foy o caſo! Ha mayor inſolencia! Que aſſim ſe perca o reſpeito à Juſtiça! O' lá, ò lá.

Hom. Senhor, eſcute voſſa mercê, que ainda iſto naõ he nada; ouça-me voſſa mercê até o fim.

Sanch. Quem ouvio eſſe caſo, naõ tem mais, que ouvir, ſenaõ logo fazer juſtiça a torto, e a direito. O' Meirinho, manday logo levantar huma forca no meu gabinete, para que mais publicamente ſeja caſtigado o delinquente.

Meir. Senhor, que delinquente, ſe voſſa mercê ainda naõ ouvio quem era?

Sanch. He tal a vontade, que tenho de fazer juſtiça, que logo me ſóbe a colera huma maõ traveſſa pelo eſpinhaço acima; de ſorte, que ſe naõ me advertis, que ainda ſe naõ tinha dito, quem era o deliquente, era eu capaz de mandar enforcar

forçar a vós Meirinho, que era a peſſoa mais prompta, que aqui tinha mais à maõ de ſemear.

Hom. Senhor Governador, faça voſſa mercê de conta.

Sanch. Tenho feito de conta; que mais?

Hom. Que indo eu andando, andando, andando.

Sanch. Ainda naõ acabaſtes de andar? Arre lá com tal andar! Sois muy bom para andarilho.

Hom. Indo pois andando.

Sanch. Anday homem, iſſo já eſtá dito; naõ me façais criar apoſtemas, que os inſtantes, que tardo em dar execuçaõ à juſtiça, ſaõ eternidades de penas, que me encaixais nas ilhargas.

Hom. Quando eu, eis que hia andando, manſo, e pacifico, ſem fazer mal a ninguem, eſtava hum burro atado a huma porta; quiz paſſar; pedi-lhe licença; naõ me reſpondeo: torneilhe a pedir com palavras cortezes, e levantando os pés do chaõ, peſpegou-me com duas pelotas de ferro bem na boca do eſtomago, de ſorte, que me fez deitar a bóſta pela boca. Eſte he, Senhor, o caſo; ſupplico a voſſa mercê, que naõ fique ſem caſtigo eſte inſulto.

Sanch.

Sanch. Naõ ficará por certo, e juro à fé de eſcudeiro andante, e pelas remélas de minha muito deſprezada mulher a Senhora D. Tereſa Pança, que ha de ver o Mundo o exemplar caſtigo de tanta culpa

Hom. Ay Senhor Governador, aqui, aqui bem na boca do eſtomago he todo o meu mal.

Sanch. Vêde lá naõ ſeja iſſo fome? A graça he, que ſe aſſim como o eſtomago tem boca, tivera dentes, que o tal burro lhe deitava os dentes fóra. Dizeime homem: eſſe jumento, que vos deu os couces, de que tamanho ſerá?

Hom. Eu naõ tenho aqui com quem o comparar.

Sanch. Olhay bem para mim; ſerá da minha eſtatura?

Hom. He o que póde ſer.

Sanch. Bem eſtá; pois vá o Meirinho comvoſco, e cheguem-ſe ao burro de manſinho, e digaõ-lhe: Prezo da parte do Senhor Governador, e bem atarracado o tragaõ aqui perante mim.

Vaõ-ſe o Meirinho, e o Homem, e trazem o burro.

Meir. Eiſaqui o delinquente, prezo, que me cuſtou bem a agarrallo.

Hom. Senhor Governador, eſte he o aggreſſor, e eſte he o que me ferio, ponha-lhe a ley às coſtas.

Sanch.

Sanch. Vejaõ voſſas mercês quem anda perturbando a Republica! Dize burro de Satanás: que mal te fez eſte homem para o maltratares deſta ſórte? O diabo do burro naõ reſponde, certos ſaõ os touros! Elle que ſe calla, cometteo o delicto, aſſim como nós aqui eſtamos. Como te chamas burro? De quem es? Donde moras? Quem he teu pay? Que dizes? A nada o burro ſe move: deve ſer burro velho, pois ſe cerra à banda, e naõ quer fallar. O' Meirinho, vós conheceis acaſo eſte burro, que ſois mais veterano neſte Paiz?

Meir. Com que voſſa mercê ſe eſtá fazendo de novas? Voſſa mercê naõ conhece, que eſte he o ſeu burro, ou o ruço por alcunha? Iſto he mal permittido, que talvez o burro fiado em voſſa mercê ande fazendo eſtes inſultos. Agora veremos a ſua juſtiça. *à parte.*

Sanch. Ha mayor deſgraça! Ay burro da minha alma, quem te diſſera a ti, que eu havia de ſer o meſmo, que te ſentenciaſſe? Por iſſo ao entrar me deitou huns olhos, como quem me dizia, que me houveſſe com elle com compaixaõ. Naõ tem remedio, hey de ſentenciarte; o que poderey fazer, he naõ dar execu-

çaõ

çaõ à ſentença : O' lá , ninguem ouça iſto. *à parte.*

Hom. Senhor , deſpache-me voſſa mercê , quando naõ farey hum deſatino.

Sanch. Para que ſaiba o Mundo a minha inteireza, e incorruptibilidade, ouçaõ todos , que ainda com ſer o burro meu , lhe dou a ſentença ſeguinte.

Vay dictando Sancho a ſentença.

Viſto eſte burro, accuſaçaõ do Author, provas dadas por huma , e outra parte, moſtra-ſe : que hindo o Author roçando-ſe pelo pé delle Reo burro, que por nome naõ perca , alçando o pé eſquerdo , deſpedio hum couce ; que pregando na barriga delle Author , ſalvo tal lugar , o eſtendeo como hum caçaõ ; e porque conſta da fé do Meirinho , que preſente eſtá , e naõ me deixará mentir , que o dito Reo burro , trazia eſcondido no pé huma ferradura de ferro ; e como ſemelhantes armas ſejaõ prohibidas , e defezas , por ſerem armas curtas , mando , que elle dito Reo burro ſeja desferrado, e vá paſſear ſem albarda pela feira das beſtas, expoſto à vergonha dos mais burros ſeus camaradas, para que ſe lhe faça a face vermelha , por me conſtar , que he burro de vergonha. Item, que naõ poſ-

ſa

ſa ſer pay de burrinhos, nem que ſe deite a lançamento. Item, que ſeja lançado à margem na Cotovia, onde naõ comerá, ſenaõ relva, ou caſcas de melaõ, e melancia, como burro de Aguadeiro; e pagará as cuſtas, e todas as perdas, e damnos, em que o condemno, &c. Ilha dos Panças alagartados, &c.

Todos. Viva o noſſo Governador Sancho Pança; viva para exemplo dos Miniſtros, e honra das Ilhas.

Sanch. Bem folgo, que vejais a minha inteireza; pois com ſer o burro meu, e tendo-lhe tanto amor, naõ foy eſte baſtante para deixar de fazer juſtiça. Agora quero eſcrever huma carta a minha mulher. O' Eſcrivaõ, eſcrevey lá: ponde em cima a cruz dos quatro caminhos, e huma alampada acceza.

Eſcr. Senhor, para que he a alampada?

Sanch. Sois aſno? Donde viſtes vós cruz ſem alampada?

Eſcr. Eſtá poſta.

Carta, que vay dictando ao Eſcrivaõ.

Sanch. Minha Tereſa, já ſabereis, que vos diria o diabo, que eſtou feito Governador em corpo, e alma; mas com me ver levantado do chaõ hum covado, naõ he razaõ; que o meu amor conjugal vos fal-

falte com o debito de minhas letras (tres pontos, e quatro virgulas) porque vós bem ſabeis, que quando no taboleiro do goſto, eſcolho o trigo do voſſo carinho, lanço fóra a eſvilhaca da ingratidaõ; pois joeirando as finezas, fica crivado o peito da correſpondencia; porém indo meu amor à atafona dos extremos, alli ſe desfazem em pó as caricias do coraçaõ; e furtando-me o atafoneiro da diſtancia as maquías da voſſa viſta, peneiraõ os meus olhos lagrimas; e com ellas amaſſando a farinha da magoa no alguidar da ſaudade, levaõ em creſcimento o ſuſpiro, até que tendendo-ſe na taboa dos rigores, vay para o forno das penas, e alli ſe coze com o fogo do deſejo; e dando ao moço a merendeira do pezar, guardo o paõ azedo de voſſa lembrança no armario de minhas memorias. (ponto de interrogaçaõ) Em fim mulher, tenho determinado, que andeis em coche vós, e minha filha, a quem peço, ſe lembre, que tem hum pay Governador. Ahi vos mando eſſes caramujos, e eſſe ſacco de arêa, que he o que ha neſta Ilha: graças a Deos, que ainda nos dá mais do que merecemos. O burro fica bom, e ſe recomenda com muitas lembranças, e diz, que

que hajais esta por vossa, que naõ vós escreve, por ter huns cravos em huma maõ, que lhes fez hum ferrador em humas bulhas, que tiveraõ. Vede se presto para alguma cousa, que vo la hey de fazer. Ilha dos Lagartos. Vosso Marido se quizeres. Sancho Pança, Governador. Esta Carta será logo entregue.

Meir. Sim Senhor. Ora basta já de despacho; naõ queremos, que vossa mercê se esfalfe; nem tudo se ha de levar ao cabo: venha vossa mercê jantar, que o Cohcelho desta Ilha tem preparado hum magnifico banquete para vossa mercê nas casas da Camera.

Sanch. Meirinho, jantar de Camera será de cousa, que já foy jantada, e assim vede lá o que dizeis.

Meir. Se vossa mercê o naõ quer na Camera, será aqui mesmo, e vamos, que depois havemos ir rondar a Ilha.

Sanch. Vamos nós reconhecer os pratos, e daime de jantar, seja aonde for, porque o ventre *non patitur moras.*

Meir. Vamos. *Vaõ-se.*

SCE-

SCENA V.

Mutação de sala. Estará huma mesa mal ordenada, com huma garrafa em cima; estaráõ hum Medico, e hum Cirurgiaõ, dous Rebecas, e hum Rebecaõ; e sahem Sancho, o Meirinho, e o Escrivaõ.

Sanch. QUem te dissera a ti, pobre Sancho Pança, que da rustica choupana de tua Aldêa havias de chegar a tanta honra! Sem duvida, que o apparato desta mesa he digno de jantar nella hum absoluto Principe! Se isto he no preparatorio, que será na codea! Ay esfaimado Sancho Pança, desta vez tirarás o ventre de miseria : quem me dera ter nesta occasiaõ sete bocas, dez gorgomillos, quatro ordens de dentes, e oito bandulhos para devorar, e engolir tanta comezana!

Meir. Senhor Governador, sente-se vossa mercê.

Sanch. O' meu rico Meirinho do meu coraçaõ, dizeime, quem saõ estes dous bigorrilhas?

Meir. Este he o Medico, e este he o Cirurgiaõ, que ambos costumaõ assistir nos

banquetes, que ſe daõ aos Governadores, por grandeza, e eſtado.

Sanch. Eu lhe perdoara o eſtado, com tanto que a grandeza ſó fora no comer. E quem ſaõ eſtes de cabelleira loura muito bulliçoſos?

Meir. Eſtes ſaõ os que tangem varios inſtrumentos, em quanto ſe come, para excitar o appetite.

Sanch. Eu eſcuſo acepipes para comer, pois o tenho para ſeis boys.

Tocaõ os inſtrumentos muito deſafinados.

Meir. Que tal tangem?

Sanch. Eſſa tocata he de rigor, parece feita por ſolfa.

Med. Senhor Governador, ora por vida ſua, que nos faça a honra de comer: faça-nos eſte goſto por quem he.

Sanch. Naõ he neceſſario tanto rogo: eſte Medico tem feiçaõ. *à parte.*

Med. Primeiramente, Senhor Governador, ha de voſſa mercê comer com parcimonia.

Sanch. Parcimonia he couſa de comer?

Med. Parcimonia he comer com temperança.

Sanch. Iſſo de temperos pertence ao coſinheiro.

Med. Temperança por outro nome he o meſ-

mesmo, que comer pouco, e com regra; pois conforme a melhor opiniaõ dos modernos, o muito comer estraga a natureza.

Santh. Ainda esta he peyor! Ora digo-vos, que sois hum asno. O comer muito he proveitoso para a barriga, porque se enche; pois conforme a melhor Filosofia *non datur vacuum in rerum natura*; e assim hey de comer.

Cirurg. Senhor Governador, com licença de vossa mercê, antes que coma, he preciso fazer huma diligencia do meu officio da Cirurgia.

Sanch. Entendo que este banquete tem algum apostema, que o Cirurgiaõ quer tambem meter a tenta: vamos lá, que he isso?

Cirurg. Quero endireitarlhe o pescoço, tenha-o sempre direito, naõ o troça, quando comer; porque facilmente póde quebrar alguma veya.

Sanch. Naõ me deixareis comer, como eu quizer? Que tendes que eu coma torto, ou direito? Vós cuidais, que esta he a primeira vez, que eu como na minha vida?

Med. Senhor, huma cousa he comer como Escudeiro, e outra como Governador; e como tal queremos, que vossa mercê

coma, como manda a arte Medica, e Cirurgica; pois a conſervaçaõ da ſua vida nos importa em muito, como unico refugio, em que ſe eſtriba a noſſa eſperança.

Sanch. Seja o que vós quizereis, e deixaime comer; venha a ſopa.

Med. Iſſo he ſopa? Nada, fóra! Naõ coma voſſa mercê ſopa, que he muito nutritiva, geradora, damnoſa, ſanguinaria, e lhe póde reſultar hum eſtupor.

Sanch. Com que a ſopa faz eſtupor? Vós he, que ſois o eſtupor da ſopa. Hey de comella, mas que me dem duzentos eſtupores.

Med. Requeiro a voſſa mercê da parte da ſaude, que naõ coma ſopa, que neſta Ilha a ſopa prova muito mal.

Sanch. Iſſo he, porque voſſês naõ ſabem provar bem a ſopa.

Med. Ora Senhor Governador, deixe voſſa mercê iſſo, pois naõ falta comer, em que voſſa mercê ſe poſſa fartar: coma eſſe prato de aſſado.

Cirurg. Naõ, com licença de voſſa mercê, Senhor Doutor, tambem agora naõ he licito, que o Senhor Governador coma aſſado, que lhe póde ferir a garganta, pelo torrado do forno, e pela acrimonia do molho.

Med.

Med. Pois naõ coma aſſado, ſe a Cirurgia aſſim o manda.

Sanch. Com que voſſê, Senhor Doutor, he Juiz da conſciencia da minha barriga? Eſtá galante hiſtoria, dizer lá o bigodes do Cirurgiaõ, que o aſſado faz mal à garganta!

Meir. Senhor Governador, o que os Senhores dizem, tudo he para ſeu bem; e elles, que o dizem, bem o entendem.

Sanch. Meirinho, eu ſempre ouvi dizer, que quem te dá o oſſo naõ te deſeja ver morto, e eſtes Fyſicos naõ ſó me naõ daõ a carne, mas tambem me naõ daõ o oſſo; e ſenaõ dizeime, para que me convidaraõ eſtes Senhores, ſe me naõ deixaõ comer?

Med. Eſſa he boa! Nós lhe prohibimos o que he nocivo; ahi naõ faltaõ manjares para voſſa mercê comer.

Sanch. Ora eſtá bem: vamos comendo eſtas perdizes.

Med. Tá, tá; perdizes por nenhum caſo; ſaõ perniciosas à vida do homem.

Sanch. A que delRey Senhores: ha quem tal diga da perdiz, que ſe come com a maõ no nariz, por ſer taõ excellente, que he neceſſario apertarſe o nariz, para que naõ eutre por elle?

Med.

Med. Senhor Governador, deme attençaõ: A perdiz, como diz Averróes, he muito indigesta: *Omnis saturatio mala; perdix autem pessima.*

Sanch. Ora, Senhores, deixem-me já por caridade comer aquelle prato de vaca, para consolaçaõ desta pobre pança; pois sempre ouvi dizer a meu amo, que *vacare culpa, magnum est solatium.*

Med. Olhe vossa mercê, Senhor Governador, naõ duvidamos, que a vaca he generoso alimento; porém como vossa mercê ainda naõ comeo cousa alguma, naõ he licito, que coma vaca estando em jejum; porque a vaca he alimento muy forte; e eomo o estomago está fraco, peleja o forte com o fraco, e he forçoso que fique o fraco vencido, e do vencimento póde resultar a morte muy facilmente.

Sanch. Visto isso tambem estou inhabilitado para comer vaca?

Med. Por ora sim.

Sanch Que por ora, se eu por instantes me estou desmayando com fraqueza? Deixem-me comer aquelle prato, que alli está, que morro com fome.

Med. Senhor, está louco? Quer comer pratos? Naõ vê que he de estanho, e

que

que lhe póde fazer huma grande obſtrucçaõ na barriga?

Cirurg. Uy Senhor, eſtanho naõ he bom para o eſtomago; nem derretido, quanto mais crú.

Sanch. Ora iſto he já pouca vergonha: hey de comer o que eu quizer; pois ſou Governador em chefe com mero mixto imperio neſta Ilha, e ſeus arredores.

Med. Senhor, tenha maõ.

Sanch. Sim tenho maõ, para vos dar muita bofetada a vós Medico de ourinas, e a vós Cirurgiaõ de trampa.

Meir. Senhor, naõ coma, que lhe póde fazer mal, que o dizem os Senhores.

Sanch. Se o comer faz mal, tambem o naõ comer o faz; e ſe hey de morrer de naõ comer, quero morrer comendo: Morra Marta, morra farta.

Haverá grande bulha ſobre o comer, ou naõ comer.

Med. Acudaõ todos, que o Senhor Governador ſe quer matar por ſuas mãos.

Rebecas. Senhor, pague-nos voſſa mercê, que aqui eſtivemos para tanger rebecas.

Sanch. Iſſo era pagar os açoutes ao verdugo.

Todos. A que delRey ſobre o Governador, que nos naõ quer pagar.

Cirurg. A que delRey ſobre o Governador, que ſe quer matar pelas ſuas mãos.

Sanch.

Sanch. A que delRey, que me querem matar à fome.

Meir. Vamos rondar a Ilha, que he já noite.

Sanch. Naõ quero rondar, leve o diabo a Ilha; ha aqui perto alguma taverna?

Escr. Ora vamos, que ao depois, sem que o Medico, nem o Cirurgiaõ saibaõ, lhe daremos bem que comer.

Sanch. Vede lá o que dizeis?

Escr. Tenho dito, e fie-se em mim.

Sanch. Ora vamos rondar; mas esperay, e se acharmos alguns Marujos, que nos quebrem os narizes, quc conta havemos dar de nós?

Meir. Por isso mesmo, para os prender.

Sanch. Isso he o mesmo, que quebrar hum olho a mim para tirar dous a meu contrario: naõ Senhor, deixe vossa mercê patuscar a quem patusca; já que o naõ podem fazer de dia, deixemolos patuscar de noite, que he sua, e ninguem lha póde tirar por força.

Meir. Vamos, Senhor, senaõ daremos com vossa mercê fóra daqui.

Sanch. Vamos; mas olhe, que lhe digo, que eu vou, como quem vay para a forca.

SCE-

SCENA VI.

Mutaçaõ de casas. Estaráõ alguns rebuçados, e se canta o oitavado, e sahem Sancho, o Meirinho, e Escrivaõ rondando.

Sanch. AGora me lembra o meu tempo, quando eu namorava a minha Teresa; isso eraõ canas! Deilhe huma vez hum descante, que fazia bailar as tripecinhas: o demo da rapariga era esquiva, como naõ sey que: huma vez pedilhe, que me deixasse beijarlhe a maõ, e virou-me o rabo com tanta galantaria, e gentileza, que lho beijey, cuidando, que era a maõ: cantava-lhe o meu oitavado do Inferno, que era como estar hum homem com as vozes do meu canto a dar co corpo à sola.

Meir. Vamos prender esses maganos.

Sanch. Deixay-os Meirinho.

Meir. Senhor, isto he hum desaforo, andar desinquietando as moças honradas, que estaõ em casa de seus pays.

Sanch. Dizeis bem: O' lá, ò Senhores esquinados, vossês bem podem namorar sem desinquietar as raparigas.

Escr. Vossês naõ tem respeito à Justiça? Vaõ-se logo embora.

Sanch.

Sanch. O' filhos, naõ deis eſcandalo à viſinhança, nem deis motivo a diſturbios com voſſos divertimentos, quando naõ farey juſtiça.
Hom. Vàmos dar outro deſcante pela parte do quintal.
Meir. Alli eſtá hum vulto naquella eſquina, reconheça voſſa mercê quem he.
Sanch. Como o hey de reconhecer, ſe elle eſtá embuçado?
Meir. Por iſſo meſmo.
Sanch. Ah Senhor, deſembuce-ſe lá, olhe que o quero reconhecer; ay que o reconheci!
Meir. Quem he?
Sanch. He hum homem, que eſtá embuçado.
Meir. Pergunte-lhe quem he, da parte do Senhor Governador.
Sanch. Quem he, da parte do Senhor Governador?
Hom. Que lhe importa?
Sanch. Naõ diſſe eu, que ſe havia de agaſtar? Voſſês naõ querem tomar o meu conſelho.
Meir. Torne-lhe a perguntar.
Sanch. Quem he da parte delRey?
Hom. He a pérra, que o pario.
Sanch. Ay que he minha mãy! Mas ella já mor-

morreo; ſerá a ſua alma, que me vem ver. Diga por vida ſua quem he.

Hom. Sou ſua avó torta.

Sanch. Mente, magano, que minha avó naõ era torta, nem na minha geraçaõ houveraõ tortos. Torto ſerá voſſê.

Meir. Venha prezo da parte delRey.

Hom. Digo que naõ quero ir prezo.

Sanch. Voſſê naõ quer ir prezo? Olhe bem o que diz.

Hom. Naõ quero, tenho dito.

Sanch. Pois vá-ſe embora.

Meir. Que quer dizer, naõ quero ir prezo? Venha logo.

Sanch. Meirinho, vós ſois terrivel; ſe o homem naõ quer ſer prezo, para que o havemos levar contra ſua vontade? Naõ vedes, que póde dar huma força de nós?

Meir. Ora iſſo he já pouca vergonha! Ha de vir deſta ſorte.

Hom. Venha para cá, que eu o enfiarey.

Puxaõ pelas eſpadas, e foge Sancho.

Sanch. Pés para que te quero! Lá vay o Meirinho cos diabos: de boa eſcapey eu! *Vaiſ.*

Meir. Ah Senhor Governador?

Sanch. Naõ deixaráõ a eſte pobre Governador lograr o ſeu governo deſcançado na cama com as pernas para o ar?

Meir. Senhor Governador?

Sanch.

Sanch. Mudos ſejais vós todos os dias da voſſa vida: arre lá com o ſalvajinha! Bate, que parece, que piza eſparto.

Eſcr. Voſſa mercê naõ ouve, Senhor Governador?

Sanch. Iſſo he tollice, pois ſe eu ouvira naõ houvera reſponder?

Meir. Ora ouça, que eſtou batendo.

Sanch. Com a motinada do bater naõ ouço nada.

Meir. Pois já naõ bato, ouça voſſa mercê.

Sanch. Huma vez, que naõ bateis, entendo, que naõ quereis entrar.

Eſcr. Voſſa mercê parece que naõ ouve?

Sanch. Naõ poderey ſer ſurdo, ſe quizer? Olhem que eſtá boa!

Meir. Senhor, que eſtá a Ilha cercada de inimigos, acuda voſſa mercê.

Sanch. A Deos minhas encomendas: lá vay o pobre Sancho Pança deſta bolada.

Eſcr. Senhor, venha defender a Praça; ſayanos a governar como bom Capitaõ.

Sanch. Manday cantar a Ladainha de todos os Santos, e vereis como ſe vaõ.

Meir. Ora iſto he já pouca vergonha, lá vay a porta dentro.

Sahe Sancho.

Sanch. Eſperem, que eu lá vou para fóra. Voſſês eſtaõ aqui ha muito tempo?

Meir.

Meir. Ha mais de duas horas.

S*anch*. Porque naõ fallavaõ? Eu adevinho? Pois que temos?

Escr. Estamos perdidos.

S*anch*. Alguem nos achará.

Meir. Inimigos na Ilha; acudamos a defendella.

S*anch*. Pois façamo-nos seus amigos, e dizeilhe, que entrem.

Escr. Pelejemos, Senhor.

S*anch*. Isso he mais: eu sou cá espadachim? Naõ basta, que elles briguem?

Meir. Senhor, que já elles ahi vem; vamos sahirlhe ao encontro.

S*anch*. Tomara-me naõ encontrar com semelhante gente: vaõ vossês brigar, se quizerem, que eu fico governando a Ilha.

Escr. Senhor, que vem passando tudo a cutélo; defendamo-nos.

S*anch*. Isso he outra cousa. O' lá, todos os nossos soldados se ponhaõ em ala com as mãos atadas para traz, para que logo sejaõ degollados; e quando os inimigos vierem, ninguem lhes faça mal: deixem-lhe tomar a Ilha, que mais val tomada, que perdida.

Meir. Vamos, Senhor.

Sahem alguns homens.

Tod. Morra Sancho Pança. Vitoria.

Sanch.

Sanch. Morra muito embora, com tanto que me naõ matem.

Tod. Efte he o Governador: venha prezo.

Cabe Sancho no chaõ.

Sanch. Eu quero morrer, antes que me matem.

Tod. Elle eftá morto, enterremo-lo.

Sanch. Peyor eftá efta: quem lhe diffe a elles que eu queria, que me enterraffem?

Tod. Levemo-lo a enterrar.

Sanch. Naõ, eu naõ fou morto de ceremonias; eu hirey mefmo por meu pé.

Tod. Peguem nelle.

SCENA VII.

Mutaçaõ de jardim, aonde eftaráõ o Fidalgo, a Fidalga, e D. Quixote.

D. Quix. SEnhora Excellentiffima, Fidalguiffimo Senhor, naõ fey aonde pretendem chegar voffas grandezas com tantas liberalidades, quantas faõ as com que trataõ a hum Cavalleiro andante! Algum dia faberey pagar tantos beneficios; pois tambem os Senhores naõ fe livraõ de eftarem encantados.

Fidalga. Senhor D. Quixote, ainda fazemos pouco, fegundo o que merece hum Cavalleiro

valleiro andante, como voſſa mercê.

Fidalgo. Se a minha caſa naõ eſtivera taõ empenhada, voſſa mercê vira o noſſo primor.

Sahe Sancho.

Sanch. O diabo leve a Ilha, e mais quem me mandou para ella.

Fidalgo. Que he iſſo Sancho Pança? Que conta me dàis da minha Ilha?

Sanch. Aonde eſtá a galantaria de me mandar Voſſa Reverencia a ſer Governador de huma Ilha atreita a inimigos? Elles lá ficaõ a paz, e ſalvo, e eu vim fugindo a unha de burro.

Fidalgo. Pois naõ a ſoubeſte defender.

Sanch. Defendi-a até a ultima gotta de ſangue, e até me fiz morto, a ver ſe elles fugiaõ; mas os malditos naõ tem medo de defuntos.

D. Quix. Vaite, cobarde gallinhóla; iſſo he o que aprendeſte do meu valor ha tantos annos na eſcóla da minha milicia? Naõ te hey de ver mais a cara. Que ſe ha de dizer de mim, ſe tu dás má fama do meu valor?

Fidalga. Senhor, os accidentes da fortuna naõ ſaõ desluſtres do valor; iſto podia acontecer ao mais valente.

Sanch. Iſſo eſtava eu para o dizer agora, e ti-

tirou-me da boca, o que eu já tinha entre os dentes.

Sahe hum Escudeiro.

Escud. Senhor D. Quixote de la Mancha, a Senhora Condessa Trifalde pede licença para fallar a vossa mercê.

D.Quix. Dizeilhe, que entre, com licença dos Senhores.

Cond. Senhor, aos pés de vossa mercê busca remedio huma desgraçada Condessa, a qual vive encantada ha vinte annos, com tal extravagancia dos encantadores, que tendo eu o melhor caraõ, me fizeraõ crescer na cara as mayores barbas, que nunca se viraõ em homem algum; e assim só o vosso valor me póde desencantar.

Sanch. Esta he mulher de bigode.

D.Quix. Senhora, menos rogo, que esse, bastava para vos desencantar.

Cond. Pois eu chamo hum cavallo, no qual subireis à regiaõ etherea a desencantarme, e vosso criado Sancho Pança ha de ir nas ancas.

Sanch. Senhora Condessa Trifaldas, eu sempre ouvi dizer, que o dar vinha nas ancas do prometter; eu já estou desenganado do que daõ de si estes desencantos; com que, sem que me paguem, naõ vou, mais que me frijaõ.

Cond.

Cond. Dou-te huma joya, que val mil moedas, que tambem eftá encantada.

Sanch. Pois eu vou defencantar a joya, e meu amo a voffa barbaridade.

Canta a Condeffa Trifalde a feguinte

ARIA.

As nuvens com ventos
Soberbos, violentos,
Me tragaõ voando
Hum bello cavallo,
E nelle montado
Dom Quixote vá.
Tambem Sancho Pança
Chegue a montallo;
Porque defta forte
Se veja a mudança
Do rofto, que he morte,
Se barbas fe dá.

Nas ultimas claufulas da Aria defce o cavallo, e montaõ D. Quixote, e Sancho Pança.

Sanch. Naõ lhe aperte muito o freyo, que he doce da boca.

D.Quix. Já paffámos a regiaõ aeria.

Sanch. Aerio eftá voffa mercê. Efte cavallo anda, que parece que voa. Para a carga! Efte cavallo, como vay pelo ar, tem muita ventofidade.

D.Quix. Esta he a regiaõ do fogo : já estamos perto.

Cahe o cavallo com D. Quixote, e Sancho.

Sanch. Esta he a regiaõ da terra : ay que quebrey as costellas ! Ay Senhora Condessa, ou Senhora alcofa, aonde estaõ as moedas?

Cond. Senhor D. Quixote, já estou desencantada ; vivais muitos annos : Sancho Pança as moedas haõ de vir para o tempo dellas : a Deos.

Sanch. Ha mayor insolencia ! Tu es asno Sancho ? Pois leva, leva. Senhor, eu me resolvo a ir para a minha Aldêa sangrarme, e purgarme ; pois tenho levado tantas quédas de desgraça, sem que pudesse ter quéda com a fortuna.

D.Quix. Senhores, Vossas Grandezas me haõ de dar licença, que naõ he razaõ esteja aqui tanto tempo, sem ir desencantar outras pessoas, visto ter já desencantado esta Condessa.

Fidalga. Naõ posso estorvar a vossa mercê este louvavel exercicio das suas Cavallarias.

Fidalgo. Viva mil annos o Senhor D. Quixote por tantos desencantos.

D. Quix. Senhores, isto em mim sempre foy obrigaçaõ. Sancho, vay sellar os cavallos.

Sanch. Vamo-nos já desta casa encantada.

SCE-

SCENA VIII.

Mutaçaõ de bosque. Sahem Sansaõ Carrasco, D. Quixote, e Sancho, os dous primeiros a cavallo.

Carr. AGora veremos se deste segundo desafio tenho a fortuna da minha parte, e darey quanto possuo, se chegar a vencer agora a este D. Quixote, para ver se lhe posso tirar da cabeça a este louco a loucura, que tem emprendido. Eu te prometto, que tu fiques desenganado, e por estes par de annos naõ montarás a cavallo. Oh se quizera a ventura, que agora o encontrasse! Mas se me naõ engana a vista, lá vejo vir hum Cavalleiro: elle he sem duvida; apressarme quero. (*Sahe D. Quixote*) Se sois Cavalleiro andante, brigay comigo.

D.Quix. Como se o sou? Naõ só comvosco brigarey, mas com mil de vós.

Sanch. Máo, isto he caso pensado, e rixa velha.

Carr. Investi Cavalleiro.

D. Quix. Invisto. *Cahe D. Quixote.*

Sanch. Oh desgraçado, aqui vieraõ ter fim as tuas Cavallarias andantes! Ah Senhor

naõ o mate por vida ſua : deixe-o para tronco dos Cavalleiros andantes.

D.Quix. Eſtou vencido : nem ſempre a fortuna me havia de ſer favoravel.

Carr. Pois eſtais vencido, mando-vos, que naõ tomeis armas por eſpaço de dez annos, e vos recolhais a voſſa caſa.

Sanch. Oh nunca ta maõ doa! Bem hajas.

D.Quix. Como bom Cavalleiro devo obedecer : dizeime, quem ſois?

Carr. Eu ſou Sanſaõ Carraſco, a quem venceſtes já huma vez ; agora quizeraõ os aſtros, que eu vos venceſſe, para que vos recolhais em paz para a voſſa caſa, que aſſim mo pedio voſſa ſobrinha, e voſſa ama.

Sanch. Ora, Senhores, acabou-ſe a valentia de D. Quixote, graças a Deos! Tirey bom fruto delle; bem me diſſe a minha filha ao deſpedirme. Com que agora dando fim a eſta verdadeira Hiſtoria hirey cantando.

Taõ alegres, que viemos,
E taõ triſtes, que tornamos.

Canta o Coro como no principio.

FIM.

ESO-

ESOPAIDA,
OU
VIDA DE ESOPO,

Que ſe repreſentou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Abril de 1734.

ARGUMENTO.

ESopo Filoſofo, ſendo cativo, ou eſcravo de Zeno, foy vendido a Xanto Filoſofo Atheniense, o qual eſtimou muito a Eſopo, por ſer gracioſo, e ſabio. Eſte ſervindo a ſeu Senhor Xanto em a Cidade de Athenas, veyo ſobre a meſma Cidade ElRey Creſſo de Lidia, com hum grande Exercito. Foy inſinuado pelo Oraculo de Jupiter, que Eſopo, como ſabio, foſſe o Director da defenſa dos Athenienſes, e com ſeus ardís os livrou, dando o Povo a Eſopo a liberdade em beneficio da Patria. Caſa Periandro com Filena, filha de Xanto. ElRey Creſſo premêa os grandes merecimentos de Eſopo fazendo-o Governador da Cidade, e levanta o cerco. O mais ſe verá em o contexto da Hiſtoria.

IN-

INTERLOCUTORES.

Cresso, Rey de Lidia.
Zeno, Filosofo, Senhor de Esopo.
Xanto, Filosofo.
Periandro, Discipulo de Xanto, amante de Filena.
Ennio, Discipulo de Xanto.
Temistocles, Senador.
Filena, Filha de Xanto.
Euripedes, Mulher de Xanto.
Geringonça, Criada de Euripedes.
Esopo, Filosofo.
Soldados, e Coro.

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Mutação de Praça com casas, e huma feira com gente.*
II. *Mutação de Camera.*
III. *Mutação de Sala.*
IV. *Mutação de Camera.*
V. *Mutação de Mar.*
VI. *Praça. Mutação de Noite.*
VII. *Mutação de Exercito.*
VIII. *Mutação de Templo.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *MUtaçaõ de Selva.*
II. *Mutaçaõ de Arrayal.*
III. *Mutaçaõ de Selva.*
IV. *Mutaçaõ de Camera.*
V. *Mutaçaõ de Arrayal.*
VI. *Mutaçaõ de Pateo escuro.*
VII. *Mutaçaõ de Camera.*
VIII. *Mutaçaõ de Arrayal.*
IX. *Mutaçaõ de Jardim.*
X. *Mutaçaõ de Sala.*

PARTE I.

SCENA I.

Depois de cantar o Coro, deſcobre-ſe a Praça com fonte, e haverá como huma feira, com grande concurſo de homens, e mulheres, e hiráõ ſahindo Zeno com os dous Eſcravos, e Eſopo mais atraz.

Zen. NOtavel dia de feira, para hum homem ganhar com eſtes tres eſcravos ſe quer duzentos por cento, que naõ he uſura! Oh queira Jupiter, que naõ chova! Naõ me dirás, Eſopo, já que es taõ prezado de reſpondaõ, porque quaſi ſempre em todas as feiras chove?

Eſop. Iſſo tem pouco, que ſaber: porque como quaſi ſempre as feiras ſe fazem nos Rocios, por força ſe haõ de molhar, ou rociar as feiras.

Zen. Que depoſitaſſe a Providencia em vaſo taõ toſco huma alma taõ perfeita, como a deſte Eſopo!

1. *Eſcr.* Para que nos trará noſſo Patraõ hoje à feira? Iſto he novidade.

2. *Eſcr.*

2. *Escr.* E o que mais me faz desconfiar, he o vestirnos com roupas novas, e trazernos muy Franças. Que dizes, Esopo, que será isto?

Esop. De sorte, meus amigos, que segundo a perspectiva, em que estamos, cheira-me isto a que nosso Patraõ nos traz aqui, para que alguem se namore de nós para casar; porque elle he muito amigo de fazer geraçaõ na bolsa.

1. *Escr.* Naõ, isto he mais alguma cousa.

2. *Escr.* Isto he o que quer que he.

Esop. Seja o que for: nunca cuidey no que está para vir. Naõ ha cousa como hum criado ser bem procedido de unhas em fóra, que logo naõ tem que temer, nem que cuidar; e para que vejais o quam pouco se me dá disso, vamos vendo esta feira.

Zen. Donde Esopo vás? Tu naõ ouves? Com quem fallo eu?

Esop. He comigo?

Zen. Sim.

Esop. Eu naõ me chamo Esopo Vaz, sou Esopo só, nú, e espurio, como minha mãy me pario.

Zen. Aonde hias, entremettido?

Esop. Se eu fora entremettido, perguntara a vossa mercê, para que nos traz hoje a esta grande feira.

Zen.

Zen. Para vendervos a todos tres; pois todos ttes sois intoleraveis pelas vossas manhas; porque tu es hum bebado, e tu hum ladraõ.

Esop. Visto isso, quem comprar a este, sendo ladraõ, compra-o com sizo, e tudo. E eu, Senhor, quaes saõ as minhas habilidades, ou virtudes?

Zen. Saõ boas! primeiramente mexiriqueiro, e bacharel.

Esop. Se eu fora Bacharel soubera Direito; se eu soubera Direito, eu me endireitara, e naõ fora corcovado; naõ he por ahi, que vay o gato às filhozes: tem mais de que se accuse?

Zen. Mais tenho: e o ser alcoviteiro naõ presta?

Esop. Eu digo, que naõ presta; mas olhe, o que lhe digo he, que se vossa mercê me vende por isso, que naõ faltará quem por isso me compre. Ora o certo he quc estamos em hum tempo, que se naõ sabem estimar os homens de prendas, ou as prendas dos homens! Se vossa mercê bem soubera o que eu sou, talvez que me naõ vendera. Porém fallando com a mais cativa reverencia, naõ he o mel para a boca do asno.

Zen. Qual he o mel, e qual he o asno?

Esop.

Esop. O asno, fallando por entre os dentes, he vossa mercê, e o mel he o que sahe, e o que levo do tinteiro.

Zen. Acaba com isso, que se começas com arengas nunca acabarás. Mas em quanto vem chegando os feirantes, vamos passeando por esta praça. Que te parece? Naõ he boa?

Esop. De boa tem pouco.

Zen. Pois achas, que esta praça naõ he boa? Que achaques lhe pões?

Esop. Senhor, naõ póde deixar de ser achacada huma praça com fontes; e a meu ver tem dor de pedra, porque ourina de vagar.

Hom. Ah sô amigo, que procura? Se quer huma boa espada, aqui a tem.

Esop. Sou tentado com espadas; este homem he bruxo, adevinhoume o genio; vejamos lá, que tal he?

Hom. He huma folha velha.

Esop. Folhinha velha, isso he do anno passado, naõ me serve para este; quero huma folhinha para este anno, que vem, com hum eclypse de estocadas.

Hom. Naõ me entende? Digo, que tem aqui huma espada velha.

Esop. Peyor, eu naõ quero senaõ huma espada nova; e vem cá o Senhor à feira com huma espada velha!

Hom.

Hom. Vá-se dahi, que naõ entende de espadas; ahi tem rocas, vá comprallas.
Esop. O homem naõ tem sizo. *à parte.* Pois fia vossê de mim, que naõ entendo de espadas? Pois saiba, que meu pay foy hum ferro velho, e quando me gerou na bainha de minha mãy, nasci eu taõ espadaûdo, que cuidou a Comadre, que era eu hum peixe espada; e por final, que com poucos dias de nascido, me punhaõ à cabeceira huma espada núa por amor das bruxas.
Hom. Passa fóra carcunda; onde levas a merenda às costas?
Esop. A das costas he minha, e a que está mais abaixo he para vossê.
Outr. Fóra Poeta.
Esop. Olha tu, naõ te faça huma sinaléfa na cara, e hum Poema de pés quebrados.
Zen. Valha-te o diabo, maldito, naõ te callarás, que es aqui a fabula do povo?
Esop. Pois se eu sou a fabula do povo, tambem o povo he a fabula de Esopo.
Mulh. Aqui tem boas couves, menino, merque comigo.
Esop De veras, que a menina das couves naõ he máo repolho para a panella do amor.
Mulh. Olhay quem falla em amor! Tira-te
lá

lá espantalho, naõ me enguices a venda.

Esop. Eu nunca vi Venus com venda. Vem vossês, esta couveira me ha de enterrar no cemiterio dos seus olhos, que saõ dous valentes carneiros.

1. *Escr.* Dize-lhe dessas.

Esop. Chiton, que ahi vem nosso Patraõ direito como hum fuso; esperem, esperem, que elle lá vay para a feira das bestas. Ah Senhor, aonde vay? Tambem vossa mercê se quer vender?

Zen. Que dizes bruto?

Esop. Que? Arre para cá, naõ se troque vossa mercê, ao depois naõ o poderemos conhecer; e quando naõ ponha hum sinal na orelha, e va-se.

Zen. Como te tenho por bobo, tens licença para tudo.

Sahem Xanto, Periandro, e Ennio com vestidos talares.

Xant. Nesta mesma variedade confusa se alimenta a potencia visiva.

Periand. Senhor Mestre Xanto, sobre isso da potencia visiva tinha eu hum argumento, e muito forte.

Xant. Periandro, fique-vos de advertencia, que nem todo o lugar he para todas as cousas; nas praças vende-se, e nas aulas argumenta-se.

En-

Ennio. Diz bem o nosso Mestre; vós Periandro sois terrivel.

Periand. E vós, Ennio, tambem me quereis reprehender? He o que me falta!

Zen. Senhor Filosofo, vossa mercê por ventura quererá comprar algum destes escravos?

Xant. Eu só venho comprar hum jumento para a nora da minha quinta.

Esop. Eu nunca vi Filosofo com quinta. *à p.*

Xant. Porém se com tudo mo accommodar no preço, naõ se me dá de comprar hum escravo. Anda tu cá: que sabes fazer?

1. *Escr*. Tudo.

Xant. E tu?

2. *Escr*. Eu tudo sey fazer.

Periand. Quem tudo sabe, nada sabe.

Xant. E tu, monstro, que sabes fazer?

Esop. Nada, graças a Deos.

Xant. Homem, (se he que o es) he possivel que naõ saibas fazer cousa alguma?

Esop. Senhor, naõ se admire vossa mercê, que como estes meus companheiros tomaraõ por sua conta o fazer tudo, naõ ficou para mim nada.

Periand. Que diz vossa mercê da reposta, Senhor Xanto?

Xant. Está com subtileza: Ora dize-me, como te chamaõ?

Esop.

Eſop. A mim chamaõ-me, como me querem chamar; naõ ha meya hora, que huns me chamaraõ Poeta, e outros carcunda.

Xant. Pergunto o teu nome.

Eſop. Eu Senhor, com perdaõ de voſſa mercê, chamo-me Eſopo.

Xant. Donde naſceſte?

Eſop. Do ventre de minha mãy.

Xant. Naõ me entendes? Em que lugar naſceſte?

Eſop. Tambem naõ me diſſe minha mãy, ſe me pario em lugar alto, ou baixo; mas cuido, que foy ahi a algures, ao pé de alguma couſa.

Periand. Ennio, o eſcravo tem atacado ao Filoſofo noſſo Meſtre.

Xant. Ou es muy ſimples, ou muy velhaco: pergunto-te de donde es natural?

Eſop. A que delRey, Senhor, eu ſou legitimo, naõ ſou natural.

Xant. Valha-te Deos; aonde he a tua patria?

Eſop. Iſſo he outra couſa; ſou de donde me vay bem, que ahi he a minha terra.

Xant. Na verdade, que me tem admirado as repoſtas deſte eſcravo! Hey de comprallo por todo o dinheiro, ainda que minha mulher ſe enfade. Quanto quer por Eſopo?

Zen.

Zen. Pois naõ quer eſtes dous, que ſaõ perfeitos, e ſó lhe agradou eſte bruto? Mas como voſſa mercê vinha comprar hum jumento, levando a Eſopo tudo vem a ſer o meſmo.
Xant. Eu, Senhor, naõ compro as perfeições do corpo, mas ſim as da alma.
Zen. Huma vez, que voſſa mercê aſſim o quer, todas as vezes, que me der dez moedas, leve-o.
Xant. Aqui as tem.
Eſop. Que diabo eſtaraõ fallando huns com os outros, apontando para mim? Eu eſtou vendido aqui. *à parte.*
Xant. Eſopo, anda comigo, que te comprey.
Zen. Eſopo, vay com o Senhor Xanto, que a elle te vendi.
Eſop. Naõ diſſe eu, que eſtava vendido? Vamos, Senhor Xanto Filoſofo; mas ſaiba, que ambos vamos vendidos.
Xant. De que ſorte?
Eſop. Eu, porque voſſa mercê me comprou; e voſſa mercê, porque naõ ſabe o que leva em mim.
Xant. O que eu levo em ti bem o ſey.
Ennio. Vamos, vamos para caſa, que he tarde.
Eſop. A Deos, a Deos meus amados companheiros, deſpeçamo-nos depreſſa, antes que as lagrimas tenhaõ noticia da noſſa
deſ-

despedida, que se ellas o sabem, logo viráõ aos cardumes. A Deos: olhay, se vossês fugirem, naõ seja para Braga, que he má terra para cativos.

Amb. Escr. A Deos amigo.

Zen. Esopo, naõ te despedes de mim?

Esop. Como vossa mercê me despedio de si para sempre, naõ queira outra vez despedirse. Vamos, Senhores.

SCENA II.

Mutaçaõ de Camera. Sahem Filena, e Geringonça.

Filen. FAllaste a Periandro?

Ger. Por mais que andey daqui para alli, naõ o pude ver.

Filen. Valha-te o demo, maldita, que naõ tens prestimo para nada: como hey de passar daqui até à noite, sem saber de ti, meu Periandro? Tu, mofina, tens a culpa de minhas ancias.

Gering. Se saõ da madre, case-se, e deixeme já com taes amores; porque vossa mercê me tem aqui para terceira da sua correspondencia.

Filen. Perdoa-me, Geringonça, que o amor me tem quasi louca. Oh quem me dera sa-

ber escrever, para todos os dias ter novas tuas, meu querido Periandro!

Sahe Euripedes.

Eurip. Como he isso de meu querido Periandro?

Gering. Temos o caldo entornado.

Filen. Mofina de mim, que minha mãy me ouvio!

Eurip. Com que vossê já tem queridos? Está muito bem, teu pay o saberá, desavergonhada.

Filen. Eu naõ sey, o que vossa mercê diz.

Eurip. Naõ sabes, o que eu digo? Pois eu sey, o que tu fazes; por isso vós, minha filha, andais sempre contando os buracos às rotulas, porque todo o fogo tendes no peito: Ah velhaca, sonça, solapada! Com que o Senhor Periando he o vosso amante? Por isso elle tomou por Mestre a teu pay, para ter pé de vir aqui todos os dias.

Filen. Olhe, minha mãy .... porque eu .... quando .... sim ....

Eurip. Que diabo dizes? Que fallas, que nem atas, nem desatas? Resta-me agora, que te queiras desculpar.

Filen. Pois eu que fiz? Olhe que está boa!

Gering. Eu voume çurrando, que esta trovoada ha de parar em agua. *Vaise*

Eurip

Eurip. Isto me faz desesperar: tu pódes negar o que eu vejo, e o que agora te ouvi?

Cantaõ Euripedes, e Filena a seguinte

ARIA A DUO.

Eurip. Ingrata filha!
Filen. Brava mãysinha!
Eurip. Sempre doudinha
Te hey de encontrar?
Filen. Sempre doudinha
Me ha de chamar?
Eurip. Tu com amores!
Filen. Eu? Naõ ha tal.
Eurip. Para que negas?
Filen. Eu? Naõ ha tal.
Eurip. Eu bem ouvia,
Que lhe dizias,
Que lhe querias,
E que morrias;
Tudo sey já.
Filen. Basta mãysinha
De consumirme.
Ay, ouça cá.
Eurip. Ay, guarda lá.
Amb. Naõ quer ouvirme?
Filen. Ay, ouça cá.
Eurip. Ay, guarda lá.

Sahem Xanto, Periandro, e Esopo, que ficará como escondido.

Xant. Esopo, espera aqui detraz desta cortina.

Esop. He muy boa sala vaga!

Xant. Amada Euripedes, tardey muito?

Eurip. Isso he costume antigo: donde vem a estas horas, tamanhaõ?

Esop. Ella he desta casta? Boas novas para o pay da criança. *à parte.*

Xant. Ora naõ te agastes, que se tardey, arrecadey.

Eurip. Que arrecadey? Que he o que me trazes da feira?

Filen. He para mim, paysinho?

Eurip. Sim, tudo ha de ser para ella? naõ ha de ser senaõ para mim.

Xant. Pois saibamos para quem ha de ser?

Amb. Para mim.

Xant. Pois lá se avenhaõ com elle, ahi o tem.

Sahe Esopo.

Eurip. Que horrivel fantasma!

Filen. Que enorme espectaculo! Fujamos minha mãy?

Eurip. Ay Senhores, que estou para me desmayar; ay, que elle se vem chegando! A que delRey!

Esop. Ora eu naõ cuidava, que era taõ feyo, que metia medo!

Sa-

Sahe Geringonça.

Gering. Que gritos saõ estes, Senhora? Mas ay, coitada de mim, que demonio taõ feyo!

Periand. Boa a veyo vossa mercê fazer, ella lhe dará o recado.

Eurip. Deiteme esse monturo pela porta fóra, naõ o quero em easa nem hum instante.

Xant. Maldito de todos os diabos, agora estás mudo? Dize-lhe alguma cousa, com que se desenfade, e se alegre.

Esop. Supponha vossa mercê, que se me secou a prosa, e que estou na hora do burro.

Xant. Dize-lhe alguma cousa sequer.

Esop. Já que me puxa pela lingua, deixe-a agora comigo. Parece muito mal, Senhora Euripedes, que vossa mercê se agaste com o Senhor seu marido, por lhe comprar hum escravo feyo; pois que queria? Queria hum servo gentil-homem para ficar cativa delle? Queria hum rapagaõ, roliço, alvo, e louro, olhos azuis, com corpo à Ingleza, e pernas à Franceza, para que logo meu Senhor com tal servo ficasse veado? Ora cuide em si, e saiba estimarme, que eu lho saberey merecer.

Eurip. Ay, só isso me fizera agora rir: es engraçado; já te vou perdendo o medo.

Xant.

Xant. Tu naõ ſabes as prendas de Eſopo; eu te prometto, que goſtes delle.

Eurip. Vem cá Eſopo; chega-te para mim.

Eſop. Agora tambem naõ quero, que tenho medo de voſſa mercê. A que del-Rey, que taraſca! Quem me acode, que me deſmayo?

Eurip. Ora anda cá, façamos as pazes, olha bem para mim: es muy feyo!

Eſop. Iſſo he mercê, que voſſa mercê me faz.

Filen. A cara parece hum mono.

Eſop. Ora naõ me liſongee.

Gering. Ay Senhora, cá lhe vi huma corcova a traz.

Eſop. Valha-te o demo a lingua, que me deſcobriſte huma falta, que ninguem a havia ver, ſe tu o naõ diſſeras.

Eurip. Ainda mais eſſa temos, he corcovado!

Eſop. Bem podem montar em mim, que ainda que ſou corcovado, naõ faço corcovas.

Xant. Deixem ao pobre Eſopo, que aſſim como he, tem muito preſtimo.

Eurip. Que habilidades tens, Eſopo? Sabes cantar?

Eſop. Qual he o cativo, que naõ ſabe cantar al ſon del remo, y de la cadena?

Eurip. Sabes tanger?

Eſop. Sey tanger boys muito bem.

Eurip.

Eurip. Sabes ler?

Esop. Naõ Senhora, escrever sim.

Filen. Meu pay, eu quero que Esopo seja meu Mestre, e que me ensine a ler, e a escrever.

Xant. Sim; Esopo, tu has de ensinar a esta rapariga a ler, e a escrever; ahi ta entrego.

Esop. Testemunhas me sejaõ todos, que o Senhor Xanto me entrega a sua filha, ao depois naõ se queixe; e ella naõ tem máos bigodes! *à parte.*

Periand. Ora, Esopo, conta-nos alguma cousa da tua vida, que ha de ser celebre.

Esop. Senhor, a minha vida he mais larga, que comprida.

Eurip. Dize, Esopo, dize alguma cousa.

Esop. Ora vá de historia: Gerou-me meu pay, e foy cousa para ver, que tanto, que meu pay me gerou, logo minha mãy se sentio prenhe, e ficou taõ soberba, que tudo lhe enjoava; engordou tanto, que em nove mezes se fez como huma bóla; em fim, se naõ pare, arrebenta; deraõ-lhe as dores, e ao primeiro puxo sahio este criado de vossa mercê, e logo fuy taõ cortez, que cahi prostrado aos pés de minha mãy; pois só a esta devia pagar as parias; porque naõ falta quem di-

diga, que minha mãy me pario de hum só parto, podendome parir de dous, que eu tinha corpo para tudo; e he de advertir, que naquelle tempo as mulheres eraõ as que pariaõ, e naõ como agora, que pare quem quer: notou-se no meu nascimento, que eu nascera nú, e em pelle; e como nascia para ser escravo, logo se me vio o ferrado. Tanto que eu nasci, como minha mãy era muito amante dos filhos, logo me mandou engeitar: em fim, fuy crescendo aos palmos, e apenas tinha sete annos, logo comecey a fallar taõ perfeitamente, que naõ se me entendia palavra: toda a minha vida foy sempre prodigiosa; de sorte, que já anda em livros por todo o Mundo; e agora me dizem, que se está representando no Bairro Alto.

Periand. Notavel he a tua vida!

Xant. Esopo, aqui te entrego esta casa, e te faço meu mordomo.

Eurip. Vamos, Filena.

Filen. Periandro, logo fallaremos, naõ te ausentes. *Vaõ-se.*

Periand. Aqui ficarey esperando por esse Sol, que me anima. Ay amor, quando has de favorecer a hum amante das tuas aras, que nos suspiros, que exhala, accende

as

as chammas nos ſacrificios, que vota?

Sahe Filena.

Filen. Periandro, ſeguramente podemos fallar, pois todos lá ficaõ dentro rindo-ſe com Eſopo, que ſem duvida amor o trouxe aqui, para que ſeja o terceiro de noſſos amores.

Periand. Eſſa fortuna a devo eſtimar para o melhor acerto da noſſa correſpondencia; e porque agora fallamos de amor, eſcuta, Filena, a fraſe das melhores expreſſões.

SONETO.

Minha amada Filena, doce emprego,
De amoroſos enleyos labyrintho,
Saõ taes as ancias, que amoroſo ſinto,
Que ſem morrer mil vezes, naõ ſocego.
Em mar de pranto, miſero navego.
Quando amante naufrago; porém minto,
Porque eu meſmo o martyrio já conſinto,
Pois buſco as penas morto, as luzes cego.
Oh morra já minha alma enternecida!
Oh viva alegre neſſa luz ſerena!
Contente aſpiro taõ ditoſa lida;
Pois conſegue eſta dor, que me condena,
Hum triunfo a teus olhos cada vida,
Cada morte huma gloria à minha pena.

Filen.

Filen. Periandro, as tuas finezas por enca-recidas, me parecem mais lisonjas, que realidades; e assim appéllo para o tem-po, que só este será o fiador da tua cons-tancia; porque sendo tu firme, eu naõ deixarey de ser leal.

Periand. Formosa Filena, ainda duvîdas da minha lealdade? Naõ tens lido nos ca-racteres de meus suspiros as firmezas do meu amor? Naõ vês no espelho das mi-nhas lagrimas a imagem dos meus extre-mos? Pois seguro-te, meu bem, que a pezar de tudo hey de ser sempre firme, constante, e leal.

Canta Periandro a seguinte

ARIA.

Primeiro verás, Filena,
Enregelarse o fogo,
Moverse o duro monte,
Cahir esse horizonte,
Que em meu amante rogo
Se encontre o variar.
Se pois amor ordena,
Que adore essa belleza,
Será minha firmeza
Eterna em te adorar. *Vaise.*

Filen. Escuta, Periandro; meu bem, aon-de vás?

Sa-

Sabe Esopo.

Esop. Que hey de escutar? Que he o que diz?

Filen. Ay! Es tu, Esopo? A bom tempo vieste.

Esop. Sim vim a bom tempo; mas eu lhe empatey o cosimento.

Filen. Meu Esopo, tenho hum favor, que te pedir; se o fazes, terás de mim quanto quizeres.

Esop. Diga, diga, naõ gaste tempo, que póde vir seu pay: Eu assim tolamente lhe vou querendo bem. *à parte.*

Filen. Bem sabes, Esopo, que naõ ha peito taõ isento, que naõ sinta as violencias do amor.

Esop. Que mais?

Filen. Isto supposto, saberás, que quero bem .... naõ sey como to diga.

Esop. Eu estou vendo, que ella se namorou de mim, e tem pejo de mo dizer. *à part.*

Filen. Porque bem sabes, Esopo, que o amor he cego, e em nada repara.

Esop. Que mais claro mo ha de dizer? A pobresinha naõ sabe como se explique; ora eu a ajudarey a dizer: Senhora, bem sey, que o amor he cego, e he monstro, e que para cativar as almas, como cego, naõ repara em qualidades, e como

mo monſtro, naõ ſe lhe dá de perfe-
ções: quer voſſa mercê dizer, que ap-
nas me vio, logo ſe rendeo, e que eſta
de amor por mim; ſe he iſſo, eſteja de
cançada, que lhe quero tambem muito
muito.

Filen. Sempre eſtás com gracinhas; po
logo em ti havia empregar o meu amor

Eſop. Olhe voſſa mercê, pois achava eu
que naõ era nenhum deſpropoſito; por
que me tinha logo aqui à maõ dentro d
caſa, ſem o ir buſcar à rua.

Filen. Eu quero bem a Periandro, e com
lhe naõ poſſo fallar as vezes que quero
tu has de ſer o medianeiro da noſſa cor
reſpondencia.

Eſop. Iſſo por outra fraſe vem a ſer alcovi
teiro. Naõ he nada!

Filen. Pois que dizes?

Eſop. Senhora; em mim eſtá mal o offici
de camaleaõ; iſſo naõ ſe acha em mim.

Filen. Meu Eſopo, olha que to hey de a-
gradecer, e Periandro tambem.

Eſop. Senhora, tudo ſe póde fazer, ſem
que perigue o meu credito, e o ſeu a-
mor, e poderemos ambos ficar bem.

Filen. De que ſorte?

Eſop. Deſta ſorte: eu o que poderey fazer,
he levarlhe algum recado ao Senhor Pe-
riandro,

riandro, ou escreverlhe alguma carta em seu nome, e fazer tudo o que vossa mercê me mandar; mas ser alcoviteiro, isso por nenhum modo.

Filen. Aceito o favor, que me fazes.

Esop. Ah tyranna, naõ basta comerme o amor, mas ainda me esfregas com zelos? Pois por vida de Esopo, que ....

Filen. Quero pois, Esopo, que digas a Periandro, que ao pôr do Sol ....

Sahe Xanto.

Xant. Que fazes ahi Esopo?

Esop. Estava para dar liçaõ à menina, e ella naõ queria.

Filen. Bem remediou. *à parte.*

Xant. Isso tem tempo: Filena, vay para dentro.

Filen. Que naõ pudesse dizer a Esopo o recado para Periandro! Ao depois lhe direy. *à parte. Vaise.*

Xant. Esopo, es capaz de guardar hum segredo?

Esop. Conforme a parte aonde eu o puzer.

Xant. Bem sabes, que sou teu Senhor, e que se me fores leal, terás a liberdade; e assim saberás, que eu sou fragil.

Esop. Isso sey eu, diga o mais.

Xant. E que em materias de amor todos saõ loucos; porque amor tem duas vendas:

das: huma nos olhos, outra no entendimento.

Esop. Rico amor será esse com duas vendas.

Xant. Com que, naõ sey que diabo de feitiços me fez esta criada, para eu lhe querer bem.

Esop. Ora tenha vergonha: hum Filosofo namorado de huma trapalhona, e mondongueira! Em que consiste a sua Filosofia? Visto isso todos somos huns?

Xant. Olha tu, tambem o amor he Filosofia das almas, aonde com argumentos de finezas se prova o systema da constancia.

Esop. Visto isso, eu tambem sou Filosofo; pois quando quero bem, logo he a concluir.

Xant. Quem duvîda, que se tens amor, que tambem es Filosofo?

Esop. Ora acabe com isso, que eu de mim para mim me tinha por Filosofo; mas naõ o queria dizer com vergonha.

Xant. Com que, Esopo, eu morro por Geringonça.

Esop. Quem he Geringonça?

Xant. He esta criada de casa.

Esop. Olhe vossa mercê, agora sey, que tem bom gosto; pois só o nome de Geringonça lhe basta para se querer; o certo he, que todo o amor he geringonça.

Xant.

Xant. Dizes bem: porém como minha mulher Euripedes tem terrivel condiçaõ, e naõ sey se já presume alguma cousa, he me preciso tratar isto com mais cautela, e assim tu has de ser o meu remedio.

Esop. Purgativo, ou vomitorio?

Xant. Purgativo naõ, ha de ser vomitorio; porque lhe has de dizer, que à noite me falle no jardim, e em tanto tu ficarás divertindo a tua Senhora.

Esop. Senhor, isso ninguem tal faz, sevandijar vossa mercê hum jardim com huma criada; e entaõ aonde havia vossa mercê fallar a huma Senhora?

Xant. Naõ vês tu, que a necessidade naõ tem ley, por amor; e o jardim, por mais retirado, he o melhor lugar?

Esop. Pois se a necessidade naõ tem ley, por amor dessa necessidade falle-se à criada em huma secreta, que he parte privada.

Xant. Ora deixa disparates; isto te encomendo lhe digas: olha, naõ o saiba viva alma.

Esop. Eu lhe prometto, que ninguem o saiba.

Xant. Mas ella ahi vem; eu me retiro, por me naõ achar aqui minha mulher, e dize-lhe

ze-lhe tu, o que te disse: Esopo, segredo, que importa. *Retira-se.*

Sahe Geringonça.

Gering. He possivel, Esopo, que ainda naõ tiveste huma hora para me fallares?

Esop. He possivel Geringonça, que ainda naõ tiveste huma hora para me fallares?

Gering. Esopo, ouve-nos alguem, que te quero communicar hum segredo?

Esop. Uy Senhores! Eu cuido, que estou prezo nesta casa; pois sempre estou em segredo. *à parte.*

Gering. Dize, posso fallar?

Esop. Se naõ tens estupor na lingua, bem pódes fallar.

Gering. Pois sabe, que apenas te vi, quando logo me furtaste o coraçaõ, me roubaste as potencias, e me ganhaste a liberdade.

Esop. Daqui a porme na forca, naõ vay nada: mulher eu furteite alguma cousa?

Gering. Ah ladraõ das almas!

Esop. Ladraõ das almas? Eu nunca andey com a bacia.

Xant. Naõ he nada, a moça namorou-se de Esopo! *à parte.*

Gering. Esopo, eu perdida por ti de amor! Como ha de ser isto?

Esop. Se estás perdida de amor: perde tambem

bem as esperanças : mas dize-me , mulher do diabo , que achaste em mim , para me quereres bem ? Namorou-te este feitio ?

Gering. O meu amor tem mais de pezo , que de feitio.

Esop. Namorou-te esta calva ?

Gering. Naõ vês, que a occasiaõ he calva, e tu foste a occasiaõ do meu amor ?

Esop. E estas pernas zaimbras saõ tambem occasiaõ de tu me quereres bem ?

Gering. Foraõ os arcos , por onde o amor despedio as settas.

Esop. Tudo está muito bem ; mas parece-te bem esta corcova ?

Gering. Essa corcova foy o monte de Venus, aonde achey a minha buena dicha : mas para que te cansas , se para o meu gosto es hum Adonis , e hum Narciso ?

Esop. Ora tomem-se lá com este Adonis , e com este Narciso !

Gering. Ora , Esopo , para que te cansas, quem o feyo ama , formoso lhe parece.

Canta Geringonça a seguinte

A R I A.

Tens tal dengue , tens tal graça,
Que assim mesmo corcovado ,
Escalvado ,

Arrenegado,
Me namora esse rigor.
Ay amor, que linda traça
Para me render, achaste,
Se em Esopo cabeçudo
Narigudo,
Barrigudo,
Tenho posto o meu amor.

Esop. Mulher, requeirote da parte de Deos, que em me quereres bem, naõ sabes o que fazes: Vaite dahi, que quem se namora de mim, he capaz de se namorar de hum burro.

Gering. Tu me desprezas? Olhem, a que chegaraõ os meus peccados! Vejaõ quem! Hum calvo!

Esop. Qual calvo; naõ vês, que esta calva foy a occasiaõ do teu amor?

Gering. Tu me desdenhas, zaimbro?

Esop. A' gora zaimbro, saõ os arcos, por onde amor despedio as settas.

Gering. Tu mo pagarás, corcovado.

Esop. Isto naõ he corcova, he o monte de Venus.

Gering. Vaite dahi, caõ com trambolho. *Vais.*

Esop. Vaite, cadella com almorreimas.

Sahe Xanto.

Xant. Escravo desaventurado, porque naõ dis-

disseste, o que mandey dizer a Geringonça?

E*sop*. Como o havia de dizer, se vossa mercê me disse, que o naõ soubesse viva alma?

Xant. Isso naõ se entendia com Geringonça.

E*sop*. Tenha maõ: agora o colho. Vossa mercê me disse, que o naõ soubesse alma viva; *atqui* que Geringonça he alma viva: *ergo* Geringonça por ser viva alma o naõ havia saber.

Xant. Naõ te quizera taõ Filosofo agora.

E*sop*. Como vossa mercê me disse, que amor era Filosofia, quiz tomar bem a liçaõ.

Xant. Tal estou de raiva, que te matara agora: naõ te aconteça outra; quando te mandar fazer alguma cousa, faze-a como te mando.

Esop. Eu o farey.

Xant. Andar, naõ tem remedio: Ouves tu, à manhã tenho de dar hum banquete aos meus discipulos, e te encomendo me ponhas na mesa a melhor cousa do Mundo.

Esop. Encomende-me cousas de comer, que disso darey eu melhor conta. *Vaise*.

SCENA III.

Mutaçaõ de Sala, e ſahirdõ Periandro, e Ennio.

Periand. ENnio, vós tambem ſois convidado para o banquete de Xanto noſſo Meſtre?

Ennio. Os favores particulares, Periandro, ſeraõ ſó para vós; porém os publicos ſeraõ para todos.

Periand. Eu naõ vos entendo.

Ennio. Homem, vós quereis tapar o Ceo com huma joeira? Pois bem publico he, que vós andais namorado de Filena, e ſendo eu voſſo amigo, e condiſcipulo recatais de mim couſa, que he tanto do voſſo goſto?

Periand. Naõ me crimineis de naõ vos ter revelado eſte negocio, pois bem ſabeis, que o ſegredo he alma do amor, e tanto o deſejo recatar, que tomara de mim meſmo encobrillo: he verdade, que eu amo a Filena, porque a ſua formoſura póde cativar o mais livre alvedrio; mas com amor taõ licito, que naõ paſſa os limites da modeſtia.

Ennio. Como lhe podeis fallar, tendo huma mãy de taõ terrivel condiçaõ?

Pe-

Periand. Quiz a fortuna trazer para isso a Esopo, que he o mais fino alcoviteiro do Mundo.

Ennio. Uy! Tem mais essa habilidade?

Periand. He Juiz do officio, e Padre mestre na materia.

Sahe Esopo.

Esop. Vossas mercês vieraõ a conversar, ou a comer? Ora vamos, que a sopa está esperando.

Ennio. Vamos ver os teus cosinhados. *Vais.*

Periand. Esopo, que novas me dás de meu bem?

Esop. A boas horas me pergunta pelo seu bem, ao mesmo tempo, que me está a boca do estomago gritando, que quer comer.

Periand. Pois falla-me ao depois. *Vaise.*

Descobre-se huma mesa, e se hiraõ assentando a ella Xanto, Ennio, e Periandro, e os mais que puderem.

Xant. Vamo-nos assentando sem ceremonia, que nos banquetes naõ ha mestres, nem discipulos. Mandey a Esopo, que me puzesse nesta mesa a melhor cousa do Mundo; veremos com que elle se desempenha.

Periand. Com alguma parvoice: se vossa mercê se fiou da sua eleiçaõ, ficaremos em jejum. *En-*

Ennio. Vamos nós comendo, o que está na mesa, pelo sim pelo naõ, que elle já tarda.

Sahe Esopo com hum prato.

Esop. Eisaqui a melhor cousa do Mundo.

Xant. Descobre, e veremos.

Esop. He hum prato de linguas.

Xant. Hum prato de linguas? Como? Pois isso he a melhor cousa do Mundo?

Esop. Qual he a duvida, que a melhor cousa do Mundo he a lingua? Que cousa mais necessaria no homem, que a lingua? Sem lingua ninguem póde fallar, sem fallar ninguem se entende. A lingua he alma dos conceitos, he o corretor dos comercios, he a taramella das portas da boca, he prancha dos comeres, he o esgaravatador das gengives, he a zaragatoa dos beiços, o planeta do ceo da boca, e o badallo da campainha. Com a lingua se lambe hum prato; com a lingua faz o Arrieiro a celebre cantiga, &c.; em fim, a lingua do caõ he o melhor remedio das chagas, e o linguado o melhor peixe dos mares. Naõ sey, que mais queria dizer, que o tinha debaixo da lingua.

Xant. Nada nos dizes de novo, que bem sabemos, que a lingua he o oraculo do homem: porém havemos só comer linguas?

Esop.

Esop. Senhor, muitos comem do que fallaõ.

Periand. Esopo fez o que lhe mandaraõ, como bom servo.

Xant. Huma vez, que a melhor cousa do Mundo saõ as linguas, traze-me agora aqui a peyor cousa do Mundo.

Esop. Com muito gosto; eu venho já. *Vaise.*

Periand. He lastima, que seja cativo, quem tem taõ livre o juizo para discorrer.

Ennio. Naõ he essa a primeira semrazaõ da natureza.

Xant. Que diabo fazes, Esopo?

Esop. Eisaqui a peyor cousa do Mundo. *Sahe.*

Xant. Que he isso, que trazes?

Esop. Outro prato de linguas.

Xant. Pois como? Se a melhor cousa do Mundo saõ as linguas, como agora as linguas saõ a peyor cousa do Mundo?

Esop. He Filosofo, e naõ sabe, que sendo huma lingua boa a melhor cousa do Mundo, a peyor he huma lingua má? Huma lingua má he estrago da honra; ella he a mãy dos mexericos, o pay dos enredos, a irmã das discordias, a perturbadora da paz, o clarim da guerra, a sarna do socego, a carépa das consciencias, o despertador das vinganças, e o instrumento da alcovitice: naõ he assim, Senhor Xanto?

Xant. Dizes bem, eu te perdoo a peça: e pois naõ ha outro remedio, vamos comendo essas linguas, e bebendo duas pingas: ora lá vay à saude de vossas mercês. *Bebe.*

Esop. Isso me parece bem; accendaõ-se no templo da barriga as alampadas de Baco.

Periand. Lá vay à saude da Senhora Euripedes. *Bebe.*

Esop. Tem razaõ, vá a virar.

Ennio. Periandro, lá vay, já me entendeis. *Bebe.*

Periand. Vá, eu correspondo. *Bebe.*

Esop. Eu com esta garrafa hirey fazendo as razões: lá vay, ou cá vem à saude dos meus achaques. *Bebe.*

Xant. Que achaques tens?

Esop. Agora tenho gotta.

Periand. Ennio, nosso Mestre naõ está todo trigo.

Xant. Muy valente foy Hercules Thebano! Esopo, vamos queimar estes cães.

Esop. Ay, ay, que está puxado!

Periand. Apostemos nós, que vossa mercê naõ ha de beber hum tonel de vinho?

Xant. Sou capaz de beber o mar, tenho dito.

Esop. Naõ zombem com elle, que naõ só beberá o mar, mas tudo quanto se lança na praya. *Pe-*

Periand. Ora quanto aposta vossa mercê, que naõ bebe o mar?
Xant. Aposto tudo quanto possuo.
Periand. Está apostado, venha sinal.
Xant. Este annel.
Periand. Está feito, quando ha de ser isso?
Xant. Quando quizeres.
Esop. Vaõ fallando, que eu vou bebendo.
Xant. Esopo, leva essa lingua a Geringonça, que com ella lhe explico o meu amor.
Esop. Assim o farey: Esopo, hoje pódes beber francamente.
Xant. Viva Baco, e morra o Mundo. *Levantaõ-se.*
Esop. Morra o Mundo, e abraze-se Troya.
Periand. Ambos estaõ muy bebados.
Ennio. Estou envergonhado de ver esta lastima! Nisto paraõ os banquetes!
Esop. Estou taõ alegre, que o corpo me pede folia.
Xant. E a mim coleras, e iras, e parece-me, que ouço instrumentos bellicos.
Esop. Eu cuido, que saõ bandurras; ellas saõ, naõ saõ? Sim saõ, escute, escute, saõ, saõ, ellas saõ, pois cantemos.

Canta Esopo o seguinte

RECITADO.

Lá vay à saude dos Senhores,

E

E em ſuaves licores
Matarey a cruel melancolia,
Em doçe hydropeſia:
A pezar do pezar, e do cuidado
Veſtir quero a minha alma de encarnado.

A R I A.

Nas guerras de Baco.
Sem chuço, ou baoneta
Com eſta trombeta.
Toco a degollar, tan, taran, tan, tan,
E ao ſom deſte ſom, torom, tom, tom,
Tudo terá fim, tirim, tim, tim,
Proſtrando as cavernas
De tantas tavernas,
Porque dellas poſſa
Baco triunfar.

S C E N A IV.

Mutaçaõ de Camera. Sabem Euripedes, e Geringonça.

Eurip. GEringonça, que fizeſte até agora?

Gering. Eſtive na coſinha dando ordem ao banquete, e o negro Eſopo me deu tanta preſſa, que andey atarantada.

Eurip. O diabo levara os banquetes. Que ha de ſer ſe o tonto de meu marido deu-

lhe

lhe hoje na birra fazer brodios, e nisso tem consumido o dote, que me deu meu pay.

Gering. Ay Senhora, tambem vossa mercê agora naõ tem razaõ: elle que gasta, nem que brodios faz? Eu, ha hum anno que aqui estou, naõ vejo entrar nesta casa mais, que chicharos, e nabos.

Eurip. Oh desavergonhada, essa he a fama, que deitas da minha casa? Viste casa mais farta? Ainda a semana passada comprey dez reis de pepinos, e já naõ ha nenhum.

Gering. A minha barriga o sente.

Eurip. Bem sey, que o teu mal naõ he outro, velhaca.

Sahe Esopo com hum prato na maõ.

Esop. Aqui tens, Geringonça, este prato de linguas, que te manda meu Senhor, e mais que naõ póde comer sem ti.

Eurip. Que dizes? A Geringonça, ou a mim? Estás bebado?

Esop. Como lho hey de dizer? Soletreando? A Geringonça em Geringonça.

Gering. Senhora, elle cheira muito a vinho, naõ sabe o que diz.

Eurip. Assim o creyo; mostra, que he para mim.

Esop. He huma balla, he para Geringonça,

ça, que meu Senhor lho manda mesmo a ella; e por final me disse, lhe dissesse, que com esta lingua explicava o seu amor.

Gering. Naõ te callarás, infame?

Esop. Tira-me tu a lingua, que eu me callarey.

Eurip. Pois que tem teu Senhor com Geringonça, para lhe mandar presentinhos!

Esop. Eu, Senhora, naõ sey, mas o que sey he, que dizem as más linguas, que meu Senhor he barregaõ, ou barregana, naõ sendo senaõ camelaõ.

Eurip. Naõ te entendo.

Esop. Senhora, mais claro: meu Senhor querse fazer moço com a moça.

Eurip. Já te entendo.

Esop. Ora graças a Deos, que já me entendeo.

Gering. Eu estou tonta!

Eurip. He bem feito isto, atrevida? Tu desinquietando-me o meu homem! Ha mayor desaforo!

Gering. Eu, Senhora? Naõ ha tal. Esopo mente.

Esop. Lá se avenhaõ, que eu me vou escafedendo. *Vaise.*

Eurip. Oh perra, tu me dás zelos? Anda cá, que te hey de moer. *Dá-lhe.*

Gering. A que delRey, que me mordeo no nariz. *Eurip.*

Eurip. Aqui te hey de fazer em picado com os dentes.

Gering. Ay que me mataõ!

Ha huma bulha, e sabe Xanto.

Xant. Valha-te Deos, mulher! Sempre has de guerrear com esta coitadinha?

Eurip. Ainda acode por ella, magano, atrevido, sem honra, nem vergonha? Vossê namorando-me a moça? Vossê mandando-lhe pratinhos da mesa?

Xant. Quem tal disse mulher?

Eurip. Quem o disse? Ainda ha de negar, que o mandou por Esopo? Ora chame-o, e verá.

Xant. O' Esopo? Esopo?

Dentro Esop. Estou na tinta; assim sou eu asno, que appareça agora.

Xant. Naõ me ouves, Esopo? O' Esopo?

Esop. Estou zingando.

Xant. Ora eu te hirey buscar, mais que estejas no Inferno. Donde estás maldito?

Esop. Se eu quizera dizello, entaõ naõ me escondera.

Xant. Anda para cá, insolente; que fazias ahi escondido?

Esop. Estava jogando as escondidas; tambem a gente ha de brincar. *Sabe.*

Xant. Eylo aqui: Ora dize: eu mandey a Geringonça algumas linguas?

Eurip.

Eurip. Tu naõ dissesse?

Esop. Senhor, eu naõ quero meter a maõ entre duas pedras: olhem, por isso eu sou inimigo de enredos.

Eurip. Tu naõ mo dissesse?

Esop. Senhora, eu que tenho com isso? Está galante! Vossas mercês lá brigaõ, lá tem seus ciumes, e eu entaõ he que hey de pagallo?

Eurip. Como he isso? Tu o naõ negues; basta, fique-se com a sua mocinha, Senhor Xanto, que eu me vou para casa de meu pay. Estou ardendo! *à parte.*

Xant. Senhora, naõ se vá de casa por vida sua.

Esop. Deixe-a ir, que he huma boca menos em casa.

Eurip. Por estas, bribantaõ, que eu me verey vingada.

Xant. Falle bem, aliás ....

Eurip. Ainda me indignas mais? Hey de arrancarte essas barbas.

Cantaõ Euripedes, *e Xanto a seguinte*

ARIA A DUO.

Eurip. Velho caduco,
Xant. Brava insolente,
Eurip. Tu com desvélos
Com huma michéla?

Xant.

Xant. Calte, serpente,
Naõ grites mais.
Eurip. Hey de gritar.
Xant. Ques-te callar?
Eurip. A que delRey,
Que meu marido
Com torpes zelos
Me quer matar.
Xant. Calte, serpente,
Naõ cuide a gente,
Que faço tal.
Eurip. Por estas, velhaquete,
Que me hey de ver vingada.
Xant. O' louca arrebatada,
Que me has de tu fazer?
Eurip. Hey de me ir para casa de meu pay.
Xant. Para casa te irás de Satanás. *Vaise Euripedes.*

Esop. E foy-se como hum foguete do rabo; porém eu hey de levar os estouros.

Xant. E agora, Esopo, que mereces tu que te eu faça?

Esop. Mereço hum bom premio.

Xant. O premio ha de ser este; toma, velhaco. *Dalhe.*

Esop. Naõ aceito, tire-se para lá.

Xant. Vês, infame, que por amor de ti se foy minha mulher de casa?

Esop. Senhor, cuidava eu, que vossa mer-

cê

cê me havia de agradecer o affugentar-
lhe de casa hum dragaõ, huma vibora,
e hum basilisco, que era aqui o veneno
desta casa; e sobre fazerlhe este bem,
ainda vossa mercê se agasta? E senaõ ve-
ja: he certo, que vossa mercê queria
fallar a Geringonça no jardim esta noite;
e que melhor occasiaõ podia vossa mer-
cê ter, do que indo-se de casa a Senho-
ra sua mulher; pois agora sem sustos,
nem sobresaltos, póde fallar com ella,
naõ só no jardim, porém em cima do
telhado. Com que, Senhor, por bem
fazer, mal haver.

X*ant*. Bem sey tudo isso; mas que diraõ
os parentes de minha mulher?

E*sop*. Peyor será, quando vossa mercê per-
der tudo quanto possue.

X*ant*. De que sorte?

E*sop*. De que sorte? Naõ se lembra, que
prometteo no banquete beber o mar, e
se o naõ fizesse, que perderia toda a sua
fazenda?

X*ant*. Eu disse tal cousa?

E*sop*. E por sinal que deu o seu annel; com
que vossa mercê ha de beber o mar, ou
livrar toda a sua fazenda.

X*ant*. Mal haja o banquete, e mal haja o
vinho, e mal haja eu, que me embebe-
dey.

E*sop*.

E*sop*. Vossa mercê cuida, que todos sabem embebedarse? Ora aqui estou eu, que tambem me embolquey, mas com tanta prudencia, que naõ me meti a apostar, nem a naõ apostar.

X*ant*. Já naõ tem remedio; o ponto está, como me hey de eu haver; porque confessar que estava bebado, he injuria, e grande ignominia; beber o mar he impossivel, perder os meus bens impraticavel: que farey neste caso, Esopo?

E*sop*. Matarse com hum pouco de veneno, e com isto se acaba tudo.

X*ant*. O' Jupiter, para quando guardais os rayos?

E*sop*. Ha de dizer isso a Baco, e naõ a Jupiter.

X*ant*. Meu Esopo, agora he que eu quero ver as tuas habilidades; se tu me livras deste empenho, eu te dou a liberdade.

E*sop*. Pois, Senhor, para quando saõ as suas Filosofias? Assentemos nós, que a Filosofia naõ serve, senaõ para argumentar, e quebrar a cabeça.

X*ant*. Pois homem para esta occasiaõ he que eu quero, que me valhas; tens a liberdade, já to disse.

E*sop*. Promette-me a liberdade? Veja lá o que diz?

Xant. Prometto.

Esop. Levante o dedo para o ar.

Xant. Naõ só o dedo, mas toda a maõ.

Esop. Ora pois, ande comigo, que o tirarey desse mar, e o porey em porto salvo.

Xant. Vê lá o que dizes.

Esop. Ande, ande, que mal sabe com quem vay. *Vaõ-se.*

SCENA V.

Mutaçaõ de mar. Depois de se dizer dentro o que se segue, sahiráõ Periandro, Ennio, e os mais que puderem.

Dentr. VAmos ver a Xanto beber o mar.

Outr. Vamos para a praya, andem depressa, para tomarmos lugar.

Sahem Periandro, e Ennio.

Periand. Confesso-vos, Ennio, que já estou arrependido da aposta; porque bem sey, que Xanto naõ ha de beber o mar.

Ennio. Deixay, que isso he bom, para se dar hum alegraõ ao povo.

Periand. A gente vem concorrendo cada vez mais.

Sahem Filena, e Geringonça com os rostos cubertos.

Gering. Senhora, ahi o que está de gente, pa-

para ver as habilidades do Senhor seu pay!

Filen. O caso he, Geringonça, que meu pay está muy caduco, e Esopo ainda o faz mais tonto do que he. Vês tu a asneira de dizer, que ha de beber o mar?

Gering. Lá está Periandro, e Ennio.

Filen. Já os vi; tem sentido, e naõ os percas de vista.

Gering. E se nos conhecerem aqui?

Filen. He impossivel entre tanta multidaõ de gente; e mais vindo nós disfarçadas.

Periand. Muito tarda este bebedor dos mares.

Sahem Xanto, e Esopo, e todos daraõ muitos gritos, e rizadas.

Tod. Victor, lá vem o bebedor dos mares.

Esòp. De que se riem? De que fazem algazaras? Pois saibaõ, que o Senhor Xanto, naõ só he capaz de beber o mar, mas tudo quanto lhe mandarem beber.

Xant. Esopo, que he o que determinas fazer? Naõ vês este povo alvoroçado, e o meu credito em balanças?

Esóp. Eu serey o fiel dessas balanças; e verá quanto peza o meu talento.

Periand. Senhor Xanto, por vossa mercê se esperava; vamos a isto.

Xant. Esopo, e agora que hey de dizer?

Esop. Valha-o mil diabos, naõ tema, tenha

valor. Moradores de Athenas, o Senho
Xanto, meu Senhor, aqui vem para be
ber os mares, como apostou; e assim
primeiro que o faça, quer desencarrega
a sua consciencia; pois bebendo o mar
como com o favor de Deos o ha de fazer
porque tem barriga para tudo: eisque
bebido o mar, por força o ha de ourinar,
e ourinando-o, ha de alagar toda esta ter-
ra, e morreráõ todos affogados.

Periand. Para tudo ha remedio, depois que
Xanto beber o mar, torne a ourinallo na
mesma praya, e irá o mar para o seu mes-
mo lugar.

Xant. Está bem; e se os peixes me entra-
rem pela goela, como ha de ser isso?

Esop. Naõ diga asneiras; pois para naõ en-
golir os peixes, podia beber o mar por
hum funil: essa naõ he a duvida, o caso
he, que prometteo beber o Senhor Xanto?

Periand. Prometteo beber o mar.

Esop. Pois bem, como a aposta foy de be-
ber o mar sómente, mandem fechar to-
dos os rios, que vaõ dar ao mar; porque
de outra sorte beberá, naõ só a agua do
mar, mas tambem a dos rios, o que naõ
he da aposta.

Periand. Como he possivel fechar quantos
rios vaõ dar ao mar?

Esop.

Esop. Se vossas mercês naõ podem fazer hum impossivel, tambem meu Senhor naõ póde fazer outro impossivel.

Ennio. Tem razaõ Esopo.

Xant. Fechem os rios, e eu beberey o mar, para que estou prompto.

Periand. Isso he impossivel: desfaçamos a aposta.

Xant. Desfaçamos.

Todos. Victor Xanto.

Outr. Victor Esopo.

Esop. Victor eu, e victor amigos.

Xant. Anda, que te quero dar a liberdade, pois me livraste deste empenho. *Vaise.*

Esop. Vamos a casa de hum Tabelliaõ para passarme a carta de alforria: vou taõ contente! *Vaise.*

Filen. O' Geringonça, naõ te descubras, que ahi vem Periandro chegando-se para nós.

Gering. Diz bem; vejamos o que faz.

Periand. Senhoras, querem hum criado para as acompanhar? Naõ lhe merece reposta o meu rendimento? Só com acenos me dizem que naõ. Valha-me Deos, eu estou perdido pelo brio desta moça! Hey de seguilla. Naõ te vás, formosa Venus, que sem duvida nasceste agora das escumas desse mar, para abrazar os co-

coraçoes; se como a Deidade te adoro, naõ desprezes as victimas de hum coraçaõ; descobre esse rostinho, que como Sol se quer nublar nessa importuna nuvem: naõ importa, que me cegues com rayos, se amor já me cegou com delicias.

Filen. Huma vez que queres, que me descubra, aqui me tens.

Gering. E a mim tambem. *Descobrem-se*.

Periand. Que he o que vejo? Estou corrido! Cuidavas, Filena, que te havias de ir, sem que me fallasses?

Filen. Queres agora dizer, que sabias, que era eu, falso, ingrato, inconstante? Esses saõ os teus extremos? Essas as tuas finezas? Taõ depressa te mudaste?

Periand. Filena, naõ tens razaõ; eu bem sabia que eras tu; mas como estavas galanteando comigo, eu tambem quiz fingir, que naõ te conhecia, sómente para te ouvir; e quando isto naõ fora, ahi verás, que quando cheguey a amar, sempre foy a ti, e naõ a outrem; pois ainda que te naõ conhecesse, naõ sey que sympatico influxo me arrebatava o coraçaõ, que te estava querendo.

Filen. Sempre me offendeste na imaginaçaõ de que eu era outra.

Pe-

Periand. Meu bem, meu amor, nem por pensamento te offendi; e se acaso me naõ crês, deixa-me sepultar nesse mar, que só assim verás, que mais quero a morte, que viver nos desagrados de teus olhos.

Filen. Tem maõ, que eu naõ quero finezas mortas; deixa-me, Periandro, deixa-me lamentar as tuas falsidades ao som da minha magoa.

Canta Filena a seguinte

A'RIA.

Nesse liquido elemento,
A pezar de meu tormento,
Vejo, ò falso, o teu retrato;
Pois que tanto se parece
Na inconstancia a esse mar.
Donde está, tyranno ingrato,
A constancia, que dizias?
Donde a fé, que promettias?
Pois naõ sabes ser amante,
Por mudavel, inconstante,
Leve o mar o teu amor. *Vaise.*

Periand. Espera, Filena, naõ te vás com tanta celeridade; porém hey de seguir-te a pezar da tua ligeireza, que se amor te formou das penas azas, tambem saberey fazer dessas azas pennas. Geringonça detém a Filena.

Gering.

Gering. Fez muito bem ; vossês saõ falsos, e se querem dourar ? pois soffraõ estes desprezos. *Vaise.*

SCENA VI.

Praça. Mutaçaõ de noite, e sahe Esopo.

Esop. COm a turba multa da gente me perdi de meu Senhor Xanto, e isto he já noite : aonde acharey a este maldito ? Estará em algum taverna ? Pois aqui mora hum Tabelliaõ, e de nota, que sabe fazer bem as cartas de alforria ; elle aqui ha de vir, que este he o Tabelliaõ da casa : Ora graças a Deos, que já naõ serey singélo, senaõ forro ; e eu forrado, poderey com mais liberdade dizer a Filena o meu amor ; pois tenho o demo da bugia preza no cepo de meu coraçaõ, e eu lhe farey taes monarias, que ella saiba onde a bugia tem o rabo ; porém lá vem quem quer que he.

Sahem Messenio, e Guardas.

Mess. Quem vem ahi ?

Esop. Eu, Senhor, naõ vou, venho.

Mess. De donde vem ?

Esop. Eu venho da geraçaõ de meu pay por ascendencia.

Mess.

Mess. Que armas traz?

Esop. Ainda o Rey de Armas me naõ abrio as minhas.

Mess. Vossê faz-se tollo? Busquem-no ahi, a ver se leva alguma faca.

Esop. Senhores, se eu venho a pé, como hey de trazer faca?

Mess. Busquem-no bem.

1. *Hom.* Aqui tem huma cousa na algibeira.

Mess. O que he?

Esop. Isso he hum corno, que trago aqui por amor do quebranto: Uy, Senhores, vossas mercês querem buscar lá por de traz.

2. *Hom.* Sim, para ver se traz algum ferro lá escondido.

Esop. A que delRey, Senhores, as minhas nadegas naõ saõ de contrabando: busquem embora, que ahi naõ ha ferro, ferrado sim.

Mess. Que trouxa he essa, que traz ahi nas costas? Tirem-lha fóra, e vejamos.

Esop. Se vossas mercês ma tirarem, digo, que saõ valentes.

1. *Hom.* Ella está atada de sorte, que a naõ posso tirar.

Mess. Que he isso, que levas ahi?

Esop. Naõ he nada; he huma corcova para servir a vossas mercês.

Mess.

Mess. Apostemos, que es Esopo?

Esop. Com que só Esopo he corcovado?

Mess. Dize, para onde vás?

Esop. Eu naõ sey para onde vou.

Mess. Assim respondes à Justiça? Levemno prezo.

Esop. Vejaõ vossas mercês se disse eu bem, que naõ sabia para onde hia; pois na verdade, que eu naõ sabia, que hia para a cadêa.

Sahe Xanto.

Xant. Donde se esconderia este Esopo, que tenho andado quebrando os narizes, sem poder topar com elle? Alli está a Justiça: voume retirando.

Mess. Quem vem lá?

Xant. Amigos.

Mess. Que amigos?

Xant. Sou Xanto Filosofo.

Mess. Senhor Xanto, veyo vossa mercê a boas horas.

Esop. A boas horas veyo vossa mercê, às avessas.

Xant. Senhor Messenio, que fez Esopo, pois o tem prezo?

Mess. Por naõ fallar com cortezia à Justiça.

Xant. Vossa mercê, Senhor Messenio, por quem he, ha de soltar a Esopo; pois bem sabe, que he bobo, e chacorreiro; e se al-

alguma cousa respondeo, seria por graça.

Mess. Bastava ser cousa de vossa mercê para o soltar. Soltem a Esopo.

Esop. Pó diabo, como fede! Os esbirros deviaõ soltar algum prezo.

Xant. Vossa mercê viva mil annos, Senhor Messenio, pela galantaria, que me fez de soltar a Esopo.

Esop. Vossa mercê viva mil annos, pela galantaria, que fez em prenderme.

Mess. Vamos correndo o bairro. *Vaõ-se.*

Esop. Ora, Senhor, aqui mora hum Tabelliaõ; vamos, para me fazer a carta de alforria.

Xant. Qual alforria?

Esop. Essa agora he bonecra? Vossa mercê naõ me disse, que se o livrava de beber o mar, ficando com credito, e honra, que me havia de dar a liberdade?

Xant. Assim o disse, naõ o nego; mas eu já te dey a liberdade.

Esop. De que fórma?

Xant. Quando eu aqui cheguey, estavas prezo, e por amor de mim te soltaraõ: logo já te dey a liberdade, e tenho cumprido a minha palavra.

Esop. Essa naõ sabia eu; assim se pagaõ os beneficios? Mas eu tive a culpa. Deixara-o eu beber o mar, que quando nada

da podia ficar hydropico com muita facilidade; e naõ fora eu taralhaõ, que o livrara dessa entaladura; porém eu me vingarey.

Xant. Olha, Esopo, se me trouxeres minha mulher para casa com alguma industria, eu te darey a liberdade.

Esop. Metame aqui o dedo na boca para ver se o mordo: *Nó es la burla para dos vezes.*

Xant. Anda para casa: naõ te agastes. *Vaise.*

Esop. Vou feito hum vinagre. *Vaise.*

SCENA VII.

Mutaçaõ de Exercito. Tocaõ tambores, e clarins, e sahiráõ Cresso, Rey de Lidia, e Temistocles a cavallo.

Tem. INvicto Cresso, Rey de Lidia, aonde intentas passar com os triunfos? Sem duvida queres escurecer o nome, e valor do mesmo Marte.

Rey. Temistocles, quando os homens, como eu, chegaõ a desembainhar a espada, ha de ser para conquistar o Mundo: já toda a Asia me obedece, e a mayor parte da Europa, agora me falta avassalar esta pequena parte da Grecia; e seja de todas esta a primeira, que sinta o rayo

da

da guerra, pois degollada a cabeça, o corpo logo se prostra.

Tem. Os Athenienses, Senhor, saõ taõ déstros nas armas, como nas letras; e bastava haver nella tantos sabios, para ser difficil renderse; que o bom conselho he o que dá as victorias, mayormente tendo lá hum homem, a que chamaõ Esopo, que dizem, que he astuciosо, e de grandes ardís.

Rey. Quem faz caso de hum homem à vista de hum Exercito? Que gente temos?

Tem. Cincoenta mil homens de Infantaria, e vinte e quatro de Cavallaria, fóra os vivandeiros, e gastadores.

Rey. Toca a passar mostra, que quero reclutar as tropas, e batalhões, e delles escolher poucos, e bons, para ir sobre Athenas; e a mais gente fique para se empregar em outras Praças com os Cabos, que eu nomear.

Tem. Toca a passar mostra.

Hiraõ sahindo os Soldados ao som da caixa.

Rey. Temistocles, vinde tomar as ordens, e chamar os Cabos a conselho.

SCE-

SCENA VIII.

Descobre-se hum Templo, e no fim delle estará huma estatua de Jupiter, ao pé da qual ha de haver huma Aguia com tres rayos nas unhas, a qual se ha de mover a seu tempo, e cantará o Coro; e ao mesmo compasso iraõ sahindo Messenio, Xanto, Periandro, e Esopo, o qual dançará, e depois que se cantar, tocaráõ tambores.

Esop. AQui nos correm a caixa.
Mess. Que novidade he esta?
Xant. Isto he caso nunca visto!
Sahe Ennio.
Ennio. Senhores, toda a Cidade está alvorotada à vista de hum poderoso Exercito, com que ElRey Cresso de Lidia vem destruindo os campos, e já à vista das nossas muralhas; e tu, Messenio, como General das armas sahe a defendernos.
Mess. Eu vou, e verá ElRey Cresso o meu valor.
Esop. Sempre tive agouro com este Jupiter. Valha o diabo a ElRey Cresso, que no melhor que eu estava fazendo hum contratempo, nos veyo fazer hum passapié daqui fóra.

Mess.

Mess. Vamos, Senhores.

Xant. Espetay; pois já que estamos aqui no templo de Jupiter, consultemos o seu Oraculo, e o que elle nos disser, obraremos.

Periand. Aconselhou como sabio.

Mess. Pois, Xanto, pergunta tu, que como douto o farás melhor.

Esop. Meu Senhor falla aos Joves como ninguem.

Xant. Grande Oraculo de Jupiter, como resistiremos a ElRey Cresso de Lidia?

Esop. Pois aquillo tinha muito que dizer? Tudo he opiniaõ neste Mundo.

Haverá como terremoto, e estrondo.

Esop. Irra, que terremoto! O templo parece, que se vem abaixo! Este Jupiter será gago, que tanto lhe custa a fallar?

Canta-se o Recitado seguinte, como em reposta do Oraculo de Jupiter.

RECITADO.

Ao mais livre de vós, e ao mais escravo
Consultay, que he hum Oraculo vivente,
E vereis claramente,
Do que saber quereis o desengano:
Elle será o remedio deste dano;
E para que o saibais com mais clareza,
Dessa Aguia reparay na ligeireza.

Voa a Aguia acima dita, e se poem sobre a cabe-

ça

ça de Esopo, que cahirá por terra, e depois se hirá pôr como estava.

Esop. Vossês naõ vem a passara, que anda voando de verdade?

Xant. A Aguia de Jupiter voando! Isto he novidade! E vay direita para Esopo.

Tod. Que portento!

Esop. Xó diabo. Passa fóra.

Xant. Deixa, naõ enxotes, tollo; olha que he sacrilegio.

Esop. Com que por ser de Jupiter, deixarey que me tire hum olho; e mais de que eu sey por ventura se he Aguia, ou corvo? E isto com tres rayos nas unhas, que me chamusque o cabello.

Xant. Quem será o venturoso, sobre quem se ponha esta Aguia.

Esop. Eu sou o venturoso desgraçado: xó, a que delRey!

Voa outra vez a Aguia, e torna para o mesmo lugar, e levanta-se Esopo

Periand. Sem duvida, que Jupiter quer, que Esopo seja o Oraculo.

Mess. Pois responda Esopo.

Xant. Que ha de dizer hum escravo?

Esop. Eu naõ tenho duvida em descifrar este enigma da Aguia; mas ha de ser com condiçaõ, que me haõ de dar a liberdade.

Tod. Dê-se a liberdade a Esopo.

Mess.

Mess. Xanto, dá a liberdade a Esopo; quando naõ lha dará o povo, e ficará livre.

Xant. O que hey de fazer por força, quero fazer por vontade. Esopo, estás liberto.

Esop. Agora sim. Nobres Athenienses, daime attençaõ, que fallo sério. Bem vistes, que a Aguia de Jupiter se poz sobre a minha cabeça; a Aguia he o symbolo dos Imperios, e eu era escravo, e isso quer dizer, que o Imperio delRey Cresso nos quer avassallar; mas como depois disso o escravo conseguio liberdade, tambem Athenas terá a mesma fortuna, se seguir os meus conselhos.

Xant. Bem descifrado enigma!

Tod. Viva Esopo, e elle seja o director desta guerra.

Xant. Esopo, aquella casa he tua; ainda que liberto estás, naõ te apartes de mim.

Esop. Algum diabo, que eu me vá de casa, estando nella a Senhora Filena, a quem entro agora a servir, e a mostrarme seu amante às escancaras: Xanto, vamos, que hoje vos faço a honra de ser vosso hospede.

Tod. Viva Esopo nosso libertador.

Esop. Naõ gabem a porca, antes de passar o marraõ.

Tod. Vamos a pelejar.

Canta o Coro, e se dá fim à primeira parte.

PARTE II.

SCENA I.

Mutaçaõ de Selva, e no fim haverá hum Palacio, donde estará a mulher de Xanto, e sahe Esopo.

Esop. VEnho deitando o bofe pela boca fóra: bofé que ainda depois de liberto naõ tenho huma hora de socego; pois meu patraõ está ateimado, a que lhe leve para casa a mulher, que lhe fugio: a isto venho eu com tanto perigo; porque os inimigos naõ tardaráõ muito em vir; se me agarraõ, lá vay Esopo cos diabos: como trarey eu esta maldita mulher para casa, que huma mulher teimosa he peyor, que hum cancro, que naõ tem cura? Mas alli vejo huma quinta, e se me naõ engano lá está huma mulher; e pelo far-

fartùm da colera he a Senhora Euripedes; pois agora a ella lhe arderá o rabo. Ha por aqui quem venda alguns perûs, patos, gallinhas, coelhos, e outras cousas comestiveis?

Eurip. Esopo, que he isso, que buscas? Anda cá: He possivel, que me naõ viesses ver até agora?

Esop. Ay Senhora, confesso-lhe, que naõ tenho tido huma hora de meu com o casamento de meu amo, o Senhor Xanto.

Eurip. Como he isso? Xanto casa? Pois eu já morri?

Esop. Provera a Deos: *à parte.* Sim Senhora, casa o Senhor Xanto com a mais linda rapariga, que ha nesta terra. Apenas vossa mercê se foy de casa escumando como huma cadella de fila, quando logo foraõ tantos os casamentos, que sahiraõ a meu amo, que isso foy huma cousa nunca vista; ajuntaraõ-se na porta tantas mulheres todas a gritar: a mim, a mim; outras diziaõ: eu, eu. Entaõ acabey de ver, quanto valia hum Filosofo. Meu amo, vendo que choviaõ nelle mulheres como na rua, mandou que subissem todas, e que o levassem por opposiçaõ, visto estar vago o estrado de vossa mercê: foy cousa para ver o co-

mo ellas se oppunhaõ humas às outras!
Qualquer dellas sabia bem da arte de
amar ; porém Geringonça , (que tambem entrava no Concurso) levou a palma em vida ; e como meu amo estava
affeiçoado de Geringonça , ella foy a que
triunfou , e com effeito está teúda , e
manteúda em casa : à manhã se faz o
casamento , para o que venho a apenar
todas as aves de penna : a Deos Senhora. Ha por aqui quem venda alguns perús, patos, ou gallinhas?

Eurip. Espera , Esopo ; olha cá o que te
digo.

Esop. Se tem alguns perús para vender ,
venhaõ , que os quero comprar.

Eurip. Elle pagará o pato. Ha mayor desaforo ! Que este magano de meu marido naõ basta namorarse da criada , mas
tambem casar com ella ! Estou huma
vibora.

Esop. Eu o creyo.

Eurip. Xanto casarse com outra mulher ?
Isto he crivel?

Esop. Pois se elle está vivo , naõ se fora
vossa mercê de casa.

Eurip. Espera , Esopo , que eu vou comtigo perguntar a esse insolente , se ha
de casar com outrem, estando eu viva?

Esop.

Esop. E taõ viva, que tem o espirito no corpo.

Eurip. Se apanhara agora aquelle velhaco, lhe havia dar muito couce: estou ardendo com zelos! Montanhas, como naõ cahis sobre mim para sepultarme?

Esop. Espere, se quer que caya hum tronco sobre o seu corpo, isso farey eu.

Eurip. Deixa-me, Esopo, que estou zelosa.

Esop. Parece que lhe ardeo o rabo.

Canta Euripedes a seguinte

ARIA.

A vibora insana
Dos zelos com ira
Penetra tyranna
O peito, que espira
Nas ancias da dor.
Frenetica morro,
Afflicta suspiro,
Languente respiro
Nos zelos de amor. *Vaise.*

Esop. A' fé que ella vem para casa; ora já logrey o meu intento: mas que ouço? Tambores? O inimigo já vem chegando, vamos a defender a Praça.

Toca o tambor.

SCE-

SCENA II.

Mutação de Arrayal, e no fim estará hum Castello com gente de guerra, e sahem ElRey Cresso, Temistocles, e mais Soldados.

Tem. SOberbos, e arrogantes saõ os muros de Athenas! Parecem inconquistaveis!

Rey. Por isso mesmo será Athenas o alvo de minhas iras militares: Se vos parecem soberbos, e arrogantes esses muros, logo os vereis reduzidos a lamentavel estrago. O' Athenas, ou tu te has de render, ou eu hey de ficar sepultado debaixo de tuas muralhas.

Tem. Senhor, o bom Capitaõ deve ser prudente, e naõ temerario.

Rey. A prudencia he capa dos medrosos: o emprender impossiveis he principio de triunfar: vá Volantim à Praça, e diga aos Athenienses, que quem se acha nesta campanha, he ElRey Cresso de Lidia, a cujo valor se tem sujeitado todo o Peloponesso; que me acho com a flor de minhas tropas, que se se quizerem sujeitar com capitulações honrosas, pagando-me hum leve tributo, escusaráõ de

expe-

experimentar os rigores da guerra, e hum assalto rigoroso; e quando naõ, naõ ficará pedra sobre pedra.

Hirá hum Volantim ao muro, e dará o mesmo recado, ao que respondem da muralha.

Mess. Dizey a ElRey Cresso de Lidia, que Athenas, como soberana, nunca reconheceo Superior; e que o seu exercito naõ nos assombra; pois os de Athenas brigamos com dobradas armas, que saõ as do entendimento, e as da guerra; e assim, que nós resistiremos até morrer.

Rey. Notavel resoluçaõ!

Canta o Rey a seguinte Aria, e Recitado, e depois da-se o assalto.

RECITADO.

Animo, pois, Soldados valerosos,
Castiguemos a barbara ousadia
De Athenas temeraria,
Sentindo o insensivel
De Mavorte feroz a furia horrivel.

ARIA.

A fabrica altiva
De tanto edificio
Cruel sacrificio
De Marte será.
O fogo que accende
Bellona no peito,

O muro desfeito
Em cinzas fará.

Rey. Valerosos Soldados, neste primeiro assalto consiste a honra, e o valor. Toca a investir.

Toca-se, e se dá o assalto, arrimando duas escadas, por onde subiráõ alguns Soldados a brigar com os da Praça, e se lançará ao mesmo tempo algum fogo. Depois de alguma resistencia, entre as vozes dos Soldados, dirá o Rey.

Rey. Toca a recolher; suspenda-se o assalto, que morreo muita gente.

SCENA III.

Mutaçaõ de Sala, onde estaraõ Xanto, Ennio, e Periandro, e haverá como huma grande cadeira no fim.

Xant. NAõ he razaõ, que pelo exercicio das armas se suspenda o das letras; e assim em quanto pelejaõ os Soldados no muro, naõ quero esteja ocioso o discurso nas aulas, sentemonos, e vá de argumentos.

Sahe Esopo.

Esop. Ay, quem me acode, que morro?

Xant.

Xant. Que tens? Que te succedeo?

Esop. Venho esfalfado de brigar com os inimigos, que deraõ hum assalto na Praça.

Periand. Pois vencemos?

Esop. Eu, supposto lá me achasse, naõ vi cousa alguma.

Periand. Como? Isso implica.

Esop. Naõ implica; de sorte, que eu hia para ver o assalto, quando me disse hum Soldado, que era todo huma nata, e estava de sentinella: se quer ver ha de pagar à porta; e quiz a minha desgraça, que naõ levava dinheiro; e como me viraõ sem laya, deraõ-me logo huma baixa redonda.

Periand. Bom director temos para esta guerra? Entendo, Esopo, que se tu fazes das tuas, que todos ficaremos cativos delRey Cresso.

Esop. Se isso assim for, pegue vossa mercê no Senhor Jupiter, e dê-lhe muito açoute; pois elle foy o que me alcovitou para ser General desta guerra.

Xant. E que novas me dás de minha mulher?

Esop Ainda essa he peyor guerra, porque he huma guerra porca; pois quando se encoleriza, tocando com as vaquetas das pernas no tambor da sua paciencia, cada

da palavra he huma balla, e cada faliva hum perdigoto.

Xant. Pois, homem, vem para cafa, ou naõ?

Esop. Esteja descançado, que ella logo vem; porém (ainda que mal pergunte) hoje ha aqui conclusões?

Xant. Ha huma conferenciasinha; e tu Esopo tambem has de argumentar.

Esop. Quem defende?

Periand. Eu defendo tres pontos.

Esop. Quaes saõ, que eu tambem quero meter o meu bedelho?

Periand. As questões saõ curiosas.

Esop. Diga, que tambem sou curioso.

Periand. O primeiro ponto he: Que o mayor indicio do amor he o andar hum amante triste. O segundo ponto he: Que o amor, para ser perfeito, ha de ser cego. E o terceiro definir, que cousa he o amor.

Xant. Eu presido; argumente Ennio, e Periandro.

Esop. Na terra dos cegos quem tem hum olho he Rey. Argumente o Senhor Ennio, que eu estou já pullando para esgrimir a espada da eloquencia.

Ennio. Ora contra o primeiro ponto, em que se affirma, que o mayor indicio do amor

amor he andar triste hum amante, argumento assim: A tristeza he indicio do desgosto; o amor he o mayor gosto: logo naõ póde ser a tristeza indicio de hum gosto, qual he o amor.

Xant. Repita.

Periand. Nego, que o amor seja o mayor gosto.

Ennio. Provo: Se o amor naõ fora gosto, todos o aborreceriaõ; e como todos procuraõ o amor: logo o amor he gosto.

Periand. Todos appetecem o amor com vontade constrangida, concedo; com vontade livre, nego.

Xant. Admiravelmente; porque a vontade forçada naõ he vontade.

Esop. Isso se acaba com a experiencia; vamos às Galés, e faça-se anatomia em hum forçado, para ver se tem a vontade livre.

Ennio. Contra.

Esop. Ora calle-se, que naõ ha de levar a melhor de seu Mestre; pois ainda que diga huma asneira, sempre ha de vencer. Deixe-o agora comigo, que hey de baqueallo: *Faciat mihi dicendi veniam, Pater Magister barbatus, & enamoratus cum Mixela sua, contra punctum corridum sic argumentor*: Se o indicio mayor do amor

amor fosse a tristeza, *non tangeretur violam Barbeirus visinhum meum, ad namorandam cachopam: sed sic est*, que a viola he significativo da alegria: *ergo Barbeiro ad namorandam fregonam non usaretur* de cousa alegre.

Periand. Nego a menor, que seja a viola significativo da alegria; pois às vezes nella se tangem sons tristes.

Esop. Non potest esse: argumentor ita: Naõ haverá Barbeiro, que *ad namorandam, vel bichancreandam fregonam non tangat* oitavado; *atqui* que o oitavado he som folgazaõ; *ergo amor inginhatur* com cousa alegre.

Xant. Distingo: O oitavado he som folgazaõ, *ut vulgò* o arrepia, concedo; porém se he o oitavado molle, nego.

Esop. Tudo o que he molle, se arrepia; o cabello se arrepia, porque he molle; *ergo* o oitavado molle, e o arrepia se naõ podem separar, por serem *ejusdem furfuris.* Este argumento naõ tem reposta; assim o diz Galeno: *Omne molle arripiatur*, ou *surripiatur*, como diz a Glosa.

Xant. Ora calte, que naõ dizes nada.

Esop. Olhem vossas mercês, sempre hum exemplo aclara muito hum calcanhar: vá fóra da fórma: Se a tristeza fora signifi-

gnificativo do amor, seguirsehia, que o burro era a mais amante creatura; pois he certo, que naõ ha animal mais triste, melancolico, e sorumbatico, do que o burro; e assim, ou vossa mercê me ha de conceder, que o burro he amante, ou ha de negar, que a tristeza naõ he sinal de quem tem amor. *Quid dicis ad hæc?*

Xant. Digo que tens razaõ.

Ennio. Victor Esopo; boa paridade!

Esop. Pois eu naõ o disse por paridade; o certo he que eu sou hum grande talento.

Ennio. Contra o segundo ponto das conclusões, que diz, que o amor, para ser perfeito, ha de ser cego: o amor reside na vontade; o entendimento he o farol, que guia a vontade: logo se a luz do entendimento allumiara a vontade, nunca o amor seria cego.

Periand. Respondo, que nesse caso tambem o entendimento está cego. Se o entendimento está sem luz, como póde guiar a vontade?

Esop. Espere, espere, que agora lhe salto nas ancas: *totus amor est albarda*: *atqui* que albarda *est* enxerga; *ergo* o amor ha de enxergar.

Xant. Quem te disse a ti, que o amor era albarda?

Esop.

Eſop. Uy, Senhor, deſde que me entendo, ou antes de me entender, ſempre no berço me embalaraõ com aquella cantiga:

O amor he huma albarda,
Que ſe poem em quem quer bem;
Eu por naõ ſer albardado,
Naõ quero bem a ninguem.

Xant. Iſſo he queſtaõ de nome; vamos ao terceiro ponto, que he definir o amor.

Periand. Agora defina Eſopo o que he amor, que nós lhe argumentaremos.

Xant. Dizes bem; ouçamos o que diz, e vejamos o ſeu juizo.

Ennio. Bem eſtá, que elle tem grande juizo; aſſim o tivera eu.

Eſop. O meu juizo já andou demandado em juizo; mas eu, por lhe fartar a vontade, me ſubo à magiſtral, e definirey o amor.

Tod. Ora ouçamos a Eſopo; chiton.

Sóbe Eſopo à cadeira, e aſſentandoſe nella diz:

Eſop. Vulcano, aquelle celebre Ferreiro, a quem a Gentilidade hypothecou o dominio do fogo, foy marido de Venus; (ainda que outros dizem, que Venus he que foy ſua mulher) valha a verdade, que eu com iſſo me naõ meto; o que eu ſey he, que eſtando Venus ao pé de huma bigorna, em que Vulcano eſtava batendo

do hum ferro em braza, e sobre este descarregando o martello, eisque salta huma faisca, préga-se na barriga de Venus, e como à queima roupa, atea-se o incendio na camisa; mas quiz naõ sey quem, que como Venus era filha do mar alto, o fogo a naõ pudesse abrazar, fazendo-lhe huma empolla na barriga. Cuidado, Senhores, com o fogo, principalmente junto da formosura; porque a belleza he isca, que com qualquer fogo se atea; he mécha, que com qualquer isca pega; he polvora, que com qualquer faisca estoura: bem se vio no presente caso, mas naõ parou ahi o estrago, porque a tal empollasinha, ainda que diziaõ os Medicos, naõ he nada, naõ he nada, ella em nove mezes cresceo de tal sorte, que parecia hum tambor. Vendo-se a formosa Venus em tanto perigo, mandou chamar tres velhas suas conhecidas, e insignes mesinheiras. (Eraõ ellas mulheres muito honradas no seu corpo, e nos seus adornos muy parcas) Cada huma conforme a sua antiguidade foy-lhe apalpando a barriga: a primeira velha disse: Senhora, a barriga de vossa mercê tem tal quentura, que me persuado, que tem nella hum incendio. Disse a segunda:

da : Pois eu se me naõ engana o tacto, acho a barriga de vossa mercê taõ dura, que cuido tem dentro della hum calháo. Respondeo a terceira velha : Com licença das Senhoras Comadres , cuido que o que Venus minha Senhora traz na barriga, he hum bicho ; pois pelos saltos , que dá nella, assim me atrevo a affirmar. Palavras naõ eraõ ditas, quando estoura Venus pelas ilhargas, e sahio como huma pelota hum rapaz cego de ambos os olhos, com aljava ao hombro, e na maõ hum arco ; e pondo-se logo em pé, disse a criança : Naõ quebrem a cabeça , que o que minha mãy tinha na barriga era o amor , que sou eu. Vendo as velhas este prodigio , disse a primeira : Naõ cuides, Cupido, (que o rapaz logo trouxe o nome comsigo) naõ cuides , que me déste quináo, pois tanto montava dizer, que Venus tua mãy tinha na barriga hum incendio, que o ter amor ; porque amor, e incendio tudo he o mesmo. A quantos amantes na tyrannia de hum desdem faz o amor seu foguete, e de rabo , quando dá as costas aos carinhos , por mais que busca pé, para disparar nas meninas dos olhos o foguete de lagrimas, que chora? Todas as arvores de geraçaõ

saõ

saõ esgalhos da arvore do fogo do amor, donde cada bomba he hum pomo, e cada folha hum traque; porque todo o amor acaba de estouro. Para as Damas he o amor brazeiro, para as criadas chaminé, para os velhos borralho, para os moços esquentador, para os asnos fogo salvagem, para os lacayos fogo lento, para os tafuis fogo viste lingoiça, para os pretos tiçaõ, para os rapazes fogueira, e para todos inferno. Disse a boa da minha primeira velha; quando a segunda, inchando o gorgomillo, e encrespando as cordoveas, disse: Pois na verdade, que me naõ enganey em dizer, que Venus tinha hum calhão na barriga; pois nenhuma outra cousa he o amor senaõ huma pedra, e senaõ vejaõ: A cabeça do amor he pedra de porco espinho, pois pica os pensamentos amorosos; a testa he marmore, de que se lavraõ as estatuas da ausencia com o buril da memoria; os olhos saõ esmeraldas, cor da esperança, com que engana; a boca rubim, pelo sanguinolento; a garganta pedra hume, pelo que aperta; o peito diamante, porque hum amor só com outro amor se lavra; os braços, por victoriosos, pedras victorinas; as mãos pedra

lipis, pelo que cauterizaõ, e finalmente o rabo pedra bazar. He o amor, pelo forte, rocha viva; quando prostra, pedra de rayo; quando engoda, pedra de assucar; quando attrahe, pedra iman; quando experimenta finezas, pedra de tocar; quando vence impossiveis, a melhor pedreira; e quando doura aggravos, pedra filosofal. Para as mulheres, pedra de estancar sangue; para os homens, pedra de funda; para quem foge, ou as amóla, rebollo; para os barbeiros, pedra de affiar; para as cosinheiras, pedra de ferir lume; para os mochilas, pedra da rua; para os marujos, lancho da praya; para os meninos, confeito seixinho; para os golosos, pedra de cevar; para alguns, pedra cordeal; e para todos, pedra de escandalo. Ainda naõ tinha bem acabado de dizer a ultima sylla-ba, quando a outra velha, abrindo a caixa da boca, tirou o caxundé da eloquencia, e já quasi enfurecida disse: Supposto, Senhores, que eu seja mulher, naõ hey de ficar vencida; porque se affirmey, que Venus tinha na barriga hum bicho, naõ disse mal; pois que cousa he o amor, senaõ hum bicho, hum animal, e hum lagarto? E senaõ pergunto: Que he o

amor

amor ſenaõ huma hydra de ſete cabeças, que nem o mais valente Hercules pode vencer? He camaleaõ, que ſe ſuſtenta com o vento das liſonjas; he tarantula, que com os deſcantes cura o ſeu veneno; quando diligente, he ſantopea; quando ſe atea, aranha; quando com viſta mata, lince; quando cega, toupeira; quando deſdenhoſo, ouriço; quando timido, lebre; quando valente, tigre; quando fiel, cachorro; quando menino, leſma; quando arraſtado, cobra; quando trombudo, elefante; quando neſcio, camello; quando furioſo, leaõ; e quando pára, cendeiro. He o amor, para as Damas, arminho que regala; para as Freiras, caõſinho que affaga; para as velhas, dragaõ que mete medo; para os mancebos, cavallinho da alegria; para os velhos, cavallo canſado; para as coſinheiras, gata borralheira; para as feyas, caõ de arame; para os valentes, anta; para os Granadeiros, lontra; para os çapateiros, bezerro; para os caſados touro; para os pacientes, cabraõ; para os aſnos, burro, que dá couces na alma; e finalmente bogio, porque a todos préga o mono. Para prova deſta verdade perguntay a eſſes amantes, o que fazem, para explicar o

ſeu amor? Sabeis o que fazem? Fazem hum bicho; porque o meſmo he fazerem hum bicho, que dizerem, que tem amor; pois amor he bicho. He o amor bicho de concha, que no mar de Venus ſe gerou; he bicho de ſeda, que transformando-ſe em borboleta, ſe parece com o amor nas azas; he bicho de coſinha, que tempéra os genios mais aſperos; he ſabichaõ, porque a todos engana. Quando nos embebeda, bixaninha gata; quando nos mete medo, bicharoco; quando nos chupa o ſangue da bolça, he bicha; e finalmente he bicho carpinteiro, que naõ póde eſtar quieto com os ſeus bicharocos. E concluío a velha toda eſta arenga, fazendo hum horrendo, e eſpantoſo bicho, dizendo: Quem voſſa mercê, Senhor Cupido? Eſſa he boa! Eſta he a definiçaõ do amor, que lhe deraõ as tres velhas, vindo a concluir, que o amor he féra, rayo, e pedra; féra nos eſtragos, rayo nos incendios, e pedra na dureza; e quem quizer mais vá a ſua caſa.

Xant. Por certo, que definiſte bem o amor; e em premio da tua ſabedoria terás o gráo de Doutor em Filoſofia.

Periand. Juſto he, que laureemos a Eſopo.

En-

Ennio. Esopo merece todas as honras de sabio.

Xant. Has de ser Mestre do Curso, que se ha de abrir para o anno.

Esop. Isso he pulha; Mestre do Curso! Muito hey de gastar em alfazema, e alecrim, para perfumar a aula, que cheirará, que será hum desamparo.

Xant. Porém, antes de tomares o gráo, has de responder a huma pergunta solta, que he costume Academico.

Esop. Dize, Esopo, porque razaõ chamaõ aos corcovados Poetas?

Esop. *Sic quærit, & respondeo*: Chamaõ aos carcundas Poetas, porque os Versistas deste tempo saõ Poetas, mas he cá para traz das costas.

Periand. Boa reposta!

Ennio. Boa agudeza!

Esop. Ahi está ella muito à ordem de vossa mercê.

Xant. Ora eu te constituo Doutor, Esopo, pela authoridade, que tenho da Republica.

Periand. Muito bem, Senhor Doutor.

Ennio. Senhor Doutor? Seja-lhe muito parabem.

Esop. Com que só basta dizer o Senhor Xanto, que sou Doutor, para logo o ser?

Xant.

Xant. Quem o duvîda?

Esop. Ora eu cuidava, que para ser Doutor era necessario andár hum homem em Salamanca sete annos, e no cabo só huma palavra basta para resuscitar a hum nescio do sepulchro da ignorancia.

Sahe Euripedes gritando muito, e dará com a cadeira no chaõ, e ficará Esopo debaixo della.

Eurip. Donde está este patife, e este velhaco de meu marido? Donde está, que lhe quero perguntar, se ha de casar com outra mulher, estando eu viva? Tudo ha de ir razo nesta casa; naõ ha de ficar pedra sobre pedra.

Esop. A que delRey, que morro, que me estalou a corcova! Antes queria ser burro vivo, que Doutor morto.

Xant. Senhora, que terremoto he esse, que vem fazendo? Que tem?

Eurip. Ainda me pergunta que tenho? Vossê casado com Geringonça, estando eu viva?

Xant. Eu, Senhora? Isso he testemunho.

Eurip. Esopo, naõ mo disseste?

Esop. He verdade, mas como vossa mercê naõ queria vir para casa a fazer vida marital com meu patraõ, foime preciso fingir, que elle se casava; porque vossa mercê entaõ acossada dos zelos viria para a sua companhia.

Xant.

Xant. Eu te perdoo a pessa, pela industria com que a trouxeste para casa.

Eurip. Esopo, desavergonhado, tu me fosse enganar? Pois em ti vingarey a minha raiva. *Dá-lhe.*

Esop. Tá, tá; tenha maõ para lá, que já naõ sou seu cativo, que me libertou o povo; e além disso sou Doutor em Filosofia, que he o mesmo que Mestre em alhos; e já agora taõ bom, como taõ bom.

Eurip. Está bem; tu mo pagarás: anda Xanto. *Vaise.*

Xant. Vamos, Senhora; vou tremendo! Esopo, vem comigo, que apartarás a pendencia.

Esop. A Senhora Mestra, e o diabo tudo he hum; hoje temos touros de capa, e eu farey muito por lhe mostrar a manta. *Vaise.*

Ennio. Vinde, Periandro, que já naõ posso aturar o diabo da mulher.

Periand. Ide Ennio, que quero ver se posso fallar com Filena, que ha dias que a naõ vejo.

Ennio. Pois ficaivos embora. *Vaise.*

Periand. Se estará ainda Filena mal comigo, pois desde o dia, que o pay foy para beber o mar, me naõ quiz fallar? Bem disse Esopo, que o amor era pedra,

fo-

fogo, e féra, pois tudo tenho, e tudo acho em meu amor; fera na condiçaõ de Filena; fogo no incendio de meu peito; e pedra no immovel, com que me detenho nesta casa, que parece que sou o mesmo edificio aonde habita Filena. Oh quem nunca soubera o que era amor!

Sahe Filena.

Filen. Quem está aqui?

Periand. Quem ha de ser, senaõ quem adora, naõ só o idolo de tua formosura, mas até as paredes do templo, onde te elevas Deidade?

Filen. Se soubera, que estavas aqui, naõ passara por esta sala.

Periand. A tanto chega o teu odio, que nem verme desejas?

Filen. Naõ posso responder, porque minha mãy já veyo para casa, e lhe vou fallar.

Periand. Espera, que te naõ has de ir, sem primeiro fazermos as pazes; pois sem razaõ vejo, que estás contra mim.

Filen. Naõ quero admittir desculpas, que haõ de ser taõ falsas, como tu, que as pretendes dar; deixa-me, Periandro, que vou ver minha mãy.

Periand. Escuta se quer hum breve instante, Filena, as queixas de hum amante afflicto; naõ queiras, que de todo acabe

be deſeſperado aos golpes de huma magoa.

Filen. Por me naõ deteres mais, dize o que queres dizer.

Periand. Pois eſcuta.

Canta Periandro a ſeguinte

ARIA.

Ingrata, naõ ſey porque,
Podendo eu ſer feliz,
Fazes com teu rigor,
Que chegue a enlouquecer.
Cruel Deidade, vê
Que ainda que infeliz,
Em mim ſe acha amor,
Que puro ſabe arder.

Filen. Compadecida da tua magoa buſcarey hora, em que com mais vagar te deſculpes, e eu te ſatisfaça. *Vaiſe.*

SCENA IV.

Mutaçaõ de Camera, e ſahe Eſopo com hum papel na maõ.

Eſop. GRande pezo tenho ſobre as minhas coſtas! Naõ baſtava eſta corcova, mas ſobre ella ainda hum amor, como hum inchaço? Eu confeſſo, que ſim

ſim tinha amor à menina; porém depoi
que a vi hontem cahindo-lhe a baba pe-
los cantos da boca, ainda fiquey mai
abrazado: vejaõ agora a aſneira deſt
meu amor, em que havia achar motiv
para ſe atear! Eu tomara declararm
com ella: ſe pegar muito bem, quand
naõ pouco ſe perde; mas eu acho d
mim para mim, que ella naõ ha de te
duvida a ſer minha amanta, pois já ago-
ra ſou Doutor; e ella que mal lhe eſtar
levar em capello a minha contuberni
amoroſa?

Sahe Filena.

Filen. Eſopo, ha dous dias, que me naõ
dás liçaõ: ora vamos a iſſo.

Eſop. Ora digaõ agora voſſas mercês ſem
paixaõ, quem ſe naõ ha de namorar da-
quella cara, que parece pintada a oleo
de linhaça?

Filen. Vamos à liçaõ, ſe queres, ſenaõ vou-
me.

Eſop. Quero, quero; antes porque quero
por iſſo naõ quero. Olhe minina, nin-
guem corre a traz de nós; tempo tem
a liçaõ; converſemos hum pouco pri-
meiro.

Filen. Ora converſemos, que eu goſto mui-
to das tuas graças.

Eſop.

Esop. Mais entendo eu, que gosta das minhas desgraças.

Filen. Das tuas desgraças? Como?

Esop. Bem; já estou metido na tramoya: eu começo a explicarme: como está o Senhor seu pay dos flatos?

Filen. Que tem cá as tuas desgraças com os flatos de meu pay?

Esop. Isto foy hum entreparente; mas o caso he, que as minhas desgraças vossa mercê..... quando.... hoje.... à manhã.... eu estou fóra de mim! Naõ digo cousa com cousa!

Filen. Que dizes, que te naõ entendo?

Esop. Agora, agora, eu me explico: De sorte, que eu.... naõ.... naõ.... de maneira.... que vossa mercê.... naõ.... sim.... naõ.... espere.... faça vossa mercê de conta....

Filen. Que hey de fazer de conta? Tu estás bebado?

Esop. Naõ estou bebado por vida minha; ora espere, que eu me explico neste

SONETO.

Ora aspiro, ora temo, ou duvido;
Ora grave, ora meigo, ora severo;
Ora engeito, ora peço, ora naõ quero;
Ora páro, ora tenho, e ora envido:

Ora

Ora inculto, ora monstro, ora Cupido;
Ora prompto, ora tímido, ora féro;
Ora livre, ora escravo, e ora impéro;
Ora amante, ora ingrato, ora sentido;
Ora morro, ora vivo, ora me afogo,
Ora rio, ora choro, ora me assanho;
Ora já, ora naõ, e ora logo.
Ora envido, ora perco, e ora ganho;
Ora incendio, ora neve, e ora fogo;
Estranho variar de amor estranho!

Filen. Tens dado mais horas, que hum relogio, e em tantas naõ te pudeste explicar.

Esop. Pois, Senhora, nas horas desse relogio apontava o mostrador do meu enleyo, quando a formosura de vossa mercê me tem feito em quartos, e por instantes morrendo na repetiçaõ dos golpes.

Filen. Sim? Pois que he?

Esop. He o coraçaõ, que está a bater.

Filen. Pois isso que tem? A todos faz o mesmo.

Esop. Será; mas eu acho, que o meu coraçaõ naõ cabe na pelle, porque tem dentro....

Filen. O que tem?

Esop. Tem â, â, â....

Filen. Se naõ passas do A, pouco sabes: que

que he o que tens, que estás gago?

Esop. Quero dizer amor, e naõ me chega a lingua. Ora escute, que cantando me explicarey; pois que o amor he Tarantula, como disse hum discreto, que fuy eu, com a musica curarey o veneno do coraçaõ.

Canta Esopo a seguinte

ARIA.

Sabes tu quem me atormenta?
De mansinho, aqui em segredo:
He.... mas ay, que tenho medo?
Ora eu digo resoluto,
Es tu mesma, ingrata, tu.
Tu fabrícas este enredo
Aos meus olhos, que lamentaõ
O rigor daquelle monstro,
Que anda cego, nú, e crú.

Filen. Com que te namoraste de mim? Vivas muitos annos, que eu disso naõ me offendo.

Esop. Sim, mas eu queria ....

Filen. Que querias?

Esop. Eu sey! Queria, que me correspondesse tambem, que nos escrevessemos de parte a parte, ainda que sempre fallamos; queria, que me désse mais hum coraçaõ de azeviche, com huma fita da

sua

sua anagoa; e a fita havia ser verde, para eu lhe fazer huns versos, onde havia fallar em esperança. E indo nós assim andando, ao depois o tempo daria de si alguma cousa; pois que diz? Sim?

Filen. Valha-te o diabo, mofino, que sempre has de estar de pachorra! Vamos à licaõ, anda, que ao depois quero me notes huma carta para Periandro, que hey de escrevella pela minha propria maõ, e da minha letra, tal, e qual.

Esop. Com que naõ ha que deferir ao meu requerimento, e sobre naõ ser admittido, como amante, hey de ser alcoviteiro? Isso naõ ha ley, que o mande: e se Cupido tal souber, he capaz de deixar cahir hum rayo sobre mim; porém nem tudo se leva de hum jacto; eu hirey colhendo favores às furtadellas: ora ande menina, escreva lá.

Filen. Dize de vagar, e que à manhã me falle; escolhe tu o lugar, que for mais seguro.

Vay dictando Esopo, e escreve Filena.

Esop. Meu bem Esopo, de quem fio os segredos do meu coraçaõ, diga o quanto este se abraza nas chammas do amor; naõ lhe posso dizer mais, nem menos, que aos bons entendedores pouco lhe bas-

basta : à manhã à noite espero vêlo no pateo escuro para o enxergar melhor, o qual cahe para a estribaria do cavallo de meu pay. Deos te guarde, que te naõ quero dar quebranto. Muito sua pelo sovaco. Ponha hum F com hum E atraz.
Silen. Ha de ser P, e naõ E : naõ vês tu, que se chama Periandro?
Esop. He o que me faltava, querer a Discipula ensinar ao Mestre! Diga lá o A, B, C.
Silen. A, B, C, D, E, F.
Esop. Basta ; páre ahi : naõ vê tollinha, que o E está atraz do F, e naõ o P? Ponha, ponha como lhe digo.
Silen. Tens razaõ, eu ponho.
Esop. Ao menos a carta he toda lida nesta fórma.

Lê Esopo, virgulando como acima.

Esop. Meu bem Esopo, de quem só fio os segredos do meu coraçaõ.
Silen. Naõ quero ; has de ler assim : Meu bem, virgula, Esopo de quem só fio, &c.
Esop. Naõ faço caso de pontos, e virgulas, que já se naõ usaõ. Ay que ahi vem seu pay!
Silen. Pois dá a carta a Periandro. *Vaise.*
Esop. Naõ a darey senaõ a mim, que eu da-

daquí em diante hey de ser o teu Periandro. *à parte.*

Sahe Xanto.

Xant. Esopo, que escrito he esse, que ahi tens?

Esop. He a carta da menina.

Xant. Como vay ella com o ler?

Esop. Admiravelmente: já dá escritos com a mayor facilidade do mundo.

Xant. Sendo tu seu Mestre, naõ duvido, que esteja taõ adiantada.

Esop. Ah Senhor, que se ella tomara bem as minhas lições, talvez que estivera hoje n'outro estado.

Xant. Saõ raparigas, querem brincar. Ora Esopo do meu coraçaõ, depois que veyo este tigre de minha mulher para casa, ainda naõ pude mais fallar a Geringonça, e importa fallar com ella cousa de grande empenho: estimara, que à manhã à noite nos vissemos no pateo da estribaria: Esopo, peço-te isto como amigo: a Deos, que me naõ posso deter.

Esop. Este pateo da estribaria, que diabo terá para os amantes? Porém só na estribaria merece estar quem he amante.

Sahe Geringonça.

Gering. Ora, Esopo, tu fazes zombaria de mim?

Esop.

Esop. Doutor de quando em quando.

Gering. Que ande eu morrendo de amores por ti, e que tu taõ secco, taõ despegado, e desdenhoso me faças desprezos!

Esop. Mulher, ou tiçaõ do Inferno, naõ me deixarás? Como queres, que te queira bem, se naõ acho por onde te pegue! Naõ vês, que es huma cosinheira, e eu sou hum Doutor?

Gering. Tu es Doutor?

Esop. Quando nada; porque? Naõ me vistes logo na cara o resplendor doutoral? Vê tu agora, se está bem a hum Doutor casar com huma cosinheira? Já se tu foras Doutora, tranca; porém huma criada chirle, fedendo a adubos, *non sufretur in rerum natura.*

Gering. Ay, tu sabes Latim?

Esop. *In totum, ite, ite ad temperandas panellas.*

Gering. Agora te quero mais: olha, que importa, que tu sejas Doutor? Naõ vês que o cavallo alimpa a egoa?

Esop. *Ergo cavalus sum ego?*

Gering. Naõ entendo o que dizes; falla-me como dantes.

Esop. *Non possum, quia in hac hora venit mihi flatum filosofandi.*

Gering. Donde aprendeste isso taõ depressa?

Esop. *Venit ab alto, & non te importat.*
Gering. Que o achaste na porta?
Esop. Naõ ha mayor desesperaçaõ! Queres tu tambem agora aprender Latim? Mulher, como to hey de dizer? Naõ te posso querer bem. Deixa-me; quanto mais me segues, mais me persegues. Arre com a sarna!
Gering. Que soffra eu estes desprezos!

Canta Geringonça a seguinte

ARIA.

Vou-me embora, Esopo ingrato;
Já te deixo, pois naõ quero
Teus repudios aturar.
Tu desprezas o meu trato,
Sem olhar, que te venero?
Pois amor me ha de vingar. *Vaise.*

Sahe Messenio.

Mess. Esopo, estamos perdidos.
Esop. Porque, alguem nos busca?
Mess. Sahio do Exercito delRey Cresso hum Soldado a desafiar hum dos nossos, e que à manhã o esperava no campo, só por só, e com armas iguaes; e quando naõ, que incorreriamos em pena de cobardes; e o peyor he, que naõ ha quem queira aceitar o desafio, porque os melhores Cabos, e Soldados, estaõ doentes das feridas das settas; e assim, pois Jupi-

ter

ter te escolheo para director desta guerra, dize o que faremos.

Esop. O caso ainda assim he de barbas; mas por vida de Esopo, que eu mesmo hey de sahir em pessoa ao desafio.

Mess. Tu, como? Se naõ sabes jogar as armas, e os inimigos saõ déstros nellas?

Esop. Vossa mercê Senhor Messenio está enganado: quem lhe disse, que eu naõ sabia jogar as armas? Ainda naõ ha muitas horas, que joguey a minha espada com hum tambor ao jogo das chapas.

Mess. Naõ te ponhas com graças, dá remedio a cousa de tanto empenho.

Esop. Pois, Senhor, tenho dito; eu mesmo sahirey: eu posso fazer mais, que dar o conselho, e executallo? Ora ande, que na guerra val mais a industria, que o valor.

Mess. De ti tudo se espera. *Vaõ-se.*

SCENA V.

Mutaçaõ de Arrayal, e apparecerá a Praça; e a hum lado ElRey Cresso com alguns Soldados, e no meyo do theatro Temistocles com espada, e rodéla.

Rey. JA' que fizeste o desafio, vê lá como te sahes delle; naõ nos desacredites.

Tem. Taõ poucas experiencias tenho dado do meu valor em tantas campanhas, para que agora Vossa Magestade desconfie de mim?

Rey. Bem sey, que es bom Soldado, e valeroso; mas nem sempre a fortuna póde ser favoravel: queira Jupiter, que triunfes, que a tua gloria será a minha.

Tem. Venha quem vier; venha o mais valente Soldado dos Athenienses, que do primeiro revés o hey de descabeçar. O' lá da Praça, naõ vem esse valente?

Haverá huma porta na muralha da Praça, por onde sahirá Esopo armado com capacete, espada, e rodéla, e dirá dentro o que se segue.

Dentr. Esop. Já vou, espere, que me estou apolvilhando. Cuidado naõ me fechem a porta do muro, que importa.

Sahe Esopo.

Esop. Ora salve Deos a vossa mercê.

Tem. Vossê he o do desafio?

Esop. Cuido, que sou eu, se me naõ engano: arre lapas! Que será isto, que me naõ posso ter nas pernas! Estava eu manso, e pacifico, quem me meteo em desafios? Ah D. Quixote, aonde estás, que aqui eras tu gente!

Tem. Ora pois, vamos a isso depressa.

Esop. Uy, Senhor, que pressa tem vossa mer-

mercê? Morra eu de cutiladas, mas naõ quero morrer de afogadilho. Com licença de vossa mercê, já venho.

Faz que se vay, e torna a voltar.

Tem. Aonde vás?

Esop. Vou mudar de camisa, que entendo, que estou mijado com alguma cousa mais.

Tem. Bom contrario tenho eu! Desta vez logro o triunfo, meçamos as armas: estaõ iguaes. *Medem as espadas.*

Esop. Estaõ iguaes? Naõ ha tal.

Tem. Como naõ?

Esop. A sua espada tem punho de prata, e a minha de cabello. Naõ Senhor, haõ de ser armas iguaes, ou eu naõ hey de brigar.

Tem. Iguaes se entende do mesmo comprimento: bem parece, que isto naõ he terra de Soldados; mas sim de Filosofos.

Esop. Tu o amargarás na conclusaõ. *à p.*

Tem. Pois estaõ as armas iguaes, agora partamos o Sol.

Esop. Que parta o Sol? Querme vossê partir o sol da India com os dentes? Quem parte o Sol, melhor me partirá a cabeça.

Tem. Bem estamos: toquem os clarins a investir.

Esop. Mande antes dobrar os sinos; porque

que eu desta vez aqui fico enterrado?

Tocaõ huma marcha com as trompas.

Rey. Que faraõ os dous, que tanto tardaõ a investir?

Tem. Ora vamos.

Esop. Pois vamos? A Deos até à manhã.

Tem. Briguemos, quando naõ, vou dando.

Esop. Dê, dê, que eu farey queixa a sua mãy. E que fará agora Geringonça? *à p.*

Tem. Ora já te naõ posso aguardar, que nas dilações periga o meu credito. *Investe.*

Esop. Espere, espere; tenha maõ, que já naõ póde brigar.

Tem. Porque?

Esop. Porque o ajuste foy ser com armas iguaes; quanto a isso naõ se me dá.

Tem. Naõ se te dá das armas? Pois em que te fias?

Esop. Fio-me na coura.

Tem. Pois se as armas estaõ iguaes, que mais falta aqui para a ley do duelo?

Esop. O desafio foy, que havia ser só, por só.

Tem. Sós estamos.

Esop. De burro: isso he naõ ser valente, vossê com gente de escolta a traz? Aonde está ahi a graça? Naõ sabe, que *nec Hercules contra duo*; quanto mais, quem naõ he para ser criado de Hercules?

Tem.

Tem. Eu venho só, e naõ trago nenhum comigo. *Volta-se.*

Esop. Quer agora negar, o que eu estou vendo? Olhe para traz, e verá com os seus olhos: ahi! hum, dous, tres, dezanove, cincoenta.

Ao voltar Temistocles a cara, dá-lhe Esopo huma cutilada, e deitará a fugir para a Praça, e cahe Temistocles.

Esop. Agora, que se vira, reviro eu. Zumba. *Vaise.*

Tem. Ah traidor que me mataste! Traiçaõ, traiçaõ.

Rey. Que foy isso Temistocles? Tu ferido dessa sorte?

Tem. Que ha de ser? Hum traidor, que dizendo-me, que eu trazia gente de escolta, hindo a virar a cara me deu huma cutilada.

Dentro. Viva Esopo, Esopo viva. Victoria.

Rey. Com que Esopo foy o que veyo ao desafio? Ainda estou mais picado!

Tem. Veja Vossa Magestade se disse eu bem, que Esopo nos havia de fazer a guerra.

Rey. Pois juro, que daqui em diante apertarey mais o cerco, só para apanhar ás mãos este velhaco de Esopo; anda curarte na minha tenda. *Vaõ-se.*

SCE-

SCENA VI.

Mutaçaõ de columnas, ou pateo escuro azulejado, e no fim estará huma porta, e sahe Euripedes.

Eurip. VEnho como tonta! Isto he o que quer que he; estando eu no melhor do somno naõ acho na cama o meu marido; vou à cama de Filena, tambem o naõ acho, nem Esopo apparece; tenho corrido toda a casa de alto abaixo, sem ver nenhum, até me obriga a vir por este pateo; entrey na estribaria, nada encontro! Que diabo será isto! Mas eu cuido, que sinto pizadas; eu me retiro para este canto, que hoje haverá serra Hespanha. *Retira-se.*

Sahe Filena.

Filen. Aqui mandey, que esperasse Periandro, e Esopo me disse, que elle já aqui estava; mas eu naõ sey por onde ponho os pés, e tenho dado mil quédas; pois com o escuro da noite naõ sey por onde venho, nem por onde pizo; ay amor a quanto obrigas!

Sahe Xanto.

Xant. Agora acabo de ver, que he cego o amor,

amor; pois como cego venho às apalpadellas por tantos corredores, até chegar a este pateo, que ha de ser esta noite a campanha do amor, em que quero fallar a Geringonça.

Filen. Mas eu cuido, que alli vem gente; quem ha de ser, senaõ Periandro?

Xant. Sinto pizadas, e o vulto, se me naõ engano, para mim se vem chegando: sem duvida he Geringonça: que espero, que lhe naõ fallo? Vem embora, pois tu es a luz, que me traz cego a fallarte: tanto tardaste?

Filen. A voz he de meu pay; eu estou perdida! Ora quando os velhos tem amor, que faraõ os moços! Eu vou-me retirando: ha mayor desgraça, que quando busco a Periandro, encontro meu pay! *Vaise.*

Xant. Com o escuro naõ atino aonde ella está.

Vay Xanto chegando para onde está Euripedes, e sahe Esopo.

Xant. Oh cá estás tu? Pois agora já poderemos fallar.

Eurip. Ay, he o Senhor Xanto? Pois eu me callo, até que elle se declare bem, que quero ver a quem busca.

Esop. Esta casa parece-me encantada; pois des-

desde á meya noite, que sahi de cima, até agora estive sem atinar com a pateo. Valha-te o diabo pateo, que a tantos fazes patear! Ora aqui estou eu no meyo do campo; venha agora Filena a desafiarme, e veremos como se porta comigo. E o velho fica logrado, que eu naõ dey o recado a Geringonça.

Xant. Minha Geringonça, naõ sabes, que morro por ti? Pois como me desprezas?

Eurip. Meu dito, meu feito! Ora quero fingirme Geringonça.

Xant. Naõ respondes, amores?

Eurip. Como quer que o queira, se vossa mercê quer tanto à Senhora Euripedes?

Xant. Valha o diabo Euripedes, que por sua causa naõ me declaro teu amante! Tomara, que já morrera para casar comtigo.

Eurip. Ha quem isto ouça? Eu quero disfarçar ainda.

Esop. Muito tarda Filena! Donde estará esta bogia? Mas parece-me, que já a estou vendo vir tique tique, com a sua anagoa de franjas, çapatinho de tessúm, o cabello desgrenhado, cuberta com a sua capona. Mas ay, que agora me lembrou huma cousa, que se ella me abraçar, poderá topar com a minha corcova, e

por

por ella conhecerme pelo tacto! Pois bom remedio, em tal caso direy, que me abrace pelas gambeas, que he hoje o rigor da França; mas se me naõ engano ahi vem gente, e o pizar he de mulher.

Sahe o burro, que vay para Esopo.

Ella he sem duvida, que a conhece o nariz pelos aromas, que exhala: e como vem serena! Ora fingirme quero Periandro: Vem cá, Planeta da quarta esfera; vem, formosa Venus, a mitigar o febricitante ardor de meu peito, com o assucar queimado dos teus carinhos: naõ me dizes nada? Estás muda? Sem duvida que o teu pudor te embarga as vozes na chancellaria do peito. *Zurra o burro.* Calte, calte, naõ te soffoques: coitadinha da minha menina, como estás rouca! Estou taõ contente! Desta vez hey de dar duas figas ao amor.

Xant. Muito te resistes, ingrata Geringonça!

Eurip. Quero apurar bem a paciencia.

Esop. Ora agora, meus amorinhos, meu feiticinho, dá-me essa maõ de jasmim, ou esse pé de cravo, para pôr, e dispor no canteiro de meu coraçaõ. *Zurra.* Falla demansinho, naõ ouça teu pay: sempre me vás a fugir? Olha cá, queres tu ca-

caſar comigo? *Zurra.* Sim? pois havemos ſahir a furto, deixa eſtar; mas tua mãy naõ o ſaiba.

Xant. Ora iſto he já deſeſperaçaõ.

Faz que pega nella.

Eurip. Retire-ſe lá; quem he?

Eſop. Menina, naõ gaſtemos mais tempo; ajuſtemos o noſſo amor: ora dá-me hum abraço; anda, naõ ſejas burra.

Ao ir Eſopo abraçar o burro, dá-lhe eſte dous couces, e aos gritos de Eſopo ſahirá Geringonça com huma candêa acceza.

Eſop. A que delRey, que me matas! Ingrata, com iſſo pagas o meu amor?

Gering. A que delRey, ladrões no pateo?

Sahe.

Eurip. Guarde Deos a voſſa mercê, Senhor Xanto, pois que vay?

Xant. Iſto he encanto: mofino homem, que ha de ſer de mim!

Eſop. Uy, Filena converteo-ſe em burro! Andou diſcreta, para a naõ conhecerem. O' Filena, torna-te outra vez em gente, que com a baralhada, que aqui vay, ninguem repara.

Gering. Eu eſtou paſmada! Que diabo he iſto, que vejo!

Eurip. Que diz agora, velhaco, magano? Pois quer que eu morra, para caſar com Ge-

Geringonça? A que delRey sobre este magano!

Esop. E o velho como está reo!

Xant. Naõ te posso responder: vou matarme, antes que me mates. *Vaise.*

Eurip. Peguem-me nesse magano.

Gering. Ay, Senhora, deixe o triste velho, bem lhe bastaõ os seus achaques.

Eurip. Ainda acodes por elle, velhaca? *Vais.*

Gering. Naõ sou amiga de ouvir pendencias. Esopo, que fazes aqui ao pé do burro?

Esop. Calte, que naõ he burro; he Filena, que está disfarçada para a naõ conhecerem. Naõ me dirás, para que trouxeste agora essa candeya, pois com ella fizeste tantos desarranjos?

Gering. Com que essa he Filena?

Esop. De que te espantas? Nunca ouviste dizer, que Venus se converteo em gata? Pois que muito que Filena se converta em burro? Pois por certo, que naõ he Venus melhor do que ella.

Gering. Pois dá-lhe hum abraço?

Sahe Filena gritando.

Filen. Venhaõ acudir a meu pay, que está para se enforcar na grade do leito, por naõ aturar as guerras de minha mãy.

Gering. Esopo, fica-te com o teu burro. *Vaise.*

Esop.

Esop. Ora só esta a mim me succede! Que estivesse eu esfalfando-me em dizer finezas a hum burro! Sem duvida levey dous couces, cuidando que levava dous pescoções.

Filen. Andem acudir a meu pay, que se enforca.

Esop. Deixe-o enforcar, que eu tambem vou fazer o mesmo. Arre com a cancaburrada da noitesinha! Olhem, naõ ha cousa mais fiel, que o nariz; por isso lhe fedia o bafo a cevada; mas como tinha o nariz cego de amor, cuidey, que me cheirava a beijoim.

Filen. Anda, naõ te detenhas, que meu pay estará enforcado a estas horas.

Esop. Isto naõ saõ horas de se enforcar ninguem; e se naõ vamos, e verá. Ah ingrata, naõ te perdoo o susto desta noite, que toda foy huma burrada.

Cantaõ Euripedes, Esopo, e Geringonça a seguinte

ARIA A 3.

Eurip. Calte, calte, marafona,
Calte, infame bribantona;
Se naõ, vou saltando em ti.

Gering. Que fiz eu, Senhora, que?
Porque assim sem mais, nem mais,
Taõ cruel me trate assi?

Esop.

Esop. Deixe a moça : ouves tu?
Naõ lhe digas chus, nem bus;
Té passarlhe o frenesí.
Eurip. Hoje aqui te hey de matar.
Gering. Hoje aqui naõ hey de estar.
Esop. E eu aqui hey de ficar.
Eurip. Pois que os zelos,
Gering. Pois que a dor,
Esop. Pois que amor,
Tod. Já me faz desesperar.
Eurip. Naõ te quero mais em casa,
Vaite, vaite para fóra.
Gering. Saiba Deos, e todo o Mundo
A innocencia, em que me fundo.
Esop. Calte filha, alimpa o ranho,
Toma o manto, e vaite embora,
Tod. Que os enredos deste pateo
Naõ se podem aturar.

SCENA VII.

Mutaçaõ de Camera. Sahem Xanto, e Esopo.

Xant. ESopo, ouve-me por tua vida.
Esop. Senhor, eu confesso-lhe, que já estou arrependido, e arrenegado; nem quero ouvillo, nem quero nada desta casa; vou-me embora.
Xant. Pois porque?

Esop.

Esop. Uy Senhor, he zombaria andar aqui em huma roda vida, Esopo de dia, Esopo de noite, como se eu fora algum bonecro de cortiça? Huma casa de enredos, e hum enredo sem fim? Vossa mercê libidinoso, e sua filha rude, sem tomar as minhas lições; e sobre tudo huma mulher brava, haverá resistencia, que tal possa soffrer? Pois....

A R I A.

Ver o tigre de minha ama,
Quando em colera se inflamma,
Dizer ao marido amante:
Venha cá, velho bribante:
E o velho paciente
Com voz baixa, e tremebunda
Lhe diz: calte lá, serpente;
Quando diz de lá Filena:
Mây, naõ seja impertinente,
Tenha modo, e tenha sizo;
Mas confesso, que com rizo
Me faz isto escangalhar.
E que o misero carcunda,
Vendo tanta barafunda,
Tal se atreva a tolerar!

Sahe Messenio.

Mess. Que seja possivel, que estejas a cantar, Esopo, quando estamos na mayor afflicçaõ!

Esop.

Esop. Pois que? Temos outro desafio?

Mess. Naõ vês o miseravel estrago, em que está esta praça, com hum cerco ha tantos tempos, sem nos vir soccorro de parte alguma, e já naõ ha comer para os Soldados? Nestes termos dize, o que havemos de fazer?

Xant. Senhor, eu sou de parecer, que nos entreguemos, que naõ ha resistencia a hum poder taõ grande.

Esop. Cale-se lá, naõ se meta aonde o naõ chamaõ. Ah Senhor Messenio, Jupiter, que me nomeou para General, bem sabe o que fez, que elle naõ se engana comigo; mande vossa mercê escolher hum par de Soldados, os que lhe parecerem mais valentes, e a cada hum dê huma saya, e huma mantilha, e que se preparem com armas curtas, e esperem por mim à boca da noite no postigo da muralha, que eu lá estarey, e que façaõ o que eu disser.

Mess. Que intentas fazer?

Esop. Logo o saberá; andem comigo, que saõ huns fonas.

Xant. Queira Deos, Esopo, que acertes.

SCENA VIII.

Mutaçaõ de Arrayal. Descobre-se a Praça com o cerco dos Soldados, ElRey, e Temistocles.

Rey. NOtavel constancia tem mostrado os Athenienses neste sitio; pois a pezar de todo o meu poder se resistem valentes!

Tem. Eu entendo, Senhor, que cedo capitularáõ; pois segundo as informações, que deu hum Soldado, que fugio da Praça, está já sem mantimentos; com que cedo lograremos a victoria.

Rey. Tomara haver às mãos este Esopo, que só por elle aperto o cerco da Praça; mas naõ vês abrirse o postigo da muralha?

Sahe do postigo Esopo vestido de mulher, e da mesma sorte alguns Soldados, com alguns cutélos, que ao depois puxaráõ por elles, e diz dentro Esopo o seguinte.

Dentr. Esop. Naõ me fechem a porta, que aliás perderemos o pezo, e feitio.

Mess. Vay descansado, Esopo, que aqui fico eu; e Jupiter permitta, que te naõ succeda alguma.

Esop. Quando eu der hum assobio, fazer o

que

que tenho dito, e fingir falla de mulher. *Sabem.*

Tem. Quem vem lá?

Esop. Senhor Soldado, que já foy quebrado, somos humas afflictas mulheres, que queremos fallar a ElRey Cresso, ou da Lidia.

Rey. Aqui me tendes, que he o que quereis?

Esop. Vossa Magestade saiba, que eu sou huma donzella, (salvo tal lugar) que com estas companheiras sahimos da Praça, ou para melhor dizer nos lançaraõ à margem.

Rey. E porque vos expulsaraõ?

Esop. Eu sey? Senhor, Vossa Magestade, se algum dia foy mulher, bem saberá das nossas mazéllas; mas pelo que me disse hum tio meu tambor, que se lançava a gente inutil para a guerra, porque comiamos o comer dos Soldados.

Rey. Pois tanta falta ha de mantimentos!

Esop. Ay Senhor, isso naõ se falla; eu hontem comi huma frigideira de lendeas, por naõ ter outra cousa; esta minha companheira, parindo hontem hum filho huma visinha sua, o comeo, e ainda lhe lambeo os beiços: pois agua? Só dos olhos bebemos as lagrimas. Em fim, Senhor,

Q ii

nhor, nós estimamos muito, que nos deitassem fóra, para enchermos a barriga; pelo que vos pedimos, Senhor, que nos mandeis dar de cear, e agazalhar; e adverti, que a clemencia nos Principes he a melhor pedra, que adorna a sua Coroa.

Rey. Temistocles, agazalhay essas mulheres, que eu me vou recolher. *Vaise.*

Tem. Supposto que o escuro da noite mal me deixa perceber as feições desta moça, pelo metal da voz, e pelo modo, me tem cativado. *à parte.*

Esop. Pois havemos dormir no campo, Senhor Soldado?

Tem. No campo naõ, mas na minha barraca sim, pois me compadeço de vós; e na vossa companhia suavisarey as asperezas de Marte: assim o permitta o amor.

Esop. Amor? Ay que graça! He nome esse, que nunca ouvi. Estou bem aviado, se o Soldado me namora. *à parte.*

Tem. Ora dizeime, que faz lá esse magano de Esopo? Ainda he vivo?

Esop. Coitado de Esopo! Anda bem achacado, e já está quasi louco com huma teima notavel, dizendo, que he mulher, e naõ homem.

Tem. Taõ grande juizo havia de dar volta;

pois

pois sinto, que supposto me enganasse no desafio, com tudo sey, que he homem de prendas.

Esop. Com que vossa mercê he o do desafio? Ora consolese com as disposições do Ceo.

Tem. Ora, meu amor, eu mando accommodar as tuas companheiras, e tu vem para a minha barraca.

Esop. Para a sua barraca? Isso naõ.

Tem. Ora anda.

Esop. E a minha reputaçaõ?

Tem. Vem segùra, que os cavalheiros tem honra, e piedade.

Esop. Pois olhe, nessa certeza me fio; porém tambem me ha de fazer o favor de mandar retirar todos os Soldados para as suas tendas.

Tem. Dizes bem; espera aqui, que eu mando a quartelar a gente, que supponho, que os da Praça naõ se atreveráõ a sahir. *Vaise.*

Esop. Isso he certo, tomaraõ elles bem paõ. O' lá, companheiros fieis, cuidado, acometter com valor, e ir dando a troxe moxe, que os apanhamos na cama.

Sahe Temistocles.

Tem. Todos já se recolheraõ, anda comigo.

Esop. Eu naõ vou sem as minhas companheiras;

nheiras; ò lá, agora. *Assobia.*

Investem as mulheres a Temistocles, e mais Soldados, entre os quaes haverá pendencia, e se recolhem pelo postigo do muro, e quando Esopo for, achará a porta fechada.

Tem. Acudaõ todos, traiçaõ, traiçaõ, que saõ homens, e naõ mulheres.

Esop. Dar a matar, morraõ estes cães.

Tod. Morraõ os traidores.

Esop. Vamos, que já vem muitos.

Sold. Vamos para a Praça. *Vaõ-se.*

Esop. Naõ fechem a porta, que ainda falto eu para entrar.

Dentr. Naõ póde ser, que já os inimigos vem de envolta com os nossos.

Esop. Se vem de envolta, naõ ha que temer, que saõ crianças; abra depressa.

Dentr. Naõ ha ordem.

Tem. Dá-te à prizaõ, senaõ mato-te.

Esop. Ay, meu bem, naõ me leves preza, que eu vou por vontade.

Tem. Ainda te finges mulher, velhaco?

Tod. Morra esse traidor.

Sahe o Rey.

Rey. Que alvoroto foy este?

Tem. Senhor, as mulheres eraõ homens disfarçados, que vieraõ com armas, e apenas nos apanharaõ recolhidos, fizeraõ logo algum estrago nos nossos; que podera

ra ſer mais ; e todos fugiraõ, e ſó apanhamos eſte.

Rey. Dize, quem es?

Eſop. Eu ſou ninguem.

Tem. Agora conheço, que es Eſopo.

Rey. Confeſſa a verdade.

Eſop. Senhor, eu ſou Eſopo, que peço perdaõ a Voſſa Mageſtade da minha deſcortezia.

Rey. Velhaco inſolente, tantas me tens feito, que agora te mandarey enforcar.

Eſop. Olhe, Senhor, que eu ſou nobre, e naõ poſſo morrer enforcado.

Rey. Ou poſſas, ou naõ poſſas, hey de te matar; e ſó o deixarey de fazer, ſe me fabricares huma torre no ar.

Eſop. Aceito; dê-me a ſua palavra, e juntamente me ha de dar os materiaes.

Rey. Prometto tudo; pois vejo, que tu naõ has de fazer a torre no ar, e aſſim ſempre te venho a matar; vamo-nos, e levem-no prezo, para que naõ fuja.

Eſop. Ay amada Athenas, que naõ ſey ſe te verey mais! A Deos Filena, a Deos.
Vaiſe.

SCE-

SCENA IX.

Mutaçaõ de Jardim com estatuas, e cantará o Coro huma Copla, e sahe Filena.

Filen. SO' a musica me diverte neste amoroso tormento, em que vivo; pois sobre naõ poder fallar a Periandro, que supponho Esopo lhe naõ deu o recado, agora sey que Periandro vay tambem a pelejar, pela falta que ha de Soldados. Oh que batalha sente o meu coraçaõ! E por ver se acaso podia divertir a minha magoa, vim a este Jardim, cujas estatuas estaõ feitas com tal artificio, que repetem fielmente o ecco, que huma pessoa articúla; divirtamo-nos cantando.

Canta Filena a seguinte Copla em eccos.

Em tanta pena prepara   para   ara,
O peito, quando se inflãma   flãma - ama,
Huma fineza amorosa   morosa   rosa,
Que amor em prãtos derrama   rama   ama.

Sahe Periandro.

Periand. Mudas estatuas, que vivamente pronunciais, o que articúla hum amante peito; já que pela minha boca me naõ atrevo a dizer o que sinto, por me naõ suffo-

suffocar a pena, dizey pela vossa, o que sem remedio choro.

Canta Periandro a seguinte Copla.

Nesta frondosa floresta resta esta,
Quero, pois que o mal conspira pira ira,
Dizerte, que por amarte marte arte,
Este prado me convida vida ida.

Filen. Amado Periandro, bem sey que vens a despedirte, ou a dobrarme os tormentos: com que he certo, que partes para a guerra?

Periand. Bem sabes, Filena, que nunca me desejey apartar de teus olhos hum instante; porém os soberanos preceitos, se devem obedecer; mayormente por naõ caber em mim a nota de covarde.

Filen. Dizes bem: melhor he parecer valente, que pouco amante.

Periand. Naõ deixa de amarte, quem busca a Marte; assim, minha Filena, as vozes desta despedida sejaõ as eloquencias do pranto.

Cantaõ Periandro, e Filena a seguinte

ARIA A DUO.

Periand. Filena idolatrada,
Filen. Querido bem desta alma,
Periand. A Deos, que já me ausento,
Filen. A Deos, oh que tormento!
Periand. Que eu vou a pelejar.

Filen.

Filen. Que eu fico a suspirar.
Periand. Mas ay, Filena amada,
Filen. Ay, Periandro amante,
Periand. Que temo na partida,
Filen. Que temo nesta ida,
Amb. No pranto a vida dar. *Vaõ-se*

SCENA X.

Mutaçaõ de Arrayál, e Castello, e haverá huma taboa com quatro balaustres, e em cada hum hum Corvo, e Esopo dentro da dita taboa irá voando; e sahem ElRey, Esopo, e outros.

Dentr. VAmos ver a torre no ar, que faz Esopo.
Rey. Esopo, vê que nisso está a tua vida, ou a tua morte.
Esop. Faremos muito por naõ morrer desta vez.
Rey. Que significaõ estes Corvos?
Esop. Saõ os meus officiaes: ora pois attençaõ: iça arriba; os Corvos naõ podem chegar aos espetos de carne; parecem Tantalos.
Rey. Notavel idéa! Já está bem alto.
Esop. Ora, Senhor, eu aqui estou prompto, como disse, para fazer a torre no ar, mande-me os materiaes, cal, pedra, tijolo,

jolô, madeira, e o mais que for preciso para fabricar a torre.

Rey. Quem to ha de lá levar nessa altura, em que estás?

Esop. Pois como me faltaõ com os materiaes, que prometteraõ, naõ está da minha parte o deixar de fazer no ar a torre, como affirmey.

Rey. Assim he, desce para baixo, que eu te perdoo a morte, pois da tua parte naõ faltaste aô promettido.

Esop. Eu naõ sou taõ tollo, que estando no ar, que agora, mais que nunca, he livre, e estando à vista de Athenas, desça para baixo, aonde me podes estirar em tres páos: eu tomarey a liberdade por mim mesmo.

Com a tramoya vay Esopo voando, e mete-se dentro na Praça.

Dentr. Aquí vem Esopo pelo ar; isto he novidade, e parece cousa de encanto! Viva Esopo.

Rey. Voou para dentro da Praça: grande astucia!

Tem. Senhor, se naõ matarmos a Esopo, nunca conquistaremos esta Cidade: bem vê já Vossa Magestade como he ardiloso.

Rey. Estou taõ picado da pessa, que agora mesmo a mando acometter; e até me naõ entre-

entregarem a Esopo, naõ ha de cessar
combate; ò lá toca a investir, e d
hum assalto geral na Praça.

Toca, e se dá o assalto.

Dent. Estamos perdidos! Entreguemo-no
Rey. Entreguem a Esopo só, que naõ que
ro mais; quando naõ a todos mandare
passar à espada, sem excepçaõ de pes
soas.

Dentr. Entregue-se a Esopo, que naõ h
razaõ, que por hum se percaõ todos
entregue-se Esopo.

Esop. Ah tyrannos! Ah ingratos! Com is
so me pagais o bem, que vos tenho feito

Deitaõ a Esopo do muro abaixo por huma corda

Rey. Anda cá, Esopo, que mereces, qu
te faça? Assim se engana aos Principes
Hoje has de ficar sem vida.

Esop. Pois, Senhor, antes que me mates
ouve-me duas palavras ao menos.

Rey. Dize; mas sem esperança de perdaõ

Esop. Era huma vez hum villaõ, que ven-
do-se perseguido de gafanhotos, pois to-
da a sua lavoura destruíaõ, começou hum
dia a matallos; e como visse huma ci-
garra, tambem lhe quiz tirar a vida; ao
que respondeo a cigarra: tenha maõ vos-
sa mercê, que sem razaõ me mata, pois
eu naõ offendo as plantas da terra; an-

tes

tes com a minha voz alegro aos caminhantes. Perdoou-lhe o villaõ, ouvindo taes razões. Aſſim da meſma ſorte, ò Rey, eu naõ ſou figura, para te fazer oppoſiçaõ, nem que deſtrúa o teu Reino; ſou ſim huma cigarra, que naõ tenho mais do que eſta voz, ou eſta induſtria, com que tenho defendido (mais violentado, que por vontade) eſta Praça; e ſe hum villaõ perdoou a morte à cigarra; tu, que es hum Rey, porque me naõ perdoarás tambem?

Rey. Valha-te Deos por Eſopo! Já eſtás perdoado: quero ſer teu amigo daqui em diante, que os homens das tuas prendas ſaõ para eſtimar: pede o que quizeres, que tudo te hey de fazer.

Eſop. Peço, Senhor, que ajuſteis as pazes com os Athenienſes, e que ceſſem já eſtas guerras.

Rey. Aſſim o farey: ò lá da Praça; abraõ as portas, que pelos rogos de Eſopo tenho feito as pazes, e levanto o cerco.

Dentr. Viva ElRey Creſſo de Lidia; abraõ-ſe as portas. *Entraõ.*

SCE-

SCENA XI.

Depois de entrarem, haverá mutaçaõ de Sala e hiraõ sahindo todas as figuras.

Tod. VIva ElRey Cresso de Lidia Viva.

Rey. Nobres Athenienses, a Esopo day o vivas; pois elle foy o que me pedio a paz. E assim porque naõ fique sem premio hum homem de tanto juizo, e que deu tanto em que cuidar aos meus Soldados, mando, que Esopo seja, em quanto viver, Governador desta Praça em quanto ao politico, e como a Rey lhe obedeçaõ.

Esop. Beijo as mãos a Vossa Magestade pela honra, que me faz.

Tod. Viva Esopo, e viva ElRey.

Esop. Viva até que morra. Agora com licença do Senhor Rey, quero casar, para que seja meu padrinho: venha cá Filena.

Periand. Se Esopo casa com Filena, estou perdido!

Filen. A isto só podiaõ chegar as minhas desgraças!

Xant. Que se visse Esopo em tantas alturas! Cousas saõ da fortuna!

Esop.

Esop. Filena, pois sempre amou a Periandro, casem, que eu serey o padrinho, já que fuy o medianeiro.

Periand. Beijo-te os pés, Esopo, pelo favor.

Filen. Ora concluío-se o nosso amor.

Esop. E pois Geringonça sempre me quiz bem, ha de ser minha mulher: Geringonça dá cá essa maõ de almofariz, para com ella pizar a pimenta do meu affecto.

Gering. Lembrou-se Deos da minha pobreza, e honestidade.

Eurip. Já agora naõ andará Xanto com Geringonça com amorinhos.

Esop. Senhores, isto está concluido; e com vodas se dá fim à Vida de Esopo, pedindo a este Auditorio perdaõ dos erros, repetindo o Coro os vivas desta victoria.

Canta o Coro.

FIM.

OS

OS ENCANTOS DE MEDE'A,

Que ſe repreſentaraõ no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Mayo de 1735.

ARGUMENTO.

EMbarca-ſe Jaſon em Theſſalia na náo Argos, e parte para a Ilha de Colchos, empenhado na empreza, e conquiſta do Velocino de ouro; e chegando perto de Colchos, deſembarca com Theſeo, e Soldados. Manda ElRey de Colchos ſaber a razaõ do deſembarque. He enganado ElRey. Recebe a Jaſon na ſua Corte. A Princeza Medéa, filha delRey, e Creuſa, ſobrinha do meſmo, ſe namoraõ de Jaſon. Concorre Medéa para o furto do Velocino com ſeus encantos, e com elles ſe livra do caſtigo de ſeu pay. Repudiada Medéa por Jaſon, eſte levando o Velocino, e juntamente a Creuſa, indo já embarcados para Theſſalia, Medéa zeloſa faz mover contra elles huma grande tempeſtade, e com ella retroceder a náo Argos outra vez a Colchos; onde o Rey offendido de Medéa, caſa a Jaſon com Creuſa, dando-lhe o ſeu proprio Reino. Medéa ultimamente deſeſperada, por naõ ver a ſua offenſa, deſapparece pela regiaõ do ar. O mais ſe verá no contexto da Hiſtoria.

IN-

INTERLOCUTORES.

Jason, Sobrinho delRey de Thessalia, successor do mesmo Reino.
Theseo, Companheiro de Jason.
Etas, Rey de Colchos.
Telemon, General, e Ministro delRey de Colchos.
Medéa, Princeza de Colchos.
Creusa, Sobrinha delRey de Colchos.
Arpia, Criada de Medéa.
Sacatrapo, Criado de Jason.
Guarda de Archeiros. Soldados. Coro.

SCENAS DA I. PARTE.

I. *MUtaçaõ de Mar, e nelle a náo Argos, e montes ao outro lado.*
II. *Mutaçaõ de Sala Real com Throno.*
III. *Mutaçaõ de Camera com bofete.*
IV. *Mutaçaõ de Sala Real.*
V. *Mutaçaõ de Jardim com o Velocino.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *MUtaçaõ de Camera.*
II. *Mutaçaõ de Camera.*
III. *Mutaçaõ de Jardim, e hum monte movediço.*
IV. *Mutaçaõ de Montes.*
V. *Mutaçaõ de Sala.*
VI. *Mutaçaõ de Mar, e Montes.*

PARTE I.

SCENA I.

Mar, e Montes, a náo Argos, e della hiraõ desembarcando Jason, Theseo, Sacatrapo, e Soldados ao som de huma marcha, e dizem o seguinte, antes de desembarcarem.

Huns. A Maina, amaina.
Outros. Terra, terra.
Outros. Terra, à escota.
Theseo. Toca a desembarcar a Soldadesca.

Vaõ desembarcando, e canta Jason a seguinte Aria, e

RECITADO.

Felices Argonautas valerosos,
Que rompendo o crystal do falso argento,
A pezar das violencias de Neptuno
Indignado, e soberbo,
Aportamos em fim com fausto auspicio
Nesta inclyta Colchos soberana,
Onde se guarda o celebre thesouro
Do aureo Velocino, a cuja empreza
De nossa amada Patria nos partimos;
E se quizera a sorte,

Que

Que com feliz progreſſo conquiſtaſſe
Eſte rico deſpojo
Para gloria immortal da Grega prole!
E aſſim, Soldados meus, em cujos peitos
Seu furor depoſita o meſmo Marte;
E tu valente impávido Theſeo,
De quem tantas proezas canta a fama,
Agora mais que nunca valeroſos,
Moſtray o brio deſſe heroico braço;
Porque veja o Univerſo em tanta gloria
Alcançarſe a mais inclyta victoria.

A R I A.

Naõ vos mova neſta empreza,
Nem o aureo Velocino,
Nem de Colchos a riqueza,
Seja ſó voſſo deſtino
A cubiça do valor.
Que n'um peito, que ſe inflamma,
Por ganhar eterna fama,
O vencer he o bem mayor.

Ao querer irſe Jaſon, ſahe Telemon.

Telem. Suſpende, galhardo mancebo, o paſſo, pois te trago hum recado da parte de meu Rey.

Jaſon. Dizey, que já vos attendo.

Telem. Etas, inclyto Rey deſte Reino de Colchos, tendo aviſo de haver aportado às ſuas prayas eſta armada, e deſembarcado em terra tantos Soldados, ſem ſua

licença, vos manda perguntar, ſe vindes de paz, ou ſe vindes de guerra; naõ porque tema as voſſas armas, mas ſim para prevenir, e dar o caſtigo à voſſa temeridade.

Jaſon. Valeroſo Soldado, dizey ao voſſo Rey, que a minha vinda a eſte porto foy caſual por impulſo de huma grande tormenta, e tempeſtade; e aſſim lhe ſeguray, que venho de paz, e que peſſoalmente irey à ſua preſença offerecerme ao ſeu ſerviço.

Telem. Pois já que vindes de paz, daime eſſes braços, e naõ vos dilateis; vinde ver ao meu Rey, que niſſo terá a mayor fortuna. *Abraçaõ-ſe, e vaiſe Telemon.*

Theſeo. Sempre, Senhor, fizeſtes bem em encobrirlhe o motivo da noſſa vinda.

Jaſon. Theſeo, em quanto deſcanſaõ as armas, he preciſo, que peleje com aſtucias o entendimento.

Sacatr. Senhor Jaſon, eu era de voto, (ſem ſer beato) que voſſa Principeza mandaſſe, que nenhum marujo ſaltaſſe em terra; porque eſta gente, como vive no mar, he inimiga da terra; e aſſim he bem, que naõ venhaõ de bordo *propter ſcandalum.*

Jaſon. Eu me admirava, Sacatrapo, que tu

tu estivesses callado muito tempo.

Sacatr. Ao menos, Senhor, naõ me he necessario sacatrapo, para tirar a minha falla do bucho.

Jason. Theseo, day ordem a mandar fazer quarteis, e levantar barracas, para accommodar os Soldados, deixando nos navios a guarniçaõ necessaria; e fio da vossa militar experiencia dispunhais tudo com acerto. *Vaise.*

Thes. Já vou pôr em execuçaõ os teus preceitos.

Sacatr. Ah Senhor Theseo, antes que se vá, diga-me por vida sua aqui, que ninguem nos ouve, que diabo he isto do Velocino de ouro, que tanto traz embelezado a meu amo, que por esse respeito deixou a sua casa, fez tantos navios, alistou tanta gente; que será isto do Velocino?

Thes. A ti que te importa sabello?

Sacatr. Essa he boa! Pois naõ me ha de importar saber ao que vim?

Thes. Aos Soldados, como tu, naõ se dizem materias taõ profundas, pois a sua obrigaçaõ he só pelejar.

Sacatr. E se eu morrer na guerra, naõ he bem que saiba o mal de que morro? Ora, Senhor, diga-me já, que Velocino he este? Diga-mo já, senaõ olhe, que lho

ha

ha de tirar hum ſacatrapo do bucho.

Theſ. Homem, ſabe que neſta Ilha de Col-chos ha hum celebre jardim, no qua habita hum carneiro, cuja pelle he de ouro, e eſta todos os annos ſe toſquia, e ſempre lhe naſce outra pelle de ouro; a iſto he que chamaõ Velocino.

Sacatr. Senhor Theſeo, carneiro com pelle de ouro? Iſſo deve ſer pelle do diabo. Para iſſo he neceſſario vir com tantas armas? Ora queira Deos naõ venhamos nós buſcar lã, e vamos toſquiados.

Theſ. Naõ vês, que eſte carneiro he o mayor theſouro deſte Reino, e para conquiſtallo, ſe naõ for por induſtria, ha de ſer à força de armas?

Sacatr. E de que tamanho ſerá eſſe carneiro?

Theſ. He como os outros.

Sacatr. Pois ſe o dito carneiro he como os outros, naõ baſtava hum barco para o levar, e he neceſſario huma armada? E viſto iſſo apanhando-ſe o carneiro, eſtá acabada a empreza?

Theſ. Ahi he que eſtá a difficuldade toda, porque hum feroz dragaõ he quem o guarda, e defende, para que naõ o furtem.

Sacatr. Quanto daõ cada dia a eſſe dragaõ por guardar eſſe carneiro.

Theſ.

Thes. Ora já naõ posso aturar as tuas perguntas. *Vaise.*

Sacatr. Pois ainda me faltavaõ duas cousas que perguntar; andar, será outro dia. *Vaise.*

SCENA II.

Sala Real com hum Throno, aonde estaráõ El-Rey de Colchos, Medéa, e Creusa assentados, e em pé a hum lado Telemon, e Arpia, e do outro Archeiros.

Rey. COm susto, e admiraçaõ espero por este Embaixador.

Med. Eu o espero sem susto, e com muito alvoroço.

Telem. Senhor, o Embaixador sómente espera, que Vossa Magestade o mande entrar.

Rey. Pois dize-lhe, que entre. Tu Medéa, vê se podes investigar o intento deste Estrangeiro; pois vejo o meu coraçaõ inquieto com alguma confusaõ.

Vaise Telemon, e torna a sahir com Theseo, Jason, e Sacatrapo.

Jason. Inclyto Etas, Rey de Colchos, permitte-me a fortuna de beijar teus pés. *Ajoelha.*

Rey. Levantaivos, nobre Estrangeiro, e fal-

fallay a minha filha Medéa, com quem
reparto o meu Reino.

Jason. Se as Deidades se naõ offendem do
sacrificios, permitti, Senhora, que che-
gue a victima de meu rendimento a ac-
cenderse nas aras do vosso respeito, dan-
do-me a beijar a animada assucena dessa
maõ. Naõ vi mais peregrina formosu-
ra! *à part. Ajoelha*

Med. Assim naõ estais bem, levantaivos
Que galhardo mancebo! *à part.*

Rey. Dizeime quem sois, para que melhor
saiba estimar com o vosso nome a pessoa.

Jason. Senhor, eu sou Jason, sobrinho del-
Rey de Thessalia.

*Levanta-se ElRey do Throno, e Medéa, e o
Rey abraça a Jason.*

Rey. Senhor, perdoay, se he que merece
perdaõ huma ignorancia; porque a sa-
ber quem ereis, vos tratara como a so-
brinho de hum taõ grande Monarca, co-
mo he ElRey de Thessalia; e assim os
meus braços seraõ o Throno, onde me-
lhor descanseis.

Jason. A minha mayor fortuna foy o vir
aos pés de Vossa Magestade, que esti-
mo mais essa dita, que o ser sobrinho
delRey de Thessalia, que por naõ ter
filhos me toca aquelle Reino, como
pri-

primogenito de hum irmaõ delRey.

Med. Vós, Senhor, ſois digno de ſeres Monarca de todo o Mundo. Naõ poſſo apartar os olhos delle. *à parte.*

Sacatr. Eſte Rey Etas, já tem baſtante idade, he o *Ætas*, *ætatis*, e Jaſon como ſe eſtá eſpinicando todo diante de Medéa; e mais elle, que he tuna nos oſſos. *à parte.*

Rey. Eſta, Senhor, he minha ſobrinha Creuſa, a quem podeis fallar.

Jaſon. Senhora, à viſta de tanto Sol era força me cegaſſem os rayos. Ainda excede a Medéa na formoſura! *à part.*

Creuſ. Sendo eſſes rayos naſcidos de voſſa esféra, por força haõ de luzir, e cegar.

Rey. Inclyto Jaſon, mereça a minha attençaõ ſaber o motivo da voſſa viagem; pois ſendo vós hum Principe, algum grande motivo vos deve impellir a tanto exceſſo.

Jaſon. Como naõ ignorais, Senhor, as guerras, que ha entre os Reys de Creta, e Corintho, por ganhar fama, e exercitarme nas armas, ſahi com eſta armada, para ſoccorrer a ElRey de Corintho, tanto pela obrigaçaõ de parenteſco, como porque a fortuna ſe lhe vay moſtrando adverſa; e aſſim he neceſſario

ſuſ-

ſuſpender o impulſo da ſua roda com
pezo das minhas armas , pois ajudar ao
que perſegue a fortuna, ſempre foy bra
zaõ dos Reys de Theſſalia, e huma gran
de tempeſtade me preciſou a arribar
eſte porto; mas agora vejo, que ha tem-
peſtades, que ſaõ bonanças.

Sacatr. Arre lá, como mente taõ afoito, e
nas bochechas de hum Rey! *à parte.*

Rey. Só de hum generoſo peito podem ſa-
hir taõ heroicas acções. Trazeis bons
Soldados?

Jaſon. Trago a flor de toda Theſſalia.

Sacatr. E nem por iſſo tivemos maré de
roſas.

Rey. Que dizeis?

Sacatr. Digo, que meu amo trouxe a flor
de Theſſalia; porque embarcou pela Pri-
mavera.

Jaſon. Naõ repareis, Senhor, que eſte cria-
do he gracioſo, e o trago para meu di-
vertimento , e por gaſtar bom humor.

Sacatr. Naõ ha duvida, que gaſto bom hu-
mor, pois tenho ſempre delle duas fon-
tes ao torno.

Arpia. Ay, Senhora, que he galante o tal
criado! Se eu naõ eſtivera aqui, já me
tivera eſcangalhado com rizo.

Jaſon. Como dizia: Trago bons Soldados,
e por

e por Almirante ao valente Theſeo, cujo valor tem occupado todas as trombetas da fama. *Theſeo beija a maõ a ElRey.*

Theſ. Por obediencia, e por affecto, diligente procuro taõ grande ventura. *Ajoelha.*

Rey. Levantaivos, esforçado Capitaõ, que certamente, primeiro que os olhos, vos conheceraõ os ouvidos, eſcutando a fama de voſſo valor.

Sacatr. Agora ſigo-me eu por meu legitimo turno. Senhor, Voſſa Reinadura me dê a beijar a ſua maõ, ou quando naõ o ſeu pé, que tudo he o meſmo.

Rey. Aqui a tens.

Sacatr. Dá cá ſete. Ah Senhor, antes eu lhe beijara o annel, do que a maõ.

Rey. Ahi o tens, para o beijares à tua vontade.

Sacatr. Ay, Senhor, eu naõ o dizia por tanto; mas ſó o aceito, por ſer prenda ſua. Famoſa pedra! Ah Senhor, eſte diamante he fino, ou falſo?

Jaſon. Retira-te bruto; baſta já de deſpropoſitos.

Rey. Jaſon, vem honrarme eſte Palacio, em quanto ſe concerta a tua armada. Ainda o meu coraçaõ naõ ſocega. *à p.*

Med. Naõ me peza de que Jaſon fique em Pala-

Palacio, porque .... mas naõ ſey o qu
digo. *à part*

Creuſ. Se eu tivera a fortuna, que Jaſo
foſſe .... mas iſto he delirio. *à parte*

Arpia. Pouco hey de poder, ſe naõ pilha
o annel ao criado. *à parte*

Sacatr. Huma vez que temos eſtalagem d
Palacio, já naõ quero ſer Sacatrapo, ſe
naõ vareta, para caregar bem o baca
marte do bandulho. *à part. Vaiſe*

Rey. Anda, Senhor, naõ te detenhas.

ARIA A 4.

Rey. Vem Jaſon eſclarecido,
Vem, que vens a deſcanſar.

Jaſon. Quem ſe vê de amor ferido,
Que mal póde deſcanſar!

Med. e Creuſ. Só quem vive ſem Cupido
He que póde deſcanſar.

Tod. Mas quem tem o meu cuidado
Que mal póde ſocegar!

Rey. Entra.

Jaſon. Eu vou: ò bello encanto,
Quem de ti ſe naõ apartara!

Creuſ. Eu me abrazo.

Med. Eu vivo ardendo.

Med. e Creuſ. Que a Jaſon já eſtou querendo.

Tod. Pois me dás enleyo tanto,
Eu prometto triunfar. *Vaõ-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Camera com hum bofete, e ſahe Sacatrapo.

Sacatr. EU ando perdido por eſte Palacio, entrando, e ſahindo, ſem ſaber por onde entro, nem por donde ſayo; ſó com a coſinha naõ acerto: quero eſperar aqui, até que venha alguem: Ora nós já temos annel de diamantes, já poderemos coçar o noſſo olho afoitamente; porque iſto de ter hum homem annel, logo faz deitar as mãos de fóra, fazer palminhas às crianças, jogar o çape na barba, tudo com a maõ eſquerda, que nós que temos annel, logo nos fazemos canhotos. Huma vez me lembra, que hum amigo meu, tanto me quiz meter hum annel, que tinha, pelos olhos, que me meteo o annel, o dedo, e o braço até o cotovelo pelo olho dentro, até ſahirme pelo outro olho; mas com tudo ſempre andarey com o olho ſobre elle; pois ſegundo ouvi dizer, ſey que neſta terra ha muita feiticeira.

Sahe Arpia.

Arpia. Quem eſtá aqui?

Sacatr. Parece-me que ſou eu.

Ar-

Arpia. Vossa mercê, Senhor Soldado, co
que atrevimento entrou aqui no quar
da Senhora Infante Medéa?

Sacatr. Eu, Senhora, entrey aqui sem atr
vimento.

Arpia. Pois naõ sabe, que no quarto d
Princezas se naõ entra?

Sacatr. Eu naõ tenho sciencia infusa pa
saber tudo.

Arpia. Pois para onde hia?

Sacatr. A fallar a verdade, eu hia para a co
sinha, e quando me naõ precatey, m
achey aqui.

Arpia. Pois sabe que mais? Que está con
demnado a cortarem-lhe os dedos do
pés, que he a pena, que se dá a quen
entra aqui, sem que para isso lhe valh
o ser criado de Jason, que a elle mesm
se ha de fazer o mesmo, se aqui entrar

Sacatr. E a mim que se me dá, que me cor
tem os dedos dos pés? Poupaõ-me o tra
balho de cortar as unhas.

Arpia. Vossê cuida, que eu zombo! vá-s
descalçando já, já, depressa, que e
chamo o algoz: ò lá de dentro?

Sacatr. O' Senhora enxota cadellas de Pa-
lacio, por vida sua, que naõ chame o
algoz; e se isto se remedêa com darlhe
este annel, que he o que tenho, ahi o

tem,

tem, e deixe-me em paz; pois vaõ-ſe embora os anneis, e fiquem os dedos.

Arpia. Pois ſaiba, que por compaixaõ lho tomo, que eu naõ ſou amiga de fazer ſangue.

Sacatr. Ora voſſa mercê viva muitos annos, ainda em cima de me levar o annel.

Arpia. Olhe, meu filho, naõ ſe deſconſole, que Deos lhe dará outro annel; trate primeiro da ſua ſaude, que diamantes ſaõ pedras; e para que lhe naõ ſucceda outra, eu tirarey hum paſſaporte, para poder entrar por onde quizer: Ouve, faça hum memorial, e dê-mo.

Sacatr. Tomara eu fazer hum total eſquecimento do annel, que cada vez, que me lembra, morro de ſaudades por elle.

Dentr. Arpia? Arpia?

Arpia. Ay que ahi vem Medéa; eſcondete ahi debaixo do bofete, para que te naõ veja aqui.

Sacatr. Ainda mais eſſa! Mas diga-me, Senhora, quem he eſſa Arpia, por quem chamou Medéa?

Arpia. Sou eu.

Sacatr. Voſſa mercê he Arpia meſmo por ſeu goſto, ou iſſo he alcunha?

Arpia. Pois que tem o nome de Arpia? Naõ he bonito?

Sa-

Sacatr. Eu bem ſey, que o nome de Ar-
pia he hoje da moda, pois humas ſaõ
Arpias na cara, e outras nas unhas, co-
mo v. g. o meu annel nas unhas deſta Ar-
pia.

Arpia. Anda, eſconde-te, que Medéa cha-
mou.

*Eſconde-ſe Sacatrapo debaixo do boſete, e ſahe
Medéa.*

Med. Arpia, eu venho louca de amor por
Jaſon; pois apenas o vi, logo me arre-
batou todos os ſentidos, de ſorte que
enlouqueço.

Arpia. Naõ he neceſſario chegar a tanto
extremo; pois com os encantos de tuas
magicas podes fazer, com que te queira.

Sacatr. Naõ he nada; a menina he feiticei-
ra!

Med. Para que Jaſon me queira, naõ hey
de uſar de maquinas, nem magicas, que
iſſo era violentarlhe a vontade, que ſem
ella naõ póde haver perfeito amor.

Arpia. Pois entaõ como ha de ſer?

Med. Explicarlho, ſeja como for.

Arpia. E ſe elle te deſdenhar?

Med. Entaõ perder as eſperanças, morre-
rey logo, e comigo o meu amor.

Arpia. O melhor he disfarçar iſſo.

Med. Como o hey de disfarçar, ſendo hu-
ma

ma ſetta, que ſempre me eſtá penetrando o coraçaõ?

Sacatr. Pois beba agua de manjericaõ, que logo ſe ha de achar boa.

Med. Atreves-te tu a ſaber ſe me tem inclinaçaõ?

Arpia. Eu tenho boas mãos para eſſes unguentos, deixe-o por minha conta; mas eu cuido, que ahi vem elle.

Med. Pois eu eſcondo-me aqui, que quero obſervar a minha morte, ou a minha vida. *Eſconde-ſe.*

Sahe Jaſon.

Jaſon. Senhora, eſtimara, que fizeſſeis preſente à Infante Medéa, que Jaſon vem renderſe aos ſeus pés, e beijar as ſuas mãos.

Arpia. Sey que ha de eſtimar taõ grande fortuna.

Sacatr. Jaſon aqui! Sem duvida irá ſem dedos nos pés, *ſicut & nos* manqueja de hum olho.

Arpia. Ora, Senhor, nós as velhas ſempre ſomos curioſas de ſaber: Naõ me dirá, que lhe tem parecido eſta terra?

Jaſon. Por certo, que he huma grande Corte, e baſtava ſer Oriente de tantos Soes, quantos nella reſplandecem.

Arpia. Naõ ha duvida, que o da Senhora

Medéa excede a todos os aſtros.

Sacatr. Que fora, ſe elle vira o ſol da In-
dia!

Jaſon. Quem póde duvidar, que minha Se-
nhora Medéa he a Fenix da formoſura.

Arpia. Certamente, que eſtava aqui hum
bom caſamento; porque ella he a her-
deira deſte Reino, e vós, Senhor, tam-
bem o ſois do voſſo, e tudo ſe podi
ajuntar: e que lindos filhos teriaõ!

Jaſon. Se eu me naõ achara indigno deſſ
honra, talvez que a procurara; mas naõ
quero incorrer na cenſura de Faetonte.

Sabe Medéa.

Med. Jaſon, quem ſente, he força que ſe
queixe; que para amar baſta ter alma.
Já podes entender, que quando huma
mulher da minha esféra ſe chega a ex-
plicar, grande he o ſeu amor; pois quan-
do o incendio he exceſſivo, naõ ſe pó-
de conter nos limites do edificio, que
logo naõ ſaya pelas janellas.

Sacatr. Ah bom arrocho!

Jaſon. Belliſſima Medéa, ſe fora certa tan-
ta ventura, pudera-me julgar o mais fe-
liz homem do mundo.

Med. Se niſto eſtá a tua felicidade, feliz
te podes chamar: e para melhor me ex-
plicar, retira-te Arpia, e aviſa-me quan-
do vem alguem.

Ar-

Arpia. Eu vou Senhora: Amor os ajude. *Vaise.*

Med. Se promettes corresponderme com o mesmo amor, seguro-te, que te pódes chamar feliz; pois verás, que por teu respeito faço mudar os montes de seu lugar, seccarse o mar, confundir todos os quatro elementos, fazendo que tudo te obedeça; e até te farey Senhor do celebre Velocino, para cuja conquista em vaõ se tem fatigado tanto militar concurso; porque forças humanas o naõ podem conquistar, pois o defende hum horrivel Dragaõ encantado; sendo este Velocino o thesouro mais rico, que ha no mundo.

Sacatr. Huma vez que lhe falla nos Velocinos, ahi o tem manso como hum burrego.

Jason. Tudo isso para mim naõ vale tanto, como a felicidade de ser teu esposo; porque em ti se contém a mayor riqueza.

Med. Promettes Jason?

Jason. Prometto Medéa.

Med. Vê lá o que dizes.

Jason. Por todos os Deoses do Firmamento, e por todas as Deidades do Cocyto te juro sempre serte firme, e amante.

Canta Medéa a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Pois vê lá o que dizes, naõ me enganes,
Nem meu ardor, ſacrilego, profanes,
Que quem te ſabe dar riquezas tantas,
A morte dará, ſe a fé quebrantas.

ARIA.

Felice ſerás,
Jaſon, ſe conſtante
Te moſtras amante
A tanto querer,
A tanto adorar.
Por iſſo verás,
Se acaſo conſpiras
A ſer inconſtante,
Sahir deſſe abyſmo
As furias, as iras,
As chammas, os rayos,
Até que em deſmayos
Te veja eſpirar. *Vaiſe*

Sacatr. Peguelhe lá com hum trapo quente
Jaſon. Eu eſtou confuſo!
Sacatr. Pois faça o ſizo.
Jaſon. Medéa ao meſmo tempo, que ſe moſ-
tra extremoſa, me ameaça com tantas
iras! Bem aviado eſtou eu, ſe me deſ-
cuidar em adoralla: mas como póde c
meu

meu amor deixar de ter defcuidos, fe em Creufa tenho todo o meu cuidado? Bem fey, que Medéa he huma Eftrella; mas fe vejo, que Creufa he hum Sol, antes hey de feguir os rayos defte, que os refplandores daquella: quem me mandou a mim prometter fer feu efpofo? Oh Deofes, que fiz eu!

S*acatr.* Fez huma afneira.

J*afon.* Mas ay, que alguem me ouvio! Se feria Medéa? Quero ver fe aqui eftá alguem: feria illufaõ do entendimento; fe Medéa me promette dar o Velocino, unico objecto da minha empreza, feria ignorancia perder efta occafiaõ; mas muito mayor covardia ferá violar a inclinaçaõ, que tenho a Creufa, pela ambiçaõ de ganhar o Velocino: que farey nefte cafo?

S*acatr.* Comer a ifca, e cagar no anzol.

J*afon.* Ifto já he mais, que illufaõ; a voz fahio da parte daquelle bofete: quem eftá ahi? Falle, fe naõ o matarey.

S*acatr.* Como bateo no mato, caçou-me.
Sahe.

J*afon.* Que fazias ahi Sacatrapo?

S*acatr.* Se me pergunta pela verdade, eu naõ o fey.

J*afon.* Sem duvida eftavas ahi para furtares alguma coufa. Sa-

Sacatr. Antes eſtou aqui, porque me fur-
taraõ certa couſa.

Jaſon. Que te furtaraõ?

Sacatr. Foy o caſo: Que apenas puz os
pés neſta caſa, eis ſenaõ quando marro
de narizes com Arpia, eſſa negregada,
e farruſcada velha; e tanto que me lom-
brigou o annel, que me deu ElRey, me
diſſe, que tinha incorrido em pena de-
dal; iſto he, que ſe me haviaõ cortar os
dedos dos pés, excepto os joanetes, ſó
por haver entrado no quarto das Prince-
zas: eu como amo aos meus dedos dos
pés, como ſe naſceſſem da barriga de
minha mãy, pelos naõ ver ſeparados da-
quella boa uniaõ, que tivemos ſempre,
tapeilhe a boca com o annel, e vendo,
que vinha Medéa, mandou-me meter
debaixo daquelle bofete, aonde eſtive
até agora chorando, e carpindo o meu
annel, e como ainda o tenho diante dos
meus olhos, ſaõ os meus dous anneis de
agua.

Jaſon. Viſto iſſo, ouviſte tudo quanto paſ-
ſey com Medéa?

Sacatr. Provera a Deos, que o naõ ouviſſe.

Jaſon. Pois que te parece o que ſuccede?

Sacatr. Eu naõ ſey de razões de eſtado;
mas o que digo he, que a Senhora Me-

déa

déa he huma fina feiticeira, e a tal Arpia huma refinada bruxa; e confeſſo, que quando Medéa cantando dizia: As furias, as iras, as chammas, os rayos, que ſe me arrepiaraõ os cabellos.

Jaſon. Eu bem ſey, que Medéa he magica, e como tal me pretende dar o Velocino de ouro, que he hum carneiro com pelle do meſmo ouro.

Sacatr. Naõ tem que me explicar, que eu em materia de Velocinos já poſſo ler de cadeira.

Jaſon. Porém eu vivo taõ namorado de Creuſa, que naõ ſe me dera de perder o que me offerece Medéa, ſó por alcançar o theſouro de Creuſa.

Sacatr. Senhor, em duas palavras: Amar a Medéa por ceremonia, até lhe gadanhar o Velocino, e ir conquiſtando em todo o caſo o Velocino de Creuſa.

Jaſon. Iſſo eſtá bem; mas ſe Medéa me ameaça, ſe eu for inconſtante ao ſeu amor, como ha de ſer?

Sacatr. Tambem ha contra-feitiços; ſendo que eu naõ creyo muito em bruxas.

Jaſon. Tu, Sacatrapo, ſe tiveres occaſiaõ, has de explorar o peito de Creuſa; e ſe a vires inclinada ao meu amor, dize-lhe o quanto lhe quero; porém com muito

ſe-

segredo, que Medéa o naõ presuma pois a todos nos importa isso; e levan-do nós o Velocino, havemos ter muit[o] ouro.

Sacatr. Eu de todo esse carneiro naõ que-ro mais do que o rabo; porque tend[o] eu esse, escaparey de ficar com o meu na ratoeira; e vós, Senhor, ao que en-tendo, ficareis com as orelhas.

Sahe Theseo.

Thes. Senhor, he necessario cuidar no fim, para que viemos; pois os Soldados aven-tureiros estaõ já desesperados, por ga-nhar fama na empreza do Velocino, e os de menos qualidades, pela ambiçaõ do despojo.

Jason. Theseo, naõ cuides, que me descui-do, e sabe que já o temos concluido.

Thes. De que sorte?

Jason. Anda, que o saberás depressa, e da-rás o teu conselho.

Sahe Creusa.

Creus. Daqui se vay Jason: que queria no quarto de Medéa? Já me desengano, que tenho amor, pois tenho zelos. E tambem o criado aqui está! Que mayor indicio? Ay infeliz Jason, se a Medéa entregas o teu peito!

Sacatr. Senhora Creusa, eu naõ sou Anti-

poda,

poda, para que esconda de mim o bello Sol de seu rosto.

Creus. Que fazias ahi, Sacatrapo, tu, e teu amo?

Sacatr. Ambos estavamos aqui perdidos; eu no labyrintho de Palacio, e meu amo perdido no labyrintho de amor.

Creus. Bem sey, que Medéa he attractivo, que o arrebata.

Sacatr. Meu amo se gasta às punhadas; porém, Senhora, naõ he Medéa a causa de seu enleyo; porque mais Medéas ha na terra.

Creus. Para que o negas; pois já isso he notorio, e aqui naõ ha quem possa merecer as attenções de Jason, senaõ Medéa.

Sacatr. Porque? Vossa Magnificencia naõ era muito capaz para isso? Ora o caso está galante!

Creus. Eu naõ sou Princeza.

Sacatr. Dessa massa se fazem: aqui estou eu, que com o favor dos astros espero ser o Graõ Turco.

Creus. Fica-te embora, já que estás galanteando.

Sacatr. Senhora minha, aqui debaixo de segredo natural, (que legitimo nunca o houve) digo-lhe a Vossa Serenidade, que Jason adora ternissimamente a Vossa Magnifi-

gnificencia, e ſey eu, que deſeja ſer ſe
eſpoſo, e naõ ſe declara com medo d
Medéa; porque diz, que o ha de traſ
fegar, ſe elle lhe for inconſtante; qu
a mulher he hum demonio em carne
pois ainda quando acarícia, tem taõ má
carinha, que mais arranha, do que affaga.
Creuſ. Dizes iſſo de veras?
Sacatr. Com veras, reveras, e tataraveras.

Canta Creuſa a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Oh mal haja Medéa, e ſeus encantos,
Pois esfria de amor incendios tantos,
De Jaſon uſurpado o alvedrio
Com rigor taõ impio,
Que com falſas tyrannias indecencias
Dos aſtros quer mudar as influencias.

ARIA.

Que intente adorarme
Jaſon, e naõ poſſa,
Querendo roubarme
Medéa o meu bem!
Que injuſto tormento!
Que fero rigor,
De hum mal taõ violento,
Que alivio naõ tem! *Vaiſe.*

Sacatr. Ah Senhora, eſpere, dê-me a re-
poſta:

posta: e foy-se sem dizer aqui estou eu! Que diabo terá este Jason, que todos o querem? O maldito parece, que tem mandinga! Só eu naõ acho na verdade quem me queira! Pois por certo, que naõ he o diabo taõ feyo como o pintaõ; porque eu, graças a Deos, sou muy bem estreado, bem tirado das canellas, sou beiçudo, e tenho unhas machas; sou no andar miudo, e finalmente o meu todo se compoem de muitas partes; e com tudo naõ ha huma alma perdida, que se namore de mim; mas isto será porque eu me naõ namoro nunca dellas; mas eu prometto daqui em diante namorar à troxe moxe, que alguma cahirá no laço.

Canta Sacatrapo a seguinte

ARIA.

He o amor, que huma alma engole
Sabaõ molle;
Pois com elle quem se esfréga
Cabra cega
Escorrega,
Cahe aqui, cahe acolá.
  Assim huma alma namorada
Esfregada
Ensaboada,
Que tropeços naõ fará!

SCE-

SCENA IV.

Defcobre-fe huma fala, e fahem ElRey, e Telemon.

Rey. TElemon, naõ poffo deixar de fazer reparo nefta vinda de Jafon taõ intempeftiva; pois fegundo me differaõ, nenhuma tempeftade teve, para arribar a efte porto; antes cuido, que elle veyo muito de propofito com algum perniciofo intento: e como tu fabes, que efte Velocino he o objecto de toda a Grecia, talvez intentará Jafon, diffimulando o veneno com alguma induftria, roubarme o meu grande thefouro do Velocino; e affim manda-lhe dobrar as guardas, e ter a foldadefca prompta para qualquer invafaõ.

Telem. Senhor, que te affufta, e fobrefalta? Para que he dobrar as armas, e guardas, fe o Velocino bem guardado eftá com o Dragaõ, que o defende?

Rey. Com tudo como o Dragaõ he encantado, póde haver arte, que o defençante; e affim faze o que te digo, que a prevençaõ he filha da prudencia.

Sabe

Sahe Medéa.

Med. He incomparavel a alegria, que tenho de me ver amada de Jaſon; porém aqui eſtá ElRey meu pay!

Rey. Medéa, a bom tempo vieſte.

Med. Pois que ordena Voſſa Mageſtade de huma obediente filha?

Rey. Has de ſaber, que me tem cauſado grande ſuſto a vinda de Jaſon; pois ſuſpeito, que o ſeu fim ſerá roubarme o Velocino; e aſſim, já que na ſciencia magica es taõ peregrina, quizera, que penetraſſes o ſeu deſignio; e ſabido elle, buſcar o remedio ao ſeu atrevimento, e à minha deſconfiança.

Med. Naõ lhe dê iſſo cuidado a Voſſa Mageſtade, pois prometto breviſſimamente ſabello, ainda que peſſoalmente deſça ao tenebroſo reino de Plutaõ; e aſſim deſcanſe Voſſa Mageſtade, e naõ ſe afflija, nem ſobreſalte, que ainda quando o Velocino naõ eſtiveſſe bem guardado com o Dragaõ horrivel, ſe neceſſario fora, viriaõ em defenſa do Velocino todos os Dragões, e Serpentes da Libia, e todas as féras, e monſtros do Averno, para que ſe ſegure o Velocino, e o teu receyo.

Rey. Dá-me os braços, Medéa, pois de

ti

ti eſpero todo o meu ſocego. *Vaiſ*

Telem. Guarde Jupiter a V. Alteza. *Vaiſ.*

Med. Quiz deſvanecerlhe o penſamento porque ao menos naõ ſinta o mal ante de o padecer; pois Jaſon ha de ſer ſenho do Velocino, ainda que rompa os vinculos da natureza, e os da arte.

Sahe Sacatrapo correndo atraz de Arpia.

Sacatr. O' velha bruxa, larga o meu annel

Arpia. A que delRey, que me mata! Quem me acode?

Med. Tende maõ, que deſaforo he eſte na minha preſença?

Arpia. Senhora, que ha de ſer? Eſte maldito homem, que me quer matar.

Med. Se naõ foras criado de Jaſon, aqui te ſepultaria vivo pelo atrevimento.

Sacatr. E ha ley, que mande que aos criados de Jaſon ſe furtem os anneis?

Med. Pois quem te furtou o annel?

Sacatr. Eſſa Senhora Arpia, que com ſubtil arpiadura me ſurripiou o annel, que me deu ElRey, como Voſſa Infanteza bem vio.

Med. He aquillo aſſim, Arpia?

Arpia. Ay Senhora foy huma peſſa, que lhe fiz, ſó pelo ver deſeſperar.

Sacatr. Senhora, o annel he que era peſſa de Rey; mas o que me fez foy latrocinio formal.

Med.

Med. Pois, Arpia, eſcuſe de fazer eſſas peſſas, e dê logo o annel a ſeu dono.

Arpia. Pois eu para que o quero? Tome lá. Calte, que tu mo pagarás, toma. *à p.*

Sacatr. Moſtra cá, que já lhe tinha perdido a poſſe, e a eſperança tudo junto.

Sahe Jaſon.

Jaſon. Belliſſima Medéa, como todo o meu alivio conſiſte em verte, naõ eſtranhes os exceſſos do meu amor.

Med. Se tu me adoras, naõ vendas por fineza, o que he obrigaçaõ de quem ama. Ay Jaſon, ſe ſeraõ verdadeiros os teus extremos!

Jaſon. Medéa, em hum peito nobre naõ cabem affectos fingidos; antes cuido, que os fingimentos eſtaõ da tua parte.

Med. Muito me eſcandalizas. Dizes iſſo deveras?

Jaſon. Quaſi eſtava para dizer que ſim.

Med. Que motivo tens para iſſo?

Jaſon. Bem ſabes, que tenho goſto de ver o Velocino de ouro, ſó para admirar eſte prodigio da natureza, e com tudo naõ tenho merecido eſſe favor, podendo-mo tu fazello, e quem ama verdadeiramente, procura ſempre dar goſto ao ſeu amante.

Med. Se eſſa he a queixa, que tens de mim,

ve-

verás como depressa te satisfaço : tom
esse annel.

Sacatr. Que annel, Senhora?

Jason. Calte nescio.

Arpia. Calte animal.

Sacatr. Cuidava que lhe dava o meu an
nel ; pois entendo, que ninguem ter
annel, senaõ eu. Guarde-o bem, vej
que esta Arpia he inclinada a anneis
quando naõ ficará sem dedos.

Med. Toma pois, Jason, este annel, qu
com elle farás tudo quanto quizeres po
especial virtude desse chrysolito : va
com elle ao jardim encantado, feliz ha
bitaçaõ do Velocino ; e supposto estej
cercado de muralhas de bronze, e den-
tro o defenda hum Dragaõ, tudo ven-
cerás com a virtude deste annel ; e aind
que sem tu o teres na tua maõ podia eu
pela minha fazer tudo, quero, para qu
vejas o quanto te amo, que a ti te entre-
go o deposito de minha sciencia magi-
ca ; porque he proprio de quem extre-
mosamente ama entregar com a vontade
o entendimento.

Jason. Pois de que sorte ha de ser isto?

Med. Desta sorte.

Desce huma nuvem, e nella vaõ arrebatados
Jason, e Medéa.

Sacatr,

Sacatr. A Deos Jaſon para ſecula ſeculorum.

Arpia. Que te parece iſto? Naõ he galante?

Sacatr. He muy boa galantaria, mas eu lhe naõ acho graça. Ora diga-me, Senhora Arpia, e Medéa ſabe fazer deſtas habilidades?

Arpia. Como ninguem; porém tal Meſtra teve ella.

Sacatr. Apoſtemos que foy voſſa mercê a Senhora Meſtra?

Arpia. Eu fuy a Meſtra de Medéa, que a enſiney deſde criança à arte magica, a que voſſês os neſcios chamaõ feitiçaria; e o demo da rapariga tomou taõ bem as lições, que hoje me póde dar ſeis e às, e a maõ.

Sacatr. Taõ entabolada eſtá ella no jogo da couſa?

Arpia. Como lho hey de dizer? Faz couſas nunca viſtas; e algumas com galantaria, que he para ver, e admirar.

Sacatr. A voſſa mercê ainda lhe lembra alguma couſa do tempo que era Meſtra?

Arpia. Qual, filho, os annos tudo conſomem; pois no meu tempo andava eu nas palmas.

Sacatr. Melhor fora que o Carraſco lhe andaſſe nas coſtas; mas certamente que a voſ-

voſſa mercê ainda lhe ha de lembrar alguma galantaria.

Arpia. Qual, iſto eſquece muito, ſe ſe naõ traz ſempre entre as mãos.

Sacatr. Por iſſo me ha de lembrar o annel, que o trago entre os dedos.

Arpia. Pois cuidavas, que aquillo do annel era verdade? Foy huma peſſa que te quiz fazer.

Sacatr. Pois porque era peſſa, por iſſo eu tambem por peſſa o diſſe a Medéa; mas naõ disfarcemos, faça alguma magicaſinha pequenina, couſa galante.

Arpia. Ora por te fazer a vontade ahi vay huma primoroſa: Por arte de berliques berloques, que com eſta bofetada te ſalte fóra a cabeça do corpo.

Dá-lhe huma bofetada, e ſalta a cabeça de Sacatrapo, que andará pelo ar, dando de quando em quando algumas cabeçadas em Arpia.

Sacatr. Ay minha cabeça, que a tenho por eſſes ares!

Arpia. He para ver, ſe has de fazer queixa a Medéa, que te furtey o annel.

Sacatr. Poem no corpo a cabeça, bruxa, ſe naõ olha, que te dou huma cabeçada,

Canta Arpia a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Naõ to hey de fazer, por mais que o peças;
Pois quero que padeças
Por dous annos ſe quer eſte tormento,
Caſtigando teu louco penſamento.

ARIA.

Oh quanto já me alegra
Ver eſſe movimento,
Que he bem, que leve o vento
Cabeça que he taõ vã.
Se em ti, por neſcio, e tollo,
Cabeça naõ havia,
Naõ julgues tyrannia
Tirarſe o que naõ ha.

Sacatr. Ora encaixa-me a cabeça, que eu te dou o annel, ſem que tu mo furtes.

Arpia. Agora ſim, eu ta encaixo.

Poem-lhe a cabeça, e foge.

Sacatr. Eſpera, que mo has de pagar, por vida de Sacatrapo. *Vaiſe.*

SCENA V.

Jardim, aonde eſtará o Velocino, que he hum Carneiro de ouro, e ao ſom do Coro, e inſtrumentos, ſahirá Jaſon pela ſala de fóra a cavallo no Pegaſo, que trará azas, e depois entrará no jardim, aonde tambem eſtará hum Dragaõ lançando fogo, e com elle brigará Jaſon.

CORO.

SE amor he hum encanto,
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor,
De ver naõ me eſpanto
A hum peito
Desfeito
A encantos de amor.

Jaſon. Horroroſo Dragaõ, eſpantoſo aborto do abyſmo, a pezar das ſombras, e do furor que conſpiras, hey de domar a tua furia, cegando-te primeiro com as luzes do chryſolito deſte annel, e ao depois, tirando-te a vida com o penetrante deſta eſpada, ſepultando-te finalmente nas entranhas da terra.

Mata ao Dragaõ, que com urros ſe meterá por hum

hum buraco do tablado, donde ſahiráõ chammas de fogo, e a eſſe tempo ſe deſapea do cavallo, que voando tomará diverſo caminho, e ao meſmo tempo deſcerá Medéa em huma nuvem, que vindo fechada, ſe abrirà, e della ſahirà Medéa.

Jaſon. Inclyta, e famoſa Medéa, agora conheço o teu amor.

Med. Se pelas obras exteriores conheces o meu amor, que fora ſe viras o intento de meu coraçaõ. Ahi tens, Jaſon, o Velocino, que tanto deſejas.

Jaſon. Que admiravel prodigio da natureza! Já achey o que buſcava.

Med. Que te parece eſte jardim?

Jaſon. Occupa toda a admiraçaõ. Quem me dera, que Sacatrapo viſſe iſto!

Med. Se iſſo deſejas, aqui te vem já. Sacatrapo? Sacatrapo?

Vem voando hum Dragaõ pelo ar, e lança pela boca a Sacatrapo no tablado.

Sacatr. Senhora, Senhora: mas aonde eſtou eu!

Jaſon. Que he iſſo, Sacatrapo, tu aqui?

Sacatr. Ah Senhora Medéa, eu eſcuſo eſtas gracinhas, que iſſo toca ao Senhor Jaſon, que para me eu divertir, lá tenho a minha Arpia, que toca a degollar muito bem.

Ja-

Jaſon. Quiz que tambem tu te achaſſes na empreza do Velocino de ouro.

Sacatr. Naõ baſta intentar a empreza, he neceſſario tambem fazer a preza; mas diga-me, qual he o Velocino?

Med. He aquelle; naõ o vês?

Sacatr. Ay como he galante! Tó, tó, Velocino, vem cá, paſſa aqui, tó, tó.

Jaſon. Homem, elle naõ he caõ, he carneiro.

Sacatr. Elle ſerá carneiro, mas a mim me parece caõ, pelo gozo que tenho de o ver.

Jaſon. E he certo Medéa, que he de ouro a pelle deſte carneiro?

Med. De ouro he, e tirandoſe-lhe huma pelle, lhe naſce outra tambem de ouro.

Sacatr. Meu amo eſtá que naõ cabe na pelle; o ponto eſtá, Senhora Medéa, que o tal carneiro em ſe apanhando daqui fóra, naõ mude a pelle.

Med. Niſſo pódes eſtar deſcançado.

Sacatr. E eu que tenho com iſſo? A meu amo he que Voſſa Infanteza ha de paſſar eſſa carta de ſeguro; porque quando muito elle comerá o carneiro, e a mim me dará os pés, que he o meſmo que darme dous couces, depois de tanto trabalho.

Jaſon.

Jaſon. Naõ lhe puxes pela lingua, ſe naõ nunca ſe callará.

Med. Pois ſe he fallador, trate de o naõ ſer daqui em diante; porque ſe diſſer a alguem, o que aqui paſſamos, o matey certamente.

Sacatr. A que delRey Senhores, eu pedi a alguem, que queria ſaber de jardins, nem de Velocino, nem de badallo! De ſorte, que eſtava eu começando a jantar, eis ſenaõ quando de improviſo me vejo engolir de huma Serpente, que era o Golia dos Gigantes Dragões, e como lhe naõ fiz bom coſimento, vomitou-me neſte jardim; e entaõ, digo eu agora, para que me foraõ chamar, ſe ſabiaõ que eu era linguarudo?

Jaſon. Ora calte por vida tua. E certamente, Senhora, que cada vez me vejo mais obrigado às voſſas finezas.

Med. Naõ he muito, Jaſon, que eu applauda a tua entrada neſte jardim, quando até as arvores, e troncos inanimàdos te ſabem feſtejar; e para que o vejas, attende: Plantas, arvores, e flores, ſahi das entranhas da terra, e vinde applaudir a Jaſon.

Sahem por quatro eſcotilhas quatro arvores.

Jaſon. Effeitos ſaõ da tua ſabedoria; eu eſtou paſmado! Sa-

Sacatr. E eu com o queixo cahido!

Med. Ainda naõ pára aqui o teu applauſo
arvores, transformaivos em Ninfas,
applaudi a Jaſon, cantando, e repetin
do as minhas vozes.

Sacatr. A mulher he capaz de fazer hum
fallada!

Canta Medéa, e repetem os eccos.

Med. Dizey o incendio voraz, voraz
Que em meu peito abraza amor, amor
Quando por Jaſon ſe inflãma flãma
N'um puro, e ſuave ardor. ardor

Jaſon, e Med. O' Ninfas, dizeilhe,
Que já no meu peito
Em ancias desfeito

Tod. Voraz amor inflamma ardor.

Canta Jaſon, e repetem os eccos.

Jaſon. Dizey, que em dita feliz feliz
Vive em mim conſtante ardor, ardor.
Pois já Medéa me inſpira pira.
Mil ſacrificios amor. amor.

Jaſon, e Med. O' Ninfas dizeilhe,
Que já no meu peito
Em ancias desfeito

Tod. Feliz incendio inſpira amor.

Sacatr. Ora eu, ſem ſer Narciſo, verey ſe
acho algum ecco, que me reſponda; ora
lá vay, Senhora Medéa.

Med. Dize, que ellas te reſponderáõ.

Can-

Canta Sacatrapo o ſeguinte.

Dizey ſe do Velocino,
Hey de ter ſe quer hum pello.

Zurraõ dentro.

Sacatr. Oh! Zurraraõ? Andar, ſe naõ tive eccos, achey burro: iſto agora he que he magica, pois que as Ninfas ſe tornaraõ em burro. Ah Senhora Medéa, he iſto jardim, ou eſtribaria?

Med. Para ti todo o lugar he eſtribaria.

Sacatr. Iſſo he pôr as couſas no ſeu lugar; mas já que Voſſa Infanteza quiz fingir eſte jardim, naõ fez mal em fabricallo no lugar da eſtribaria, que entendo em minha conſciencia, que as eſtatuas ſaõ os burros do Senhor ſeu pay.

Med. Jaſon, ainda paſſa a mais o meu amor; pois verás que por ti faço com que eſſas Ninfas, em que falta o animado, em teu applauſo te formem huma contradança; e aſſim os paſſaros, as aguas, e o Zefiro a entoem, e as Ninfas bailem.

Tocaõ huma contradança, e deſcem as Ninfas dos ſeus lugares, e dançaõ.

Jaſon. Que dizes agora a iſto, Sacatrapo?

Sacatr. Deixe-me, Senhor, que me eſtou embasbacando; pois vejo que quem faz bailar troncos, tambem fará bailar as tripecinhas.

Jaſon.

Jaſon. Naõ goſtas de contradança?

Sacatr. Naõ Senhor, porque fuy ſemp
contra a dança.

Jaſon. Medéa, naõ ſey com que te hey
gratificar tantas finezas, quantas p
mim tens feito. Sacatrapo, naõ deix
ficar o Velocino. *à part*

Med. Adorado Jaſon, ſe já conheces o me
amor, peço-te, que naõ ſejas ingrato
tantos extremos.

Jaſon. De que ſorte queres, que te ſegu
a minha conſtancia?

Med. Com a meſma conſtancia, com qu
meu peito te adora.

Jaſon. Aſſim o prometto.

Med. Ditoſa já me poſſo chamar com t
ventura.

Jaſon. E eu feliz. Ay Creuſa, quando ve
dadeiramente ſem ſuſtos deſcanſarey e
teus braços; pois ſó tu me roubaſte
meus ſentidos! Sacatrapo, leva o Vel
cino, naõ o deixes. *à part*

Sacatr. Aſſim era eu aſno.

Med. Vamos, Jaſon.

Jaſon. Medéa, vamos.

Med. Mas eſperay: que terey que taõ ſo
breſaltado tenho o coraçaõ? *à part*

Jaſon. Que te ſuſpende, Medéa?

Med. Ay Jaſon, dize-me: Eſtarey cert
na tua promeſſa? Ja

[Ja]son. Vive defcanfada, Medéa, que naõ faltarey à minha palavra.

[Sa]catr. Naõ haja defconfiança de parte a parte, que eu fico por fiador, e principal pagador; e aflim dizey, Ninfas, e publicay de Jafon, e Medéa, a bella tençaõ, dizendo todos.

CORO.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma
Na chamma
Tyrannico ardor;
De ver naõ me efpanto
A hum peito
Desfeito
A encantos de amor.

Fim da primeira parte.

PARTE II.

SCENA I.

Camera. Sahem Jafon, e Thefeo.

[T]hef. AInda naõ creyo, Jafon, que fem derramar fangue conquiftámos o Velocino.

[J]afon. Confeffo-vos, Thefeo, que quando nif-

nisto imagino, parece-me que estou
nhando.

Thes. E segundo, Senhor, me contast
entendo que debalde viriamos a esta co
quista com armas, se naõ foraõ as m
gicas de Medéa, que tanto te ama.

Jason. A's vezes póde mais Cupido, q
Marte, pois mais poderoso foy semp
o amor, que o odio: e certamente Th
seo, que com ter a certeza na magic
de que havia triunfar do Dragaõ, q
guardava o Velocino, com tudo a vist
e o aspecto delle poderia causar tem
ao coraçaõ mais destemido.

Thes. E agora para que nos dilatamos ma
nesta terra? Vamo-nos embora, ant
que se saiba o roubo do Velocino, e n
custe sustentar com a espada o que g
nhámos sem ella.

Jason. Assim he, Theseo; mas as cous
naõ se fazem como se dizem. Bem sabe
as finezas, que Medéa tem obrado p
mim, e que com o pretexto de ser e
seu esposo, he que me facultou a entra
da no jardim; e assim parece vileza,
ingratidaõ o deixalla; além disso, co
mo sabes, que he magica, poderá vin
garse em nós, que huma mulher escan
dalizada, e poderosa, he muito para te
mer

mer. Affim pretendo encobrir, que por Creufa he que me detenho. *à parte.*

[C]hef. Segue o teu parecer, que algum dia te pezará naõ feguir o meu confelho. *Vaife.*

[Ja]fon. Se eu eftou louco de amor, como hey de ter entendimento para acertar? Pois quando o amor vive no peito, he força que desfaleça o juizo.

Sahe Sacatrapo.

[S]acatr. Eilo lá fica no poraõ, enxuto, e bem acondicionado.

[J]afon. O que?

[S]acatr. O Velocino, a quem eftive acompanhando até agora, que lhe confeffo naõ poffo apartarme delle; e entendo, que o tal carneiro tambem he feiticeiro.

[J]afon. Naõ te quizera ver taõ feu amigo, que es capaz de tirarlhe alguma gadelha em achando occafiaõ.

Sacatr. Senhor, fempre ouvi dizer, que era bom tomar a occafiaõ pelos cabellos; mas eu, fe a achar, a tomarey pelas unhas, que he mais feguro.

Jafon. Pois já que es taõ occafionado, naõ tornarás a brincar com elle.

Sacatr. Já o remedio he tarde, pois já cá dizimey o que quer que he. *A' parte.* E fabe, Senhor, que mais? Apofto que o naõ fabe. Ja-

Jaſon. Dize.

Sacatr. Que o tal carneiro ſabe Latim.

Jaſon. Deixa-me com diſparates.

Sacatr. Ainda eſſa he peyor: baſta que lh diga eu, que o tal Velocino he hum Ca lepino encadernado em carneira, e ſena veja. Pergunteilhe eu (por acaſo) d *ego*, *mei*, *mihi* o accuſativo do ſingular Eis ſenaõ quando me reſponde logo *m* Eu quando tal ouvi dizer, diſſe comi go: Tambem ſe a ti te naõ falla o dia bo nas tripas, mal por mim.

Jaſon. Seja o que quizeres: vamos ao caſo

Sacatr. Vamos ao Occaſo, e vamos ao Ori ente.

Jaſon. Pudeſte fallar a Creuſa, e ſignificar lhe o quanto lhe quero?

Sacatr. Deixando circuitos, e epiſodios apenas tu, Senhor, te apartaſte de mim quando logo Creuſa veyo nas tuas ancas e eu, tanto que a vi ſó por ſó comigo confeſſo que tive medo, e quiz chamar a que delRey.

Jaſon. De que tiveſte medo?

Sacatr. Senhor, aſſim como as feyas fazem fugir, tambem as formoſas aſſombraõ; e como naõ ha Sol ſem ſombra, ella foy o Sol, e eu o aſſombrado de ſeus rayos; pois cada olho era hum cagalume, cada

fa-

face hum carbunculo, que andava nas mãos do Anatomico da belleza, cada cabello era hum rayo, cada peſtana hum cometa, e hum coriſco cada nariz.

aſon. Tantos narizes tem ella?

acatr. Sim Senhor, e taõ bellos, como os ſeus narizes.

aſon. Vamos adiante.

acatr. Iſſo he o que queria? Pois ouça mais: Fuy eu, e como logo nos olhos a vi com geito para me ouvir, que fiz? Fuy de manſinho abrindo a boca pé por pé, e lhe eſcarrey na bochecha o recado, que me deu, tim tim por tim tim.

aſon. E quando lhe fallaſte em mim, alterou-ſe?

acatr. Naõ ſey, porque lhe naõ tomey o pulſo; mas ſe pelos olhos ſe conhece quem tem lombrigas, ella tanto que lhe falley em Jaſon foy tanta a lombriga que deſtilou pelos olhos, que aſſentey logo, que a Senhora Creuſa eſteve mordida da bicha de Cupido.

aſon. Vamos à concluſaõ da hiſtoria.

acatr. Senhor, em concluſaõ, argumenteilhe rijamente ſobre o ponto; e vendo-ſe convencida, começou a querer fugir do argumento; mas eu que na ponte dos aſnos ſou hum lince, que fiz?

Mu-

Mudeilhe o argumento, e logo a coll
no laço.

Jason. Acaba, antes que acabe comtigo.

Sacatr. Pois demos por acabado, que e
naõ posso acabar comigo o ser Laconico

Jason. Pois em que ficou?

Sacatr. Ficou em pé sobre os çapatos.

Jason. Tu estás zombando?

Sacatr. Zombaria fóra: ella lhe naõ pezo
de ouvir o recado, ainda que lho de
bem pezado; e começando a fazer bi
quinhos, como quem queria chorar, des
temperou em cantar huma Aria, e virou
me as costas: eu ainda assim fuy atra
della; e perguntando-lhe pela reposta
virando-me o rosto para mim muy sizu
da, e muy grave, fez-me huma careta
e çafou-se, e ficou çafada.

Jason. De toda essa arenga venho a con
cluir, que achaste Creusa inclinada a
meu amor.

Sacatr. A's vezes, quando se abaixava, naõ
ha duvida, que se mostrava inclinada
porém, Senhor, com que estamos? Eu
acho de mim para mim, que ella se ha
de resolver a querer, e só lhe digo, que
teve bom gosto.

Jason. Pois naõ he mais formosa, que Me-
déa?

Sa-

Sacatr. Isso naõ he questaõ; porque se Medéa encanta, tambem Creusa enfeitiça.

Jason. O' Sacatrapo, se eu alcanço os favores de Creusa, naõ tenho mais que desejar.

Sacatr. Pois, Senhor, entendamo-nos; falla deveras, ou está zombando? Eu cuidey até agora, que isso de Creusa era chachara.

Jason. Naõ he senaõ realidade, pois a amo com todas as veras?

Sacatr. Uy, Senhor, quando eu cuidava, que conquistado o carneiro terias jazigo; vejo agora, que depois de alcançado, ainda te metes pela terra dentro. Deixa a Creusa, Senhor; e pois temos o carneiro nas garras, embarquemo-nos, antes que o mar se encrespe em carneiros.

Jason. Por isso mesmo, porque tenho seguro o Velocino, por isso quero tambem a Creusa; e assim vay outra vez, e dize-lhe, que se se resolve a vir comigo para Thessalia, que será minha esposa, e subirá comigo ao Solio da Magestade, que por direito se me deve.

Sacatr. Ay, Senhor, que muito temo os encantos de Medéa!

Jason. Naõ vês que ella me deu o annel,

deposito da sua sciencia, e com elle naõ temo magicas?

Sacatr. Eu, Senhor, naõ se me dá que se torne em carvaõ a pelle de ouro, que eu sempre hey de forrar a minha pelle.

Jason. Sacatrapo, mãos à obra, e se me trazes boas novas, terás boas alviçaras. *Vaise.*

Sahe ElRey.

Rey. Vós naõ sois criado de Jason?

Sacatr. Criado de Vossa Reinadura.

Rey. Aonde está, que lhe quero fallar?

Sacatr. Está tomando o fresco na trapeira.

Rey. Oh, agora te conheço. Tu naõ es Sacatrapo, aquelle a quem dey o annel?

Sacatr. Sim Senhor; mas foy tal a minha desgraça, que a Senhora Arpia, fallando mal, deu em se affeiçoar do annel, e tanto andou, até que mo lambeo.

Rey. Ora naõ te agastes, que naõ te faltaráõ anneis.

Sacatr. E só sinto o naõ tello, por ser prenda de Vossa Reinadura.

Rey. Só este me poderá dizer o que eu pretendo. *A' parte.* Dize-me, de que serves a Jason, ou que prendas saõ as tuas, para que elle te estime tanto?

Sacatr. Senhor, depois que perdi o annel já naõ tenho prendas.

Rey. Dize-me, se es Militar, porque tal-

vez

vez te deixe ficar em meu Reino; pois Jaſon, que te eſtima tanto por alguma couſa he.

Sacatr. Eu ſervi, Senhor, na campanha deſde a idade de cinco annos. Tive todos os poſtos; porque eu tive poſto de pé, poſto de joelhos, poſto de bruços, poſto de coſtas, poſto de gatinhas, e ſe a neceſſidade era grande, tive poſto de cócaras; porque, Senhor, has de ſaber, que eu depois de roto fuy ſoldado, dahi paſſey a cabo de ſovella; e quando nada em dous dias me vi feito coronel de hum regimento de gallico.

Rey. Só reparo, que teu amo com tantos ſerviços te naõ fez Governador de alguma Praça.

Sacatr. Iſſo naõ era neceſſario, porque a mim me naõ faltaõ praças.

Rey. Ora meu Sacatrapo, hoje na tua boca conſiſte a tua fortuna; pois ſe me dizes o que te quero perguntar, te darey huma renda com que poſſas paſſar alegremente.

Sacatr. Senhor, fortuna de boca, e premio de rendas, ſaõ couſas de pouca duraçaõ.

Rey. Promettes-me dizer o que pretendo ſaber? Olha que has de ſer bem premiado.

Sacatr. Diga, Senhor, que hum intereſſei
ro a tudo eſtá offerecido.

Rey. Para que falles com mais clareza, h
bem que te allumie o brilhante deſte an
nel.

Sacatr. Iſſo he ceremonia, para nós naõ h
neceſſario. Naõ o ſaberá Arpia. *à part*

Rey. Dize-me pois, que veyo Jaſon buſ
car a eſte porto; pois ſey de certo qu
naõ teve tormenta?

Sacatr. Verdade he, que os Pilotos eſtaõ
diſcordes neſſa materia; porque huns aſ
ſentaõ, que foy tormenta; outros dizem
que fora calmaria; com que niſſo ha opi-
niões.

Rey. Darſeha caſo, que vieſſe Jaſon rou-
barme o Velocino?

Sacatr. O Velocino naõ Senhor; mas hum
carneiro de ouro ſey eu que já o tem nas
unhas.

Rey. Que dizes?

Sacatr. Bem, ſe Voſſa Reinadura ſe ha de
enfadar, entaõ naõ fallo falla.

Rey. E como pode elle tirar eſſe carneiro,
eſtando taõ bem guardado?

Sacatr. Senhor, do contado come o lobo;
dizem que foy por arte magica.

Rey. Apoſto eu que andou por ahi minha
filha Medéa?

Sa-

Sacatr. Naõ Senhor, Medéa naõ, quem fez as mexidas, dizem que foy huma filha de Voſſa Reinadura.

Rey. Eſſa meſma he Medéa.

Sacatr. Eu, Senhor, como naõ me meto com as vidas alheyas, naõ me importa quem foy, nem quem naõ foy.

Rey. Baſta, naõ quero ſaber mais. Ha homem mais infeliz! Que vieſſe hum pirata traidor a roubarme a joya mais ſingular de todo o mundo, e que minha propria filha foſſe a medianeira do meu eſtrago! Naõ ſey como me naõ mato por minhas mãos.

Sacatr. E faria muito bem, que o caſo he para iſſo.

Rey. Naõ ſey como naõ perco a paciencia vendo roubado o meu Velocino!

Canta o Rey a ſeguinte

A R I A.

Qual leoa embravecida,
Que ſe vê deſtituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos
Fere a terra, e rompe o ar.
  Aſſim eu ſem Velocino,
Ando louco, eſtou ſem tino,
Pois que hum vil pirata avaro,
Deſte bem me fez privar.

Sa-

Sacatr. Ah Senhor, aonde hey de aſſent[illegible]
a minha renda?

Rey. Calte, perfido traidor, em ti, com
parcial deſſe barbaro, e ſementido J[illegible]
ſon, vingarey a minha colera.

Corre atraz de Sacatrapo.

Sac. A que delRey contra elle meſmo. *Vai[illegible]*

SCENA II.

Antecamera. Sahem Medéa, e Arpia.

Arpia. QUe tens, Senhora, que anda[illegible]
taõ melancolica eſtes dias? S[illegible]
já te vês amada de Jaſon, qu[illegible]
mais deſejas?

Med. Naõ digas amada, burlada ſim.

Arpia. Iſſo ſerá deſconfiança, porque [illegible]
amor iſſo tem, que em quanto menin[illegible]
he confiado, e deſconfiado quando ve-
lho; e por iſſo naõ faltou quem diſſeſſe[illegible]
que o amor morava na correaria.

Med. Pois dize-me, Arpia, naõ he par[illegible]
deſconfiar ver que Jaſon depois de tanta[illegible]
finezas, que por elle tenho obrado; de-
pois que lhe entreguey o Velocino, pon-
do-me em notavel perigo, ſe meu pay
o ſouber; em fim, depois que o fiz ſe-
nhor abſoluto de meu alvedrio, o vejo
taõ

taõ tibio, e taõ pouco ſolicito, que ſe paſſaõ muitos dias ſem verme? Vê tu ſe tenho razaõ, e motivo baſtante para deſconfiar.

Arpia. Senhora, quem a mandou pagar adiantado? Chore-o agora na cama, que he lugar quente.

Med. Tomara eu ſaber qual he a cauſa do ſeu deſvio.

Arpia. Darſeha caſo, que tenha outro emprego?

Med. E qual havia ſer a atrevida, que ſabendo que Jaſon me adorava, havia querer opporſe ao meu amor?

Arpia. Iſſo naõ ſe leva por oppoſiçaõ.

Med. Pois quem preſumes tu que ſerá?

Arpia. Senhora, eu nunca tive preſumpções, e muito menos agora, que ſou velha.

Sahe Creuſa.

Creuſ. Medéa, toda a Corte tem eſtranhado o teu retiro, e triſteza; ſe ſe póde remediar, dize-mo, que o mal communicado he menos ſentido.

Med. Ay, que minhas triſtezas, Creuſa, naſcem de cauſas taõ occultas, que ninguem as póde penetrar.

Creuſ. Naõ ſaõ taõ occultas, que ſe naõ ſaiba, que he por cauſa de Jaſon.

Med.

Med. Ay Prima, como tu o ſabes, já t
naõ poſſo negar. Confeſſo-te, que am
a Jaſon, e como elle ſabe o meu extre
mo, deſpreza as minhas finezas.

Creuſ. Alviçaras coraçaõ, que já podes reſ
pirar com ſocego. *à parte.*

Med. Vê tu, como poderey eſtar, vendo-
me deſprezada depois de querida?

Creuſ. Deſpreza-o tu tambem, e verás co-
mo elle te buſca; porque o repudio he
o incentivo mayor para avivar a cham-
ma do amor; e faze iſto, e verás que te
naõ engano.

Med. Eſtou para tomar o teu conſelho:
mas temo que Jaſon eſcandalizado me
deixe por huma vez.

Creuſ. Se elle te deixa amando-o, que im-
porta que te deixe aborrecendo-o.

Med. Naõ me falles em deixar a Jaſon,
que he impoſſivel.

Arpia. Senhora Crẹuſa, he bem que à Se-
nhora Medéa lhe ſucceda tudo iſto, por-
que ſempre lhe préguey, que ſe naõ fiaſ-
ſe de Eſtrangeiros; e mais de Jaſon, que
ſempre tive azar com eſte homem, pois
baſta ſer ſoldado para ſer bandoleiro.

Med. Naõ digas mal de Jaſon, que em fim
ſempre lhe quero, e lhe tenho muito
amor.

Arpia.

Arpia. Ainda ſe naõ póde deſenganar, que em quanto morrer por elle naõ ha de ter vida alegre? Minha Senhora, perdoe-me dizerlhe iſto, nenhuma mulher entrega todo o ſeu peito ao amor, e a razaõ he eſta.

Canta Arpia a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Em materia de amor, Medéa bella,
He neceſſario haver muita cautella,
Que amor aſſim zombando entra brincando,
Porém depois chorando
Faz hum peito biquinhos,
Que em ſuſpiros acabaõ taes brinquinhos.

ARIA.

A Cupido, que he menino,
Dá-ſe o leite, e naõ o peito,
E ſe acaſo com effeito
Quer o peito, ponha azebre
Para amor ſe deſmamar.
Mas ſe acaſo amor he fogo,
Naõ o atice no ſuſpiro,
Porque a chamma em facil gyro
Mais ſe atea no aſſoprar. *Vaiſe.*

Sahe Jaſon ſem ver as duas.

Jaſon. Naõ quero ſó fiar de Sacatrapo o recado de Creuſa, quero ver ſe acho occaſiaõ de me explicar com ella meſma, ainda que experimente as ſuas iras.

Mas

Mas que vejo! Alli eſtá o meu bem, o meu mal.

Med. Jaſon, entendo, como ha tanto q me naõ vês, que já me naõ conheces e cuido que tu es o deſconhecido.

Jaſon. Quem ſe vio em mayor labyrintho

Creuſ. Jaſon como me vê aqui, naõ ſabe que reſponda. *à part*

Med. Se por naõ achares deſculpa emmu deces, razaõ tens; mas naõ ſey que ra zaõ póde haver para ſer ingrato?

Jaſon. Medéa, aonde naõ ha culpa, na póde haver deſculpa. Que terrivel lan ce! *à parte*

Med. Pois naõ he culpa o ſer ingrato a tan tos extremos? Dize-me, porque m naõ vês?

Jaſon. Quem vê com os olhos do amor por força naõ ha de ver, porque o amo he cego.

Creuſ. Logo tu naõ vês a Medéa, porqu lhe tens amor?

Jaſon. Naõ ſey o que reſponda .... Dig que o ver no amor he improprio.

Med. Entendo que te naõ explicas con pejo de Creuſa; pois ſabe que Creuſ tudo ſabe, e tem eſtranhado muito a tu ingratidaõ.

Jaſon. Ainda eſta he peyor! *à parte*

Creuſ

Creus. Explica-te, Jaſon; naõ te acovardes, que eu ſou de ſegredo.

Jaſon. Pois talvez, que por Creuſa me naõ explique: queira amor que me entenda. *à parte.*

Creuſ. Pois ſe he por amor de mim, eu me auſento.

Jaſon. Naõ me endendeo. *à parte.*

Med. Pois eu naõ quero que ſe vá Creuſa, que naõ quero que meu pay me ache ſó comtigo, e diante della quero que confeſſes a tua ingratidaõ, para que te corras. Dize, tens achado em meu amor alguma variedade?

Jaſon. Naõ.

Med. Naõ juraſte de me querer ſempre?

Jaſon. Sempre jurey.

Creuſ. Pois tu coſtumas faltar ao que promettes?

Jaſon. Oh que deſeſperaçaõ!

Canta Jaſon a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Quem (oh Deoſes!) ſe vio em tanto enleyo,
Pois tremulo receyo
Em mal taõ violento
Explicar meu interno ſentimento.

ARIA.

Roto lenho, que impellido
De infeliz vaga procella,

Qua-

Quasi a pique submergido,
Vendo ao longe a praya bella,
Sem que a ella
Possa naufrago aportar.
Eu assim na dor violenta
Sinto huma aspera tormenta,
Sem que possa minha idéa
Por Medéa
Livremente publicar.

Sahe ElRey.

Rey. Jason, como os teus soldados abusaõ da franqueza da minha hospedagem, commettendo latrocinios, e fazendo disturbios, peço-te, que lhe mandes tirar as armas, pois entre amigos saõ escusadas; porque assim se evitaráõ tantos escandalos. Verey se logro o meu intento. *à p.*

Jason. Sinto que os meus soldados, Senhor, sejaõ insolentes; mas eu prometto castigallos. Oh que a bom tempo veyo El-Rey! *à parte.*

Rey. Pois adverte, que se naõ tiraõ as armas, que eu lhas mandarey tirar.

Jason. Tudo o bom se fará. Aqui he preciso dissimular. *à parte. Vaise.*

Rey. Creusa, vay para dentro.

Creus. Já te obedeço. *Vaise.*

Med. Em negra hora veyo meu pay, pois queria apurar a falsidade de Jason. *à p.*

Rey.

ey. Quero moſtrarlhe, que ignoro o que me contou Sacatrapo. *A' parte.* Medéa, como tu ficaſte de ſaber o intento com que Jaſon veyo a eſta terra, e até agora naõ me tens dado repoſta, eu a venho procurar.

Med. Se os Oraculos do Averno já me tiveſſem reſpondido ſobre os intentos de Jaſon, já to tivera revelado; porém como os Oraculos emmudecem, he certo que a noſſa pergunta naõ merece repoſta, por ſer ſem fundamento; pois, ſegundo collijo, cuido que nem Jaſon ſabe, que no mundo ha Velocino.

Rey. Ah inhumana filha, que agora conheço o teu fingimento! *A' part.* Viſto iſſo poſſo eſtar ſeguro, que Jaſon naõ vem buſcar o Velocino?

Med. Bem póde perder já eſſe receyo.

Rey. Ainda aſſim o meu cuidado ſó terá alivio, fazendo que ſe vá daqui Jaſon, que com effeito logo dou ordem a iſſo.

Med. Iſſo he aggravar a quem te naõ offende.

Rey. Eſtá conhecido o damno: e já que a ti te parece impolitica o expulſar a Jaſon, promettes tu ficar por fiadora, de que elle me naõ ha de roubar o Velocino?

Med.

Med. Prometto.

Rey. E ſe elle o roubar, a que pena te ſu-
jeitas?

Med. A que me mates.

Rey. Pois olha que hey de executar a pe-
na, ſem que te valha o ſeres quem es.

Sahe Telemon.

Telem. Senhor, já os ſoldados eſtaõ prom-
ptos, e tudo preparado, vê o que orde-
nas.

Rey. Vem comigo, que eu te aviſarey o
que has de fazer. Medéa, lembra-te da
fiança. *Vaiſe.*

Med. Naõ tenhas deſconfiança. Eu cuido
que já meu pay ſaberá alguma couſa;
mas quem lho havia de dizer? O peyor
he, que eu ſou a fiadora do Veloci-
no. Mas que importa, que perca a vida,
ſe eu morro na ingratidaõ de Jaſon? Po-
rém agora, que o Sol totalmente ſe ſe-
pultou no tumulo cryſtallino do Ocea-
no, e já a Lua começa a ſahir, hirey
conſultar nos ſeus argentados rayos a cau-
ſa da mudança de Jaſon. Mas aqui vem
gente.

Sahe Sacatrapo.

Sacatr. Agora me diſſe meu amo, que aqui
ficava Creuſa, que naõ perdeſſe tempo
para darlhe o recado; mas iſto he noite

fe-

fechada, e eu naõ atino com o caminho: mas chiton, que aqui eſtá alguem, e o vulto he feminino pelo ruge ruge das ſayas, e pelo ringe ringe dos çapatos: ſe ſerá Creuſa?

Vaõ andando hum para o outro, e topaõ-ſe.

ed. Quero averiguar quem he.

catr. Quem he da parte de Jaſon? Diga ſe he gente, ou ſe he mulher?

ed. Eſte he Sacatrapo. Que quererá aqui? Iſto he novidade a eſtas horas! *à part.*

catr. A mim me mellem ſe eſta naõ he Creuſa: he Creuſa?

ed. Quero fingir: ſou Creuſa; mas tambem quero ſaber quem he que me buſca?

catr. Naõ o diſſe eu? O meu faro de noite he hum farol.

Med. Diga quem he, ſenaõ vou-me.

catr. He Sacatrapo em peſſoa, que te vem trazer hum recado de Jaſon.

Med. Eſtá deſcuberto o enigma: Sacatrapo, deixa-me, que tenho eu com Jaſon?

acatr. Se naõ tem poderá ter; olhe o que lhe quero dizer por vida ſua.

Med. Naõ tenho que ouvir.

acatr. Eu lhe darey que ouvir; ora eſcute hum nadinha.

Med. Ora dize depreſſa.

acatr. Mande trazer huma bugia acceza

pe-

pelo rabo , porque às escuras naõ ati
com a boca para fallar.

Med. Dize, senaõ vou-me.

Sacatr. Está feito, fallarey pelos narize
O caso he, Senhora Creusa, que depo
que lhe falley aquelle dia da parte c
meu amo, lá lhe disse o que Vossa M
gnificencia me respondeo.

Med. Todavia isto já he muito antigo! *à*

Sacatr. E assim aqui me envia outra ve
por seu Embaixador extraordinario co
amplos poderes de ajustar comtigo o se
casamento; pois em summa diz Jason
que por ti morre de amor desde que t
vio; e assim se tu quizeres casar, que h
o mesmo que seres sua esposa, ou su
mulher, que te levará comsigo par
Thessalia, onde serás Rainha, e andará
em coche a quatro; pois para isso já to
da a armada está sobre o ferro, esperan
do occasiaõ para nos çafarmos à chuch
callada.

Med. Ah traidor Jason! E dize-me: En
taõ ha de deixar a Medéa?

Sacatr. Porque, elle a pario?

Med. Ainda assim parece ingratidaõ.

Sacatr. Qual ingratidaõ, Senhora, naõ me
quer crer? Elle nunca teve amor a Me-
déa.

Med.

Med. Pois quem o obriga a fazer tantos extremos por ella?

Sacatr. Nunca ouvio dizer, que quem ama a Beltraõ, ama o ſeu caõ? pois meu amo amava a Medéa por amor do Velocino, e como eſte já o tem na maõ, acabou-ſe o amor.

Med. Já me vay faltando a paciencia; porém para a perder de todo, apuremo-la mais. Com que tanto aborrece a Medéa?

Sacatr. Ay Senhora, quem naõ ha de aborrecer huma feiticeira! Eu pelo menos a deſejo pôr em hum barril de polvora, ou na boca de huma peſſa, e porlhe o fogo, para que naõ houveſſe fumo de tal demonio.

Med. Calte, naõ te ouça ella.

Sacatr. Qual ouvir, a eſtas horas eſtá ella buſcando alguma tripa de lobo para os ſeus ingredientes; porém, Senhora, tudo quanto diſſe ſe recopila nos quatro elementos do amor, que ſaõ os ſeguintes.

Canta Sacatrapo a ſeguinte

ARIA.

Pagar ao correyo,
Amar a Jaſon,
Deixar a Medéa,
Segredo, e chiton.

Sahe Arpia com huma véla.

Arpia. Muito alegres noites. Ay cá está Sacatrapo!

Sacatr. Ay, que he Medéa, com quem estive fallando! Estou perdido!

Med. Agora, Sacatrapo, para que vejas o meu primor, quero premiar o teu trabalho, e que leves a reposta a Jason.

Sacatr. Olhe, deixe-me ir embora, que he o melhor premio, que me póde dar.

Arpia. Espera tollo, aceita o que te daõ, naõ sejas descortez.

Sacatr. Eu te dou, o que ella me ha de dar: ah Senhora, deixe-me ir alli fóra, que eu já venho.

Med. Espera. Basta que Jason ama a Creusa?

Sacatr. Quem podia dizer tal? Isso he quiméra.

Med. E basta que tu es o seu terceiro?

Sacatr. O' lá isso agora he mais comprido!

Med. Ora dirás a teu amo, que Creusa lhe manda dizer, que esteja certo, que lhe ha de pagar a sua fineza.

Sacatr. Sim Senhora. A Deos Senhora.

Med. Espera, que te naõ has de ir sem levares as alviçaras.

Arpia. Senhora, que he isto, que te succede com Sacatrapo?

Med.

Med. Que ha de ser? He o que traz os recados a Creusa; por isso Jason me desdenha, porque nella emprega o seu amor.

Arpia. E tu fiando della o teu peito?

Med. Oh Arpia, quando em tal imagino, naõ sey como naõ desespero? Porém em quanto nelles naõ posso executar o meu furor, em ti vil, infame, insolente Sacatrapo, hey de vingar a minha ira, sepultando-te nas entranhas da terra, até chegares ao coraçaõ do abysmo.

Vay Medéa sepultando pouco a pouco a Sacatrapo por huma escotilha do tablado.

Sacatr. Senhora Medéa, naõ me enterre, espere pelos gatos pingados, que eu lhe descobrirey muita cousa: antes que me mate, deixe-me dispor deste annel, que me deu agora seu pay.

Med. Naõ tenho mais que saber: vay a ser pasto dos Dragões.

Sacatr. Ay de mim! *Desapparece.*

Arpia. Ay Senhora, que culpa tem o Criado?

Med. Espera, e verás: Sacatrapo? Sacatrapo?

Torna a sahir Sacatrapo com cara de burro.

Sacatr. Aonde estou eu?

Arpia. Ay que linda cara, que tens!

Sacatr. Parecerey desenterrado.

Arpia. Sabes o que vejo? Que te enterraſ
te com cara de gente, e reſuſcitaſte com
cara de burro.

Sacatr. Cara de burro? He verdade? C
eſtaõ as orelhas. Ah Senhora Medéa
naõ achou outra cara menos cara, par
me pôr, ſenaõ cara de burro? Pois po
certo, que eu naõ tenho cara de aſno.

Med. He para naõ levares recados a Creuſa

Sacatr. Senhora, tire-me ſequer as orelhas
que eu ſem ellas bem poſſo ſer burro
que aſſim ha muita gente.

Arpia. Ora, Senhora, ſe os meus ſerviço
valem alguma couſa, peço-lhe que tir
a cara de burro a Sacatrapo, que aſſim
como aſſim, ficando com a que tinha
fica com a que tem. E o annel o qu
brilha! *à parte*

Sacatr. Ah Senhora Medéa, deſemburre
me por vida ſua.

Med. Pois vay buſcar a tua cabeça, aond
a perdeſte.

*Deſce Sacatrapo, e torna a ſubir com cara d
gente.*

Sacatr. Queira Deos, que eſtando a minh
cabeça em terra, naõ venha grellada.

Med. Arpia, naõ eſtou em mim, até m
naõ vingar de Jaſon. *Vaiſe*

Arpia. Ora parabem lhe ſeja, Senhor Sa
catrapo

catrapo, o verſe reſtituido à ſua antiga fórma.

acatr. Pois com verme com miollo de burro, com tudo eſtava em meu perfeito juizo.

rpia. Olha, Sacatrapo, para fugires de ſemelhantes deſgraças, bom era ſaber o que eſtá para te ſucceder, e te livrares; aſſim, moſtra cá a maõ, que te quero dizer a buena dicha; pois bem ſabes, que neſta ſciencia ninguem me excede.

acatr. Iſſo naõ me parece fóra de conta; eiſahi a maõ direita, que a eſquerda eſtá occupada com o annel, e dize tudo quanto cabe na arte.

rpia. Ah, o que tens de embaraços na vida! Vês eſta linha mathematica?

acatr. Aonde eſtá?

rpia. Eſta que corre direita.

acatr. Pois que tem?

rpia. Diz que ainda has de ter muito dinheiro, que te ha de vir por huma herança de hum teu avô.

acatr. Iſſo he mentira, que eu já naõ tenho avô, ſalvo ſe for meu avô torto.

rpia. Vês eſſoutra linha atraveſſada? Pois naõ he nada: diz, que has de vir a ter daqui a muy poucos annos hum poſto muito honrado na tua terra, que te has

de

de ver em grandes alturas.

Sacatr. Oh minha Arpia, veja que post
ha de ser.

Arpia. He hum tal posto, que a todos ha
de pôr o pé no pescoço.

Sacatr. Pois o que he?

Arpia. Carrasco mór.

Sacatr. Pois entaõ seguro tenho o pôrte
pé no pescoço.

Arpia. Ay mofino homem, que cá te en
contrey com huma desgraça!

Sacatr. Huma só?

Arpia. Naõ vês esta figura de unha na pal
ma da maõ?

Sacatr. Tu pintas as figuras como queres

Arpia. Naõ he cousa de cuidado; diz qu
has de morrer enforcado por ladraõ.

Sacatr. Talvez que escape para carrasco
para te enforcar a ti: e dize, achas lá
annel que me furtaraõ, e a cabeça d
burro?

Arpia. Naõ, que isso foraõ peças. Or
mostra cá a maõ esquerda.

Sacatr. Qual? A do annel? Ahi naõ pód
haver duvida na ventura, pois já tem
annel.

Arpia. Pois eu to sacarey de outra sorte
à parte. Deixemos isso, sabe que se tu
me pagares, te darey huma empreza me
lhor

lhor, que a do Velocino de ouro.

Sacatr. Se isso fora cousa boa, naõ estivera guardada para mim, e já meu amo a tivera na algibeira.

Arpia. Naõ, que isto he hum segredo, que só eu o sey; e he huma tal cousa, que ficarás rico para sempre.

Sacatr. Pois olha, eisaqui este annel, que me deu ElRey esta tarde, e val muito bem trezentos e vinte reis: he hum diamante bruto engastado em ouro buçal; e se me disseres isso, to darey.

Arpia. Pois sabe, que na quinta de Creusa, debaixo da terra está huma estribaria, na qual está hum burro, que caga dinheiro.

Sacatr. Eu já ouvi fallar nisso do burro caga dinheiro, que minha mãy o contava quando eu era pequeno; porém eu sempre tive isto por historia.

Arpia. Naõ te digo eu, que todos tem noticia desse burro? Pois sey que ninguem o vio, e cuidaõ que he fabula, o qual está encantado, assim como o Velocino.

Sacatr. Se tambem tiver algum Dragaõ, que o defenda, já renuncio a empreza.

Arpia. Naõ tem Dragaõ, e só tem por guarda huma formiga.

Sacatr. Se he huma formiga, naõ tenho me-

medo, porque eu me veſtirey de arma
brancas com eſpada, e rodella, e log
a matarey.

Arpia. Levarás duas piſtollas tambem.

Sacatr. Só reparo, que ſendo eſta empre-
za do burro caga dinheiro taõ facil, naõ
te tenhas tu aproveitado deſſe dinheiro
para comprares mais de dous centos de
anneis, e naõ andares olhando para as
mãos, e dedos dos Sacatrapos.

Arpia. Eſſa he a deſgraça, e a minha ven-
tura, ou deſventura, que a choro com
lagrimas de ſangue; porque has de ſa-
ber, que o Magico que encantou eſſe
burro, prohibio que as mulheres o po-
deſſem deſencantar pela fragilidade do
ſexo.

Sacatr. E que antipatia tem o ſexo das mu-
lheres com o ceſſo do burro?

Arpia. Iſſo ſaberá o Magico.

Sacatr. Olha tu, que mais depreſſa me pa-
rece, que iſſo ſerá alguma burra; por-
que eſſas ſaõ as que cagaõ dinheiro?

Arpia. He hum burro taõ macho, como
tu es.

Sacatr. Pois, Arpia, tu me ſeguras ſer iſ-
ſo verdade?

Arpia. Naõ o duvides, que eu o tenho viſ-
to muitas vezes; e quando me vou che-
gando

gando para elle, desapparece, e foge o burro de mim, porque sou mulher.

Sacatr. Em fugir de ti naõ parece elle ser burro: quasi que estou inclinado a darte o annel.

Arpia. Bem o podes dar afoitamente, que ainda te faço favor: e para que te descubra todo este enigma, quando fores à empreza, te hey de dar hum capello meu, que foy de minha avó, o qual quem o poem, ninguem o vê, e póde ir por onde quizer, e entrar em toda a parte, sem ser visto; e assim hirás com elle à conquista do burro caga dinheiro, e o poderás trazer a paz, e a salvo, sem de ninguem seres visto, nem cheirado.

Sacatr. Eu naõ duvido, que de ninguem seja visto, pela viciosa virtude desse capello; mas que o que caga o burro seja dinheiro, e naõ seja cheirado, naõ póde ser.

Arpia. Calte, que es hum cendeiro.

Sacatr. Arpiissima Senhora, dê-me attençaõ: se eu hey de ser invisivel, porque hey de levar o capello, está muito bem; mas o burro, que naõ tem capello, por força ha de ser visto.

Arpia. Naõ, tollo, que o burro de sua natureza he invisivel. Tu só o has de

ver;

ver; porque es o ſeu deſencantador.
Sacatr. Pois huma vez que he iſſo, ahi e
tá o annel, e venha o capello.
Arpia. Anda. Muito tollo he eſte Sacatra
po! Já temos dous anneis. *à part*
Sacatr. Oh burro do meu coraçaõ, ſe t
cagas dinheiro naõ ſerás burro, ſerás
verdadeiro pay do Velocino. Deſta ve
fico de melhor partido do que Jaſon.
Vaiſe

SCENA III.

Jardim, e hum monte movediço. Sahe Creuſa

Creuſ. SUſpenſa me tem eſte amor de Ja
ſon, e eſtes enleyos de Medéa
e naõ ſey aonde ha de parar iſto! Bem
ſey que Jaſon me quer; mas por amor
de Medéa ſe naõ atreve a explicar. Oh
deſgraçado amor, que vives opprimido
a violencias do encanto de huma tyranna!
Sahem Jaſon, e Theſeo.
Jaſon. Tu, Theſeo, fica eſperando à por-
ta deſta quinta de Creuſa, que eu a que-
ro levar furtada hoje, e logo nos hire-
mos embarcar, para o que tem prompta
a eſcolta dos ſoldados, que te diſſe, que
quando naõ ſeja por bem, à força de ar-
mas hey de lograr o meu intento, e zom-
barey

barey dos intentos, e encantos de Medéa.

Thes. Vay descançado, e fia do meu valor, que hey desempenhar a empreza. *Vaise.*

Creus. Ahi sinto gente: quem será?

Jason. Ahi está Creusa: ditosa occasiaõ!

Creus. He Jason: cuido, Jason, que vens errado, porque aqui naõ mora Medéa.

Jason. Se aqui naõ mora Medéa, namora Jason, bellissima Creusa. Peregrino attractivo de meu coraçaõ, naõ procuro significarte nesta occasiaõ o fino de meu amor, que para o abonar de extremoso, bastante fiador tenho eu nos meus suspiros, os quaes mudamente exhalados já teraõ chegado a teus ouvidos; e para que vejas, que tambem com obras te sey querer, venho dizerte, que has de embarcar comigo esta tarde para Thessalia, aonde com a fortuna de ser teu esposo lograrás a ventura de seres Rainha.

Creus. De vagar, Jason; tanta cousa junta faz suspender o discurso. Como queres que me fie de ti, sem eu saber se o teu amor he verdadeiro?

Jason. De que sorte queres que to mostre?

Sahe Medéa, e retira-se a hum lado.

Med. Venho ao longe seguindo a Jason. Mas que vejo! Elle cá está com Creusa!

ſa! Oh naõ ſey como naõ morro com ze-
los! Porém quero obſervar o ſeu intento
Creuſ. As meſmas finezas, que agora me
dizes, algum dia as diſſeſte a Medéa, e
com tudo a deixaſte.
Jaſon. Ainda que quiz a Medéa, naõ foy
obrigado do amor; mas ſim porque ella
me prometteo dar o Velocino, que foy
o que me trouxe a eſta terra.
Med. Ah traidor Jaſon!
Creuſ. Naõ ſey, Jaſon, ſe te creya.
Jaſon. Parece que offendes ao meſmo amor,
ſe naõ dás credito aos meus extremos.

Canta Jaſon o ſeguinte

RECITADO.

Naõ duvides, amor, deſta conſtancia,
Pois com firme jactancia
Te adoro de tal ſorte,
Que ſem temer a morte
Deſſa Medéa barbara homicida,
Naõ duvido entregarte a propria vida.

ARIA A DUO.

Jaſon. Meu bem, de que ſorte
Me has de pagar
Meu inclyto ardor?
Creuſ. Amando até morte,
Pois ſempre has de achar
Firmezas no amor.

Ja-

Jason. Vê lá naõ me enganes.
Creus. Vê lá naõ profanes.
Amb. Meu inclyto ardor.
Creus. Pois promettes ser constante,
Essa maõ, Jason, me dá.
Jason. Nunca às leys de hum fino amante
Meu affecto faltará.
Creus. Que farey, se te mudares?
Jason. Que farey, se me faltares?
Amb. Em rayo me abraze a furia do amor.

Depois de cantarem, hiraõ a abraçarse, e subirá hum monte, que encobrirá a Creusa, isto depois que Medéa disser o seguinte:

Med. Espera, ingrato, que eu te apartarey do bem que procuras. Montanhas vingay as injurias de Medéa. *Vaise.*

Jason. Que he o que vejo! Aonde estás, Creusa? Quem de mim te desvia? Mas quem havia de ser senaõ Medéa?

Canta Jason o seguinte

RECITADO.

Pois, tyranna, inimiga, infiel Medéa,
A pezar dos encantos dessa idéa,
Hey de ver a Creusa, penetrando,
Rompendo altivo, intrepido rasgando
Desse monte as entranhas, dize: onde
Minha Creusa bella em ti se esconde?

Abre-

Abre-ſe o monte, e delle ſahe Medéa, e canta ambos a ſeguinte

ARIA A DUO.

Med. Traidor, ingrato amante,
Mudavel, inconſtante,
Suſpende o teu deſvio.
Jaſon. Oh deixa-me, naõ queiras
Tirarme a liberdade,
Que he livre o alvedrio.
Med. Pois ſabe que ha vingança,
Que opprima huma mudança.
Jaſon. Naõ teme os teus rigores,
Quem buſca em ſeus ardores
Mais bello reſplendor.
Med. Pois, barbaro, perjuro
Verás o meu rigor.
Med. Tu com zelos me atormentas.
Jaſon. Tu com magicas me violentas.
Med. Calte, ingrato.
Jaſon. Ceſſa, impia.
Med. Porque em odio.
Jaſon. Em tyrannia.
Amb. Se converta o meu amor.

Quer irſe Medéa.

Jaſon. Eſpera, Medéa. Eſtou confuſo!
Med. Deixa-me, ingrato, e perfido traidor.
Jaſon. Naõ te vás, porque o meu amor....
Med. Naõ quero ouvirte.

Jaſon.

Jaſon. Sempre firme, e ſempre conſtante....
Med. Naõ tenho já que eſcutar as tuas falſidades; mas ſim vingar as minhas injurias, mudando o theatro das tuas delicias em campanha de Marte, e dize a Creuſa, que te defenda. *Vaiſe.*

SCENA IV.

Muda-ſe de repente a Mutaçaõ de jardim, e fica de montes; tocaõ tambores, e fica Jaſon.

Dentr. ARma, arma, guerra, guerra.
Dentr. Rey. Morra Jaſon, arma, guerra.
Jaſon. Quem ſe vio em mais perigoſo trance! Eſtou perdido, e confuſo, ſem ſaber aonde eſtou, e cercado de inimigos, e já me conſidero ſem liberdade, e ſem Creuſa! O' Medéa, quem nunca te conhecera!

Sahe Theſeo, e Soldados.

Theſ. Jaſon, que deſcuido he eſte? Como te detens aqui, vindo ElRey contra ti com hum poderoſo exercito?
Jaſon. Oh que a bom tempo vieſte, amigo Theſeo; pois confuſo, e turbado me conſiderava de todo perdido.
Theſ. Aonde eſtá Creuſa para nos embarcarmos?

Ja-

Jason. Naõ ſey della.
Theſ. Pois que foy iſto?
Jaſon. Naõ ſey mais que ouvir dizer ...
Dentr. Arma, arma, guerra, guerra.
Theſ. Já nos naõ podemos retirar ſem bata-
lha, pois os inimigos nos cercaõ.
Jaſon. Pois animo, Soldados; como vale-
roſos defendamos a honra, e a vida.
Ao ſom de huma marcha ſahe o exercito de El
Rey; e ſahe eſte, e Telemon, e ſe poem huns
e outros em fórma de peleja.
Rey. Morra Jaſon, toca a inveſtir.
Telem. Toca a inveſtir, e morraõ eſtes trai-
dores.
Inveſtiràõ os dous exercitos, e o de Jaſon ſe vai
retirando, e o do Rey ſempre ſeguindo-o,
vaõ-ſe.
Jaſon. Retiremo-nos pouco a pouco, que
a fortuna ſe nos moſtra adverſa.
Rey. A'vante Soldados, que elles ſe reti-
raõ. *Vaõ-ſe*
Sahe Sacatrapo com capello, eſpada, e rodella,
e haverá hum cavallo em pé a hum lado.
Sacatr. Eſta empreza do burro caga dinhei-
ro naõ he taõ facil, como a pintou Ar-
pia; pois penetrando a quinta de Creu-
ſa, tudo quanto encontro ſaõ horrores,
tudo o que ouço ſaõ tambores, e quan-
to vejo tudo ſaõ corpos mortos. Que
ſerá

ſerá iſto ? Mas eu cuido , que a feroz formiga, que guarda o burro, deſpedaçou eſtes cadaveres ; mas eu como ſou inviſivel, pelo privilegio deſte capello, bem poſſo triunfar glorioſamente , naõ ſó deſta formiga, mas de quantas ha nos celeiros, e confeitarias : porém alli eſtá o burro , ſe me naõ engano. O certo he , que Arpia fallou verdade ; mas eu cuido , que he hum cavallo ginete , e Arpia diſſe, que havia ſer burro em carne , e em oſſo ; porém tanto monta ſer burro , como cavallo , pois tudo tem quatro pés ; o ponto eſtá em que cague bem dinheiro. Agora, valeroſo Sacatrapo , he tempo de moſtrar ao mundo o brio de teus avoengos ; naõ tenhas medo de inveſtir a furibunda formiga, exercendo valente o teu valeroſo eſpirito. Animoſamente me hirey chegando ao burro, e deſafiando a formiga.

Canta Sacatrapo a ſeguinte

A R I A.

Formiga feroz
Inveſte, e verás,
Que te hey de imprimir
Na cara hum gilvás.
Naõ fujas veloz
Da ira voraz,

Mas ſe fugires
Favor me farás.

Ao querer chegar para o cavallo, ſahem do
Soldados.

1. *Sold.* Prizioneiro, prizioneiro.

Sacatr. Com quem fallará eſte Soldado? D
ve de eſtar doudo, pois eſtá fallando ſ

2. *Sold.* Dê-ſe à prizaõ.

Sacatr. Uy! Parece que fallaõ comigo
naõ devem ſaber, que eu ſou inviſive

Sold. Levemo-lo, ainda que ſeja de raſto

Sacatr. Tenha maõ, Senhor Soldado, qu
voſſa mercê me naõ póde ver, porqu
eu ſou inviſivel.

Sold. Pois aſſim meſmo inviſivel o levare
mos.

Sacatr. Eſpere, eſpere: já que diz, que m
vê, como eſtou eu veſtido?

Sold. Eſtás com hum trapo pela cabeça
maneira de capello.

Sacatr. Darſeha caſo, que Arpia trocaſſ
o capello de ſua avó pelo ſeu?

Sold. Rende-te já, ſenaõ mato-te.

Sacatr. Senhor, huma vez que naõ ſou in-
viſivel, já eſtou rendido de bruços, per-
nas, e orelhas.

Ao levarem Sacatrapo, tocaõ hum tambor,
tornaõ a ſahir Jaſon, e Theſeo com alguns
Soldados, e dizem dentro os ſeguinte.

Dentr.

Dentr. Victoria por ElRey.

Jason. Roto, e desbaratado eftá o noſſo exercito! Que faremos, Theſeo?

Theſ. Morrer como valeroſos, que mayor affronta he cahir nas mãos do vencedor.

Sacatr. Naõ ſe admire Senhor Jaſon, que tambem a mim me naõ valeo o ſer inviſivel, para deixar de ſer viſto, ainda que muito mal viſto deſtes Senhores.

Jaſon. Sacatrapo, que capello he eſſe?

Sacatr. Iſto he, que eſtou viuvo, porque me morreo a eſperança do burro caga dinheiro.

Dentr. Victoria, victoria, guerra, arma, guerra.

Tornaõ a ſahir em tom de marcha ElRey, Telemon, e Soldados.

Rey. Dá-te à prizaõ Jaſon.

Jaſon. Naõ em quanto tiver alentos o coraçaõ.

Rey. Naõ vês o teu exercito desbarato? Como ainda pretendes reſiſtir?

Jaſon. Ainda reſiſto, pois ainda tenho alentos.

Sacatr. Iſſo me parece bem, Senhor Jaſon, morra Marta, e morra farta.

Brigaõ, e ao meſmo tempo pela ſala de fóra ſahirá Medéa em hum carro tirado por Dragões, a qual cantará o que ſe ſegue, e ficará

*tudo às escuras, e indo retirando-se o exer-
cito de Jason, se correrá a corrediça, que
dividirá os dous exercitos, ficando o de El-
Rey no theatro, e isto em quanto passa Me-
déa, e canta a seguinte*

ARIA.

Med. Suspende o furor
Irado Mavorte,
Naõ sinta elle a morte,
Pois lhe tenho amor.
Ao suspiro funesto
De tristes lamentos
Soccorraõ propicios
Os quatro elementos. *Vaise.*

Rey. Para onde fugiraõ os inimigos?
Telem. Parece, que a terra os tragou.
Rey. Naõ reparas, que se tornaraõ em opá-
cas sombras as claras luzes do Sol?
Telem. Isto he cousa de encanto, ao que
parece.
Rey. Claro está, que he encanto, e de Me-
déa. Ah tyranna filha!
Telem. E que havemos fazer agora?
Rey. Manda tocar a recolher as tropas, pois
que estaõ perdidas com a grande escuri-
dade.
Telem. Toca a recolher. *Vaise.*
*Torna a ficar claro o tablado, e se vay Tele-
mon,*

mon, e Soldados, fica ElRey, e ſahe Creuſa.

Creuſ. Confuſa, e perdida venho por eſtes montes, ſem ſaber aonde eſtou, depois que a tyranna Medéa me apartou dos braços de Jaſon. Ay amor, quando teraõ fim os teus encantos?

Rey. Creuſa, tu aqui neſta campanha?

Creuſ. Naõ vos admireis, Senhor, que naõ ſey aonde eſtou.

Rey. Pois quem te trouxe aqui?

Creuſ. Os encantos de Medéa voſſa filha por cauſa de Jaſon.

Rey. Naõ me digas mais; já ſey que eſſa tyranna, e impia Medéa, vive namorada de Jaſon, e com as ſuas maquinas lhe entrogou o Velocino.

Sacatr. Pois ainda agora o ſabe? Mas Jaſon naõ tem culpa de aceitar o que lhe daõ.

Sahe Medéa.

Med. Aonde ſe recolheria Jaſon? Pois cuidadoſa da ſua vida o ando buſcando; que ſuppoſto ſeja ingrato, naõ poſſo negar o amor, que lhe tenho.

Rey. Tambem tu, Medéa, vens a recolher os deſpojos da batalha?

Med. Cuidadoſa, Senhor, da voſſa vida, venho a buſcarvos.

Rey. Ah fementida filha, que com tanta tyran-

tyrannia contra teu pay fabrícas aleivosias ! Já sey , tyranna , que adoras a Jason, e que tambem lhe entregaste o Velocino , ficando tu por sua fiadora sobpena de perderes a vida, e assim ....

Cantaõ a seguinte

A R I A A 3.

Rey. Em ti pois, cruel Medéa,
Vingar quero a minha dor.
Creus. Pois, ò Rey, he tempo agora,
Executa o teu rigor.
Med. Pay injusto? Infiel tyranno!
Que delicto he ter amor?
Rey. Meu furor vingarse trata.
Creus. Executa o teu rigor.
Med. Que delicto he ter amor?
Rey. Desta sorte, Hydra humana,
Meu estrago hey de vingar.
Rey. Sentirá Jason tambem
O meu barbaro furor.
Creus. Mal teu golpe a ley reparte;
Pois Jason que culpa tem!
Med. Tendo a culpa de adorarte,
Tenha a pena de traidor.
Tod. Sinta o golde, e chore a pena
Quem me quer tyrannizar.

No fim da primeira parte da Aria, na segunda repetiçaõ, hirá o Rey para matar a Medéa, e subirá do chaõ huma torre, sobre a qual se porá Medéa. *Med.*

Med. Vê agora de que ſorte has de vingar com iras o teu eſtrago.

Rey. Que he o que vejo? Eu te prometto, infiel Medéa, que me ſaiba vingar de ti, a pezar dos encantos.

Med. Aleivoſa Creuſa, algum dia eu me vingarey de ti.

Creuſ. Tarde, ou nunca poderás.

SCENA V.

Sala. Sahe Sacatrapo arraſtando huma arca.

Sacatr. MUito peza a caixa de Arpia! Ella parece, que tem dentro bem miollo, que tanto cuſta a empurralla! Mas como he caixa da velha, já vejo que ſe naõ ha de mover com tanta facilidade. Sem duvida eſta Arpia lograu-me, dizendo, que me dava hum burro caga dinheiro, e hum capello, que me faria inviſivel; mas tudo foy às aveſſas, porque o burro foy o inviſivel, e eu o viſivel, para poderem prenderme. Naõ ha mayor deſaforo! Que huma bruxa me mamaſſe os meus anneis, e eu ficaſſe chupando no dedo! Pois naõ ha de ſer aſſim, que eu lhe hey de arrombar a ſua caixa, e ſacarlhe os anneis, e tu-

e tudo o mais que achar nella; para c
que, o melhor remedio ſerá arrombarlhe
a fechadura. Algum dia era eu bom of-
ficial de gazûas. Ora lá vaõ os tampos
dentro com mil diabos.

Ao abrir da caixa ſahiráõ algumas cobras, que inveſtiráõ a Sacatrapo.

Sacatr. Mas que vejo? Ay quem me aco-
de! Oh miſeravel Sacatrapo, que aqui
vieſte dar a tua oſſada! A que delRey,
naõ ha quem me acuda? Naõ ha quem
ponha cobro neſtas cobras? Ay que me
mataõ!

Sahe Arpia.

Arpia. Que tens, Sacatrapo?

Sacatr. Que hey de ter? Naõ vês eſtas
eſpadas como colobrinas, que me eſtaõ
atraveſſando.

Arpia. Ay Sacatrapo, naõ tenhas medo,
que ſaõ humas cobrinhas muito galan-
tes, que coſtumaõ brincar com os ta-
ralhões de dous pés.

Sacatr. Seja o que for, tira-me as cobras,
Arpia, e baſta que fiques tu, que es hu-
ma ſanguixuga.

Arpia. Ora eu as tiro; ò lé, minhas meni-
nas, ide para dentro.

Vaõ as cobras para dentro da caixa.

Sacatr. Vê bem, ſe ſe foraõ todas?

Ar-

Arpia. Já se foraõ, naõ sejas medroso.

Sacatr. Agora, como se foraõ as cobras, já naõ sou medroso.

Arpia. Porém tomara saber, com que licença vieste penetrar os profundos arcanos dos escaninhos desta arca?

Sacatr. Naõ estejamos com arcas encouradas: eu vinha buscar os meus anneis, já que me enganaste com o burro caga dinheiro, que tudo foy huma borra, e o teu capello mascaborra, que em consciencia mos deves restituir.

Arpia. Uy, que dizes Sacatrapo? Isto naõ póde ser, mais que me prégues: basta que naõ achaste o burro?

Sacatr. Naõ só o naõ achey, mas eu fuy o achado, porque naõ fuy invisivel.

Arpia. He que devias pôr o capello às avessas, que se o pozeras às direitas, nem cegos te veriaõ?

Sacatr. Supponho, que toda a virtude desse capello he às avessas: o que eu sey he, que fuy visto, que me levaraõ prizioneiro, e que escapey com a barafunda da briga, e assim te peço à boamente, que me restituas o meu annel, bruxa, feiticeira, e encantadora.

Arpia. Oh maroto, marujo, mariola, se me fallar mais em anneis hey de chamar

as

as cobras; ò minhas meninas, vinde, e ſahi a caſtigar eſte magano.

Sacatr. Eſpera, Arpia; tem maõ, que tudo te perdoo.

Arpia. Pois ajuda-me a pôr a caixa em ſeu lugar, que eu naõ poſſo ſó, que tenho a eſpinhella cahida.

Sacatr. Pois eu pouco poderey, que tambem ſou petroſo, e adevinho quando ha de chover.

Arpia. Só naõ adevinhaſte, que haviaõ chover cobras ſobre ti?

Sacatr. Como o achaque he antigo, o reportorio he velho, e já naõ governa; e menos na conjunctura preſente, que eſtava o Sol no ſigno de Eſcorpiaõ, com influxos do Cancro deſſa cara.

Arpia. Anda, empurra a caixa, e de vagar naõ ſe quebrem os meus tarécos.

Sacatr. Olha, pelo menos tens hum movel bem movediço: naõ te desfaças delle, porque poſto a juro cobrarás bons redditos.

Arpia. Anda, levanta: ay minha eſpinhella!

Sacatr. Segura bem: ay minha geba! *Vaõ-ſe.*

Sahe Creuſa.

Creuſ. Confuſa, afflicta, e quaſi ſem alma venho, ſem ſaber de Jaſon, depois que de meus braços me levou a tyranna Medéa:

déa: e depois da batalha, que teve com ElRey, naõ sey se morreria nella, e isso será o mais certo; pois vejo, que naõ apparece. Ay querido Jason, se a tua morte he certa, a minha será infallivel! Que como a ambos nos anima huma alma, por força nos ha de separar huma morte.

Canta Creusa a seguinte Aria, e

RECITADO.

orte minha cruel, fado inhumano,
té quando, tyranno,
essará o rigor de tuas iras,
ois que vejo conspiras
huma alma em triste abysmo
 susto, a dor, a magoa, o parocismo?

ARIA.

Se a Parca enfurecida
Te usurpa a doce vida,
Te hirá buscar esta alma,
Só para te animar.
Vem pois, amor querido,
Que o terno meu gemido
Ao teu cadaver frio
Alentos póde dar.

Sahe Jason.

Jason. Minha Creusa, rompendo impossiveis, atropellando difficuldades, cuberto com o manto da noite, venho buscarte,

te, para que te embarques comigo, poi
tudo eſtá prompto, e ſó por ti ſe eſpe
ra; aſſim naõ te dilates, antes que no
perſintaõ.

Creuſ. Meu amor, naõ ſey encarecerte a
alegria, que tenho de verte; pois te jul-
gava morto na batalha, vendo que naõ
apparecias.

Jaſon. Hum peito armado de amor póde
reſiſtir aos golpes de Marte.

Creuſ. Como entraſte aqui, ſem temeres
as iras de ElRey?

Jaſon. Se por amor de ti morrera, que me-
lhor fortuna quizera? Porém naõ teme
perigos hum coraçaõ amante.

Creuſ. Muitas finezas te devo.

Jaſon. Folgo, que o conheças: vamos,
meu bem.

Creuſ. Vamos Jaſon. *Vaõ-ſe.*

SCENA VI.

Montes, e mar. Sahe Theſeo.

Theſ. OS Soldados eſtaõ embarcados,
e ſó Jaſon ainda naõ veyo! Sem
duvida me dá cuidado a ſua tardança.

*Sahe Jaſon, trazendo a Creuſa pela maõ, e
Sacatrapo com huma mala às coſtas.*

Jaſon.

ſon. Amada Creuſa, já que a noite, e o ſilencio nos favorecem, embarquemo-nos depreſſa, antes que as guardas nos ſintaõ.

reuſ. Com o ſuſto, e ſobreſalto, te naõ ſey reſponder, querido Jaſon.

beſ. Vem Jaſon, que já me tinhas com cuidado.

aſon. Theſeo, naõ póde ſer menos.

acatr. Ora Senhores, todos ſacaraõ o ſeu precioſo, ſó a minha miſeria ſacou neſta mala Sacatrapos.

aſon. Anda Creuſa. *Vaiſe.*

reuſ. Vamos, Jaſon: fica-te embora, Colchos. *Vaiſe.*

acatr. A Deos Ilha de Colchos, ou Cocles, ou Ilha dos Tortos, que me parece, que me viſte em jejum; pois tantas deſgraças em ti padeci. Fica-te com Satanás, Medéa. Os diabos te levem, Arpia, a ti, e ao teu capello, que ainda levo atraveſſado na garganta o burro caga dinheiro; e finalmente a Deos, meus queridos anneis, que herpes dem nos dedos de quem os trouxer.

Corre-ſe a corrediça de montes, e apparece o mar, e nelle huma náo com algumas figuras dentro, e ſahe Medéa.

Med. Nem Jaſon, nem Creuſa encontro.

Mas

Mas que vejo! A náo de Jaſon largand as vélas ao vento, já quaſi deſapparece Ah fementido, ah traidor ingrato Jaſon Deſta ſorte pagas as minhas finezas? S buſcas amor conſtante, deixa a Creuſa e leva-me a mim. E pois os ventos t enſurdecem as minhas vozes, Sereya canoras, ſahi deſſe mar, e ſuſpendey com affagos a meu ingrato amante, a-companhando os ſuſpiros de huma infe-liz.

Apparecerão as Sereyas ſobre as ondas do mar. Canta Medéa a ſeguinte

ARIA.

Jaſon ingrato, attende,
Pára, pára,
Suſpende o teu retiro,
E ſe te leva o vento,
O vento te trará de meus ſuſpiros.

Med.eSer. Farey por detello
Na rapida fuga
Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

Jaſon. Em grande perigo eſtamos; pois Medéa para ſuſpenderme, convoca em ſua defenſa as Sereyas.

Theſ. Serás outro Ulyſſes.

Sa-

Sacatr. Pois, Senhor, as Sereyas naõ se fizeraõ só para os Ulysses, que como ellas estaõ no mar, qualquer pescador as póde encontrar, e muito melhor sendo por encanto.

Jason. Pois usarey da mesma astucia de Ulysses, mandando tocar tambores, e clarins, para confundir os canoros eccos das Sereyas; e quando naõ, ainda cá levo o annel, que Medéa me deu, para desfazer os encantos.

Sacatr. Se eu cá tivera o meu annel, fizera outro tanto.

Canta Medéa.

Aonde vás, tyranno?
Espera, espera;
Attende as minhas fragoas,
Pois se aguas te levaõ
Meus olhos te traraõ cõ turvas agoas.

Med. e Ser. Fazey por detello *Clarins, e tambores.*
Na rapida fuga
Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

Jason. Soldados valerosos, naõ cessem os bellicosos instrumentos.

Sacatr. Metamos hum prégo acceso por cada ouvido, que he bom remedio para naõ ouvir.

Can-

Canta Medéa.

Naõ fujas, inhumano,
Ouve, ouve
Eſtas finas jactancias;
E ſe outro amor te leva
Te traraõ deſte amor as ternas ancias.

Med. e Ser. Farey por detello (*Com trompas,*
Na rapida fuga, (*e tambores.*
Em remora o canto
Corrente o meu pranto,
E iman o clamor.

Tod. Boa viagem.

Cantaõ ſó as Sereyas, ſem trompas.

E pois a canora ſuave harmonia,
Naõ pôde attrahir, nem ſoube mudar
De hum peito traidor a vil tyrannia.

Com tromp. Receba no Thetys nos braços do mar. *Vaõ-ſe.*

Tod. Boa viagem.

Sacatr. Vencemos as Sereyas tambem como gente.

Tod. Boa viagem.

Med. Pois, ingrato, e cruel tyranno, naõ te has de jactar, de que triunfaſte das Sereyas; e já que com carinhos te naõ poſſo mover, agora ſerá com rigores: O' Proſerpina, ò Deidades furibundas da lagoa Stygia, movey os elementos todos, para caſtigar a hum fementido

trai-

traidor : rayos , ſahi deſſas nuvens , e abrazay aquella náo.

Eſcurece-ſe o theatro com trovões , e ſahe hum rayo de cima , que hirá para o navio.

Med. Mas naõ, naõ , rayos , naõ abrazeis a Jaſon , baſta que me abraze a mim o rayo de amor.

Torna o rayo para onde ſahio.

Med. Mas para que me canço em fazer finezas por hum ingrato , ſe iſſo he augmentar troféos ao ſeu triunfo ! Ondas, ventos , furias , e mares , vingay por huma vez as injurias de Medéa , e as tyrannias de Jaſon. *Vaiſe.*

Haverá tempeſtade , trovões , e relampagos.

Tod. Miſericordia ! Alija tudo ao mar.

Sacatr. Lá vay a mala cos diabos ! Pois gabolhe eu , que o Tubaraõ , que a engolir , naõ leva camizas para dez annos.

Tod. Miſericordia.

SCENA VII.

Arvores recortadas.

Dentr. AO monte , ao valle , à ſelva , tó , tó.

Sahem ElRey , Telemon , e Arpia.

Rey. Suſpenda-ſe o exercicio da caça , até

que deſcanſe o coraçaõ deſte cuidado:
Telemon, que novas me dás de Jaſon?

Telem. Saberás, Senhor, que Jaſon furtivamente eſta madrugada ſe embarcou, e Creuſa tambem com elle, e leva o Velocino.

Arpia. Tambem Medéa naõ apparece, Senhor.

Rey. Haverá mais pena para hum coraçaõ afflicto?

Dentr. Jaſon. Deoſes, piedade!

Dentr. Med. Deoſes, rigores!

Rey. Que vozes taõ encontradas ſaõ eſtas, que ſe eſcutaõ ao meſmo tempo iradas, e piedoſas? Vay, Telemon, examinar o que he.

Sahem por huma parte Jaſon, Creuſa, Theſeo, e Sacatrapo, e por outra Medéa.

Jaſon. Deoſes, piedade!

Med. Deoſes, rigores!

Jaſon. Mas que vejo! Aonde eſtou eu?

Rey. Mas que vejo! Eſte he Jaſon?

Arpia. Aquelle he Sacatrapo!

Creuſ. Que he iſto, Jaſon? Eſtamos outra vez em Colchos?

Theſ. E nas mãos de ElRey.

Jaſon. Eſtou confuſo! Como póde ſer iſto, quando eu cuidey, que eſtava em Theſſalia?

Sa-

Sacatr. Naõ diſſe eu, que eſte carneiro nos havia enterrar? E agora, Senhor Jaſon?

Med. Cuidavas ingrato, que havias triunfar de mim?

Creuſ. Ha mayor deſgraça!

Jaſon. Rey, e Senhor, ſe hum naufrago peregrino póde mover a compaixaõ, peço-te, que te doas da adverſidade da minha fortuna: ahi tens o teu Velocino, e tambem a . . . .

Rey. Baſta, Jaſon.

Sacatr. Se eu levara o burro caga dinheiro, tambem o reſtituía agora com lingua de palmo.

Rey. Jaſon, para que vejas, que os Reys de Colchos ſabem perdoar injurias; aſſim perdoando as que me tens feito, quero que caſes com Creuſa minha ſobrinha, e te dou em dote o Velocino.

Med. Para iſto trouxe outra vez a Jaſon? *àp.*

Rey. E caſtigando aggravos, já que Medéa, indigna filha, infiel traidora, conſpirou contra mim, entregando a Jaſon o Velocino, morrerá encerrada em huma torre, pois ella me offendeo mais, do que Jaſon.

Med. Pois naõ lograrás o teu intento. *àp.*

Jaſon. Proſtrado a teus pés, te rendo as gra-

ças de tanto beneficio: Agora ſim, amada Creuſa, que já te poſſo chamar minha.

Creuſ. Ainda naõ creyo a minha fortuna.

Sacatr. Senhor, já que es taõ liberal, peço-te, que me caſes com Arpia, e me dês em dote o burro caga dinheiro.

Arpia. Mamou-a, Senhor Sacatrapo. Babáo.

Rey. Celebrem-ſe as vodas de Jaſon, e Creuſa, e vá Medéa para a torre.

Med. Pois antes que, ò pay cruel, executes o teu rigoroſo intento, e eu veja com meus olhos lograrſe eſte ingrato Jaſon com Creuſa, deſeſperada vagarey pela regiaõ do ar, já que na terra me falta ſoccorro.

Voa Medéa em huma nuvem, e canta o

CORO.

Se amor he hum encanto,
Que inflamma, &c.

FIM.

AMPHI-

AMPHITRYAÕ
O U
JUPITER, E ALCMENA,

Que ſe repreſentou no Theatro do Bairro Alto de Lisboa no mez de Mayo de 1736.

ARGUMENTO.

JUpiter, marido da Deoſa Juno, *por gozar da formoſura de Alcmena, mulher de Amphitryaõ, General dos Thebanos, ſe transforma em Amphitryaõ por conſelho de Mercurio, Embaixador dos Deoſes, tomando eſte tambem a fórma de* Saramago, *criado de Amphitryaõ, para ajudar, que* Jupiter *conſiga o ſeu intento, por meyo dos ſeus enganos: o que* Jupiter *conſegue, introduzindo-ſe em caſa de Alcmena com o nome de Amphitryaõ, acompanhando-o Mecurio, que toma o nome de* Saramago, *eſtando Amphitryaõ auſente de Thebas, contra ElRey dos Thelebanos, donde vindo victorioſo, por ter morto ao meſmo Rey,* Jupiter *lhe uſurpa o triunfo, com que em Thebas o eſperavaõ, ficando juntamente laureado* Jupiter *dentro do meſmo* Senado *com a illuſaõ da figura, e nome de Amphitryaõ, o qual voltando para a Cidade de Thebas, já na ſua pro-*

propria casa , he prezo por Tiresias , Ministro de Thebas , juntamente com Alcmena , e condemnados a morte por industria , e vingança da Deosa Juno , *que se disfarça com o nome de Flérida em casa de Amphitryaõ ; mas em fim , como innocentes do imposto delicto , saõ livres de serem sacrificados , por declaraçaõ de* Jupiter , *que sustenta o engano até o fim , e deixa em Alcmena por sua descendencia o esclarecido , fortissimo , e nunca vencido Hercules. O mais se verá no contexto da Obra.*

A Scena se representa em Thebas.

INTERLOCUTORES.

Amphitryaõ, *Marido de Alcmena.*
Jupiter, *Marido de* Juno.
Mercurio, *Criado de* Jupiter.
Tiresias, *Ministro de Thebas.*
Polidaz, *Capitaõ Thebano.*
Saramago, *Criado de Amphitryaõ, Graciòso.*
Alcmena, *Mulher de Amphitryaõ.*
Juno, *Mulher de* Jupiter.
Iris, *Criada de* Juno.
Cornucopia , velha , Criada de Alcmena.

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *SAla Empyrea de Jupiter.*
II. *Camera.*
III. *Praça com portico.*
IV. *Selva com reſpaldo de Palacio.*
V. *Sala.*
VI. *Selva com reſpaldo de Palacio, e depois no meyo hum arco triunfal, e deſte para diante viſta de caſas, e para traz de Selvas até o fim.*
VII. *Sala Senatoria.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *ANte-Sala.*
II. *Camera.*
III. *Sala.*
IV. *Boſque.*
V. *Jardim com fonte.*
VI. *Carcere.*
VII. *Templo de Jupiter.*
VIII. *Sala Empyrea de Jupiter.*

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Sala Empyrea de Jupiter, aonde estará este assentado em hum throno, e Mercurio mais abaixo, e depois se tiraráõ do throno, e Jupiter trará na maõ huma estatua de Cupido, que se dividirá a seu tempo.

CORO.

O Numen supremo
Do Olympo sagrado,
Suspira abrazado
De hum cego furor.
Que pasmo! Que assombro!
Que voe taõ alto
A setta do amor!

Jupit. CEsse a canora harmonia, que fórma o alterno movimento dos celestes globos; que he razaõ emmudeçaõ as consonancias, quando a mayor Deidade se lamenta: naõ moduleis os supremos attributos de minha divindade; cantay, ou para melhor dizer, choray em dissonantes melodias o irremediavel de minha magoa, a violencia de meu tormento, e o insoffrivel de minha dor.

Merc.

Merc. Jupiter ſoberano, a quem naõ admira ver, que a mayor deidade, que admiraõ as esferas, enlute com ſuſpiros as diafanas luzes do Firmamento! Se em teu poder exiſtem os rayos, porque naõ caſtigas a cauſa ſacrilega de teus pezares?

Jupit. Ay Mercurio, que eſte rayo, que ignominioſamente adorna a minha omnipotente dextra, he o que agora ſe fulmina contra o meu peito! Naõ he eſta aquella triſulca chamma, que devorou a ſoberba dos Ancelados, e Thipheos; he ſim a fragoa de todos os rayos, a furia de todas as furias, e o eſtrago de todos os eſtragos; e para melhor dizer, he o ſimulacro de Cupido, cuja voadora ſetta, penetrando as eminencias do monte Olympo, ſacrilegamente atrevida, chegou a penetrar a immunidade de meu peito; e aſſim, como offendido, e laſtimado, já que neſſe Rapaz tyranno, neſſe Monſtro, neſſe Cupido, naõ poſſo vingar o mal, que padeço, quero ao menos na ſua eſtatua debuxar as linhas da minha vingança.

Merc. Explica-me, Senhor, a cauſa de tanto exceſſo, que ſuppoſto ſejas o mais ſabio de todos os Deoſes, tambem naõ duvi-

duvidas, que sou Mercurio inventor da
subtilezas, e estratagemas; e assim j
que o teu entendimento se acha preoc-
cupado de hum frenetico delirio, com
mayor razaõ poderey eu acertar na cur
de teus males.

Jupit. Pois attende Mercurio.

Canta Jupiter a seguinte Aria, e
RECITADO.

Eu vi a Alcmena, ay Alcmena ingrata!
Aquella, cujo assombro peregrino
Foy remora attractiva, que attrahindo
A isençaõ de toda esta divindade,
Por ella em vivas chammas
Extremoso suspiro,
Querendo amante em languidos deliquios
Sacrificarme todo nos altares
Desta melhor, mais bella Cytherea;
E por mais que publíco em triste pranto
Tanto amor, tanto incendio, extremo tanto;
Nem por isso Cupido compassivo
Alivio facilita ao meu tormento;
Antes, porém, mais barbaro, e tyranno,
Por vingarse talvez de meus poderes,
Difficulta o remedio às minhas ancias;
E pois, cruel amor, falsa Deidade,
O suspiro, que exhalo, naõ te abranda,
O impulso feroz de meu rigores
Saberá castigarte, lacerando

Teu

eu simulacro,
ue em atomos partido, *Despedaça*
os ventos ſerás rapido deſpojo. *a eſtatua.*
nta pois (ay de mim!) a minha ira,
uẽ contra o Deos Tonante aſſim conſpira.

A R I A.

De amor todo abrazado
Me ſinto quaſi louco,
E afflicto: pouco a pouco
Me vay faltando a vida,
Me vay matando a dor.
Ah querida ingrata Alcmena,
Quanto ſuſto, e quanta pena,
Me provoca o teu rigor!

Ierc. Ora Senhor, ſe Alcmena he a cauſa, porque ſuſpiras, e ſó deſejas conſeguir a delicia de ſua formoſura, verás como alcanças, o que procuras.

upit. De que ſorte?

Ierc. Eu te digo, dá-me attençaõ: Bem ſabes, Senhor, que Amphitryaõ, marido de Alcmena, ſe acha occupado na guerra dos Thelebanos contra ElRey Teréla, e parecia-me, que tomando tu a fórma de Amphitryaõ, fingindo teres já chegado da guerra, podias fielmente, ſem experimentares os rigores, e deſdens de Alcmena, conſeguir della o que de-

desejas; porque vendo ella em ti copia
da a imagem, e figura de seu espos
Amphitryaõ, como a tal te facilitaria
mesmo que agora como a Jupiter te ne
ga.

Jupit. Só tu, Mercurio, com as tuas subti
lezas podias dar em taõ subtil idéa, poi
com ella já posso chamarme venturoso
e para principiar a sello, já me vou dis
farçar na fórma de Amphitryaõ, e de
por a magestade de meus rayos: oh
quem dissera, que para eu alcançar a
formosura de Alcmena, deixe os res-
plandores do Olympo!

Merc. Para que se logre melhor a empre-
za, eu tambem irey comtigo disfarçado
na figura do criado de Amphitryaõ,
chamado Saramago, ajudarte a lograr o
teu intento.

Jupit. Naõ deixo de agradecérte, Mercu-
rio, que por amor do meu amor tomes
a figura de hum lacayo squalido, e sor-
dido.

Merc. Senhor, o officio de Corretor nun-
ca esteve mal a Mercurio; quanto mais,
que para servirte, desejo transformarme
ainda na mais vil creatura.

Jupit. Pois naõ dilatemos a empreza; va-
mos, Mercurio, e seja esta noite o dia
de

de minha ventura.

erc. Vamos, Jupiter, a levar hum passatempo na terra.

pit. Já naõ se me dá, que repita festivo o celeste Coro; pois que já posso cantar o meu triunfo.

Canta o Coro como no principio.

O Numen supremo
Do Olympo sagrado, &c.

SCENA II.

Sahem Alcmena, e Cornucopia.

ornuc. SEnhora Alcmena, eu naõ cuidey, que vossa mercê era taõ extremosa, nem que tomasse as penas tanto a peito.

lcmen. Se tu, Cornucopia, souberas sentir ausencias, ainda acharias diminuto o meu sentimento; pois apenas lograva nos braços de Amphitryaõ as delicias do mais venturoso hymenêo, quando Marte mo levou dos olhos para a guerra dos Thelebanos; mas ay, Amphitryaõ querido, que se foste para a guerra, em outra mayor me deixaste; pois no combate das memorias, e nos repetidos golpes das saudades, me vejo quasi sem alentos.

Cor-

Cornuc. Ay, Senhora, basta de guerrear
faça por hum pouco tregoas com o se
timento, e quando naõ aparelhe-se, q
em dous dias morrerá tisica, e ética.

Alcmen. Eu naõ sou como tu, que na au
sencia de teu marido Saramago naõ te
deitado huma lagrima ao menos; mas
certo he, que as nescias naõ sabem se
tir.

Cornuc. Antes quero ser nescia alegre, qu
discreta chorona; e na verdade, que se
ria grande asneira estarme eu cá matar
do, fazendo mil choradeiras, e Sarama
go nesse tempo talvez que se esteja re
galando lá na guerra, comendo com o
seus amigos o rico paõ de municaõ
pois naõ, minha Senhora, eu naõ quer
morrer, senaõ quando Deos me matar.

Alcmen. Isso naõ he teres amor a teu mari
do.

Cornuc. Pois eu que hey de fazer? De dua
huma, ou hey de sentir mais, que voss
mercê, ou naõ; sentir mais he impossi
vel; sentir menos naõ he brio meu;
assim entre o mais, e entre o menos, m
deixo ficar assim nem mais, nem menos

Alcmen. Olha, nescia, quando para senti
esta ausencia, naõ fosse bastante o ma
da saudade, bastava imaginar, em qu
na

na guerra eſtaõ em continuo perigo, onde he mais certa a morte, do que a vida.

ornuc. Ay, Senhora, deſſa me rio eu; ſegura eſtou de que o meu Saramago haja de morrer na guerra.

lcmen. E que certeza pódes ter diſſo?

ornuc. Porque eu ſempre ouvi dizer, que as ballas traziaõ ſobreſcrito; e eu ſey muito bem, que o meu Saramago nunca ſe carteou com ballas.

lcmen. Ora vaite daqui, que eſtás muy louca.

ornuc. Digo-te iſto, ſó para ver ſe alivias a tua ſaudade.

lcmen. Eſte mal ſe naõ cura com palavras: deixa-me, Cornucopia, que a minha pena ſó acha alivio no pranto.

ornuc. Ora a culpa tenho eu em dizerlhe, que naõ chore: chore, chore até rebentar, que eu vou-me meter na cama, que eſtou pingando com ſomno. *Vaiſe.*

lcmen. Querido Amphitryaõ, já que a tyranna auſencia me impoſſibilita o verte, quero reproduzirte nas lagrimas que choro; que como eſtas ſaõ filhas do amor, talvez que nellas te encontre.

Canta

Canta Alcmena o ſeguinte

MINUETE.

Tyranna auſencia,
Que me roubaſte,
E me levaſte
Da alma o melhor.
Se auſente vivo
Já ſem alento,
Ceſſe o tormento
De teu rigor.
Ay de quem ſente
De hum bem auſente
A ingrata dor!
Se eras minha alma,
(Ay prenda bella!)
Como ſem ella
Com alma eſtou!
Porém já vejo,
Que em meu delirio
Para o martyrio
Só viva eſtou.
Ay de quem ſente
De hum bem auſente
A ingrata dor!

Sahe Cornucopia.

Cornuc. Alviçaras, Senhora, alviçaras.

Alcmen. Que ha de ſer, Senhora? Ay, Senhora, alviçaras.

Alcmen. Alviçaras, de que?

Cor-

rnuc. Sabe que mais?

lcmen. O que?

rnuc. Pois ſaiba que .... Ay, Senhora, alviçaras, que ahi vem meu marido Saramago.

lcmen. Ha mayor loucura! Eſlas alviçaras pede-as a ti meſma.

rnuc. Naõ, Senhora, que com elle vem o Senhor Amphitryaõ.

lcmen. Que dizes? Iſſo naõ póde ſer.

Sahe Jupiter com a fórma de Amphitryaõ, e Mercurio com a de Saramago.

upit. Sim póde ſer, querida Alcmena, que os impoſſiveis ſó ſe fizeraõ para os que verdadeiramente amaõ. Da-me os teus braços, que o verdadeiro deſcançar nelles foy ſempre o meu deſejo. Ainda naõ creyo o bem, que poſſuo! *à part.*

lcmen. Amado Amphitryaõ, querido eſpoſo, permitte-me, que por hum pouco naõ creya a fortuna, que alcanço; que a conſiderar ſer certa tanta felicidade, morrera de alegria.

Merc. Muito bem ſe finge Jupiter, e melhor ſe engana Alcmena. *à part.*

lcmen. He poſſivel, que te vejo, Amphitryaõ?

upit. Mais impoſſivel me parece 'a mim, Alcmena; pois ſempre me pareceo im-

possivel, que me visse em teus braço
Alcmen. Bem sey, que trázias muito arri
cada a vida entre os inimigos na guerr
Jupit. Mayor inimigo encontrava eu
guerra do amor, cujas settas, mais
que as lanças dos inimigos, me feriaõ
coraçaõ.
Alcmen. Naõ sey se acredite essa lisonja.
Jupit. Lisonja chamas, ao que he realid
de? Pouco conceito fazes do meu amo
Alcmen. Sempre ouvi dizer, que dos qu
tro remedios contra o amor, hum dell
era a distancia; e como te achavas au
sente, bem poderia ser, que se perdess
no caminho, por distante.
Jupit. Pois, Alcmena, por Jupiter Sobe
rano te juro, que nem a distancia, qu
ha do Ceo à terra, seria bastante, pa
fazerme esquecer de ti; e se te parece i
crivel a minha fineza naquella distanci
affirmote, que sempre intensivo o me
amor ardeu em taõ activos incendios
que do peito, aonde se accenderaõ, qu
zeraõ passar, abrazando a mesma esfé
do fogo, ou ao Ceo das chammas, qu
he o mesmo Empyreo.
Merc. Bem o póde crêr, Senhora Alcmen
e muito mais ainda; pois lhe affirmo, qu
o Senhor Amphitryaõ ainda naõ diz ame
tade do que he.

Al

[Al]cmen. Só reparo, Amphitryaõ, que antes da tua auſencia, nunca te ouvi expreſsões taõ finas; e quando cuidey, que a guerra te fizeſſe menos terno, achó, que te fez mais amante; e aſſim me parece, que mais vens da eſcóla de Cupido, que da paleſtra de Marte.

[J]upit. Naõ ſabes, que o amor naſceo entre o eſtrepito das armas, ſendo o artifice deſtas o progenitor de Cupido? Pois como póde o amor eſtranhar as armas, e aſperezas de Marte, ſe com ellas ſe emballava Cupido no berço, para creſcer o amor nos corações? E ſe te parece, que antes da minha auſencia era menos amante, ſeria, porque como o bem depois de perdido, he que ſe eſtima, por iſſo, quando auſente te perdi, he que ſoube perderme por ti, e achar hum verdadeiro amor, com que te idolatraſſe; e quando tudo iſto te pareça quiméra, ſuppoem, Alcmena, que naõ ſou aquelle Amphitryaõ paſſado, mas ſim outro Amphitryaõ mais amante.

[M]erc. Eu nunca vi a Jupiter taõ derretido. *à part.*

[Co]rnuc. Ay, Senhora, naõ apure mais ao Senhor Amphitryaõ; creya o que lhe [diz]; que elle naõ he homem de duas caras.

Merc. Mal o ſabes tu.

Cornuc. E aſſim permitta-me licença de a braçar a meu amo, que eſtou chorando pe las barbas abaixo com goſto de o ver. A meu Senhor, benza-o Deos; bons olhos vejaõ; como vem bem diſpoſto, claro, ro ſado, e reſplandecente! Tome, tome dua figas, que lhe naõ quero dar quebranto

Jupit. Nunca eſperey menos do teu amor

Cornuc. Saramago, nós logo fallaremos noſſa vontade.

Merc. Por iſſo eſtou já rebentando.

Alcmen. Saramago tu naõ me fallas? Che gate cá.

Merc. Senhora Alcmena, ſempre a boc falla tarde, quando madruga o deſejo pois deſejo que voſſa mercê tenha cum prido o ſeu deſejo na viſta do ſeu Am phitryaõ taõ deſejado.

Alcmena. Sempre te agradeço o cuidado com que fiel acompanhaſte a teu amo.

Merc. Meu amo, Senhora, he taõ amante que todo ſe transforma em carinhos, pa ra attrahir os corações.

Alcmen. Dize-me, Amphitryaõ, vens vi torioſo de noſſos contrarios?

Jupit. Claro eſtá, formoſa Alcmena, qu me conſidero já vitorioſo do mayor ini migo: cheguey a Theleba, accomme

teo-m

teo-me ElRey Teréla com hum poderoso exercito; investiraõ os nossos aos Thelebanos, ainda que poucos, com taõ marcial furor, que em menos de duas horas desbaratámos os contrarios; e para que fosse completo o triunfo, perdeo ElRey a victoria com a vida, ganhando nós o despojo com o laurel: enriqueceraõ-se os Soldados com o saque, no qual reservey esta joya, que no elmo trazia ElRey Teréla, cujo primoroso artificio só he merecedor de empregarse em teu peito. Aceita-a, pois, que naõ será a primeira vez, que se coroe Venus com os despojos de Marte. *Dá a joya.*

Alcm. Tanto pela obra, como pela materia, he digna de estimaçaõ.

Cornuc. Ay, Senhora, que galante sucriler! E como brilha! Parece-me hum cagalume.

Alcmen. Naõ dirás perilampo, que he mais proprio?

Cornuc. Tanto faz perilampo, como cagalume, que tudo he o mesmo; mas ainda assim aquelle diamante verde he bem brilhante!

Jupit. Alcmena, vamos a descançar, que venho fatigado da jornada, e tenho de madrugada de voltar para o Arrayal, aon-

aonde me esperaõ os Capitães, para dar-
mos entrada publica, como triunfante
e como o meu amor impaciente naõ sof-
fre dilações, quiz vir furtivamente est-
noite aliviar a minha saudade.

Alcmen. Já me admirava, Amphitryaõ, qu
fosse completa a minha alegria: Vamos
Amphitryaõ. *Vaise*

Jupit. Vamos, Alcmena. Cruel amor, j
triunfey de teus rigores. Mercurio, vi-
gia naõ venha alguem. *Vaise*

Merc. Vay descançado, que eu rondarey
o bairro.

Cornuc. Agora sim, meu bello marido,
meu querido Saramago, he tempo de
nos racharmos com abraços: vem cá, fi-
lagrana animada; vem cá, meu brinqui-
nho de junco, que te quero meter todo
no meu coraçaõ.

Merc. Naõ seria melhor, que em lugar
desses carinhos me désses tu de cear,
que venho estalando com fome, e pala-
vras naõ fazem sopas?

Cornuc. Tambem nosso amo traria bastante
fome, e com tudo esteve dizendo a nossa
ama tanta cousa galantinha, que faria
derreter huma pedra.

Merc. Com que he o mesmo nossos amos,
do que nós? Elles casadinhos de hum
an-

anno, e nós ha hum feculo? Elles Senhores, e rapazes, e nós velhos, e moços? Elles dous jafmins, e nós dous lagartos? E finalmente elles com amor, e nós, ou pelo menos eu fem nenhum?

Cornuc. Pois tu me naõ tens amor?

Merc. De tanto amor, que te tenho, me faz, que te naõ tenha nenhum; pois todo o extremo degenéra em vicio.

Cornuc. Eu naõ fey, que feja vicio o querer bem com extremo.

Merc. Olha: o querer pouco he afneira; o querer muito he parvoice; e como no amor naõ ha meyo, ignoro o meyo de te ter amor.

Cornuc. Ora o certo he, que peyor he fazer fefta a vilões ruins: por eftas, que fe tu fouberas a mulher, que tens, que outra coufa fora: talvez, que fe eu fora alguma deftas bonecrinhas enfeitadas, que me quizeras mais; porém a culpa tenho eu, em naõ aceitar o que me davaõ nas tuas coftas.

Merc. Irra! Quem he o que fe atrevia a dar nas minhas coftas?

Cornuc. Naõ digo iffo; o que digo he, que tive a culpa de naõ aceitar, o que me davaõ por de traz de ti.

Merc. Pois ainda eftás em tempo de acei-

tar

tar o que eu dou por de traz?

Cornuc. Naõ me entendes? Digo que naõ faltou quem na tua ausencia me acenasse naõ só com lenços, mas tambem com moedas.

Merc. Tanto mal fizeste em naõ aceitar as moedas ao minimo aceno, que com ellas te fizeraõ.

Cornuc. Naõ que isso naõ estava bem à tua pessoa, e muito menos à tua honra.

Merc. Pois o receber moedas he alguma deshonra?

Cornuc. Ay, apello eu! Deos me livre! Vosse está doudo?

Merc. Coitadinha, naõ te façaş taõ arisca; ora dize-me: tu queres persuadirme, que achaste quem te namorasse com essa cara?

Cornuc. Só tu poderás dizer isso da minha cara, na minha cara, pois olha, outros a beberiaõ mais aguada.

Merc. Mais aguada sim; porém mais untada naõ.

Cornuc. Graças a Deos, he cousa, que nunca puz na minha cara; olhe, veja bem, cá naõ ha disso.

Merc. Pois melhor fora, que te untasses.

Cornuc. Pois porque?

Merc. Porque ao menos com o solimaõ matarias

tarias essa cara, que taõ matadora he.

Cornuc. Mais matador es tu, que estás a froxo no jogo do desdem.

Merc. Valhate o diabo, que nunca perdeste a manha de presumida! Naõ vês ao espelho essa cara de desmamar meninos?

Cornuc. Quando tu me namoraste para casar, naõ viste, que eu era fea?

Merc. Cegou-me o diabo, porém naõ o amor.

Cornuc. Ora vaite, que já naõ posso aturar os teus desaforos; e agradece ser isto fóra de horas, quando naõ, eu te arrancara essa lingua; porém nós nos encontraremos. *Vaise.*

Merc. Muito me deve Jupiter, pois por sua causa aturo os despropositos desta velha. *Vaise.*

SCENA III.

Praça com portico. Sahe Saramago, e canta a seguinte

ARIA.

VEnho da guerra, e vou para casa,
Venho da guerra, e vou para a guerra.
Se ha guerra na guerra,
Ha guerra na casa,

A ca-

À caſa da guerra
He a guerra da caſa;
Venho da guerra, e vou para a guerra,
Venho da guerra, e vou para caſa.

Repreſ. E quando nada eſtamos defronte da noſſa caſa, que mal cuidey, que a tornaſſe a ver! Ah Senhores, grande couſa he o buraco da noſſa caſa, mais que ſeja esburacada, que mais val a caſa com buracos, do que o corpo com os das ballas; e pois ellas já paſſaraõ, ſem eu ficar paſſado, vamos ao caſo: Parece-me, que já eſtou vendo chegar eu à porta, e petiſcar no ferrolho, chegar à janella a minha Cornucopia, e apenas me vê, lançarſe logo da janella abaixo, e levalla o diabo de meyo a meyo; e alli ſe abraça comigo, e eu com ella, e aſſim todos juntos acharmos a Senhora Alcmena, e logo perguntarme: que novas me dás do meu Amphitryaõ? E eu apreſſado lhe reſpondo: elle fica com ſaude com huma perna quebrada; e para livrarte de ſuſtos, aqui me envia, que por eſta via te diga, que elle rebenta aqui até pela manhã, e que no entanto te vás divertindo com eſta joya, que foy delRey Teréla, a qual te manda por mim, que ſou mui-

to

to fiel; e naõ ha duvida, que Alcmena, vendo a joya, e ouvindo a noticia, me mete à força na algibeira vinte dobrões; e se isto ha de ser assim, naõ te dilates, Saramago, se agora es Saramago verde na esperança do premio, logo serás Saramago maduro na posse do fruto: Ora vamos andando para casa, que já a Aurora em gargalhadas de luzes começa a rirse com as cossegas do Sol.

Ao irse, sahe da porta hum caõ, que ladrará todas as vezes, que se vir este sinal * Ladra.

* Máo, máo, que he isto? Ronda? Que escapasse eu da barafunda da batalha, e que só de malsins naõ possa livrarme! * Pergunta quem sou? Sou Saramago, que vou para casa de minha ama, a Senhora Alcmena: * Que armas trago? Eu naõ tenho armas, que sou mecanico. * Donde venho? E a elle que lhe importa? * * * Tenha maõ, a que delRey! Esperem vossês, que eu cuidey, que era gente, e he hum caõ! Ora vejaõ o que faz o medo! He caõ, naõ ha duvida! Ay que he a cadella de minha mulher, que dormio fóra esta noite rondando algum osso! Olhem a festa, que me faz! Pois eu tambem hey de corresponderlhe, que agora huma cadella naõ ha de ser mais cortez, do que eu.

Can-

*Canta Saramago, ladrando ſempre o caõ, a ſe-
guinte.*

A R I A.

Coitadinha da cadella,
Que faz ella?
Como pulla! Como ſalta!
Naõ te esfalfes, anda cá,
Paſſa aqui, cadella, tó.
Mas ay, ay, que me mordeu!
Paſſa fóra,
Toma perro, grunhe agora,
Grunhe o caõ
Porque ſaibas quem eu ſou.

*Ao ir entrar Saramago, ſahe Mercurio na fór-
ma de Saramago.*

Merc. Eſte he o criado de Amphitryaõ;
quero eſtorvarlhe, que naõ entre. Quem
vem lá?

Saram. Quem lá vay? Mas que lhe im-
porta a elle, que eu entre pela minha
porta?

Merc. Porque eſta porta he minha, e por
ella naõ ha de entrar ninguem, ſe naõ
diſſer quem he; e aſſim, ou diga quem
he, ou va-ſe embora; e quando naõ hi-
rá aos impurrões.

Saram. Eſtá galante impurraçaõ, pergun-
tarme o Senhor o que quero eu na mi-
nha caſa!

Merc.

Merc. Qual casa?

Saram. Esta de alto abaixo, que he minha, pela mercê, que me faz meu amo, o Senhor Amphitryaõ.

Merc. Qual Amphitryaõ? Este que agora veyo da guerra?

Saram. Pois eu naõ sey, que haja outro no Mundo.

Merc. Pois elle he teu amo?

Saram. Esse mesmo em carne viva.

Merc. Homem, entendo que estás sonhando.

Saram. Naõ ha duvida que eu sempre sonho em fazer a vontade a meu amo o Senhor Amphitryaõ.

Merc. Homem insensato, sabes o que dizes? Naõ vês, que esse Amphitryaõ he meu amo?

Saram. Ora sou criado de vossa mercê: como póde ser teu amo, se elle naõ tem outro criado, senaõ eu? e se naõ dize-me: como te chamas tu?

Merc. Chamo-me Saramago.

Saram. Saramago? Peyor he essa! E eu entaõ que sou, visto isso?

Merc. Quem tu quizeres ser.

Saram. Pois eu quero ser Saramago, ainda que naõ queira.

Merc. Pois, magano, levarás dous murros,

ros, pelo atrevimento de tomares o meu nome.

Saram. Tenha maõ, Senhor, veja que o *do*, *das*, ſe naõ dá pelos *nominativos.*

Merc. Pois dize-me na verdade quem es, ſenaõ vou deſandando outro murro.

Saram. Que quer voſſa merce, que eu diga? Se digo, que ſou Saramago, diz que minto; ſe digo, que o naõ ſou, tambem minto, e aſſim naõ quero, que me diga: *inter ambobus erraſti.*

Merc. Viſto iſſo, ainda tens para ti, que es Saramago?

Saram. Eu bem o naõ quizera ſer, ſó por dar goſto a voſſa merce.

Merc. Ora dize, naõ tenhas medo.

Saram. Direy, ſe fizer tregoas na guerra do murro ſecco.

Merc. Eu te prometto, dize, quem es?

Saram. Conhece voſſa merce Amphitryaõ?

Merc. Pois naõ hey de conhecer a meu amo?

Saram. Conhece voſſa merce em caſa de Amphitryaõ hum criado eſgalgado, cara de piolho ladro, corpo de parafuſo, pernas de diſciplina, com hum pé de cantiga, e outro pé de vento?

Merc. Naõ eſtou lembrado.

Saram. Era hum criado, muito mal cria-
do,

do, chamado Saramago.

Merc. O' patife, insolente, assim me trata com taõ vis vocabulos?

Saram. Naõ, Senhor, qne esse era eu.

Merc. Aqui naõ ha eu, senaõ eu, já tenho alcançado quem es : ò lá, prendaõ este ladraõ, que vem disfarçado roubar a casa de Amphitryaõ.

Saram. De vagar, que cuidaráõ, que he verdade : o ladraõ he vossa merce, que me furtou o meu nome.

Merc. Ainda replicas? Levarás nos narizes.

Saram. Ora, Senhor, tenho entendido, que naõ sou nada nesta vida.

Merc. E eu que tenho com isso?

Saram. Pois, Senhor, já que me naõ bastou ser hum Saramago nascido das ervas, para deixar de ser envejado o meu nome, peço-te, que ao menos me deixes ser a tua sombra, que com isso me contento.

Merc. Naõ quero, que a mim nada me assombra.

Saram. Pois, Senhor, taõ malassombrado sou eu, que nem tua sombra mereço ser?

Merc. Quem he taõ ladraõ, que furta o meu nome, tambem furtará a minha sombra.

Saram. Isso he bom para o diabo das covas de Salamanca.

Merc.

Merc. Naõ gracejemos; diga, em que fi-
camos?

Saram. Em que ficamos? Eu fico com o
murros, e voſſa merce com o meu no-
me.

Merc. Pois vá-ſe embora, antes que faç
chover ſobre elle hum diluvio de panca-
das.

Saram. Pois a Deos, Senhor Saramago.

Merc. A Deos, Senhor couſa nenhuma.

SCENA IV.

*Boſque com reſpaldo de Palacio. Sahem Am-
phitryaõ, e Polidaz.*

Amph. NA verdade, Polidaz, que naõ
ha peyor mal, que o da au-
ſencia, pois ao meſmo tempo, que ac-
creſcenta a ſaude, tambem accreſcenta
o tempo; porque havendo ſó tres me-
zes, que me auſentey de Thebas, de
cujas muralhas eſtamos à viſta, parece-
me, que ha tres ſeculos, que della me
auſentey.

Polid. Amphitryaõ, naõ he porque o re-
logio do tempo ſe atraze; talvez ſerá
porque o moſtrador de Cupido ſe adian-
te; e naõ he muito, que vivendo au-
ſente

ſente da Senhora Alcmena, tua eſpoſa, os minutos te pareçaõ erernidades; e agora que vitorioſo da auſencia, e dos inimigos, te vanglorîas, entrarás em Thebas duas vezes triunfante.

Amph. Ay, Alcmena, quem já ſe vira em teus braços!

Sahe Tireſias.

Tireſ. Invicto Amphitryaõ, ſempre triunfante vencedor dos inimigos da Patria, em nome deſta Republica de Thebas venho eſperarvos ao caminho para adiantar os parabens, a quem taõ heroicamente tem adiantado o progreſſo da guerra; e aſſim para premio das voſſas acções, e deſempenho do noſſo agradecimento, vos temos preparado hum notavel triunfo, donde coroado do vencedor louro, ſe accumulem os vivas ao voſſo nome.

Amph. Generoſo Tireſias, agradecendo a Thebas a honra, que me faz, e a vós a cortez benevolencia; a ella hirey proſtrarme, como obediente filho da Patria; e a vós já vos offereço os braços, como ſymbolo do amor, e da benevolencia.

Tireſ. Polidaz amigo, quanto me alegro de verte!

Polid. Tudo merece a noſſa amiſade.

Tireſ. Permitte-me, Amphitryaõ, que v
noticiar à Senhora Alcmena a tua vinda

Amph. Naõ he neceſſario tanto exceſſo
pois já a eſſe fim mandey o meu criad
Saramago.

Tireſ. Pois eſperay aqui pelo triunfo, en
quanto com os mais Senadores vos va
mos eſperar ao Senado. *Vai-ſe*

Amph. Naõ poſſo deſprezar tantas mercês

Sahe Saramago.

Saram. Eſtou bem aviado! Naõ ſou couſ
nenhuma neſta vida! Tenho de torna
a naſcer, para ſer alguma couſa.

Amph. Já mais has de perder o coſtume d
tardar, e murmurar? Aonde eſtiveſt
até agora!

Saram. Quem? Eu?

Amph. Pois com quem fallo eu, ſena
comtigo?

Saram. Pois ſupponha, que naõ falla co
migo, porque eu naõ ſou eu.

Amph. Começa tu agora com diſparates a
meſmo tempo, que quero me dês noti
cia de Alcmena.

Saram. Como poderey eu dar noticia d
Senhora Alcmena, ſe eu naõ ſey noti
cias de mim proprio?

Polid. O moço he galante peſſa.

Amph

mph. Saramago, que diabo tens, que eſtás fóra de ti?
ram. Sim, Senhor, eſtou fóra de mim, porque outrem eſtá dentro em mim.
mph. Explica-te, Saramago.
aram. Já naõ ſou Saramago; naõ me quer entender?
nph. Pois que es?
ram. Sou couſa nenhuma: Vê? Vê-me voſſa merce aqui? Pois ſupponha, que me naõ vê.
mph. Explica-te por huma vez, ſenaõ te matarey.
olid. Homem, falla, naõ deſeſperes a teu amo.
ram. Por obedecer, ainda que ſou nada, fallarey hum nónada. Eis-que partido eu para a noſſa caſa, com o recado de voſſa merce para a Senhora Alcmena, a primeira couſa, que encontrey foy a noſſa cadella, que com o rabo começou a explicar a ſua alegria; donde inferi, que ha creaturas, que tem a lingua no rabo.
mph. Vamos adiante.
ram. Atrás ha de ſer, que ficamos no rabo; e o como eſte ſeja ruim de eſfollar, agora o verá: foime a cadella guiando, porque eu hia cego com o eſcuro da noite; achey a noſſa porta aber-
 ta,

ta, e ao querer entrar por ella, mo im-
pedio hum vulto muy avultado.

Amph. E viſte quem era?

Saram. Sim, Senhor, conheci muito bem

Amph. Pois quem era?

Saram. Era eu meſmo.

Amph. Pois tu eſtavas fóra, e dentro a
meſmo tempo?

Saram. Ahi he que eſtá o enigma.

Polid. Enigma parece na verdade!

Amph. Pois que te ſuccedeo com eſſe vul
to?

Saram. Que me naõ quiz deixar entrar
houve luta de parte a parte, e por fi
de contas alombou-me os oſſos muit
bem com hum rebém.

Amph. Quem ſeria o atrevido, que te fe
tal couſa?

Saram. A tal couſa fiz eu, que de med
me eſtava eſcorrendo.

Amph. Dize a verdade, ſe conheceſte que
foy?

Saram. Oxalá que o naõ conhecera.

Amph. Pois quem foy, o que te deu?

Saram. Fuy eu meſmo.

Amph. Ha tal loucura! Pois tu déſte e
ti meſmo.

Saram. Sim, Senhor; e naõ de qualqu
ſórte, ſenaõ a cahir, a derrubar.

Amp

Amph. Pois naõ entraste a fallar a Alcmena?

Saram. Como havia entrar, se mo impediraõ?

Amph. Quem te podia impedir, velhaco, embusteiro?

Saram. He necessario, que lho diga muitas vezes? Naõ lhe disse já, que fora eu, aquelle eu; aquelle eu, que já lá estava primeiro do que eu; aquelle eu, que me disse, que eu naõ era eu; aquelle eu em fim, que deu muito murro neste eu: *Heu mihi!*

Amph. Polidaz, este criado está louco.

Polid. Eu assim o entendo.

Saram. Porém, Senhor, só huma differença achey neste eu, e eu; e he, que o eu, que lá estava, era mais valente do que eu, que aqui estou.

Amph. Resta-me que tambem perdesses a joya, que mandey désses a Alcmena.

Saram. Naõ, Senhor, ainda cá vem a joya; e se ella se tornasse em duas, como eu, que máo fora?

Amph. Isto he alguma cousa! Naõ sey o que diga, e nem o que me adevinha o coraçaõ! Vamos, Saramago, a casa, que quero averiguar, que he isto, que dizes. Polidaz, esperay aqui, que já venho.

Po-

Polid. Naõ tardeis, que póde vir o triu
fo, que foy preparar Tiresias.
Saram. Oh queira Jupiter, que tu tambe
lá aches outro Amphitryaõ, assim com
eu outro Saramago, para que te naõ ri
de mim! *Vai-*
Polid. Debaixo daquelle tronco hirey e
perar a Amphitryaõ. *Vai-*
*Desce Juno em huma nuvem, e nella virá pi
tado naõ só o arco Iris, mas em figura a
Ninfa Iris. Canta-se o seguinte*

CORO.

O Iris da paz
He o Iris da guerra;
Pois hoje se encerra
No arco do Ceo
O arco do amor.
Mas contra o teu arco,
Amor, se prepara
Meu impio furor.

Repres. Juno. De que val ser eu a Deo
Juno, e esposa de Jupiter, se este me
mo esposo, se este mesmo Jupiter cor
seus desordenados intentos procura ecly
psar as luzes de minha soberania, toman
do a fórma de Amphitryaõ, para logra
os favores de Alcmena? E assim par
vingarme de ambos, disfarçada nesta hu
mana fórma, estorvarey a minha injuria
e

e o meu ciume. Oh que ſacrilego he o tormento dos zelos; pois nem as meſmas deidades ſe iſentaõ de ſeu furor!

Iris. Soberano Juno, parece improprio da tua divindade eſſe ſentimento; e pois, ainda que disfarçada, ſempre ſou a Ninfa Iris, ſymbolo da Concordia, agora, mais que nunca, verás os effeitos de de minha virtude, ſerenando com os meus influxos o diluvio de tuas penas.

Juno. Por ſeres a Ninfa Iris, por iſſo quiz, que me acompanhaſſes, que para a guerra do amor era neceſſario trazer comigo a paz; e aſſim como fiel ſubdita ſaberás ajudarme neſte empenho do meu ciume; e pois o amor he taõ cego, como o odio, tu que vives iſenta deſtas paixões, poderás, ſendo Argos da minha affronta, obſervar as falſidades de hum eſpoſo, que me offende.

Iris. Já com a eſperança pódes reſpirar menos ſentida; naõ te deſanimes, que ſuppoſto tenhamos contra nós todo o poder de Jupiter, amor nos dará induſtria, para vencello; que o amor ſempre triunfou de todos os Deoſes.

Juno. Verá Jupiter os damnos, que preparo, deſvanecido o ſeu poder, e victorioſa a maquina de minha vingança.

Can-

Canta Juno a seguinte

ARIA.

A hum esposo fementido
Se castiga o seu intento,
E verá no meu tormento
Seu tormento; pois prometto
Em seu damno me vingar.
Saiba pois o como offende
Minha propria divindade,
Que dos zelos a impiedade
Até os Ceos ha de chegar. *Vais[e]*

SCENA V.

Sala. Sahem Jupiter, Alcmena, Mercurio, Cornucopia; Jupiter na fórma de Amphi[-]tryaõ, e Mercurio na de Saramago.

Alcmen. AMphitryaõ, se taõ depress[a] havias tornar, para que vies[-]te? Melhor me fora naõ experimenta[r] a breve alegria de te ver, se logo havi[a] sentir o mal de perderte.

Jupit. Já te disse, querida Alcmena, que me he preciso acharme esta manhã no Arrayal, para publicamente entrar triun[-]fante nesta Cidade; com que naõ he justo, que por hum breve retiro mos[-]tres hum tal sentimento. Ay, Alcmena,

se

se tu me disseras essas finezas, naõ como a Amphitryaõ, senaõ como a Jupiter! *à part.*

Alcmen. Vivo taõ resentida do mal da ausencia, que qualquer retiro, que faças, me sobresalta o coraçaõ.

Merc. Senhor, veja que já he tarde, e que nos pódem achar menos lá no campo.

Cornuc. Calte atiçador da candêa da esquivança; taõ tarde he isto?

Merc. Naõ vês, que já os gallos cantaraõ.

Cornuc. Tambem se tu foras mais amante, outro gallo me cantara.

Jupit. Deixa-me ir, Alcmena, que saõ horas.

Alcmena. Se esperas, que eu te deixe ir, nunca irás. Vai-te mas naõ te despeças; pois cada instante, que te naõ acho, cuido que te perco.

Jupit. Naõ sey com que poderey pagarte tanta fineza, e amor!

Alcmen. Este amor nasce da minha obrigaçaõ.

Jupit. Pois quizera, que esta fineza nascera mais do teu amor, que da tua obrigaçaõ.

Alcmen. A obrigaçaõ de amar ao esposo supéra a toda a obrigaçaõ.

Jupit. Pois mais te devera, que me quizeras

ras

ras mais como a amante, que como a
espoſo.

Almen. Naõ ſey fazer eſſa differença, pois
naõ poſſo amarte como a eſpoſo, ſem
que te ame oomo a amante.

Cornuc. Ay, Senhora, que diz muito bem
o Senhor Amphitryaõ, pois entre eſpo-
ſo, e amante ha muita differença.

Alcmen. Tomara ſabella, que ainda a naõ
encontrey.

Cornuc. Pergunte-o, Senhora, a meu ma-
rido Saramago, que tanto ſe deſpedio
de amante para comigo, que apenas o
encontro hum marido eſpurio: marido
ſem ſer amante he o meſmo, que corpo
ſem alma; que importa, que o matri-
monio ligue o corpo, ſe o amor naõ
une as almas? Aquelles carinhos, aquel-
les affagos, aquelles melindres, aquelle
vir o Senhor Amphitryaõ fóra de horas,
ſó para apagar a chamma da ſaúdade no
mar de ſeu pranto, que he, ſenaõ amor?
Pelo contrario, eſtes deſpegos, eſtas ſe-
quidões, eſtes focinhos, que me faz eſ-
te meu bom marido, que he, ſenaõ ſer
marido ſem amor?

Jupit. Cornucopia fallou como ſabia.

Cornuc. Saõ os olhos de voſſa mercê.

Merc. A velha toda via naõ he tolla: va-
monos,

mo-nos, Senhor, que já totalmente amanheceo.

Alcmen. Ay, Amphitryaõ, que agora mais que nunca ſe póde dar à madrugada o epitecto de ſaudoſa.

Jupit. Naõ chores, meu bem; naõ queiras, que hoje amanheça o dia com duas auroras.

Cantaõ Jupiter, e Alcmena a ſeguinte

ARIA A DUO.

Jupit. Alcmena, enxuga o pranto,
Reprime o teu ſuſpiro.
Alcmen. Oh quanto, amor, oh quanto
Me afflige o teu retiro!
Jupit. Naõ chores, naõ ſuſpires.
Alcmen. Naõ, meu bem, naõ te retires.
Amb. Senaõ verás que acabo
A impulſos do penar.
Jupit. Ceſſe o liquido lamento,
Ceſſe tanto ſuſpirar.
Alcmen. Vendo a cauſa do tormento
Mal me poſſo conſolar.
Amb. Oh que afflicto ſuſpirar!

Vaiſe Jupit.

Merc. Cornucopia, *vale*, *vel*, *valete*.

Cornuc. Que me dizes com iſſo?

Merc. Que aſſim ſe vay, quem ſe deſpede em Latim.

Cornuc. Vaite cos diabos, nunca tu cá tornes.

Sa-

Sahem Juno, e Iris.

Juno. Aquella ſem duvida he Alcmena entre pois a minha induſtria a vingar o meus zelos.

Iris. E he boa occaſiaõ para o teu intento

Cornuc. Senhora, que mulheres ſaõ aquel las que entraõ, ſem pedir licença?

Entra Juno

Juno. Naõ eſtranhes, Senhora, que ſen licença, eu, e eſta criada minha, entre mos aqui, quando a juſtiça da minh cauſa rompe a immunidade do mayo ſagrado. *Chora, e ajoelha*

Alcmen. Levantaivos, Senhora; mereça eu ſaber a cauſa do voſſo ſentimento, par ver ſe encontrais em mim o remedio d voſſas penas.

Juno. Para que melhor conheças o que pa deço, quero informarte de quem ſou Junto às eminencias do monte Olympo em hum lugar apraſivel, aonde em per petuos verdores habita a Primavera naſcî; que provera a Jupiter naõ naſ cera, para que naõ foſſe objecto da in conſtancia da fortuna. *Chora*

Cornuc. Até aqui, Senhora, parece, qu tem razaõ; mas eu naõ ſey o que ell diz.

Iris. Até aqui vay bem. *à part*

Juno

Juno. Meus pays, que eraõ os mais illuſtres daquelle povo, vendo que eu era o unico ramo, que florecia na ſua deſcendencia, trataraõ de darme eſtado decente à minha peſſoa; para o que hum dia me fallaraõ deſta ſórte: Feliſarda, (que eſte he o nome deſta infeliz. . . .)

Cornuc. Feliſarda ſe chama? Ay, Senhora que galante nome, para ſe pôr a huma cachorrinha!

Alcmen. Proſegui, Feliſarda, que com attençaõ vos eſcuto.

Jun. Diſſeraõ-me, pois, que eſcolheſſe eu eſpoſo igual às minhas prendas; porque ſendo a eſcolha minha, a nenhum tempo me Poderia queixar. Havia no meſmo monte Olympo hum mancebo galhardo, poderoſo, e muito juvenil.

Diz Amphitryaõ dentro o ſeguinte, e bate.

Amph. Abraõ lá.

Alcmen. Parece, que bateraõ; vay ver, Cornucopia, quem he.

Vay Cornucopia dentro, e torna a ſahir com Amphitryaõ, e Saramago.

Cornuc. Ay, que he o Senhor Amphitryaõ, que já veyo!

Amph. Alcmena, minha bella eſpoſa, dáme os teus braços, em quanto mudamente o coraçaõ com ſuſpiros explica o al-

o alvoroço de ſua alegria.

Alcmen. Que he iſſo, Amphitryaõ? Taõ depreſſa vieſte?

Amph. Eſtranho muito o modo, com que me recebes; parece-te, que vim depreſſa, depois de taõ larga auſencia! Oh que evidente indicio do pouco, que me amas!

Alcmen. Naõ te entendo: tu pódes formar queixas contra o meu amor? Naõ viſte eſta madrugada em derretidos cryſtaes naufragarem os meus olhos? Tu meſmo, admirado do meu extremo, naõ julgaſte por exceſſiva a minha fineza? Pois como agora me criminas de pouco amante?

Amph. Que he o que dizes, Alcmena?

Saram. Máo! Já iſto me vay cheirando a rapoſinhos.

Alcmen. Digo, Amphitryaõ, que quando eſta noite tive a fortuna de verte, que foy incomparavel o alvoroço de meu coraçaõ, como tu bem viſte.

Amph. Como póde iſſo ſer, ſe eu ainda agora chego da campanha, e logo torno para ella, para triunfar?

Alcmen. Iſſo meſmo me diſſeſte; e por iſſo ao romper da manhã te auſentaſte, dizendo, que por mitigar a tua ſaudade,

vieſ-

viefte efcondido a verme.
mph. Parece, que Alcmena perdeo o juizo!
aram. Ainda bem, quanto folgo!
ornuc. Ifto me parece coufa de encanto!
uno. Sem duvida efte he Jupiter, que vem disfarçado em Amphitryaõ: pois naõ lograrà o feu intento. *à part.*
ris. Se tambem fe fabe disfarçar, difficultofa he a noffa empreza. *à part.*
mph. Alcmena, entendo, que eftás galanteando.
lcmen. Eftas naõ faõ materias para galantear.
mph. Ora pois, fallemos ferio, Alcmena.
lcmen. Amphitryaõ, bafta de brinco.
mph. Com que queres capacitarme, que eftive comtigo efta madrugada?
lcmen. Com que queres negarme, que eftivefte comigo efta noite, antes de amanhecer?
mph. Que dizes a ifto, Saramago?
aram. Naõ te diffe eu, que havia cá outro Saramago? Pois por força havia de haver outro Amphitryaõ.
lcmen. Que dizes a ifto, Cornucopia?
ornuc. Senhora, iffo naõ he coufa, que fe diga.
mph. Alcmena, vê bem o que dizes.

Alcmen.

Alcmen. Digo, que todos de caſa póden ſer teſtemunhas da minha verdade. Di ze Cornucopia, tu naõ viſte a Amphi tryaõ cá eſta noite?

Cornuc. Ay, Senhora, voſſa merce crê que o Senhor Amphitryaõ falla de veras Naõ vê, que eſtá galanteando? Sempr voſſa merce foy amigo deſſas gracinhas Ora naõ ſeja maligno.

Amph. O' cornucopia, eu naõ zombo.

Alcmen. Se naõ crês a Cornucopia, per gunta-o a Saramago, que comtigo tam bem veyo.

Saram. Eu, Senhora? Appello eu! Arre que teſtemunho!

Cornuc. Tu naõ eſtiveſte aqui? Naõ ceaſ te comigo eſta noite?

Saram. Eu ſou taõ pouco cioſo, que nun ca ciey em minha vida.

Juno. Naõ ſey o que diga a iſto! Quaſ eſtou para crer, que o Amphitryaõ, que primeiro veyo, ſeria Jupiter: Oh que notavel enleyo! *à part*

Amph. Quero apurar os meus zelos. *à part.* Ora já que affirmas, que eu cá eſtive, dize-me o que fiz?

Alcmen. Taõ depreſſa te eſqueceſte?

Amph. Tudo podia ſer, elevado no goſto de verte.

Alcmen.

Alcmen. Pois eu o digo, ainda que o ſaibas: chegaſte hontem às dez horas da noite; e depois que em reciprocos carinhos nos abraçamos....

Amph. Eſpera: pois tu me abraçaſte? Oh que tormento! *à part.*

Alcmen. Pois naõ te havia de abraçar, depois de taõ larga auſencia?

Amph. Eu te perdoara neſſa occaſiaõ os abraços: e que fiz depois?

Alcmen. Contaſte-me o como venceſte a ElRey Teréla, ficando desbaratado, e morto; e por ſinal me trouxeſte eſta joya, que era do elmo do meſmo Rey.

Amph. Que dizes? A joya tu a tens?

Alcmen. Vê-la aqui no meu peito, que a eſtimo, como couſa tua.

Amph. Naõ ha duvida, que he a propria, que eu mandey por Saramago: O' Saramago, onde eſtá a joya, que eu te mandey déſſes a Alcmena?

Saram. Cá a tenho na algibeira metida na caixinha, da meſma ſórte que voſſa merce ma entregou.

Amph. Moſtra-a cá, que eſta, que tem Alcmena, toda ſe parece com ella.

Saram. Valha-te o diabo joya! Aonde eſtás, que naõ appareces? Huy, agora eſta he galante! *Faz que a buſca.*

Amph. Que he iſſo? Naõ a achas?

Saram. Eſpere, Senhor; aſſim ſe acha hu-
ma joya?

Amph. Aonde a meteſte, que tanto te cuſ-
ta a dar com ella?

Saram. Atey-a na fralda da camiza, e ago-
ra.....

Amph. E agora que?

Saram. *Bolaverunt.*

Amph. Que dizes?

Saram. Que naõ acho a joya; tenho dito.

Alcmen. Como has de achalla, ſe tu ma déſ-
te, Amphitryaõ?

Saram. Eſſa he a verdade: De ſórte, que
voſſa merce deu a joya à Senhora Alcme-
na, e entaõ quer, que eu lhe dê conta
della? He muy boa conſciencia eſſa!

Amph. O' velhaco, tu tambem me que-
res deſeſperar? Tu naõ vieſte com a
joya, para a dares a Alcmena?

Saram. Sim, Senhor; mas parece-me, que
ao depois voſſa merce ma pedio, para a
dar à Senhora Alcmena, minha Senhora.

Amph. Cala-te, embuſteiro, que tudo iſſo
ſaõ traças tuas, tu mo pagarás.

Juno. Pelo que agora vejo, entendo, que
eſte he o verdadeiro Amphitryaõ. *à p.*

Iris. Senhora em boa eſtamos mettidas! *à p.*

Amph. Dize, Alcmena, que mais paſſey

com-

comtigo depois da joya? Dize.

Alcmen. Depois fomos cear, e dahi a descansar.

Amph. E com effeito fomos a descansar? Isso he delirio, Alcmena?

Alcmen. Tu perdeste a memoria, Amphitryaõ? Taõ depressa te esqueceste, do que ha taõ pouco tempo passamos?

Amph. Ay de mim, infeliz! Que he o que ouço!

Amph. Suspende-me saber, o que naõ queria saber. *à part.*

Alcmen. De que te entristeces? Fiz algum delicto em te venerar como a esposo?

Amph. Cala-te, traidora, inimiga, que naõ fuy eu aquelle, que no venturoso thalamo descansou comtigo.

Juno. Sem duvida foy Jupiter: Ay de mim, que já vim tarde! *à part.*

Cornuc. Eis-aqui como succedem as desgraças!

Saram. Eis-aqui como se mata huma mulher a sangue frio?

Alcmen. Meu amor, meu esposo, meu Amphitryaõ, naõ posso capacitarme, senaõ que estás galanteando.

Amph. Minha inimiga, minha tyranna, minha desleal, naõ posso crer, senaõ

que isso, que dizes, foy algum sonho, que tiveste.

Alcmen. Esta joya tambem a possuhi por sonhos?

Amph. Esse o mayor indicio da minha afrõta.

Alcmen. Essa he a mayor defeza da minha innocencia.

Juno. Essa he a mayor evidencia do meu ciume. *à part.*

Iris. Essa he a mayor certeza da nossa confusaõ. *à part.*

Cornuc. Essa he a mayor testemunha de que esteve cá.

Saram. E esse he o mayor testemunho, que se levantou.

Alcmen. Vem, Amphitryaõ, a meus braços; naõ creyas os delirios da fantasia.

Cantaõ Amphitryaõ, Alcmena, e Juno a seguinte

ARIA 3.

Amph. Desengana-me, tyranna,
Quando naõ a minha pena,
Falsa Alcmena,
Te condemna
A morrer, e suspirar.

Alcmen. Desengana-te, tyranno,
Louco esposo, fiel amante,
Que eu constante
Triunfante
Teu engano hey de mostrar.

Ju-

Juno. Quem cuidara, que acharia
Na vingança, que hoje trato,
O retrato
de hum ingrato,
Que me faz aſſim penar!

Amph. Teme, ingrata, a ira ardente.

Alcmen. Nada teme huma innocente.

Juno. Tudo teme huma infeliz.

Amph. e Jun. Que eu com zelos,

Alcmen. Que eu ſem culpa,

Tod. O meu brio hey de oſtentar.

Amph. Mas ſe he certa a minha offenſa
Sem detença
Terey modo de a vingar.

Alcmen. De ameaço taõ injuſto
Naõ me aſſuſto,
Pois o Ceo me ha de livrar.

Juno. Eu que tenho o deſengano
No meu damno,
Muito tenho que penar.

Amph. e Jun. Que dos zelos a violencia,

Alcmen. Que a innocencia

Tod. Ha de ſempre triunfar. *Vaõ-ſe.*

Cornuc. Saramago, que loucura he eſta do Senhor Amphitryaõ?

Saram. Quando vires as barbas de teu viſinho a arder, bota as tuas de remolho.

Cornuc. E a que propoſito dizes iſſo?

Sa-

Saram. Antes que te reſponda, quero primeiro fazerte a devida contumelia, depois de taõ grande auſencia: moſtra cá, Cornucopia, eſſes retrocidos amplexos com eſſes fetidos oſculos.

Cornuc. Ainda tens atrevimento, patife, inſolente, de me fallares? Já te queres chegar para mim!

Saram. Quando deixey eu de quererte, e adorarte, querida Cornucopia?

Cornuc. Naõ te lembra, que me diſſeſte, que eu era feya, e horrenda?

Saram. Eu podia dizer tal, quando eſſa tua cara, ſendo o alcatruz do effecto, he o repuxo das almas, que eſgotando a fineza do peito, banha o coraçaõ de ſinezas, para regar a chicoria da correſpondencia?

Cornuc. Voſſè naõ ſe lembra hontem à noite os deſprezos, que me fez?

Saram. Ay, ay, ay, *chibarritum me fecit!* Com que eu tambem eſtive cá hontem à noite?

Cornuc. O' lé, tu parece, que vens conluyado com teu amo, para nos fazeres deſeſperar?

Saram. Pois achas em tua conſciencia, que eu eſtive cá hontem à noite comtigo?

Cor-

Cornuc. Tu cuidas, que eu ſou taõ neſcia como a Senhora Alcmena, que ſe lhe meteraõ em cabeça os delirios do Senhor Amphitryaõ?

Saram. Certo he, que a ti nada ſe te mete em cabeça; a mim mais depreſſa, que ſou o deſgraçado marido.

Cornuc. Ora anda, vay cozer a vinhaça.

Saram. Ora dize-me: tambem tiveſte cá o teu Saramago, como a Senhora Alcmena o ſeu Amphitryaõ?

Cornuc. Pois porque? Taõ caſada naõ ſou eu, como ella?

Saram. Viſto iſſo, largaſte as vélas ao vento do amor?

Cornuc. Deixa deſpropoſitos, e vamos dar ordem a almoçar.

Saram. Deixa-me, inimiga, traidora, falſa, fementida, inſolente, que naõ fuy eu, o com quem te emſaramagaſte.

Cornuc. Que dizes Saramago?

Saram. Digo, embuſteira, que ſe naõ fora por ſe acabar iſto em tragedia, que aqui te eſpicharia na ponta deſta eſpada, pelas pontas que me puzeſte.

Cornuc. Porque me havias matar? Porque eſtive com meu marido?

Saram. Qual marido?

Cornuc. Tu meſmo.

Sa-

Saram. O' mulher, eu ainda que ſeja homem de muitas partes, naõ poſſo eſtar em duas ao meſmo tempo.

Carnuc. Pois quem foy o que eſteve aqui? Salvo ſeria o diabo por ti.

Saram. Por ti, falſa, petulante: como queres, que ſendo eu ſimplez por natureza, me ache agora compoſto por artificio?

Cornuc. Dizes iſſo de todo o teu coraçaõ?

Saram. Por ora ainda naõ; pois primeiro te quero fazer alguns interrogatorios, como fez meu amo à Senhora Alcmena. Dize-me: que fizeſte com eſſe eu, quando aqui chegou?

Cornuc. Abracey-o muito bem primeiro.

Saram. Vamos ao mais, que iſſo he bacatélla, bacatélla.

Cornuc. Depois lhe diſſe mil finezas.

Saram. *Ad aliud*, que iſſo nem vay, nem vem.

Cornuc. Depois lhe dey de cear muito bem, e de beber muito melhor.

Saram. Calla eſſa boca, atrevida, que já naõ quero ſaber mais; baſta que eſſe atrevido inſolente comeo, e bebeo o que eſtava guardado para mim?

Cornuc. Pois tu naõ havias comer, vindo canſado?

Saram. A que delRey, que naõ fuy eu, o

que

que comi, que ainda eſtou em jejum: ay, que tenho o credito perdido!

Cornuc. Que diabo fallas aqui em credito perdido? Sabes com quem fallas? A mim, que tenho a honra na ponta do meu nariz?

Saram. O teu nariz ſempre foy muy honrado; porém naõ te aſſoes, que te póde cahir a honra.

Cornuc. O' caõ, como me póde a mim cahir a honra, ſe eu ſou o exemplo das honradas?

Saram. He verdade, Cornucopia, que me naõ lembrava; façamos as pazes: anda cá.

Cornuc. Agora tambem eu naõ quero.

Sahe Mercurio ao baſtidor.

Merc. Huma vez, que me vejo com a figura de Saramago, quero reveſtirme do ſeu genio, para o fazer mais tonto do que he; e fazendo que deſconheça a ſua propria mulher, tambem com iſto o detenho, em quanto labora o noſſo engano. *Vaiſe.*

Saram. Já que naõ queres, que façamos as pazes, façamos as guerras; e já a minha furia vay tocando a degollar.

Cornuc. Que he o que intentas?

Volta com outra cara.

Saram. Arrancarte o coraçaõ falſo, que tens

tens no peito : mas que vejo ! Com quem fallo eu? Ou esta naõ he Cornucopia ou estou sonhando!

Cornuc. Pois que he o que dizes?

Saram. Nada minha Senhora, nada, naõ he com vossa merce ; cuidey que fallava com minha mulher.

Cornuc. Pois eu naõ sou tua mulher, Saramago?

Volta com a sua cara.

Saram. Huy, ainda mais essa! Tambem es bruxa, que te mudas em varias fórmas! A que delRey, que aqui deve de andar o diabo.

Cornuc. Saramago, perdeste o juizo?

Saram. Perdí o que naõ tenho, e tenho o que perdi ; pois ainda que tenho o credito perdido *quoad te*, o naõ perdi *quoad me*, para ensaboar nas escumas da minha colera as nodoas da tua liviandade.

Cornuc. Que he o que dizes, atrevido?

Volta com outra cara.

Saram. Cousa nenhuma, minha Senhora; fallava com os meus botões. Assopra! *à p.*

Cornuc. Pois que liviandades saõ as minhas?

Saram. Naõ fallemos em liviandades, que isso agora he mais pezado. Naõ vi ainda mulher com duas caras taõ mal encarada. *à part.*

Cor-

ornuc. Supponho, que já te paſſou a colera, e que eſtás arrependido.

aram. Quem ſe naõ ha de arrepender, vendo, que me ſahe taõ cara a minha deſconfiança?

ornuc. Naõ crês a minha innocencia?

Volta.

aram. Naõ ſe póde crer a gente de duas caras: com que voſſê, Senhora Cornucopia, he huma por diante, outra por detraz?

ornuc. Eu ſempre ſou a meſma. Ora vem cá, meu querido Saramago dos meus olhos, façamos as pazes.

aram. Sim eu faço; mas ha de ſer partindo-te primeiro eſſe infernal corpo com eſta eſpada. *Foge Cornucopia.* Mas ay de mim, que fechou a porta! porém pela outra hirey ver ſe a encontro, para vingar a minha furia. Mas que vejo! Outro encontro melhor tenho no Sol deſta menina, que todo me faz derreter.

Sahe Iris.

ris. A confuſaõ, que Jupiter tem feito neſta caſa, nos faz vacilar na incerteza de qual he o que veyo primeiro, ſe elle, ſe Amphitryaõ! Porém o tempo o deſcobrirá.

aram. Naõ deixey de reparar, quando en-

trey, na carinha desta mochacha; e po
Cornucopia anda banzeira no mar da su
inconstancia, transportarey o meu amo
na barquinha desta belleza, até que se
rene a tempestade dos meus zelos.

Iris. E este he o Criado de casa: quer
agora meterme de gorra com elle, a ve
se me descobre qual he o verdadeiro Am-
phitryaõ, para entaõ conhecer, qual h
o falso, ou Jupiter, que tudo he o mes
mo.

Saram. Para hum Soldado, que vem d
Campanha, huma rapariga destas h
hum cavallo na guerra; eu me resolvo
marchar com todo o exercito de bichan-
cros namoratorios: Cé, ò minha Se-
nhora?

Iris. Quero desdenhallo, para que queren-
do-me mais, se facilite a dizerme o qu
pertendo. *à part*

Saram. Vossa merce ouve?

Iris. Eu naõ sou surda.

Saram. Nem eu mudo; e por naõ muda
de intento, quero me diga, de que ge-
nero he o seu caracter, para ver se a sua
pessoa se póde adjectivar com o substan-
tivo de minha qualidade.

Iris. Sou huma criada de vossa merce, e
de Felisarda, que aqui nos achamos por
hospedas nesta casa. *Sa-*

aram. Com que vossa merce era teûda, e manteûda nesta sua casa, e demais a mais he criada da mesma servil natureza deste seu servo? Naõ sabe quanto me regala isso.

ris. Pois porque?

aram. Propter unumquodque tale, & illud magis.

ris. Naõ te entendo.

aram. Eu cá me entendo; e poderémos saber, como se chama, em ordem a dizerte depois: Suspende os rigores, cruel, fulana, tyranna, sicrana?

ris. Quem tanto pergunta, he bom para Inqueredor.

aram. Isto he tirar huma devassa de quem me matou.

ris. Pois quem te matou?

aram. Tanto que te vi, foraõ os teus olhos huma morte subita do meu coraçaõ; mas antes que te diga o mais, dize-me o menos, que he o teu nome?

ris. Ay! Chamo-me Corriola; que mais quer?

aram. Nem tanto queria. Corriola! Máo agouro venha pelo diabo.

ris. Que te suspende? Pasmou-te o meu nome?

aram. A fallar verdade, cahio-me o coraçaõ

raçaõ aos pés, em ſaber, que te cham
vas Corriola; pois a penas no jogo c
amor começava a ſer taful da fineza
quando logo perco o cabedal da eſp
rança neſſa Corriola.

Iris. Bom remedio, naõ fallar comigo
nem tomar o meu nome na boca.

Saram. A bom tempo, depois de me v
cheyo de amor até os olhos.

Iris. Pois deſnamore-ſe voſſa merce.

Saram. Porque? Iſſo eſtá nas mãos d
creaturas? E ſe queres, que te naõ ame
desfaze eſſa belleza, engilha eſſe roſto
frange eſſa teſta, arregalla eſſes olhos
entorta eſſa boca, e faze-te geba.

Iris. Naõ me poſſo mudar em o que De
me naõ fez.

Saram. Ah ſim? Pois eu tambem naõ po
ſo deixar de querer eſſe roſto, que d
de roſto à neve; eſſa teſta, que téſta m
inveſte; eſſes olhos, que me deraõ olh
do; eſſa boca, que embóca delicias
eſſe corpo, que em corpo paſſeya n
rua formoſa.

Iris. Que ſe ſegue dahi?

Saram. Que te amo, que te adoro, e qu
te quero.

Iris. Queres mais alguma couſa.

Saram. Mais quizera.

Iris

ris. O que?

aram. Que me correſpondeſſes tambem.

ris. Iſſo agora he deſaforo! Naõ teme a Deos hum homem caſado, querer inquietar huma mulher ſolteira? Vá-ſe, antes que o deſengane de outro modo.

aram. Pois ainda ha no Mundo outro modo de deſenganar mais claro do que eſſe?

ris. Pois ouça, ſe naõ o ſabe.

Canta Iris a ſeguinte

A R I A.

Vaite logo rebolindo,
Tu me dizes iſſo a mim!
Tu a mim, a mim, a mim,
Porco, ſujo, bribantaõ?
Eu te juro, Saramago,
Que ſerás em teu eſtrago
O mais perfido aſneiraõ. *Vaiſe.*

aram. Ora eſtou bem aviado! Fujo de hum Tigre, e vou marrar com huma Serpente! Cornucopia com duas caras, ambas ſaõ aborrecidas, e nenhuma cara; e eſta tendo huma ſó, faz mil focinhos! Mas que remedio, ſenaõ ir pouco a pouco careando com carinhos aquella carinha?

SCE-

SCENA VI.

Selva com respaldo de Palacio. Sahem Jupiter e Mercurio.

Merc. ORa, Jupiter, tudo te succede como querias.

Jupit. Mercurio, sendo a idéa tua, po força o successo havia de ser igual.

Merc. E agora que determinas?

Jupit. Hir continuando no mesmo engano que a formosura de Alcmena naõ merece hum só sacrificio, nem o meu amo se contenta com qualquer triunfo.

Merc. Naõ vês, que já chegou Amphitryaõ da guera, e póde Alcmena senti a causa deste enleyo?

Jupit. Para ahi reservo o meu poder.

Merc. E se Juno vier a sabello, como ha de escapar do rigor da sua condiçaõ?

Jupit. Mais póde Jupiter, que Juno; e e farey, com que ella padeça o mesmo engano; pois ella naõ póde, senaõ o qu eu quero, que ella possa.

Sahe Polidaz.

Polid. Anda, Amphitryaõ, que já tardavas, e já te espera o triunfo no Arrayal.

Ju

Jupit. Mercurio, naõ he ſó Alcmena, a que ſe engana comigo.

Merc. Pois agora naõ ha mais remedio, que aceitares o triunfo, que era para Amphitryaõ.

Polid. Anda, Senhor; naõ nos dilatemos.

Jupit. Vamos, Polidaz, a triunfar. Mas que mayor triunfo, que vencer os deſdens de Alcmena! *àp. Vaõ-ſe.*

Sahe Amphitryaõ.

Amph. Naõ he poſſivel encontrar a Polidaz, que aqui ficou de eſperar por mim: na verdade que tardey muito, e por eſſa cauſa ſe reſolveria o triunfo para outro dia: e naõ me peza, de que aſſim ſeja, pois quero primeiro triunfar dos meus zelos, para que completamente me poſſa chamar vitorioſo. Ay, Alcmena, que de ſuſtos me tens cauſado!

SCENA VII.

Sala Senatoria. Sahe Jupiter em hum carr triunfal acompanhado de muitos Soldados cor alabardas, bandeiras arrastadas, e Polida acavallo; e atrás do dito carro hiraõ algun cativos maniatados; e no espaço em que va andando, ao som, e repetiçaõ de tambores, clarins, diraõ repetidas vezes: Viva Amphitryaõ; *e já apeado Jupiter do carro entrará com Mercurio, e Polidaz, e a mai comitiva de Soldados na dita Sala Senatoria, e nella estaráõ sentados Tiresias con outro Senador.*

Merc. NAõ só triunfou Jupiter de Alcmena; mas até do mesmo triunfo de Amphitryaõ fica sendo triunfador. *à part*

Tiref. Vem, esforçado Amphitryaõ, gloria de Thebas, e assombro do Mundo vem, que serás novo simulacro do Templo de Marte, já que hoje lhe tributa tantos bellicos despojos, na celebre victoria, que de nossos inimigos alcançaste.

Jupit. Nada tendes, que me agradecer illustre Senado, pois o servir a Patria he

mai

mais obrigaçaõ, do que fineza. Perdoa, Amphitryaõ, usurparte o laurel; que o amor, e a occasiaõ saõ dous inimigos muito poderosos. *à part.*

Haverá dentro ruido, dizendo todos o seguinte

Matron. Pára, pára, deixa entrar.

Tires. O' lá, que ruido he esse?

Polid. Saõ as Matronas de Thebas, que vem a festejar ao triunfador Amphitryaõ com o seu costumado applauso.

Tires. Dizey, que entrem; que naõ he razaõ as privemos da sua antiga posse, e a nós do gosto de vermos o seu festivo rendimento.

Sahem quatro Ninfas, huma dellas com huma coroa de flores, que porá na cabeça de Jupiter.

Matron. Esforçado Amphitryaõ, eu em nome das Matronas de Thebas te offereço esta grinalda, symbolisando nas suas flores os teus triunfos, e a nossa alegria; pois a beneficio do teu valor vivemos seguros nas delicias de Thebas.

Jupit. As flores dessa grinalda, ò illustres Matronas, na minha estimaçaõ todas seraõ perpetuas.

Merc. E para Amphitryaõ martyrios; pois Jupiter lhe usurpa todas as honras. *àp.*

Dançaõ as Ninfas, e depois diz Tiresias.

Tires. E para que felizmente se coroe Amphi-

phitryaõ, e se complete este triunfo; repeti comigo todos os vivas de Amphitryaõ; sendo eu o primeiro, que principie seu bem merecido louvor.

Canta Tiresias o seguinte

RECITADO.

Repita pois o popular tumulto
Ao som das trompas bellicas de Marte
De Amphitryaõ valẽte o nobre applauso,
Em quanto a Caballina inunda, e rega
Virentes lauros no bicornio monte,
Ou em quanto fecunda a terra cria
Nova gramma immortal para a coroa.

ARIA EM FO'RMA DE CORO.

Tires. A fama canora
Em jubilo alterno
Repita festiva,
Dizendo, que viva,
Tod. Viva, viva Amphitryaõ,
Novo Marte singular.
Tires. E a rama sagrada
Na fronte animada
Adorne sublime,
Felice coroe,
Pois que sabe triunfar
Sempre altivo, e vencedor.
Tod. Viva, viva, Amphitryaõ,
Novo Marte singular.

Fim da primeira parte.

PARTE II.

SCENA I.

Sala. Sabem Juno, e Iris.

Juno. JA' que, disfarçada, me vejo introduzida em caſa de Alcmena, comece o veneno de meus zelos a inficionar a cauſa do meu ciume: chore a innocencia de Alcmena o delicto de Jupiter; porque taõ disfarçado vive na fórma de Amphitryaõ, que nem toda a minha Deidade ſabe diſtinguir qual he o verdadeiro. O' Jupiter, para que me déſte a gloria de ſer tua eſpoſa, ſe me naõ livras deſte inferno de zelos?

Iris. Senhora, de vagar ſe vay ao longe.

Juno. Eu quizera, que foſſe depreſſa, e naõ de vagar, que o meu ciume naõ ſoffre dilações.

Iris. Eu tenho dado em boa traça, para averiguar qual he o verdadeiro Amphitryaõ, ou verdadeiro Jupiter.

Juno. E qual he?

Iris. O criado de caſa, tanto que me vio,

en-

entrou a pertenderme, e eu quero facilitarlhe o ſeu amor, ſó por ver ſe me deſcobre algum veſtigio, por onde poſſamos conhecer a Jupiter.

Juno. Approvo a tua idéa; vay continualla, e naõ te dilates hum inſtante.

Iris. Vou a obedecerte.

Sahe Tireſias.

Tireſ. Venho buſcar a Amphitryaõ, para darlhe os parabens do ſeu triunfo. Mas que véjo! Que novo aſſombro me ſuſpende os ſentidos?

Juno. Já que Tireſias na minha formoſura tanto ſe ſuſpende, elle ſerá o meyo da minha vingança. *à part.*

Tireſ. Ainda naõ ſey determinarme, ſe he mulher ou Deidade!

Juno. De que vos admirais? Que remora vos ſuſpende os paſſos?

Tireſ. Senhora, aſſim como naõ cabem na esfera dos olhos as luzes de tanto Sol, aſſim da meſma ſórte ignoraõ os periodos mais rhetoricos ſignificar a cauſa da minha ſuſpenſaõ.

Juno. Se tanto ſabeis ſentir o affecto deſſa ſuſpenſaõ, porque naõ explicais a cauſa della?

Tireſ. Que mais cauſa póde haver, que admirar em vós huma formoſura tal, que

mais

mais parece divina, do que humana?

uno. Basta, que taõ formosa vos tenho parecido?

ires. E tanto, que já o meu coraçaõ vay sentindo a causa da vossa belleza.

uno. Bem vay para o meu intento. *à part.* Dizei-me, que he o que sente o vosso coraçaõ?

ires. Sente o naõ sentir mais, pois quizera com a vida pagar o delicto de vos adorar.

uno. Pois o adorar he delicto?

ires. Dizem, que amor he huma Deidade taõ inhumana, que até dos mesmos sacrificios se offende.

uno. Por naõ ter a nota de inhumana, naõ quero offenderme de vossos sacrificios.

ires. Pois, Senhora, se elles vos naõ offendem, aceitai-os.

uno. He necessario primeiro averiguar se saõ verdadeiros.

ires. Se a vossa formosura naõ he fabulosa, como póde ser o meu sacrificio fingido?

uno. Porque parece quasi impossivel, que no mesmo instante, em que me vistes, logo me quizesseis, e com tanto extremo, como publicais; e porque a nenhum

nhum tempo ſe diga, que he ſofiſtico o
voſſo rendimento, deveis moſtrarme
como póde ſer inſtantaneo o voſſo amor
Tireſ. Nenhuma duvida póde haver, que
ao meſmo tempo, que vos viſſe, vos
adoraſſe. Vervos, e amarvos tudo foy
ao meſmo tempo, ſem que houveſſe
tempo entre o amarvos, e o vervos. Para a formoſura triunfar, naõ he neceſſario tempo, ſobraõ inſtantes. O tempo
arruina os edificios, e a formoſura ſem
tempo erige as aras para o ſeu culto.
pois a todo o tempo ſabe vencer; por iſſo ſe pinta o amor com azas, pela ligeireza, com que fere os corações; por iſſo ſe pinta cego, porque cegou, depois
que vio a formoſura. Como, para ſer
amor, naõ neceſſita de viſta, vendou os
olhos, para naõ ver mais; pois baſtava
huma ſó inſpecçaõ, para cegar de amor.
Em fim, Senhora, ſe o amor creſcera
com o tempo, naõ fora menino, fora gigante.
Juno. Baſta, já ſey, que póde ſer verdadeiro o voſſo amor.
Tireſ. E pois o abonais de verdadeiro, fazey com que ſeja venturoſo.
Juno. E que dereis vós para conſeguir eſſa
ventura?

Ti-

ires. Dera-vos o que já vos tenho dado.

uno. Ignoro o que me déstes.

ires. Deivos a alma; já naõ tenho mais que darvos.

uno. Eu a aceito. Como naõ ignorais, que o amor he guerra dos coraçoes; para nella triunfares, haveis primeiro capitular comigo algumas proposiçoes.

ires. Dizey, Senhora, que já toda a minha vontade tenho transferida aos imperios do vosso preceito.

uno. Pois attendeime: Eu sou Flerida infeliz Princeza de Teleba, que disfarçada vivo aqui com o nome de Felisarda. Já sabeis como Amphitryaõ matou a meu Pay ElRey Teréla. (Verey se com este engano logro o meu intento. *à part.*) Morto assim meu pay, para vingarme deste barbaro homicida, vim à sua propria casa, para que assim mais facilmente pudesse executar a minha vingança, que procuro; e quando cuidey, que só Amphitryaõ era o que me offendia, acho, que tambem Alcmena necessita de castigo, pois naõ ha instante, em que naõ desperte as frias cinzas do cadaver de meu pay com affrontas; de sórte, que se Amphitryaõ lhe tyranizou a vida, Alcmena tambem se arma homicida de sua me-

memoria: hum o offendeo de preſente, e Alcmena lhe infama a poſteridade; e vos confeſſo, que de tal ſórte me tenho enfurecido, que ſó para vingarme deſtas injurias dera, ò Tireſias, o ſangue das veyas.

Tireſ. Pois vede que quereis que faça neſte caſo?

Juno. Quero que buſqueis modo de caſtigar a Alcmena, pois ſey que ſois o ſupremo Miniſtro deſta Republica; advertindo, que à minha conta fica o vingarme de Amphitryaõ. Já ſabeis, que ſou Princeza hereditaria de Teleba; já ſabeis, que admitto o voſſo amor. Eſpoſa, e Reyno tereis, ſe vingais minhas injurias.

Tireſ. Naõ pela cubiça de reinar, mas pela fortuna de ſer voſſo eſpoſo, me exporey a todo o riſco; proteſtando caſtigar a cauſa da voſſa offenſa.

Juno. Pois, Tireſias, naõ te acobardes.

Tireſ. Naõ ſe acobarda hum amor valente: porém ignoro o motivo, porque haja de caſtigar a Alcmena, cujo louvavel procedimento vive iſento do rigor das leys.

Juno. O tempo nos dará occaſiaõ para a vingança. Adverte, que tens poder, e

que

que tens amor; e vê agora, quem poderá isentarse de hum poderoso amor?
Vai-se.

Tiref. Oh Deoses soberanos; e que de cousas em hum instante tenho passado! Vi, e amey; rendi-me a huma formosura celestial, e prometti castigar a huma innocente! Mas quem se póde livrar do labyrintho de amor, pois o mesmo fio, que se inventou para o acerto, he o mayor embaraço para a confusaõ? Porém se Alcmena pelas virtudes merece premio, como posso eu prometerlhe castigos? Mas se hey de conseguir a delicia de Flerida, e a investidura de Rey, em que reparo?

Canta Tiresias a seguinte

A R I A.

He tal a esperança
N'um peito amoroso,
Que o bem duvidoso
Alentos lhe dá.
Se em duvida o gosto,
Suspende o gemido,
Hum bem possuido
Que gloria será! *Vai-se.*

SCENA II.

Sala. Sahe Saramago.

Saram. BAtido de zelos, e combatido de amor ſe conſidera eſte pobre Saramago na preſente conjunctura. Cornucopia com dous Saramagos, e Corriola ſem nenhum! Pois naõ ha de ſer aſſim. Porém ella cá vem; quero fingir-me mais amante, fazendo, que a naõ vejo. Ay Corriola deſta alma, compadece-te de hum pobre Saramago, a quem a ardente canicula de teus repudios ſécca, e murcha a verde medúlla de ſua eſperança: ay, que me abraſo! Agua para tanto fogo!

Sahe Iris.

Iris. Que he iſſo, Senhor Saramago? Agua vay com tanto fogo!

Saram. Ay! Deixa-me, Corriola, que tu es a cauſa deſte mal, que padeço.

Sahe Cornucopia ao baſtidor.

Cornuc. Ay! Que he aquillo, que vejo? Saramago, e a noſſa hoſpeda cochichando ſó, por ſó! Ouçamos o que ſerá.

Saram. Corriola, iſto naõ he hum homem, que vio outro, ſou eu meſmo, que te amo

amo até naõ mais.

ris. Todos aſſim dizem, quando querem pertender.

aram. Se todos aſſim dizem, que farey eu, que tenho em mim o amor de todos?

ris. Olha, ainda que eu queira amarte, por Cornucopia o naõ faço.

aram. Que ſe me dá a mim de Cornucopia? Naõ mo merece ella tanto.

Sahe Cornucopia.

ornuc. Agora iſſo he deſaforo! O' minha menina, *occulum ruorum.* Faça-me favor de naõ inquietar os homens caſados, que eſtaõ em ſuas caſas. Ora o certo he, que *a caſa trae el hombre, com que llore.*

ris. Eu naõ mereço iſſo a voſſa merce, porque ſou muito ſua veneradora.

ornuc. Vá, vá ſervir a ſua ama, e deixeme o meu marido.

ris. Temo, que eſta velha ſeja o eſtorvo da minha pertençaõ. *à part. Vai-ſe.*

ornuc. E voſſê, Senhor Saramago, tambem como gente namora com eſſa cara?

aram. E voſſê, Senhora Cornucopia, tambem como gente quer ſer zeloſa com duas caras?

ornuc. Pois cuidava, que eu naõ havia de ver o que voſſê faz?

aram. Que? Tu tens razaõ para ter zelos

los de mim, ſe eu naõ ſou teu marid
Saramago, ſenaõ aquelle, que cá eſt
ve, a quem deſte de comer, e de be
ber?

Cornuc. Naõ ſejas tonto; naõ queiras co
eſſe deſaforo encobrir a tua pouca ve
gonha.

Saram. Com que voſſê quer eſtar comen
do Saramagos, a dous carrilhos, e Co
riola, que fique em jejum?

Cornuc. Se naõ viera alli a Senhora Alcm
na, eu te reſpondera melhor.

Sahe Alcmena.

Alcmen. Que intentaſſe Amphitryaõ pe
ſuadirme, que elle naõ era o proprio
que comigo eſteve! Sem duvida, que
ſaber de certo, que fallava de veras, pe
dera os meus ſentidos, e tambem a pa
ciencia.

Cornuc. Senhora, iſſo ſe naõ mete em ca
beça de mulher: quem duvída, que
Senhor Amphitryaõ vinha amaſſado co
eſte magano de meu marido, para n
fazerem doudas?

Alcmen. Tambem tu me queres fazer de
eſperar?

Saram. Os deſeſperados ſomos nós; po
que viemos ſem ſer eſperados.

Cornuc. Cala-te, embuſteiro.

Alc

Alcmen. Ay, cala-te, perro.

Saram. A isto he que se chama sobre afronta, aperreaçaõ.

Sahem Jupiter, e Mercurio ao bastidor, aquelle na fórma de Amphitryaõ, e este na de Saramago.

Merc. Jupiter, adverte, que Amphitryaõ já veyo, e agora he necessario mayor industria, para fingir, e desfazer o que fez Amphitryaõ.

Jupit. Se sabes, Mercurio, que sou Jupiter, para que me encomendas isso? Vaite para essoutra salla, e impede, que naõ entre Amphitryaõ.

Merc. Eu te obedeço. *Vai-se.*

Jupit. Querida Alcmena, parece-me, que tu estás mal comigo.

Alcmen. Ingrato esposo, cruel Amphitryaõ, para que me dás agora o nome de querida, se taõ enfurecido te ausentaste de mim, querendo affirmar, que naõ eras tu, o que tinhas estado comigo? Que termos saõ agora estes taõ differentes?

Jupit. Foy preciso ao meu amor, dizerte, que naõ era eu.

Alcmen. Pois para que fim?

Jupit. Só para que te irritasses comigo, para que ao depois podessemos entre nós fazer as pazes; porque o amor he como a

Fe-

Fenix, que para renaſcer mais bello
he preciſo, que de quando em quand
ſe abraze nas chammas de hum arrufo.

Cornuc. Naõ o diſſe eu, Senhora? Voſſ
merce naõ quer acabar de entender, qu
eu tenho meus laivos de feiticeira? Me
Senhor Amphitryaõ, eu ſempre dizia
que voſſa merce eſtava zombando.

Para Amph

Alcmen. Daquella ſórte naõ ſe coſtum
zombar.

Cornuc. Tinha bem que ver, que era zom
baria. Voſſa merce naõ vio, que o Se
nhor Amphitryaõ eſtava piſcando o
olhos?

Jupit. Vês, Alcmena, como Cornucopi
logo penetrou a minha idéa? Pois dize
me: quem havia de ſer, ſenaõ eu?

Saram. Agora iſſo he mais comprido
Com que voſſa merce, Senhor, diz
que eſteve cá primeiro, do que aquelle
que cá eſteve?

Jupit. Cala-te louco, que eu fuy o meſ
mo, que eſtive cá.

Saram. E quem foy o que trouxe à Se
nhora Alcmena a joya, que eu tinha n
algibeira.

Jupit. Fuy eu, que ta tirey, ſem tu ſen
tires.

Sa

Saram. Pois para que me fez ſentir tantos murros, quantos me deu pela joya?

Jupit. Se eu queria fingir, tudo iſſo havia eu de fazer.

Saram. Tudo iſſo eſtá muito bem: mas digame, quem era aquelloutro eu, que cá eſteve primeiro, do que eu vieſſe?

Cornuc. Eis-aqui, Senhor, a teima, que tem tomado eſte magano de meu marido, dizendo, que tambem elle cá naõ eſteve; e naõ ha quem lhe tire iſſo da cabeça.

Saram. Ay, filha, que da cabeça ninguem póde tirarme, o que nella ſe me meteo.

Cornuc. Ainda teima?

Saram. Ainda teimo, e reteimo; juro, e rejuro; digo, e redigo, que eu, antes de cá vir, já cá eſtava; e quando eu cuidey, que era ſingular, me achey poſto no plural; de ſórte, que ſendo eu muito apenas hum, agora para mais penas me vejo partido em dous.

Jupit. Calate, que naõ ſabes o que dizes; anda, vaite, e dize a Polidaz, que me venha fallar, que importa.

Saram. Eu vou; mas queira Jupiter, que tu te deſenganes. *Vai-ſe.*

Jupit. Ora, Alcmena, baſta de enfados; anda já a meus braços.

Alcmen. Naõ te canſes, que naõ quero e[illegible] poſo, que com aſtucias fingidas ver[illegible] averiguar a minha honeſtidade.

Jupit. Eſtou perdido! Alcmena, te enga[illegible] nas, que iſſo naõ foy para experimen[illegible] tarte.

Alcmen. Naõ queiras agora remediar con[illegible] taõ frivolas deſculpas o teu delicto, e [illegible] tua grande imprudencia.

Cornuc. A verdade he, Senhor, que voſſ[illegible] merce eſcandaliſou muito a Senhora mi[illegible] nha ama; arrenego eu de quem taõ bem ſabe fingir! Em fim, lá ſe avenhaõ [illegible] que eu aqui naõ ſou pega, nem gaviaõ [illegible]

Vai-ſe

Sahe Juno ao baſtidor.

Juno. Se ſerá eſte Jupiter, que ſegund[illegible] vez repete a ſua fineza, e a minha of-fenſa? Mas ſe elle, como Deidade, ſa-be enganar os meus olhos; eu, que tam-bem logro a meſma prerogativa, uſa-rey do meſmo engano. Alcmena, os Deoſes te guardem. *Sahe.*

Alcmen. Vem, Feliſarda, embora, a ſer[illegible] teſtemunha de que Amphitryaõ diz ſer[illegible] zombaria, quanto affirmou eſta manhã [illegible] naõ ſer o proprio.

Juno. Jupiter he ſem duvida, que virá a[illegible] desfazer, o que fez Amphitryaõ. *à p.*

Alc-

Alcmen. Que te parece, Felisarda, aquelles enfados, e esta confissaõ?

Juno. Isso póde ser? Já se desdiz, do que com tantas veras affirmou? Certamente, que se fora comigo, nunca mais eu o tornaria a ver; pois deu a entender naõ menos, que violavas a sua fé.

Alcmen. Isso he o que mais me escandaliza, Felisarda.

Jupit. Naõ he justo, Senhora Felisarda, que tambem vos ponhais da parte da minha desgraça.

Juno. Ah traidor! *à part.*

Jupit. E assim vos peço, Senhora, que intercedais com Alcmena, para que me perdoe; que só a fim de alcançar o perdaõ, quero já confessarme culpado.

Juno. Ainda isso me faltava! Pedirme, que dê armas contra mim! *à part.*

Jupit. Só vós podereis acabar com Alcmena, que acabe o rigor para comigo.

Juno. Naõ sejais importuno, que o vosso delicto nenhum perdaõ merece; pois eu naõ sendo Alcmena, a quem offendestes, de sórte me tendes escandalizada, que a ser possivel vos desterrara daqui, para naõ seres mais visto.

Alcmen. Bem hajas, Felisarda, que sentes as minhas offensas, como propriamente tuas.

Canta Jupiter a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Já que em tanto tormento naõ alcanço
Alivio, neſte apocrifo delicto
A quem recorrerey, miſero amante?
A quem recorrerrey? A quem, Alcmena,
Senaõ ao puro archivo de meu peito,
Onde os extremos meus, e os meus ſuſpiros
Finalmente exhalados
Poderáõ commover as duras penhas,
E os aſperos rochedos?
Que talvez neſſa barbara aſpereza,
Ache menos rigor, menos dureza.

ARIA.

Pois, tyranna, naõ te abranda
De meu peito a amarga pena,
Dize, ingrata, eſquiva Alcmena,
Que farey por te abrandar?
A teu idolo adorado
Meu affecto já proſtrado
Toda a victima de huma alma
Sacrifica em teu altar.

Alcmen. Baſta, Amphitryaõ, que já compadecida te perdoo; pois ſey, que todos os teus erros naſcem de amor.

Jupit. Folgo, que os conheças; vamos, Alcmena. *Vaõ-ſe.*

Juno. Eſpera: aonde vás, traidor eſpoſo? Mas ay de mim, que ſó vim a ſer teſtemunha

munha de meus zelos! Oh quem ſe podera declarar agora! Mas ſe me declaro, temo, que Jupiter irado intente outros abſurdos mayores; pois vingarmehey diſſimulando a dor, para publicar o eſtrago. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Ante-Sala. Sahe Mercurio.

Merc. NAõ ſey já quando Jupiter ha de pôr fim a eſtes amores de Alcmena, pois lembra-me, que nunca taes extremos fez por Europa, Danae, e Leda! Sem duvida eſta lhe cahio mais em graça!

Sahe Amphitriaõ.

Amph. Quererme perſuadir Alcmena, que eſtive com ella, antes de eu cá chegar, ou he grande malicia, ou grande ſimplicidade; e ſe naõ he nada diſto, naõ ſey o que poſſa ſer!

Merc. Aonde vay voſſa merce? Quem buſca neſta caſa?

Amph. Saramago naõ me conheces? Eſtás louco?

Merc. Pois eu eſtou obrigado a conhecer todo o genero humano?

Amph.

Amph. Naõ conheces a teu amo? Que d
propoſito he eſſe?

Merc. Eu naõ conheço por meu amo
naõ ao Senhor Amphitryaõ.

Amph. Pois quem ſou eu?

Merc. Eu ſey quem he, nem quem dev
ſer? Que me importa a mim iſſo?

Amph. Ha criado mais deſatorado no mu
do! Guarda-te dahi, deixa-me entrar

Merc. Que quer dizer entrar? Aſſim ſe e
tra na caſa alheya?

Amph. Homem, tu naõ ſabes quem eu ſou

Merc. Pois quem he voſſa merçe? Dig
como ſe chama?

Amph. O' atrevido, tu zombas?

Merc. Oh, chama-ſe atrevido? Pois fique
ſe embora com o ſeu atrevimento, qu
naõ ha licença para cá entrar. *Vai-ſ*

Amph. Eſpera, inſolente; mas elle fecho
a porta: quem ſe vio em mayor confu
ſaõ; pois até o meu proprio criado m
deſconhece!

Sahem Saramago, e Polidaz.

Amph. Eſperem, que elle torna a voltar
anda cá, velhaco, que eu te enſinarey
como has de fallar com teu amo. *Dá-lhe*

Saram. A que delRey, Senhor, porque
me dá voſſa merce?

Amph. Ainda me perguntas, porque te
dou?

dou? Toma, velhaco. *Dá-lhe.*
ram. Isso he hum toma com dous te darey: Senhor Polidaz, acuda-me, senaõ hoje se acaba aqui a semente dos Saramagos.
lid. Tende maõ, Amphitryaõ.
ram. Naõ lhe diga, que tenha maõ; que isso tem elle a desancar.
lid. Porque causa castigais a Saramago?
nph. Polidaz, perdoaime, que cego da paixaõ naõ reparey, que estaveis aqui.
lid. Pois que vos fez Saramago?
nph. Eu naõ me atrevo a dizello; quero, que elle mesmo volo diga.
lid. Saramago, que fizeste a teu amo?
ram. Meu amo, que lhe fiz eu?
lid. A ti he, que eu to pergunto; dize.
ram. Senhor Polidrálho, eu naõ me lembro, que lhe fizesse cousa alguma.
nph. Isto me desespera: Já te naõ lembra? Pois leva, para que te lembres. *Dá-lhe.*
aram. A darlhe, a darlhe outra vez; ora bata, senaõ olhe que hey de resistir à justiça.
olid. Ora saibamos já, que caso he este?
mph. Que ha de ser, Polidaz? Chegar agora aqui, e este magano impedirme a entrada da porta, e darme com ella nos na-

rizes, depois de me reſponder varias liberdades.

Saram. E quando foy iſſo?

Amph. Agora, agora neſte inſtante; já te eſquece?

Polid. Eſperay, que iſſo naõ póde ſer, porque Saramago veyo comigo de minha caſa, aonde me foy chamar da voſſa parte.

Amph. Eu por ventura mandey chamar a Polidaz?

Saram. Uy, Senhor, voſſa merce naõ ſe lembra, quando eſtava com a Senhora Alcmena, naõ haverá elle hum quanto de hora? E por ſinal que eſtava ella muito agaſtada com voſſa merce, porque voſſa merce negou, que voſſa merce eſtivera com ella; e tanto aſſim, que voſſa merce proſtrado, e rendido, lhe pedio mil perdões.

Amph. Callate, Saramago, que naõ quero ainda fazer patente a minha afronta, ſem averigualla primeiro. (Aſſim evitarey, que eſte criado a patentee aqui. *à part.*) Polidaz, ide-vos, que por ora vos naõ poſſo fallar; eu vos aviſarey, quando ha de ſer.

Saram. Eſcute, eſcute, e por ſinal que voſſa merce eſtava com a Senhora. . .

Amph.

mph. Calte, calte, Saramago, que importa assim. Polidaz, ide-vos, que em outra hora será.

olid. Deos vos guarde. Amphitryaõ parece, que tem alguma grande pena, pois que taõ afflicto está; se he o que eu cuido, razaõ tem. *à part. Vai-se.*

'mph. Com que esse, que lá estava, mandou por ti chamar a Polidaz?

iram. Naõ lho disse já huma vez?

'mph. E parecia-se comigo?

iram. Pois vossa merce naõ se ha de parecer comsigo?

'mph. Saramago, affirmo-te, que naõ fuy eu, o que lá esteve.

aram. Como naõ, Senhor, se eu o vi com estes olhos ramelosos?

'mph. Estarás allucinado.

aram. Senhor Amphitryaõ, o que lhe digo he, que trate de se despicar, já que se acha taõ bem armado.

Amph. Por certo que me naõ faltaõ brios, e armas.

aram. Sim, Senhor, brios, armas, e armações, naõ nos faltaõ.

Amph. Porém, em que me detenho, que naõ vou já castigar a causa de minha offensa?

aram. Naõ póde ser que a porta está trancada. *Amph.*

Amph. Arrombarey a porta, ainda que ſeja de bronze; ajuda-me, Saramago.

Saram. Metamos a porta dentro, e vá pela porta fóra eſte magano : vamos, Senhor, a inveſtir eſtes inimigos da noſſa honra. Leve voſſa merce a ponta direita do exercito, como mais valente, que eu levarey a eſquerda : toque, pois, a inveſtir o clarim do deſpique : *ſtrepuere cornua cantu.*

Amph. Lá vay a porta dentro.

Saram. Lá vay o couce da porta com hum couce de Saramago.

Fazem eſtrondo, e ſahe Jupiter.

Jupit. Quem he o atrevido, que ouza a fazer taõ grande eſtrondo na minha caſa? Mas que vejo! Eſte he Amphitryaõ! *à part.*

Amph. Que he o que eſtou vendo! Outro eu aqui!

Jupit. Toda a minha divindade parece, que titubea irreſoluta no que ha de fazer. *à part.*

Amph. He caſo fóra da ordem natural, eſtar eu vendo outro Amphitryaõ taõ ſemelhante a mim!

Saram. Ficaraõ paſmadinhos, olhando hum para o outro; e com razaõ, que o caſo he para paſmar,

Ju-

upit. Que te admira? Que te fuſpende? Se eſtás acaſo arrependido deſſa deſattençaõ, que em minha caſa fizeſte, eu te perdoo, pois ſem duvida erraſte a porta.

Amph. Barbaro, inſolente, naõ he paſmo eſta ſuſpenſaõ, he ſim admirar o teu inſulto, e excogitar hum novo caſtigo a tanta temeridade.

aram. Eſperem, Senhores Amphitryões; antes que ſe matem hum ao outro, deixem-me chamar quem os aparte: O' lá de dentro, venhaõ a aparar o ſangue, que ſe mataõ dous novilhos.

Sahe *Alcmena.*

Alcmen. Que alboroto he eſte, Amphitryaõ?

Amph. Com quem fallas, tyranna, e fementida traidora?

Alcmen. Meu eſpoſo, meu bem, que te fiz eu!

Jupit. Que he iſſo, Alcmena? Tu tens outro eſpoſo ſenaõ eu?

Alcmen. Agora reparo; que he o que vejo!

Amph. Que vês, tyranna?

Jupit. Que vês, aleivoſa?

Alcmen. Suſpendey a ira, que ſem razaõ me criminas; pois confuſa entre tanto enleyo, naõ ſey diſtinguir, qual de vós

he

he o verdadeiro Amphitryaõ; e assim para que naõ chegue a offender a quem por obrigaçaõ devo amar, vos rogo me digais, qual de vós he o meu esposo?
Jupit. e Amph. Sou eu.
Alcmen. Ambos, como póde ser?
Jupit. e Amph. Naõ, Alcmena, sou eu só.
Alcmen. Se ambos affirmais, que o sois, venho a entender, que nenhum de vós he meu esposo.
Saram. Essa he a verdade, Senhora Alcmena, que nunca se vio huma galinha para dous gallos.

Sahem Juno, e Iris.

Juno. Alcmena, venho a concluir a minha historia.... Mas ay de mim! Que vejo! Jupiter, e Amphitryaõ saõ estes; porém taõ parecidos, que os naõ sey distinguir. *à part.*
Alcmen. Felisarda com justa causa te admira, se bem que huma só admiraçaõ naõ basta para este taõ extraordinario caso.
Iris. A' vista desta confusaõ bem podemos desmayar na nossa empreza.
Amph. Quem se vio em mayor labyrintho!
Juno. Quem se vio em mayor consternaçaõ.

Sahe Cornucopia.

Cornuc. Estará aqui o Senhor Amphitryaõ?

Ju-

Jupit. e Amph. Que quereis?

Cornuc. Uy! Que he isto? A que delRey; isto he feitiçaria!

Saram. Cala-te tolla; eis aqui como me acho eu *verbis illis*.

Cornuc. Que he isto, Senhora, que vejo? Dous Amphitryões naõ menos?

Saram. Has de dizer dous maridos naõ mais?

Jupit. Alcmena, vamos para dentro, que eu prometto castigar esse fingido traidor.

Amph. O que eu hey de dizer, dizes tu? Tu he que es o fingido, e traidor.

Jupit. Está bem; anda Alcmena.

Amph. Alcmena, anda comigo, que o teu esposo sou eu.

Saram. Parece-me isto o jogo do arreburrinho. *à part.*

Jupit. e Amph. Vamos, Alcmena.

Cada hum pelo seu braço ao lado puchando por Alcmena.

Alcmen. Justos Deoses, quem se vio em mayor confusaõ!

Jupit. Ainda recusas ir comigo?

Amph. Ainda resistes a acompanharme?

Alcmen. Eu naõ posso ser de dous ao mesmo tempo.

Saram. Partilla em dous pedaços, e cada

hum

hum leve o ſeu taçalho.

Amph. Alcmena ha de vir comigo a peza de toda a reſiſtencia.

J*upit.* Tu te atreves a reſiſtirme? Vem Alcmena.

Alcmen. Feliſarda, que farey neſte caſo?

J*uno.* Eu to digo. Já que eſtes Senhores ambos dizem, que ſaõ teus eſpoſos, o que naõ póde ſer, ſenaõ hum ſó; neſte caſo, por naõ fazer equivoca a eleiçaõ, a ambos deſprezara, até ver qual delles he o verdadeiro Amphitryaõ.

Cornuc. Deu no trinco a Senhora Feliſarda.

Amph. Pois, Alcmena, que determinas?

Alcmen. Eu naõ hey de ſeguir a nenhum, porque nenhum ſe offenda.

Amph. Logo tu, tyranna, cres que eu naõ ſou o verdadeiro Amphitryaõ?

J*upit.* Logo tu, inimiga, te perſuades, que o verdadeiro Amphitryaõ naõ ſou eu?

Alcmen. Porque ambos dizeis, que ſois verdadeiros, por iſſo algum de vós ha de ſer fingido.

J*upit. e Amph.* O fingido he eſte. *Aponta hum para o outro.*

J*uno.* Alcmena, faze o que te digo, e deixa eſſes loucos.

Amph.

Amph. Efperay, que logo moftrarey qual he o verdadeiro Amphitryaõ.

Alcmen. De que fórte?

Amph. Matando a efte traidor.

Saram. Iffo he, que com a morte tudo fe acaba.

Jupit. Se me pertendes matar, naõ feja aqui dentro de cafa; vamos para fóra, e lá verás como caftigo a tua infolencia.

Amph. A minha colera naõ efpera por dilações; aqui mefmo ha de fer o teu caftigo, para que fe banhe o rofto de Alcmena com os falpicos de teu fangue.

Saram. Tomara ella mais effa untura na cara.

Jupit. Já te entendo: queres brigar dentro de cafa, para que te acudaõ as mulheres? Pois naõ ha de fer affim.

Cantaõ Jupiter, *Amphitryaõ*, *Alcmena*, *e Saramago*, *e ao mefmo tempo*, *puxando pelas efpadas*, *briga Amphitryaõ com* Jupiter, *e Alcmena cantando procura juntamente apartallos.*

ARIA A 4.

Jupit. Traidor fementido,
Teu jufto caftigo
Naõ bufques na cafa,
No campo o verás.

Amph.

Amph. Traidor inimigo,
No campo, e na caſa
Teu juſto caſtigo
Cobarde acharás.

Saram. Armou-ſe a pendencia?
Pois eu neſte canto
Me quero agachar.

Alcmen. Eſpoſo, ſuſpende
Teu impio furor. *Para Amph.*

Amph. Aparta, inhumana.

Jupit. Que dizes, tyranna?

Alcmen. Eſpoſo, ſuſpende
Teu impio furor. *Para Jupit.*

Saram. O demo da tolla
Só ſabe dizer:
Eſpoſo, ſuſpende
Teu impio furor. } *Em falſete.*

Amph. e Jup. Traidor fementido,

Amph. Na caſa

Jupit. No campo,

Amph. e Jup. Teu juſto caſtigo
Cobarde acharás.

Amph. Vem a ver o teu eſtrago.

Jupit. Vem a ver o meu impulſo.

Saram. Eu por mim já eſtou ſem pulſo.

Alcmen. Contra mim voltay a ira;
Porque quem afflicta expira
Já naõ teme de acabar.

Deſmaya Alcmena nos braços de Juno.

Cor-

Cornuc. Ay, que se desmayou a Senhora Alcmena! Eis-aqui o que vossas merces fizeraõ com os seus desafios.

Jupit. Desmayou-se Alcmena!

Amph. Alcmena com desmayo!

Cornuc. Sim, Senhores, e com hum desmayo bem grande.

Saram. Naõ se assustem, que naõ he cousa de cuidado, he hum desmayo accidental.

Jupit. Felisarda, em quanto vou buscarlhe o remedio, tem cuidado na saude de Alcmena. *Vai-se.*

Amph. Até essa piedade me offende: espera, traidor, aleivoso, que ainda que fique Alcmena nos ultimos parocismos da vida, hey de seguirte; pois primeiro está a minha vingança. *Vai-se.*

Saram. Senhora Felisarda, naõ consinta, que a Senhora Alcmena torne a si do desmayo, que eu lhe vou buscar hum remedio, para tornar a si.

Cornuc. Que remedio he, Saramago?

Saram. He agua de flor de sabugo, que meu amo agora destilou pelo lambique da tésta. *Vai-se.*

Juno. Que haja eu de ser compassiva por força com quem me offende! Oh que ventura seria a minha, se tu, Alcmena, des-

desse letargo nunca tornasses! *à part.*

Iris Se te cahio nas mãos, quem te offende, vinga-te agora.

Juno. Ha de ser mais patente a minha vingança.

Cornuc. Olhem, que está bem metida no desmayo! Ah Senhora? Qual! Eu cuido, que ella está morta.

Juno. Naõ fora essa a minha ventura. *à p.*

Cornuc. O' minha Senhora? O' minha menina?

Alcmen. Ay de mim infeliz!

Cornuc. Alviçaras, que já tornou a si.

Juno. Ay de mim infeliz tambem; pois quando tu tornas de hum desmayo, eu entro em outro! *à part.*

Alcmen. Felisarda, Cornucopia, que he isto? Aonde estou eu?

Cornuc. Estás neste Mundo, podendo estar no outro.

Alcmen. Em que parou o desafio desses dous Amphitryões?

Juno Foraõ-se, vendo-te desmayada.

Alcmen. E sabes se hiriaõ a proseguir o desafio?

Juno. Ainda te dá cuidado a vida de dous aleivosos?

Alcmen. Naõ vês, que sempre hum delles ha de ser verdadeiro, e por isso sempr in

intereſſo na vida de hum delles?

Cornuc. Deixemos iſſo, Senhora, que eu confio em Jupiter, que elle ha de aclarar eſte enigma; e agora, que eſtamos ſós, era razaõ, que a Senhora Feliſarda acabaſſe a hiſtoria da ſua peregrinaçaõ, que eſtou rebentando para verlhe o fim.

Alcmen. Será em outra occaſiaõ, que por ora naõ quero ſaber mais de penas, que à viſta deſta hiſtoria da minha vida nenhuma outra póde competir.

Cornuc Ay, Senhora, deixe-a contar, que já lhe faltava pouco; e por final, que ficou a hiſtoria onde dizia: hum mancebo muito juvenil.

Alcmen. Naõ faltará tempo para iſſo. O', Deoſes, quando teraõ fim os meus males? *Vai-ſe.*

Juno. Vaite, tyranna, occaſiaõ de minhas penas, que eu te juro, que os teus males naõ teraõ fim, por mais que o queiraõ os Deoſes. *Vai-ſe.*

Iris. Se Jupiter a defende, ſeraõ baldados os teus intentos. *Vai-ſe.*

Cornuc. Pois tinha tal vontade de ſaber o fim da hiſtoria deſta mulher, que ſe eu eſtava prenhe, naõ deixava de mover q́ a meu ver ha de ſer galante hiſtoria; porque a tal mulher he muito perliquiteta, e muito en-

tremetida; de ſórte, que naõ havendo hum dia, que eſtá neſta caſa, já nos quer governar, e com tudo ſe quer meter.

Sahe Mercurio.

Merc. Venho com cuidado, ſe ſe encontraria Jupiter com Amphitryaõ, que ſeria hum encontro muy deſgraçado; porém peyor encontro he o meu com eſta velha; tomara-me ir, ſem que ella me veja. *à part.*

Cornuc. Aonde vás, Saramago? De quem foges? De quem te eſcondes?

Merc. Peſcou-me, naõ tem remedio.

Sahe Saramago ao baſtidor

Saram. Agora me ordena hum de meus amos, que venha ſaber, ſe Alcmena tornou do deſmayo; porém máoxas, que eu torne com a repoſta: Mas eſperem voſſês, que lá vejo outro Saramago, naſcido na minha horta; mas eu lhe arrancarey as raizes.

Cornuc. Dize-me: porque fugias de mim? Que mal te tenho eu feito? Aſſim pagas o meu amor?

Saram. Ay, que a mulher faz venda do ſeu amor, pois quer que lho paguem.

Merc. Naõ ſejas deſconfiada; que ſe eu te naõ quizer, quem te ha de querer com eſſa cara?

Cor-

Cornuc. Uy! De veras? Com que esta cara já tem bichos?

Merc. Pelo, que ella me fede, cuido que já tem bichos, e varejas.

Saram. Tambem a mim já isto me vay cheirando muito mal.

Cornuc. Tomara, que me dissesses, porque razaõ foges de mim, ao mesmo tempo que eu por ti morro?

Saram. Calte, que tu morrerás de verdade.

Merc. Cornucopia, já naõ te posso aturar os teus despropositos; que te faço eu mulher?

Cornuc. Pois naõ he desamor o ver, que entre tantos despojos da campanha, naõ achaste para trazerme alguma joya prima comirmã daquella, que o Senhor Amphitryaõ trouxe?

Merc. Naõ te desconsoles, que alguma cousa trago para ti da campanha.

Cornuc. Que me trazes da guerra?

Merc. Trago-te huma balla,

Cornuc. Só isso me podias tu trazer.

Merc. Naõ cuides, que isto de balla he cousa de pessa.

Saram. Traga-lhe huma joya de pedras cornolinas.

Cornuc. Só te digo, que naõ dá quem tem, senaõ quem quer bem.

Merc.

Merc. Quem naõ tem, naõ póde dar; e quem quer bem dá abraços; e assim se queres hum, toma-o depressa.
Cornuc. Aceito, por naõ ser descortez.
Saram. Agora isso he mais comprido. *Sabe.* Guarde os seus abraços, que para isso estou eu.
Cornuc. Que diabo he isto! Outro Saramago?
Saram. Sim, Senhora; outro Saramago; mas eu naõ sou outro, senaõ ess'outro, que ahi está ness'outra tua ilharga.
Merc. Vossê he tollo? Diz-me, que sou outro! Naõ sabe, que outro he burro?
Saram. Naõ me volte os sentidos da oraçaõ; o que digo he, ser cousa escandalosa dar vossa merce abraços em minha mulher.
Merc. Qual mulher?
Saram. Esta, que aqui está; naõ a enxerga?
Merc. Enxerga he parenta da albarda; albarda he cousa de burro; e veyo-me a chamar outra vez burro.
Saram. Senhor meu, enxerga he cousa de palha, e eu entendo, que vossa merce quer empalhar este negocio a minha mulher.
Merc. Pois isto he mulher?

Sa

Saram. Diz ella, que ſim: O' mulher, deſengana a eſte Senhor; dize, tu naõ es mulher?

Cornuc. Para ſervir a voſſas merces.

Merc. Pois eu atéqui cuidey, que era homem.

Saram. He boa caſta de homem, huma mulher deſta caſta.

Cornuc. Senhores, eu deſde que naſci até o preſente ſempre fuy mulher; e daqui para diante naõ ſey o que virey a ſer; que quem eſtá neſte Mundo, naõ póde dizer deſta agua naõ beberey; e pois já ſabeis, que eu ſou mulher, tomara, que me diſſeſſeis, qual de vós he o meu homem?

Merc. O' infame, duvídas, que eu ſeja o teu marido?

Cornuc. Na verdade, que aquelle tanto ſe parece comtigo, que eu naõ ſey qual he o verdadeiro.

Saram. Eu devia naſcer com o meſmo fadario de Amphitryaõ.

Merc. Agora me lembra: tu naõ es aquelle, que eſta madrugada ficaſte comigo de ſer couſa nenhuma? Pois como agora te fazes Saramago?

Saram. Eu, ainda que me faço Saramago, naõ me contrafaço.

Merc. Naõ queres acabar de crer, que es hum ninguem?

Sa-

Saram. Se eu ſou ninguem, logo ſou alguma couſa?

Merc. Alguma couſa es, porém es huma couſa poſtiça, e fingida.

Saram. Ora, Senhor, diga-me por vida ſua, pois voſſa merce he Saramago?

Merc. Naõ te convence eſta fôrma, e eſta figura?

Saram. E a voſſa merce naõ o convence tambem eſta figura, e eſte bonecro?

Cornuc. O caſo he, que ſaõ bem ſemelhantes.

Merc. Logo ſomos dous verdadeiros Saramagos?

Saram. Dous Saramagos, iſſo ſim; porém dous Saramagos verdadeiros, iſſo naõ.

Merc. Se tu dizes, que ſou Saramago, como negas, que ſou verdadeiro?

Saram. Porque bem pódes ſer Saramago; porém Saramago mentiroſo.

Merc. A natureza, que me fez eſtas feições, e todo eſte todo, havia mentir?

Saram. Tambem a natureza póde mentir; pois naõ falta, quem minta por natureza. *Verbi cauſa*: viſte no arco da velha aquellas cores, com que a natureza o veſte de mil cores? Pois ſabe, que naõ ſaõ cores, ſenaõ huma apparencia enganoſa, e huma equivocaçaõ dos olhos: eis-

eis-ahi ſem mais, nem mais a tua figura; pois ainda que te oſtentes Saramago verde, ou Saramago azul, para corar o arco deſta velha; com tudo nem es verde, nem azul, nem Saramago, ſenaõ hum engano dos olhos, e huma lograçaõ da fantaſia.

Merc. Se eu tenho as propriedades do arco da velha: logo eſta velha he minha de propriedade?

Cornuc. Senhores meus, ſe iſto he feitiçaria, eu renuncio o pato, ainda que ſeja com arroz; o que lhe digo he, que concluaõ lá comſigo qual he o meu marido.

Merc. Mulher, deixa-me, que eu deſenganarey a eſte louco: ouves tu, manda vir hum eſpelho.

Saram. Para que he o eſpelho?

Merc. Para que te vejas, e cotejes nelle a tua cara com a minha, para que te deſenganes, que ſou Saramago.

Cornuc. Aſſim he: Saramago, vay buſcar o eſpelho ſó para que eſte Senhor naõ fique com a ſua.

Saram. Que importa naõ fique ao depois com a ſua, ſe em quanto eu vou buſcar o eſpelho, elle fica com a minha, ficando comtigo.

Merc.

Merc. Cornucopia por ora naõ he minha, nem he tua: vay bufcar o efpelho, que eu efpero.

Saram. Pois efpera, que en vou, e venho.
Vai-fe.

Cornuc. Homem, que he ifto? Tu te tornafte em dous?

Merc. Tu, leviana, he que queres fer do genero commum de dous.

Cornuc. Eu naõ fou commua, tu bem o fabes.

Merc. Se es commua para dous, ou fe es privada para elle, eu naõ o fey; porém, que queres, que diga, vendo entrar hum homem nefta cafa, e dizer, que tu es fua mulher?

Cornuc. Naõ te admires diffo, porque à Senhora Alcmena lhe fuccedeo o mefmo com outro Amphitryaõ, que aqui anda como duende; e ainda agora eftiveraõ para fe matar hum ao outro, como tu bem vifte.

Merc. Em grande aperto fe veria Jupiter.
à part.

Cornuc. E affim fem razaõ me accufas, quando vês, que eftou fem culpa.

Merc. Pois eu te prometto, que effe velhaco pague o engano, que fabríca.

Sa-

Sahe Saramago com o eſpelho.

Saram. Eſte ha de ſer o juiz da noſſa cauſa.

Merc. Pois adverte, que tens bom juiz; porque hum juiz para ſer bom, ha de ſer como hum eſpelho, aço por dentro, e cryſtal por fóra. Aço por dentro, para reſiſtir aos golpes das paixões humanas; e cryſtal por fóra, para reſplandecer com virtudes; e hum Juiz deſta ſórte he o eſpelho em que a Republica ſe revê.

Saram. Quanto ao Juiz eſtamos nós bem; ſalvo as molduras; que para os lados de hum Juiz, couſa, que ſe molda, naõ lhe vem de molde.

Merc. Baſtaõ já tantas aſneiras; anda, vê-te o eſpelho.

Saram. Agora me lembra; eu ao eſpelho naõ quero verme.

Cornuc. Qual he a razaõ?

Saram. Porque naõ quero, como Narciſo, namorarme de mim meſmo.

Merc. Seguro eſtás, que te naõ ſuccederá outro tanto.

Saram. Porque o diz voſſa merce? Porque ſou feyo? Pois ſaiba, que muita gente ſe namora de couſas feyas.

Merc. Anda, vê-te ao eſpelho.

Saram. Ora vamos a iſſo: eu vou tremendo,

do, naõ me pareça eu com elle. A Ninfa Seringa ſeja em minha ajuda.

Canta Saramago, vendo-ſe ao eſpelho a ſeguinte

ARIA.

He verdade! Eu ſou aquelle;
E tambem aquelle he eu!
Eſta boca he como a delle,
O nariz he como o ſeu!
Ora eſtou deſenganado,
Que eu, e elle, e elle, e eu
Naõ ſe póde diſtinguir.

Cornuc. Pois que dizes? He ou naõ he?

Saram. Leve o diabo o eſpelho pois taõ mentiroſo he. *Atira com elle, e quebra-o.*

Cornuc. Ay, que me quebrou o conſultor da minha belleza! Que ha de ſer deſte deſgraçado roſto, ſem o ſeu eſpelho?

Saram. Anda, aproveita os pedaços, que ainda terás vidros para rapar eſſa cara.

Merc. Pois que vay? Te pareces comigo, ou naõ?

Saram. Eu naõ me pareço comtigo; tu he que te pareces comigo.

Merc. Seja o que for, o ponto he, que ſejamos parecidos.

Cornuc. Baſta, que o diſſeſſe o meu eſpelho, que he muy verdadeiro: mas ay meu eſpelho!

Merc. E agora, que reſolves?

Sa-

aram. Em ſer apoſtema em té arrebentar.

Merc. Já que es apoſtema, ſabe que nenhuma materia tens, para affirmares, que Cornucopia he tua mulher.

Saram. Que mayor razaõ póde haver, para que ella ſeja mais tua do que minha, ſe ambos ſomos Saramagos, como diſſe o Juiz do noſſo eſpelho?

Merc. Porque eu ſou Saramago verde, e tu fingido.

Saram. Naõ vês eſta cara, e eſta figura? Certo, que a natureza naõ póde mentir.

Merc. Reſpondo com aquillo do arco da velha.

Saram. Pois partamos o arco, que ambos triunfaremos.

Merc. Naõ Senhor; *aut Cæſar, aut nihil.*

Cornuc. Nem eu conſinto, que ſe parta o meu arco; tomara eu mayor donaire.

Saram. Pois ſe quer, partamos o nome de Cornucopia.

Merc. Na ſolfa do amor, naõ ha partitura.

Cornuc. Nem o meu nome ſe póde partir, que he muito duro.

Saram. A'gora naõ, ſabes de que modo?

Merc. Dize.

Saram. Partida Cornucopia, tu ficarás com a copia de ſeus carinhos, e eu com o reſto do ſeu nome.

Merc.

Merc. Isso he o mesmo, que ficares tu com a copia, e eu com o original.

Cornuc. Senhores, concluamos: de duas huma; ou ser de hum só, ou naõ ser huma de dous.

Merc. Dizes bem; anda comigo, Cornucopia, que eu sou teu marido.

Saram. Anda comigo, que teu marido sou eu.

Cornuc. Eu aqui estou; quem mais força tiver, esse me levará.

Merc. Tu naõ ouves? Anda comigo.

Saram. Anda comigo; tu es surda?

Cornuc. Tenhaõ maõ, que eu para péla sou muito pouco enfeitada.

Merc. Tu, maroto, queres experimentar a minha furia?

Cornuc. Senhores, naõ se matem por cousas poucas.

Merc. Isto naõ se leva, senaõ desta sórte.

Brigaõ.

Saram. Ay de mim, que este homem quer, que eu seja duas vezes paciente!

Cornuc. Tem maõ, Saramago.

Merc. Naõ quero ter maõ, só por ter pé de dar muito couce neste magano.

Saram. Pois eu ainda tenho mãos, para ter maõ nesse pé.

Cornuc. Isto naõ se aparta, senaõ com hum des-

desmayo!, como fez Alcmena. *àpart.*
Acudaõ Senhores, que me desmayo.
Desmaya-se.

Saram. Ay, que se desmayou Cornucopia tambem como Alcmena! Ah Senhor, façamos treguas, para enterrar este defunto.

Merc. O desmayo de Cornucopia te deu vida.

Saram. Por tua culpa se desmayou esta flor, ou para melhor dizer derramaraõ-se as flores desta Cornucopia.

Merc. Isso naõ póde ser desmayo, será algum estupor.

Saram. porque? Cornucopia naõ he muito capaz de se desmayar?

Merc. Os desmayos saõ para as filis, e naõ para as dragoas.

Saram. Pois entendamos, que he hum desmayo *ad stuporem*; e assim levemos a Cornucopia para dentro, para ver se torna em si.

Merc. Leva-a tu só, já que dizes, que es seu marido.

Saram. De sórte que vossê ha de levar as propinas de marido; e eu hey de aturar os encargos do matrimonio?

Merc. Faça o que lhe digo, e tenho dito. Ora tu verás o que te succede. *àp. Vaise.*

Sa-

Saram. Visto isso, serey duas vezes paciente: mas eu naõ me atrevo só a carregar com esta baléa. Irra, como peza! Agora vejo, que isto nem he accidente, nem desmayo; he pezadello: Ora vamos arrastando este fardo, que quem atura a carga, he bem, que leve a buxa. Oh quanto me peza do teu desmayo!

Vai-se.

Haverá muita gritaria, e Cornucopia se transformará em hum Anaõ.

SCENA IV.

Bosque. Sahe Juno.

Juno. VErdes alamos desta Selva, symbolo da inconstancia de hum esposo, que sendo Deidade por natureza, parece que tem por natureza o ser inconstante: incultas flores, que neste campo sem artificio produzio a Primavera retrato do instantaneo bem, que possuo, pois a gloria, que devera lograr eterna, hum esposo faz com que seja momentanea: despenhado arroyo, que em precipicios de neve sois imagem de meu pranto, que podendo eu emprestar rizos à mesma Aurora, hum esposo tyran-

no

no a tantos ſuſpiros, e lagrimas me provoca; e aſſim já que o furor dos zelos me incita, baſiliſco ſerey entre eſſes ramos, aſpide entre eſſas flores, crocodilo entre eſſas aguas; pois baſiliſco, aſpide, e crocodilo tudo ſaõ zelos. He poſſivel, que me veja eu ſem Jupiter, e Alcmena com elle! Alcmena logrando os ſeus carinhos, e eu ſentindo os ſeus repudios! Oh naõ ſey como naõ abraſo a esféra do fogo, com o fogo dos meus zelos!

Sahe Jupiter na fórma de Amphitryaõ.

Jupit. Viſte acaſo por aqui Alcmena?

Juno. Se buſcas a Alcmena, Amphitryaõ, te direy onde ella eſtá?

Jupit. Eſta cuida, que ſou Amphitryaõ. *à part.* Verdade he, Feliſarda, que buſco a Alcmena para alivio da chamma, em que me abraſo.

Juno. Pois ella agora ficou no jardim, vay ſem dilaçaõ a vingarte; que ſeria desluſtre da tua peſſoa, ſabendo vencer a tantos inimigos na campanha, naõ ſaber caſtigar a huma mulher, que o teu credito deſdoura.

Jupit. Muito te devo, Feliſarda, pois com tanta efficacia me perſuades purifique a minha honra, vendo tambem o

quam pouco te deve Alcmena, pois tanto ſolicitas a ſua morte. Ah traidora!
à part.

Juno. Nada me deves niſſo; pois eſta efficacia naſce do deſejo, que tenho de te naõ ver infamado, quando ſey es digno de mais heroica fama; e em quanto a dizeres, que pouco me deve Alcmena, tambem importa pouco, que ſe arranque do Mundo hum infame padraõ, que deſauthoriza a honeſtidade, que deve conſervar huma mulher de bem.

Jupit. Pois tu verás de que ſórte eu me vingo. Naõ vi mais tyranna mulher!
à part. Vai-ſe.

Em quanto Juno, voltadá para hum lado, diz o que ſe ſegue, ſahirá Amphitryaõ, e ſe porá no meſmo lugar, onde Jupiter eſtava, com eſpada na maõ.

Juno. Quando ſe perca o conſelho, ao menos deſafogo a minha dor: mas que he iſſo Amphitryaõ? Se já deſembainhaſte a eſpada, para que dilatas o caſtigo de huma traidora?

Amph. Hoje verá o Mundo correr do peito de Alcmena, e daquelle fementido traidor, dous rios de ſangue, para nelles purificar as manchas da minha honra.

Juno. Naõ ſe eſperava menos do teu brio; e pois

e pois Alcmena eſtá no Jardim, faze com que as ſuas flores todas ſejaõ purpureas, regando-as com o ſangue deſſa, que te offende.

Amph. O meu brio naõ neceſſita de eſtimulos para a vingança, baſtante cauſa ſaõ os meus zelos, ſufficiente incentivo he a minha afrontà: verás, Feliſarda, embainhar nos peitos deſſes dous traidores eſta eſpada, para que paguem com a vida os ſeus delictos. *Vai-ſe.*

Juno. Ay infeliz, que naõ ſabes, que o traidor, que te offende, vive iſento da tua furia; pela immortalidade, que goza!

Sahe Saramago ao baſtidor.

Saram. Hey de apurar a panella do amor, ainda que chegue a comer ſalgado. Verey agora entre eſtas ramas eſcondido, em que pára iſto de Cornucopia, para vingar a minha afronta; pois quero que ſaiba o Mundo, que eu naõ ſou Cornenelio Tacito.

Sahe Tireſias.

Tireſ. Flerida, que delicto cometteraõ os meus olhos, para que os caſtigues com a privaçaõ de tua formoſura?

Saram. Uy, Feliſarda chama-ſe Flerida! Bonito! Ora iſto ha de ſer galante! *Audiamus*

Juno. Tiresias, tu contas os instantes, que me naõ vês, mas naõ numéras as dilações, que fazes em cumprir o que prometteste sobre a vingança de Alcmena.

Tiref. Como he possivel, que em taõ poucas horas pudesse executar o teu preceito? Estes troncos naõ nasceraõ sem tempo, nem estas plantas se produziraõ em hum instante; primeiro se ha de semear a zizania, para se colher o fruto da vingança.

Saram. Sizania temos? Alguma cousa querem estes furtar a Alcmena.

Juno. Se Alcmena fora complice de algum delicto, que fineza me fazias tu em castigalla?

Tiref. Tambem poderia eu dissimular o seu delicto.

Juno. Calate, traidor, falso, já te arrependes do que me tens promettido? Se te naõ move o seres Rey de Teleba, bastava a confissaõ, que fizeste do teu amor: vaite, que em corações tibios se naõ póde conservar amor constante.

Tiref. Meu bem, suspende os rigores, porque eu...

Juno. Já sey, que como tambem amas a Alcmena, por isso compassivo recuzas o castigalla.

Ti-

Tiref. O' Flerida, para que vejas fruſtrada a tua preſumpçaõ, dize, de que ſórte te queres ver vingada de Alcmena?

Saram. Agora Saramago, orelha de palmo.

Juno. Agora que Alcmena ſe acha no jardim, era boa occaſiaõ de a matares, e nunca poderás ſer complice na ſua morte; pois ſem duvida ſe ha de attribuir o delicto a Amphitryaõ, como offendido das leviandades de Alcmena.

Saram. Naõ he couſa de cuidado, he ſó hum páo por hum olho.

Tiref. Que leviandades ſaõ as de Alcmena? Peço-te, que mas refiras.

Juno. Que? Tens zelos?

Tiref. Se cuidas, que o pergunto por iſſo, já o naõ quero ſaber; ſó ſim executar os teus preceitos.

Juno. Pois ſabe, que o meu amor ſerá o menor premio deſſa fineza.

Tiref. Ay, Flerida, ſe o teu amor he a menor fineza, qual ſerá a mayor do teu amor?

Juno. Anda, vay, naõ te dilates.

Tiref. Pois, Flerida, eu vou; adverte, que por ti farey muitos impoſſiveis. *Vai-ſe.*

Juno. Bom he prevenir o golpe com dous tiros; pois no caſo que ſe erre o golpe

de

de Amphitryaõ, ſe acerte o de Tireſias; que he juſto haver para duplicadas offenſas duplicadas vinganças.

Sahe Saramago.

Saram. Vou depreſſa aviſar a Alcmena diſto, que agora ouvi; que ao menos acho, que me dará hum bom premio.

Juno. Ay de mim, que eſte criado me eſteve ouvindo! Porém eu te ſuſpenderey os paſſos, para que naõ noticies a Alcmena o que ouviſte. *à part.*

Saram. Tomara ter azas nos pés, para hir *ad bolandum.*

Juno. Converto-te em tronco, para que naõ poſſas paſſar dahi. *Vai-ſe.*

Converte-ſe Saramago em arvore.

Saram. Que Diabo he iſto? Que terey eu nos pés, que naõ poſſo andár? Que remora terreſte me ſuſpende o impulſo dos joanetes? Quem me agarra nos pés? A que delRey ladrões: mas que vejo! Eu eſtou convertido em arvore, de que naõ ha duvida! As pernas, e coxas ſaõ troncos, e o mais eſgalhos, e folhas! Quem me fez eſte beneficio, ſuppoz, que eu era algum cepo: andar, aqui farey penitencia dos meus peccados, e já que me acho convertido, ſerá para mim eſta arvore de penitencia.

Sa-

Sabe Cornucopia com hum páo na maõ.

Cornuc. Que diabo terá efte Saramago, que tanto tarda em vir ajudarme a varejar a azeitona? Saramago? Saramago?

Saram. Que me queres, Cornucopia?

Dentr. Merc. Cornucopia, já vou.

Cornuc. Chamo por hum, e me refpondem dous! Eftou bem aviada, fe fe encontraõ outra vez os dous Saramagos! Anda depreffa, Saramago.

Saram. Tem paciencia, que naõ poffo ir, nem depreffa, nem de vagar.

Cornuc. Aonde eftará efte maldito, que me refponde?

Sabe Mercurio com hum páo na maõ.

Merc. Que preffa tens? Naõ te refpondi, que já vinha?

Cornuc. Sabes porque? Quando te chamey, me refpondeo aquelloutro Saramago fingido, e temo, que aqui venha a dar comnofco.

Saram. Ah perra, que venho a dar comtigo em occafiaõ, que te naõ poffo dar.

Merc. Que importa, que elle venha? Se vier, levará com efte varapáo.

Saram. Irra! Vejaõ lá de que eu efcapey!

Cornuc. Varejemos depreffa a azeitona: que depois iremos a defcanfar.

Saram. Que hey de eu eftar ouvindo ifto

aqui

aqui a pé quedo, ſem poder fugir daqui! He tormento nunca viſto!

Merc. Por qual oliveira começaremos?

Cornuc. Por eſta, que eſtá bem carregada.

Saram. Baſta que eu paſſey de Saramago a oliveira, e que por meus peccados hey de ſer varejado! Mas a mim que ſe me dá, pois ſe ſou tronco, hey de ſer inſenſivel.

Daõ os dous na arvore.

Saram. Ay, que me derreaõ! Ay que naõ ſou inſenſivel!

Cornuc. Da-lhe com bem força, para cahir muita azeitona.

Saram. Ainda póde ſer com mais força? Ay que me derreaõ!

Merc. Dá-lhe deſs'outra banda, que eu lhe darey de cá.

Saram. Ay, Senhores, que morro ao cahir da folha, como tiſico!

Merc. Naõ ouves humas vozes, como de quem ſe lamenta?

Cornuc. He verdade, vamos ver quem he; anda, Saramago. *Vaõ-ſe.*

Saram. Vaõ-ſe cos diabos, que me puzeraõ a ver jurar teſtemunhas: a iſto he que eu chamo dar hum bom varejo; pelo menos já me poſſo deſvanecer, que ſou hum moço bem ſacudido.

Sahe Jupiter com hum punhal na maõ.

upit. Depois que Amphitryaõ zeloſo ſe apartou de Alcmena, a naõ pude ver mais. Ay, querida Alcmena, quem pudera lograr as tuas delicias ſem rebuços, e transformações; pois ao meſmo tempo, que logro os teus favores, me eſcandaliza a tua iſençaõ! E para que o ſaiba o Ceo, e a terra, o eſculpirey nos troncos; para que em hum, e outro globo viva immortal a minha fineza; ſeja, pois, eſte tronco, por ſer o primeiro que encontro, o mais venturoſo, que conſerve em ſi eſculpido o nome de Alcmena.

aram. Que diabo quererá fazer Amphitryaõ, que ſe vem chegando para mim com huma faca de mato? Reſtame, que queira cortarme algum eſgalho.

upit. Arvore feliz, conſervarás em teu tronco o nome de Alcmena a pezar das injurias do tempo.

aram. Eſte ſim, que buſca o tronco, e naõ he como os outros, que andaraõ pela rama.

upit. Deſta ſórte quero eſcrever o nome de Alcmena neſte tronco para eterno padraõ da minha fineza.

Eſ-

Escreve Jupiter em Saramago; isto he, no tronco da mesma arvore, em que está transformado, a seguinte

DECIMA.

Deste tronco na dureza
Teu nome, Alcmena, estampado
Eternize o meu cuidado
Por troféo dessa belleza:
Vivirás arvore illeza
do tempo ao féro rigor
Sempre em perenne verdor,
Porque cresçaõ em vivas chamas
Nas flores de tuas ramas
Os frutos do meu amor.

Saram. Ay que me rasga as coxas, e as pernas! Lá vay a veya arteria cos diabos.

Jupit. Mas que vejo! O tronco destilla sangue? He caso nunca visto!

Saram. He para que vejaõ os Senhores Poetas, que o escrever huma Decima custa gottas de sangue.

Jupit. Naõ sey a que attribua isto!

Saram. Ah Senhor Amphitryaõ, tome-me o sangue, que me estou vazando como hum cesto roto, olhe que lho peço com lagrimas de sangue destilladas das fontes das minhas pernas.

Jupit. Este he Saramago, que está con-

vertido

vertido em arvore: quem transformaria este miseravel? Mas quem havia ser senaõ Mercurio, para lhe fazer alguma peça? Pois eu o restituirey à sua antiga fórma, sem que elle saiba, que lhe faço este beneficio, porque naõ suspeite em mim alguma divindade.

aram. Senhor, acuda-me, olhe que sou Saramago, que estou prezo aqui neste tronco.

upit. Torna-te, homem, à tua antiga fórma. *Vai-se.*

Desfaz-se a arvore, e fica Saramago como de antes.

Saram. Ora graças a Jupiter, que depois de tanta tormenta fiquey desarvorado. Porém que fiz eu pobre de mim, para me ver sacudido, varejado, e arranhado, sem que me baste ser oliveira para ter comigo a paz? Ora paciencia, vamos para dentro a imaginar de que enxerto nasceria esta arvore. A curarme naõ hirey; porque já vou muito bem sangrado, e carregado de pancadas.

Sahe Iris.

Iris. Espera; aonde vás com tanta pressa?

Saram. Agora he, que tu vens ao atar das feridas?

Iris. Que te succedeo?

Sa-

Saram. Nada. Apodreceu-me o corpo de ſórte, que já tem varejas.

Iris. Pois conta-me o que foy.

Saram. Tenho pejo de lhe dizer a minha fraqueza por vida minha. *à part.*

Iris. Como naõ queres fallar, fica-te embora.

Saram. Eſpera, que eu to digo. Como o meu amor já por ahi anda corrupto, apodreci de muito maduro, de ſórte, que ando cahindo aos pedaços, pois nas tuas vozes me ficaõ as orelhas, nos teus ouvidos a lingua, na tua cara os olhos, nos teus pés o coraçaõ, e ſó no teu deſdem eſtou pelos cabellos, por te naõ vir a pello a minha fineza.

Iris. Naõ ſey ſe te creya.

Saram. Eu era de parecer, que ſim; e para que me creyas o que digo em proza, o meſmo te direy em verſo; porque graças a Cupido tanto ſey amar em proza, como em verſo; e aſſim eſcuta, Corriola, eſte

SONETO.

Jogou o amor comigo o toque emboque,
Mas no taco naõ teve hum ſó deſpique,
Nos centos lhe tangi hum tal repique,
Que os ouvidos tapou ao ſom do toque.
Na batalha de amor lhe dey hum choque,

No

No triunfo da fineza puzlhe hum pique
Venus arrenegada, que eu embique,
Deume por certa Dama hũ bõ remoque.
ſtendeo-ſe na banca, como hum leque,
No burro ſe ficou, como hum basbaque,
E as tabulas furou do calambeque;
Mas deu co ás de copas hum tal traque
Que à chalupa arrõbandoſe-lhe o beque,
Na corriola quiz, que eu déſſe o baque.

Iri. A' viſta deſſe extremo naõ quero ſer deſagradecida; porém para que acabe de ver o teu amor, me has de declarar huma couſa, que te quero perguntar.

Saram. Naõ ſabes, que o amor he a chave meſtra de todos os peitos? Dize o que queres, que eu...... [*Apparece Mercurio ao baſtidor.*] Mas eſpera: Valha-te o diabo, maldito fingido Saramago, que ſempre me perſegues! E porque com a tua falſa apparencia naõ desfaças o bom principio de meu amor, quero retirarme, até que te vás. *à part.*

Merc. Saramago, tanto que me vio, mudou de côr; parece que goſta de verme. *à part.*

Iris. Quero, pois, que me digas.

Saram. Eſpera, que para reſponderte com mais ſocego, vou alli fóra tirarme de hum cuidado, e já venho.

Iris.

Iris. Vay depressa.

Saram. Naõ tardarey hum instante. *Vai-se.*

Iris. Verey se descubro o enigma destes dous Amphitryões, para que Juno tenha alivio na sua pena.

Sahe Mercurio na fórma de Saramago.

Merc. Faço particular gosto em lograr a este tonto Saramago. *à part.*

Iris. Bem dissestes, que naõ tardarias hum instante, e depressa vieste.

Merc. Para obedecerte tenho azas nos pés, como Mercurio.

Iris. Já vou crendo, que es verdadeiro amante; e para acabar de o conhecer, quero que me digas, se sabes qual destes he o verdadeiro Amphitryaõ, que tu o has de saber melhor, que ninguem?

Merc. Agora encravarey mais a Amphitryaõ. *à part.* Promettes tu naõ dizer nada do que eu te disser? Olha que isto he materia de grande pezo.

Iris. Fia de mim, que ninguem o saberá.

Merc. Como tu já sabes, que hum dos Amphitryões naõ he verdadeiro, a este fingido só eu o conheço, e só de mim fia, e só mostrando-to com o dedo, o poderás conhecer.

Sahe Saramago ao bastidor.

Saram. Ainda lá está o maldito, e Corrio-

la

la cuida, que ſou eu; ora eſperemos, que ſe vá.

Iris. E quem he eſte tal fingido?

Merc. O que te poſſo dizer he, que he homem nobre, e de grande esféra.

Iris. Ora vem moſtrarmo, meu Saramago do meu coraçaõ.

Saram. Oh quem podera reſponderte! *à p.*

Merc. Vamos, e verás. *Vai-ſe.*

Iris. E que boa nova levarey a Juno. *Vai-ſe.*

Saram. Eſpera, Corriola, que naõ ſou eu, o que te leva: ah caõ de mim, que fuy taõ basbaque, que te deixey expoſta à inclemencia deſſe tyranno, que ſe aproveita do meu ſuor; mas ainda que eu ſue o farrapo, ella naõ ha de ſer ſua: Peguem neſſe magano: ah que del-Rei, ladrões.

SCENA V.

Jardim, onde haverá huma fonte, e ao pé deſta hum aſſento, e ſahe Alcmena.

Alcmen. AOnde achará alivio huma deſgraçada; pois em qualquer lugar encontro hum cadafalſo, cada tronco ſe me repreſenta huma morte; cada plan-

planta hum verdugo, e cada flor hum martyrio? Esta funesta fantasia vive taõ occupada de tristes idéas, que sem saber quem me offende, em tudo o que vejo, acho huma vingança; em tudo o que encontro, se me erige hum supplicio: ay Amphitryaõ, quem te podera mostrar a minha innocencia, para que achasse alivio este afflicto coraçaõ, que timido até as sombras o assombraõ, e sobresaltaõ!

Canta Alcmena a seguinte

ARIA

A timida corça,
Que pávida teme
Da rama, que treme
No bosque agitada
Do vento veloz.
Assim eu afflicta;
Sem causa assustada,
Me sinto ultrajada
De hum mal taõ atroz.

Depois que Alcmena canta, assenta-se ao pé da fonte, e sahe Jupiter com espada na maõ.

Jupit. Já naõ ha tronco, aonde naõ se veja esculpido o nome de Alcmena, e naõ he justo, que elles só tenhaõ essa gloria; mereça tambem o marmore daquella fonte conservar em sua dureza o feliz nome

me de Alcmena, que nella vivirá mais perpetua a ſua memoria, e o meu amor: Mas que vejo! Aquella he Alcmena, que na meſma fonte reclinada entregou as potencias ao imperio de Morfêo. Dorme, Alcmena, que ſe tu amaras, como eu, nunca dormiras, nem dormindo deſcançaras.

[S]ahem Amphitryaõ per hum lado, e Tireſias por outro, com eſpadas nas mãos, e Jupiter ſe retirará para junto de Alcmena.

[T]ireſ. Bem dizem, que o amor he hum inferno; pois de hum abyſmo me conduz a outro abyſmo; porque hoje ha de morrer Alcmena innocente pelo delicto de amor.

[A]mph. Oh que impiedade! Que hajaõ de affrontar ao eſpoſo as leviandades da eſpoſa! Pois morra Alcmena, já que aſſim o quer o Mundo, e os meus zelos.

[J]upit. Quanto mais a vejo, mais me aſſombra a ſua belleza, pois hydropicos os meus olhos naõ ſe fartaõ de ver, por mais que vejaõ taõ rara formoſura.

[T]ireſ. Aquella he Alcmena, que eſtá dormindo. Ay infeliz belleza, que deſſe ſomno paſſarás a outro mais profundo!

[A]mph. Mas que vejo! Alli eſtá Alcmena junto daquella fonte: ay deſgraçada for-

moſura, que nem todas eſſas aguas apagaráõ as chammas do meu ciume!

Alcmena ſonhando.

Alcmen. Eſpoſo Amphitryaõ, naõ manches taõ generoſa eſpada no ſangue de huma innocente.

Jupit. Alcmena eſtá fallando em ſonhos, e parece eſtá afflicta com alguma funeſta fantaſia; quero acordalla.

Amph. e Tireſ. Morre, infeliz Alcmena.

Ambos fazem acçaõ de a matar.

Jupit. Alcmena, acorda. Porém que vejo!

Alcmen. Amphitryaõ. . . . . .ſuſpende. . . . . pois. . . . Mas ay de mim, que vejo! Todos tres com eſpadas vindes a matarme? Que he iſto, Senhores?

Tireſ. Fruſtrou-ſe o meu intento. *à part.* Mas que vejo! Dous Amphitryões ao meſmo tempo?

Amph. Que he iſto, traidor? Tambem vinhas matar a Alcmena, para com eſta acçaõ moſtrares ao mundo, que es o verdadeiro Amphitryaõ no brio, com que vingas o teu ciume?

Jupit. E tu, fementido, com o meſmo diſſimulo, que de mim imaginas, vens a ſer complice de huma morte, querendo com hum delicto ſalvar outro delicto?

Alcmen. Senhores, que ſuſpenſaõ he eſta?

Que

Que delicto commetti eu para tanta vingançe? E ſe cometti algum, como todos quereis ſer parte no meu caſtigo?
Tireſ. Eu, Alcmena, naõ vim a offenderte; mas ſim a eſtorvar a tua deſgraça conjurada contra ti, por aviſo, que della tive; e como ſupremo Miniſtro deſta Republica me era licita eſta acçaõ.
Jupit. Nem eu, Alcmena, vinha a matarte, que bem ſey a tua innocencia; mas ſim a eſte traidor, que me diſſeraõ eſtava neſte jardim, para offenderte.
Amph. Pois confeſſo, que naõ ſó vinha matar a Alcmena, mas tambem a eſte tyranno uſurpador da minha honra; pois com ſimulada fórma, e fantaſtica apparencia me roubou com a honra a eſpoſa, fingindo ſer o verdadeiro Amphitryaõ; e aſſim por mais que mo impidas, hey de executar a minha vingança, matando a ambos. *Brigaõ os dous.*
Tireſ. Aſſim ſe atropella o meu reſpeiro? Suſpendey as armas.
Almecn. Ay de mim! Naõ ha quem eſtorve eſta deſgraça?
Amph. Hoje ſerás victima de minhas iras.
Jupit. E tu ſacrificio de minha vingança.
Alcmen. Naõ ha quem acuda? O' lá? O' lá?

Sahem Mercurio na fórma de Saramago; Polidaz, Juno, Cornucopia, Iris, e hum Soldado, e hiraõ fallando o que se segue.

Jupit. Ay de mim, que se naõ logrou o meu intento!

Merc. Sempre disse, que isto havia succeder.

Iris. Agora se saberá este enigma.

Cornuc. Ay, Senhora, fujamos depressa, antes que nos matem.

Polid. Suspendey os impulsos; mas como he isto! Dons Amphitryões! Quem vio caso mais extraordinario! Tiresias, que successo taõ estranho he este?

Tires. Polidaz, tambem eu estou na mesma duvida, e com a mesma admiraçaõ; porém com averiguar este caso, saberemos o que he isto.

Alcmen. Tiresias he justa essa averiguaçaõ, para que se saiba a minha innocencia; e assim principiarey eu a dizer: Bem sabeis, que sou casada com Amphitryaõ.

Jupit. Naõ te canses, que eu o direy em duas palavras: Tiresias, vim da guerra dos Telebanos: triunfey, como sabeis; e quando cuidey lograr nos braços de Alcmena os frutos da paz, veyo este fementido introduzirse tambem em casa, tomando a minha fórma por alguma ar-

te

te magica, ſem duvida para fazer os diſ-
turbios, que tendes viſto.

mph. Tudo iſſo he engano, Tireſias; pois
o verdadeiro Amphitryaõ ſou eu; e co-
mo a verdade naõ neceſſita de prova, a
meſma verdade ſeja a que me defen-
da.

iref. Eſperay: vamos por partes: Alcme-
na, qual deſtes he o teu eſpoſo?

lcmen. Elles ſaõ taõ parecidos, que con-
feſſo os naõ ſey diſtinguir.

iref. Cornucopia qual deſtes he o teu
amo?

ornuc. Eu, Senhor, ſou pouco Filoſofa,
para fazer diſtincções; mas ſe me per-
gunta pela verdade, digo, que ambos
ſaõ meus amos; porque eu ſou muito
cortez.

iref. Diga o criado agora.

ris. Agora, Saramago, he boa occaſiaõ
de moſtrares qual he o fingido.

erc. Quem duvída, que eſte he o verda-
deiro Amphitryaõ, (*Para Jupiter*) e
aquelle o fingido. *Aponta para Amphi-
tryaõ.*

upit. Bom foy ter aqui Mercurio da mi-
nha parte. *à part.*

Amph. Que dizes, Saramago? Naõ ſabes,
que ſou teu amo Amphitryaõ? Naõ me
co-

conheces? Dize, velhaco?

Merc. Senhor, naõ tem que ſe cançar, que eu hey de dizer a verdade, mas que ſeja contra mim: Senhores, ſaberaõ voſſas merces, que eſs'outro Amphitryaõ, que ahi eſtá, quando viemos da guerra, me diſſe, que elle por lograr os agrados da Senhora Alcmena, de quem vivia cheyo de amor até os olhos, fora ter com hum Nigromantico, e eſte lhe untara o roſto com certo oleo *ſerpentorum*, para ſe parecer com o Senhor Amphitryaõ; e para melhor fazer o ſeu papel, me pedio, que eu o apoyaſſe, dizendo, que elle era o verdadeiro Amphitryaõ, para o que tambem me untou as mãos com huma bolſa cheya de dinheiro; e eu como ſou amigo deſtas bacatellas, o introduzí com a Senhora Alcmena de pés, e cabeça; e aſſim, pois confeſſo a verdade, peço, que me perdoem eſte delicto.

Juno. Vejaõ a traça por onde Jupiter ſe quiz introduzir? *à part.*

Iris. Se naõ he Saramago, nada ſe ſabe. *à p.*

Amph. Que he o que dizes, embuſteiro? Eſtás fóra de ti?

Tireſ. Baſta, baſta; já eſtá deſcuberto o enigma.

Amph.

mph. Tirefias, adverti, que efte criado mente, porque eu....

ref. Naõ tens, que dizer mais.

lcmen. E pois a minha innocencia fe patentea, peço-vos, Tirefias, que caftigueis a infolencia deffe traidor.

mph. Como tyranna, fe o verdadeiro Amphitryaõ fou eu?

pit. Quereis ver a verdade mais claramente provada? Efperay; dizei-me: Quando vieftes da guerra, entraftes no Senado com pompa triunfal?

mph. Confeffo, que naõ; porque quando vim de cafa, naõ achey a Polidaz, que tinha ficado efperando por mim.

olid. Iffo he falfiffimo pois Amphitryaõ veyo de cafa, e achou-me no mefmo lugar, aonde fiquey efperando por elle, e ambos fomos ao triunfo.

iref. Eu fou teftemunha, que laureey a Amphitryaõ no Senado.

pit. Pois fe elle confeffa, que naõ foy ao triunfo, e vós outros tambem viftes, que entrey triunfante no Senado, aonde me laureaftes, claro eftá, que o verdadeiro Amphitryaõ fou eu, e efte o fingido.

mph. Oh Jupiter foberano! Quem fe vio em mayor labyrintho?

Merc.

Merc. Chama por Jupiter, que elle muito bem te acudirá. *à part.*

Cornuc. Ah Senhores, ſe ſe naõ caſtiga eſte deſaforo, daqui à manhaõ nos havemos ver inçadas de Amphitryões, como de porſovejos.

Sahe Saramago.

Saram. Venho aviſar a Alcmena do que ouvi eſcondido entre as ramas; porém cá eſtá muita gente. *à part.*

Merc. Saramago ahi vem; pois vou-me, que aſſim me convem. *Vai-ſe.*

Alcmen. Tireſias, que ſuſpenſaõ he eſta? Porque naõ caſtigais a eſte traidor, a eſte fingido?

Tireſ. Agora o verás: Tu, Polidaz, leva a eſſe fingido Amphitryaõ para o carcere, de donde ſerá levado para o ſupplicio; pois legalmente ſe acha provada a ſua culpa.

Amph. Que he o que dizes, Tireſias? Como caſtigas ao idnocente, e deixas ir livre ao culpado?

Saram. Ay que parece, que vay o diabo em caſa do Alfacinha!

Tireſ. Naõ tendes, que replicar; levem-no.

Amph. Tende maõ, porque eu naõ ſou quem cuidais.

Tireſ. Iſſo ſey eu muito bem.

Ju-

uno. Sem duvida Amphitryaõ he o que vay prezo, e Jupiter he o que fica livre; pois naõ ha de ser assim: Tiresias, adverte, que tambem Alcmena merece castigo, pois ella diversas occasiões tratou a ambos como a esposos; e assim he certo, que offendeo a seu marido verdadeiro; que segundo as leys tambem deve morrer.

lcmen. Que he isso, Felisarda? Tu es contra mim? Assim pagas a hospedagem, que te dey?

ires. Bem entendo a Flerida. *à part.*

aram. Vejaõ se lha pregou de maço, e mona. *à part.*

ires. Tem razaõ Felisarda no que diz: vem, Alcmena, comigo, para seres sacrificio no templo de Jupiter.

lcmen. Tiresias, que dizes? Eu hey de pagar o engano alheyo?

ires. Se o teu delicto está provado, naõ ha mais remedio, que morrer.

lcmen. Como o animo distingue os maleficios, naõ mereço morrer; pois no meu animo sempre tive por esposo aquelle, que me parecia com tanta realidade verdadeiro.

ires. Dos animos, e affectos interiores, só os Deoses supremos saõ os Juizes; que

que nôs os Miniſtros da terra ſentenciamos pelo que vemos exteriormente; e pois naõ negas, que admittiſte a dous Amphitryões, ſempre violaſte a pureza do thalamo; e aſſim anda comigo.

Juno. Bem haja Tireſias, que aſſim me vingo. *à part.*

Jupit. Deſſe delicto ſó pertence ao eſpoſo a ſua accuſaçaõ; e naõ a accuſando eu, porque eſtou certo, que com malicia naõ violou o thalamo: logo naõ podeis caſtigalla, quando eu naõ a accuſo.

Tireſ. Naõ ſó he o eſpoſo o offendido, mas tambem a Republica, a quem incumbe caſtigar os delictos, para emenda de outros, e conſervaçaõ da virtude, na qual conſiſte toda a juſtiça.

Alcmen. Eſpoſo, defende a minha innocencia, pois tu bem ſabes......

Jupit. Alcmena, contra hum empenhado nada val; e pois Tireſias aſſim o quer, naõ recuſes ir ao ſacrificio de Jupiter. Vay ſem ſuſto, que Jupiter te defenderá. *Vai-ſe.*

Amph. Já, tyranna, hirey a morrer mais conſolado, vendo que tu tambem naõ ficas ſem caſtigo.

Alcmen. Por ti, fementido traidor, vou a morrer ſem culpa.

Amph.

Amph. Por ti ſem delicto vou a penar, cruel Alcmena.

Cornuc. Eu eſtou capaz de me dar hum accidente de verdade. *à part.*

Saram. Eu eſtou com o coraçaõ táſe táſe, vendo iſto no que pára. *à part.*

Polid. Vamos, vamos. *Para Amph.*

Tireſ. Alcmena, vem.

Alcmen. Juſtos Deoſes, porque naõ vos compadeceis de mim, que ſou huma innocente?

Amph. Deoſes juſtos, ou injuſtos, porque conſentís taõ barbara injuſtiça?

Tireſ. e Polid. Anda, vamos. *Cada hum para o ſeu.*

Amph. Oh Jupiter, compadece-te de minha innocencia.

Tireſ. E vós, Soldados, levay tambem Saramago para a enxovia, bem carregado de ferros, pois foy quem introduzio o fingido Amphitryaõ em caſa de Alcmena. *Vai-ſe.*

Saram. Eſpere, Senhor Tiricia: que he o que diz?

Soldad. Ande, ande, Senhor Saramago.

Saram. Voſſa merce me naõ ha de enſinar a andar; que quando voſſa merce naſceo, já eu engatinhava.

Soldad. Vamos para a cadeya, que aſſim o man-

manda o Senhor General.

Saram. Naõ ſe canſe, que eu naõ vou, ſem ſaber primeiro o porque vou prezo.

Iris. Naõ vi ſentença mais bem dada. *àp.*

Soldad. Venha, que lá lho diraõ muito bem dito.

Saram. Cornucopia, tu naõ ſabes porque me prendem?

Cornuc. Por culpa da tua lingua: quem te mandou ſer fallador?

Saram. Nunca eu tive a lingua mais preza, do que agora, que vou prezo pela ſoltura da lingua, como dizes.

Soldad. Vamos depreſſa, que já lá vaõ os outros.

Saram. Pois, Senhor, hey de ir prezo aſſim ſem mais nem mais?

Cornuc. Anda, vai-te, que agora pagarás os ſingimentos, que tens feito, e talvez, que tambem por iſſo vás prezo.

Saram. Naõ, ſe eu por iſſo vou prezo, logo me ſoltaráõ; porque eu ſou o verdadeiro Saramago, ſe naõ me engano.

Soldad. Ande já cos diabos.

Saram. Sim, Senhor, eu vou com os diabos, pois vou com voſſa merce; mas antes que vá, deixe-me dar hum abraço a minha mulher.

Cornuc. Vaite dahi, que eu naõ ſou tua mu-

mulher, fingido, embuſteiro ; e naõ ſabes quanto folgo , e quanto me alegro de verme vingada de ti. *Vai-ſe.*

Saram. Vaite, mofina : Oh minha Corriola, ſe te mereço alguma couſa , peçote , que rogues a eſtes Senhores , que me naõ levem prezo aſſim a ſangue frio, ou que me digaõ o porque vou prezo , que eu naõ o ſey.

Soldad. Voſsê naõ ouvio dizer , que hia prezo por introduzir o fingido Amphitryaõ em caſa de Alcmena ? Pois Tireſias bem claro fallou.

Iris Ah ! Huma vez que he por iſſo , eu pedirey.

Saram. Ora pede , pede , ainda que finjas duas lagrimas.

Iris. Senhor Soldado , aſſim Deos o faça Cabo de eſquadra , lhe peço com lagrimas de ſangue naſcidas do meu coraçaõ.

Soldad. Diga , Senhora, o que quer.

Saram. Iſſo, iſſo, Corriola pede neſſe tom, que abrandarás huma pedra.

Iris. Peço , Senhor Soldado , que a eſte pobre Saramago o levem muito bem prezo, e atracado , para que naõ fuja.

Soldad. Iſſo farey eu por te dar goſto.

Saram. Ah Senhor Soldado, olhe que ella

o que

o que pede he, que me ſolte.

Soldad. Voſſa merce naõ diz, que o leve prezo?

Iris. Sim, Senhor; ainda que vá a arraſtões.

Saram. O' Corriola, iſſo te merece o meu amor?

Iris. Sim patife, alcoviteiro, para caſtigo da tua inſolencia.

Saram. A que delRey. Senhores, que fiz eu? A todos tomo por teſtemunha, como eu neſta hiſtoria naõ fuy alcoviteiro de ninguem.

Iris. Levem-no de preſſa.

Saram. Ah cruel, falſa, inimiga, fraudulenta, aſſim pagas o extremo com que te adoro?

Iris. Vay, vay.

Saram. Se he tua vontade, que eu vá, eu irey; mas naõ quero, que vás mal comigo; anda cá, Corriola, que ainda que tu me deſdenhas, eu naõ poſſo deixar de te querer, para o que te rogo me dês hum abraço; olha que to peço com o choro canoro de minha voz.

Cantaõ Saramago, e Iris a ſeguinte

A R I A.

Saram. A Deos minha Corriola,
Dáme agora hum ſó abraço,

Que

Que eu vou para o cagarraõ.

[C]ris. Vaite embora, Saramago,
Que hum abraço, e hum baraço
Na moxinga te daraõ,

[S]aram. Tu te alegras?

[C]ris. Porque naõ?

[S]aram. Tu naõ choras?

[C]ris. Para que?
Deixa darme bem rizadas.

[S]aram. Tu a rir, eu a chorar.

[A]mb. Se Deos ainda me der vida
Infiel, falſa, homicida;
Outro abraço te hey de dar. *Vaõ-ſe.*

SCENA VI.

[C]arcere, onde eſtaraõ tres prezos, e ſahe Saramago com correntes, e dizem dentro o ſeguinte.

[D]ent. LA' vay mais eſſe hoſpede, agazalhem no bem.

[S]aram. Quanto hoje, graças a Deos, naõ dormiremos na rua. Mas ay de mim Saramago! Aonde eſtou eu? Oh quem me diſſera, que eſcapando de huma oliveira, vieſſe a parar em hum limoeiro!

[1].Prezo. Senhor camarada, eſtamos obrigados a agazalhallo bem.

2. *Pre-*

2. *Prezo.* Ande para cá ſo amigo.

Saram. Como hey de andar, ſe a minha deſgraça tem lançado ferro no mar de meu corpo? Ah Senhores meus, vejaõ ſe me pódem tirar eſtes ferros, que taõ afferrados eſtaõ; e por mais que os ſacudo de mim, cada vez eſtaõ mais ferrenhos comigo.

1. *Prezo.* Tambem iſſo naõ he pelo que eu fiz: porque te prenderaõ?

Saram. Por nada.

1. *Prezo.* Por nada? Já ſe vê, que he por ladraõ.

2. *Prezo.* Fóra ladraõ.

Saram. Naõ me ladrem, que me naõ haõ de morder neſſa materia.

1. *Prezo.* Iſſo naõ nos importa; o que queremos he, que nos pague a patente.

Saram. Bem patente eſtou eu neſta prizaõ.

1. *Prezo.* Andar, logo a pagará, ainda que naõ queira; vamos primeiro cá baixo para lhe fazerem o aſſento.

Saram. Eſcuſo, que me façaõ o aſſento, que iſſo tenho eu feito ha muito tempo.

1. *Prezo.* Quem te fez o aſſento, ſe ainda agora entraſte?

Saram. Deſde que naſci, tenho o aſſento feito.

1.*Prezo.* Para que mentes? Aonde te fizeraõ o aſſento?

Saram. Aqui, voſſas merces naõ o vem?

Aponta para traz.

2.*Prezo.* He bem deſaforado o magano.

1.*Prezo.* Já que eſſe he o aſſento, nós lho faremos mais bem feito com quatro batecûs.

2.*Prezo.* Iſſo he; ſuba à polé, e de lá nos pagará a patente tambem; olhe para ella bem.

Saram. Irra! Agora iſſo he mais comprido: Senhores meus, por vida minha, que eu naõ nego o patente, que o patente he couſa, que ſe naõ póde eſconder.

1.*Prezo.* He para que tambem naõ falle com tanta liberdade.

Saram. Que liberdades póde fallar quem a naõ tem?

1.*Prezo.* Ande para alli, magano, para que ſaiba fallar bem aos prezos veteranos.

2.*Prezo.* O lá de cima, deita a corda, atemo-lo bem: iſſa acima.

Ataõ-no, e ſobem-no.

Saram. A que delRey, Senhores, &c..... Ora nuuca cuidey, que me viſſe neſtas alturas!

Ambos os Prezos. Venha abaixo. *Largaõ-no.*

Dentro. Lá vay outro prezo.

Sahe Amphitryaõ.

Saram. Ainda bem, quanto folgo!

1. *Prezo.* Aqui naõ temos que fazer, que este parece ser homem nobre.

2. *Prezo.* Pois vamos para os nossos camarotes. *Vaõ-se.*

Saram. Este agora me pagará a patente. Meus peccados, que he o Senhor Amphitryaõ!

Canta Amphitryaõ a seguinte Aria, e

RECITADO.

Sórte tyranna, estrella rigorosa,
Que maligna influís com luz oppaca
Rigor taõ fero contra hum innocente;
Que delicto fiz eu, para que sinta
O pezo desta asperima cadea
Nos horrores de hum carcere penoso,
Em cuja triste lobrega morada
Habita a confusaõ, e o susto mora?
Mas se acaso, tyranna, estrella impia,
He culpa o naõ ter culpa, eu culpa tenho;
Mas se a culpa, que tenho, naõ he culpa,
Para que me usurpais com impiedade
O credito, a esposa, e a liberdade?

ARIA.

Oh que tormento barbaro
Dentro no peito sinto!
A esposa me desdenha,

A Pa-

A Patria me despenha;
E até o Ceo parece,
Que naõ se compadece
De hum misero penar.
Mas ò Deoses, se sois Deoses,
Como assim tyrannamente
A este misero innocente
Chegais hoje a castigar?

Saram. Tambem vossa merce cá está? Ora console-se comigo; que *selatium est miseris socios habere Saramagos.*

Amph. Ainda aqui me appareces, infame inimigo? E pois que por tua culpa me vejo nesta prizaõ, aqui ficarás sepultado, sendo despojo da minha colera.

Dá-lhe.

Saram. Senhor, suspenda o impulso desse pulso; naõ bata taõ furioso; deixe ao menos, que por hum pouco tenha suas itercadencias: naõ basta o estar eu carregado de ferros, mas tambem de pancadas?

Amph. Tu, traidor, me puzeste neste estado.

Saram. Senhor, explique-se, que eu estou taõ innocente, como quando nasci da barriga de minha mãy.

Amph. Velhaco, sempre eu disse, que tu eras o que maquinavas este enredo: tu

 fos-

fofte o que défte a joya, que eu mandava para Alcmena, e o que introduzifte em cafa outro Amphitryaõ fingido, como tu mefmo confeffafte; e naõ baftava tudo ifto, mas ainda hires dizer a Tirefias, que eu era o Amphitryaõ fingido, por cujo motivo aqui eftou prezo. Que dizes agora? He ifto bem feito?

S*aram*. Antes que lhe refponda, diga-me voffa merce; ifto aqui he cadeya, ou cafa dos doudos?

Amph. Porque perguntas iffo?

S*aram*. Porque entendo em minha confciencia, que meteraõ a voffa merce aqui por doudo confirmado.

Amph. Se tu me fazes doudo, porque o naõ hey de eftar?

S*aram*. Os diobos me levem, fe eu falley com Tirefias em materia taõ peçonhenta, Senhor Amphitryaõ.

Amph. Queres agora negar o que eu prefenciey? E por final differte, que eu tinha untado o rofto com o oleo de hum Magico para me parecer com Amphitryaõ, e que te dera huma bolfa de moedas, para tu me introduzires na propria cafa de Alcmena.

S*aram*. Quem compra, e mente, na bolfa o fente: eu duas vezes o tenho fentido;

hu-

huma na bolſa, porque a naõ tenho; outra no corpo, porque tem ſido hum armazem de pancadas; e agora o vejo já huma logea de ferros, como voſſa merce bem vê; como ſe eu todo fora pé de burro, para que todo me cubra huma grande ferradura.

Amph. Naõ me deſeſperes mais: dize-me ſó com que motivo, ou para que fim me levantaſte eſte grande teſtemunho?

Saram. Senhor, hum teſtemunho naõ he couſa taõ leve, que eu o podeſſe levantar; veja voſſa merce naõ diſſeſſe iſſo o outro Saramago?

Amph. Como póde ſer iſſo, ſe neſſe meſmo inſtante, que o diſſeſte, logo te prenderaõ, ſem que alli vieſſe, nem eſtiveſſe outro Saramago ſenaõ tu?

Saram. Pois a mim porque me prenderaõ? Diga-mo voſſa merce, que eu ainda naõ o ſey?

Amph. Por dizeres, que me déſte entrada em caſa de Alcmena; e aſſim vieſte a ter a meſma pena daquelle, que ſe fingio Amphitryaõ, que dizem era eu; porque tanto pecca o ladraõ, como o conſentidor.

Saram. Eu eſtou para perder o juizo! Baſta que por iſſo eſtou prezo?

Amph.

Amph. O prezo he o menos; o peyor he, que o caſo he de morte para ambos.

Saram. Oh deſgraçado Saramago! Quanto melhor te fora ſeres ſempre oliveira verde, que em fim eſtavas ſó em hum páo, que naõ agora vir a morrer em tres? He poſſivel, que ſem culpa nos metaõ aqui, e nos queiraõ matar a ferro frio? *Grita.*

Amph. Cala-te, naõ grites.

Saram. Deixe-me gritar, Senhor; naõ vê que eſtou doudo?

Amph. Já que os fados aſſim o querem, levemos iſto com paciencia.

Saram. Aonde eſtá a paciencia, para nos ajudar a levar iſto?

Amph. Eſpera, Saramago; naõ ſentes bolir na porta?

Saram. Sim, Senhor; ay de mim, que he o Carraſco! Fujamos, Senhor; fujamos.

Amph. Vês, que já abriraõ a porta?

Saram. Pois abramos a ſepultura.

Sahe Juno com hum véo pelo roſto.

Amph. Quem ſerá eſta mulher, Saramago?

Saram. Quem ſerá? Tem bem que ver, he a mulher do Carraſco, que vem fazer as vezes do marido.

Juno. Amphitryaõ, vinde para fóra comi-

go,

go, e mais esse criado.

Saram. Naõ o disse eu? Estamos bem aviados!

Amph. Senhora, antes que vos obedeça, desejara saber, para que fim nos quereis levar daqui?

Saram. Tem bem que saber; he para nos torcer o pescoço.

Juno. Compadecida da vossa innocencia, vos venho livrar desta prizaõ; para o que tenho comprado os guardas, e tudo está prompto, pois naõ he razaõ, que sendo vós o verdadeiro Amphitryaõ, padeçais sendo innocente; ficando sem castigo o outro fingido.

Amph. Senhora, para huma obrigaçaõ taõ grande, qualquer rendimento he diminuto, e assim para que algum dia vos pague tanto beneficio, estimara saber, a quem devo a vida, e a liberdade.

Juno. Algum dia o sabereis.

Saram. E ainda que o naõ saiba, naõ importa: Sayamos nós daqui, ainda que seja por arte do demonio, ou pela arte de berliques, berloques.

Juno. Vamos.

Seram. Senhora, e quem nos ha de tirar estas cadeas, com quem naõ estamos muito correntes?

Ju-

Juno. Anday, que para tudo ha remedio.
Amph. Ingrata Thebas, eſtes foraõ os premios, que ſó de ti recebi!
Juno. Ingrato Jupiter, aſſim ſe ſabe vingar a Deoſa Juno de ti.
Saram. Ingrata Cornucopia, agora eu bem me rirey de ti. *Vaõ-ſe.*

SCENA VII.

Templo de Jupiter, e hiraõ ſahindo todas as Figuras conforme vaõ fallando.

Tireſ. ANda infelice Alcmena, a pagar com a vida o delicto de tua fragilidade nas aras do ſupremo Jupiter. Ay amor cego, que cego me arraſta a tua grande cegueira! *à part.*
Alcmen. Que he o que ouço! He poſſivel, que ainda tenho vida, havendo de perdella ſem culpa, ſem offenſa, e ſem delicto?
Cornuc. Ay, minha Senhora Alcmena, quem diſſera ao Senhor ſeu pay, que para iſto a criava!
Polid. Horror me cauſa taõ funeſto eſpectaculo!
Jupit. Mercurio, he tempo de desfazer o enigma, pois iſto chegou ao ultimo ponto *Merc.*

Merc. Digo, Jupiter, que isso havias ter feito ha mais tempo, e escusaria Alcmena de passar este susto.

Juno. Tiresias, acabemos com isto, para que acabe a minha vingança, e comece a ter posse a tua esperança. *à part.*

Alcmen. Ah cruel Felisarda, naõ te bastou conduzirme ao supplicio, mas ainda vens gloriarte de ver o meu estrago, e a minha morte?

Juno. Naõ quero responder. *à part.*

Iris. Já estás vingada.

Alcmen. E tu, cruel, se naõ pódes remediar a minha pena, para que vens ser testemunha da minha magoa? *Para Jupit.*

Jupit. Porque me naõ posso apartar de ti, até que a morte te separe de mim.

Tiref. Alcmena, como o Juiz he sómente hum mero executor da ley, por isso naõ estranhes.

Com ruido sahiráõ Amphitryaõ, e Saramago.

Amph. Que omissaõ he esta? Ainda está esta tyranna inimiga por castigar? Se por ventura falta quem execute a sentença, aqui estou eu, que vingarey a injuria.

Saram. Isso he fazer de huma via dous mandados.

Ti-

Tiref. Que he iſto ? Como te atreves em ludibrio da juſtiça, apparecer aqui, eſtando duas vezes criminoſo, huma por impoſtor, e falſario, e outra por fugir da prizaõ ?

Amph. Porque quiz teſtemunhar o eſtrago deſta traidora, para ſuavizar com eſte deſafogo a tyrannia, com que me quereis tirar a vida; e ſe eu por hum delicto imaginario hey de padecer, que importa, que me conſtitua reo da fuga do carcere ?

Saram. Eſſa he a verdade; prezo por mil, prezo por mil e quinhentos.

Polid. Tambem o criado aqui eſtá ? Com que atrevimento fugiſte ?

Saram. Porque mais val huma hora ſolto, que toda a vida prezo.

Cornuc. Ainda eſcapou o maldito ?

Alcmen. Para ſer mais penoſa a minha morte, ainda faltava ver a cauſa de minha infelicidade.

Merc. Senhor, que determinas ?

Jupit. Logo verás, Mercurio.

Juno. Tireſias, em que nos dilatamos ?

Tiref. Certamente me horroriza caſtigar huma innocente. Alcmena, he chegada a occaſiaõ de que ſejas victima humana nas aras de Jupiter.

Alc-

lcmen. Tirefias; adverti, que os Deofes naõ permittem, nem as leys ordenaõ, que fem culpa morra huma innocente; e pois entre os homens naõ acho piedade, recorrerey à esféra foberana dos Deofes, com fufpiros nafcidos de hum peito cafto, e inculpavel. Oh Jupiter foberano, como confentis, que morra Alcmena fem culpa?

upit. Tende maõ, Tirefias; fufpendey o golpe.

iref. Tu naõ pódes mandar fobre a ley.

upit Nem a ley manda, que morra huma innocente; porque aquelle que julgais fer o fingido Amphitryaõ, he o verdadeiro efpofo de Alcmena.

iref. Logo tu es o fingido, e como tal morrerás, por incorreres no mefmo delicto, e fempre Alcmena fica com a mefma pena.

mph. Já que fe conheceo a verdade, caftigue-fe effe traidor; e efta aleivofa tambem.

upit. Quanto a mim, ninguem me póde caftigar.

iref. Pois quem fois vós, para vos ifentares do rigor da ley?

upit. Eu vos refpondo

Mu-

Muda-se de repente a perspectiva do templo, e apparece a Sala Empyrea, como no principio, e esconde-se Jupiter, e Mercurio fingidos, apparecendo os do principio, e canta Jupiter o seguinte

RECITADO.

Sabey, que Jove sou omnipotente,
Que abrazado de amor da bella Alcmena
Vendo ser impossivel o alcançalla,
Tomey de Amphitryaõ a fórma humana,
Com a qual disfarçado entre vós outros,
Este dia passey; e pois Alcmena,
Como humana naõ pode
Resistir a hum divino impulso ardente,
Ficará perdoada, sem que tenha
Offensa nisso Amphitryaõ valente;
Pois desse passatempo, que aqui tive,
Hercules nascerá, a cujo esforço
Rendido cederá todo o Universo,
Pagando nesta fórma
Este engano de amor, esta violencia,
Em darlhe taõ divina descendencia.

Tod. Que assombro! Que admiraçaõ!

Amph. Oh mil vezes feliz eu, que tive a fortuna de que o mesmo Jupiter quizesse divinizar o meu venturoso thalamo!

Alcmen. Passey de hum instante do mayor mal ao mayor bem: Esposo Amphitryaõ, dá-me os parabens de tanta felicidade.

Amph.

Amph. Sejaõ reciprocos, querida Alcmena; que quando as tuas offenſas para mim ſaõ glorias, que fará quando me naõ offendes?

Saram. Eu ſempre ouvi dizer, que o Senhor Jupiter era hum fero tonante.

Juno. Já agora deſcanſará o meu coraçaõ.

Cornuc. Ay que aſſim eſtou contente!

Tireſ. Flerida, bem vês, que por mim naõ eſteve o naõ executar o teu preceito; e aſſim he tempo de cumprires a tua palavra.

Juno. Attendeime primeiro: Alcmena porque naõ fique ſem fim a minha hiſtoria, ſaberás, que aquelle mancebo muito galhardo, e juvenil, morador no monte Olympo, he Jupiter, que alli vês, e eu a Deoſa Juno, ſua eſpoſa, que zeloſa vim a tua caſa, para o apartar de teus braços; e pois já o conſegui, hirey para os de meu eſpoſo; com que, Tireſias, ſendo eu quem ſou, mal poderia cumprir a palavra, que vos dey, que foy ſó a fim de me vingar de Alcmena.

Tireſ. Dou-me por ſatisfeito, em ſaber cumprir voſſos deſejos.

Jupit. Só Juno podia conſpirar taõ cruelmente contra Alcmena.

Saram. Sem duvida a Senhora Juno foy, a que

que me converteo em oliveira, e o Senhor Jupiter o que me desconverteo.

Merc. E para que se saiba tudo, eu sou Mercurio, que para acompanhar a Jupiter, tomey a fórma de Saramago, que já lha restitui fielmente, como bem vistes.

Iris. Pois se Jupiter, para lograr os favores de Alcmena, se valeo das industrias de Mercurio, tambem Juno, para desvanecer os incendios de Jupiter, quiz que eu, que sou a Ninfa Iris, a acompanhasse, para serenar a tempestade dos seus zelos; e como tenho conseguido este intento, hirey a acompanhar outra vez a Deosa Juno, como fiel subdita dos seus preceitos.

Saram. E que cahisse eu na corriolla de namorar a huma Ninfa dos arcos do Rocio celeste! Ora sou hum grande asno.

Amph. Tudo o que vejo saõ assombros!

Alcmen. Tudo pasmos!

Polid. Tudo admirações!

Cornuc. Ay venturosa de mim, que tive a Mercurio em meus braços!

Saram. Dessa sórte bem pódes dar duas figas ao gallico.

Jupit. E porque Amphitryaõ fique de todo satisfeito, coroe-se do laurel glorioso,

ſo, como valente vencedor dos Telebanos, pois eu fuy o que por elle triunfey no Senado; e aſſim ao generoſo braço de Amphitryaõ day as devidas acclamações, repetindo todos no meſmo triunfante

CORO.

O Numen ſupremo
Do Olympo ſagrado
Suſpira abraſado
De hum cego furor.
Que paſmo! Que aſſombro!
Que voe taõ alta
A ſetta do amor!

Fim do primeiro Tomo.

PROTESTAÇAM
DO COLLECTOR.

AS Palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, e *Soberania*, ſe devem ſómente entender no ſentido Poetico, e naõ de nenhuma outra maneira; porque ſómente ſe uſa dellas neſtas Obras, como neceſſarias para adorno da compoſiçaõ Dragmatica, e expreſſaõ dos Epiſodios Comicos, e naõ com intençaõ de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me ſujeito em tudo, o que ella determina.